



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Tecnologia e Ciências
Escola Superior de Desenho Industrial

Laura Gadelha e Silva

Bope como projeto: design, guerra e cidade

Rio de Janeiro

2025

Laura Gadelha e Silva

Bope como projeto: design, guerra e cidade



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design.

Orientador: Daniel Bittencourt Portugal
Coorientadora: Flávia Menezes Cunha Soares

Rio de Janeiro
2025

Laura Gadelha e Silva

Bope como projeto: design, guerra e cidade

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design

Aprovada em _____.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Daniel Bittencourt Portugal (Orientador)
Escola Superior de Desenho Industrial - UERJ

Dr. Flávia Menezes Cunha Soares (Coorientadora)
Escola Superior de Desenho Industrial - UERJ

Prof. Dr. Ronald João Jacques Arendt
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof. Dr. Danielle Ramos Brasiliense
Departamento de Comunicação Social - UFF

Rio de Janeiro

2025

AGRADECIMENTOS

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fomento no qual esta pesquisa não seria possível sem, na forma de bolsa de mestrado.

Ao orientador desta pesquisa Daniel B. Portugal, por me guiar desde antes do mestrado com os estudos, e por me aceitar no Laboratório de Design-Ficção (DEMO) como membro. À Flávia Soares, a co-orientadora desta pesquisa, por me mostrar que é possível fazer política através da pesquisa e do olhar relacional. Agradeço a ambos por se interessarem no projeto de pesquisa e me auxiliarem com trocas, risadas e preocupações.

Ao professor Wandyr Hagge, que também me introduziu ao DEMO, e aos demais amigos do DEMO: João Sarmento, Leonardo Kussler, Gabriela de Laurentis, Miguel Sarzeda, Nathália Matsuda, Guilherme Altmayer e Rafaela Sarinho, que me influenciaram ao longo do caminho.

Aos professores e colegas pesquisadores que em meio a disciplinas, conversas e eventos me ajudaram com bibliografias e discussões: Major Leonardo Novo, Frank Davies, Bárbara Necyk, Bianca Martins, Marcos Martins, Gabriel Schvarsberg, André Teodoro, Philippe Leon, Joana Berrondo, Rafael Poiate, Bianca Matos, Bruna Baylão, Mariana Costa, Marcio Baraco, Nathalia Lia, Alice Tavares, Grassine, Ísis Daou, Lívia Weyl e Carol Faez.

À minha família: Madeleine Gadelha, Antônio Gil Silva e Isis Gadelha, por me sustentar de todas as formas possíveis, e por me dar o propósito de sustentar de volta. À Rodolpho Cunha, por me mostrar o lado bom de ser carioca, e por estar comigo quando o lado ruim pesava. À Margareth Gadelha e Maurício Faria por sempre me incentivarem a estudar e me ajudarem muito.

RESUMO

SILVA, Laura Gadelha. *Bope como projeto: design, guerra e cidade*. 2025. 191f. Dissertação. (Mestrado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

O Batalhão de Operações Especiais (Bope) é um ator na guerra urbana do Rio de Janeiro, geralmente entendida como “guerra ao narcotráfico” ou “combate ao crime organizado”. Trata-se de uma unidade da Polícia Militar especializada em operações consideradas de alto risco. O Bope ganhou visibilidade por eventos como as caçadas televisionadas a traficantes, execuções dentro de comunidades, ocupações e resgates. Esta pesquisa tem como objetivo investigar esse grupo como um projeto, algo que resultou de um processo construtivo envolvendo uma pluralidade de atores e interesses. Utilizaremos a Teoria ator-rede e o design ontológico como base teórico-metodológica para estudar o Bope colocando ênfase na sua formação como grupo e aos seres não-humanos que o compõem. Esperamos, com esta pesquisa, aprofundar o entendimento sobre a identidade e a atuação controversa do Bope.

Palavras-chave: Bope. Design ontológico. Teoria ator-rede. Guerra urbana. Design e políticas públicas.

ABSTRACT

SILVA, Laura Gadelha. *Bope as project: design, war and city*. 2025. 191f. Dissertation. (Master in Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

The Special Operations Battalion (Bope) of Rio de Janeiro's city is an actor of its urban war, commonly understood as a "war against drugs" or a "war against organized crime". It is a Military Police unity specialized in what is considered high risk operations. Bope has received visibility because of events like televised drug dealer chasing, executions inside communities, occupations and rescues. The present research has the objective of investigating this group as a project: something that can be understood as processual and undetermined. We will work along the Actor-network theory and the idea of ontological designing as theoretic tools to analyze its action as relational and collective. By emphasizing its group formation and non-human beings, we hope that this research will help deepen the understanding of its controversial acting. We will investigate Bope's visual identity, its social media, the movie *Elite's Troop* launched in 2007, and the polemics surrounding their equipments.

Keywords: Bope. Ontological designing. Actor-network theory. Urban Warfare. Design and public policy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Caveiras em picape.....	28
Figura 02 – Tweet sobre o “cara de lata”.....	30
Figura 03 – Cartaz do filme <i>Tropa de Elite</i>	52
Figura 04 – Capas de livros escritos por caveiras.....	60
Figura 05 – Lançamento do livro de Paulo Amendola.....	62
Figura 06 – Palestra de Rodrigo Pimentel.....	63
Figura 07 – André Batista como convidado em <i>podcasts</i>	64
Figura 08 – O Bope hasteia a bandeira do Brasil no Complexo do Alemão.....	69
Figura 09 – #TBT da operação no Complexo do Alemão.....	70
Figura 10 – Comentários no vídeo “Polícia na Favela: O que realmente acontece?”.....	73
Figura 11 – Críticas no vídeo “Polícia na Favela: O que realmente acontece?”.....	74
Figura 12 – Moradores protestam com guarda-chuvas.....	75
Figura 13 – Debate nos comentários do vídeo “Arma de fogo em casa”.....	76
Figura 14 – Comentários na matéria sobre a morte de Gabriel Pereira Alves.....	81
Figura 15 – Brasão do Bope.....	91
Figura 16 – Rede iconológica do Brasão do Bope.....	94
Figura 17 – Comentário no blog Tecnologia e Defesa.....	97
Figura 18 – Print do perfil @bope.oficial no Instagram.....	100
Figura 19 – <i>Posts</i> de outras polícias ao redor do mundo.....	101
Figura 20 – Métricas do conteúdo do @bope.oficial.....	104
Figura 21 – Exemplos de <i>posts</i> categorizados como “Mostrar trabalho”.....	105
Figura 22 – Herói anônimo fardado carregando um fuzil em post do @bope.oficial.....	106
Figura 23 – <i>Posts</i> de performance mediana.....	107
Figura 24 – <i>Posts</i> comemorando a Páscoa.....	107
Figura 25 – <i>Post</i> informativo sobre Soldada Atalaia, mascote do Bope.....	108
Figura 26 – Temas mais engajados.....	109
Figura 27 – <i>Post</i> de foto-colagem em solidariedade ao Rio Grande do Sul.....	110
Figura 28 – <i>Posts</i> dentro do tema “Crianças Fardadas”.....	111
Figura 29 – <i>Post</i> anunciando a camisa oficial da Corrida Soldado do Bope.....	112
Figura 30 – <i>Posts</i> anunciando a “Corrida Choque vs Bope” e seu kit.....	118

Figura 31 – Partida no Batalhão de Choque.....	123
Figura 32 – Medalha de 5km completados.....	127
Figura 33 – Chegada na sede do Bope.....	128
Figura 34 – Pontos instagramáveis dentro do Bope.....	129
Figura 35 – Vitrine da lojinha do Bope.....	130
Figura 36 – Produtos da lojinha do Bope.....	131
Figura 37 – <i>Posts</i> pós-corrída.....	133
Figura 38 – <i>Souvenirs</i> do Bope em detalhes.....	133
Figura 39 – Logos derivativos do brasão do Bope.....	137
Figura 40 – Pré-treino “B.O.P.E.”.....	138
Figura 41 – Camisetas <i>Black Skull</i>	138
Figura 42 – Caveira usa crânio de cabra no uniforme.....	139
Figura 43 – Cena da “Experiência do Bope”.....	140
Figura 44 – Marcos do Val tentou registrar marca do Bope no INPI.....	142
Figura 45 – Agentes do jogo <i>Rainbow Six Siege</i> Capitão e Caveira.....	144
Figura 46 – Comentários sobre mulheres no Bope em <i>posts</i> do perfil oficial do Bope.....	146
Figura 47 – Capas dos livros da autora Cristina Melo.....	147
Figura 48 – Foto Caveira com FN Minimi 762 postado no fórum <i>r/MilitaryPorn</i>	148
Figura 49 – Estampas para armas do jogo <i>Rainbow Six Siege</i>	149
Figura 50 – Caveira com <i>keffiyeh</i> cobrindo o rosto.....	154
Figura 51 – Capas de livros com figuras de lenço cobrindo o rosto.....	156
Figura 52 – Estrela de Davi no Complexo de Israel.....	157
Figura 53 – Ronnie Lessa e suas caveiras.....	159
Figura 54 – Visualidades de Marielle como mártir.....	161
Figura 55 – Políticos bolsonaristas quebram uma placa com o nome de Marielle Franco...	162

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACU	<i>Army Combat Uniform</i>
AI-5	Ato Institucional 5
Alerj	Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
AME/RJ	Associação de Oficiais Militares Estaduais do Rio De Janeiro
ANT	<i>Actor-Network Theory</i> (teoria ator-rede)
BAC	Batalhão de Ações com Cães
Bope	Batalhão de Operações Especiais
BPM	Batalhão de Polícia Militar
CAC	Colecionador, Atirador e Caçador
CAT	Curso de Ações Táticas
COE	Companhia de Operações Especiais
COEsp	Curso de Operações Especiais
CV	Comando Vermelho
DLC	<i>Downloadable Content</i>
ESDI	Escola Superior de Desenho Industrial
FBI	<i>Federal Bureau of Investigation</i>
Febem	Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor
GM-Rio	Guarda Municipal do Rio de Janeiro
GRP	Guarda Real de Polícia
IDF	<i>Israel Defense Forces</i>
INPI	Instituto Nacional da Propriedade Industrial
NuCOE	Núcleo da Companhia de Operações Especiais
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PC	Polícia Civil
PM	Polícia Militar
PMERJ	Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro
<i>PsyOps</i>	<i>Psychological Operations</i> (operações psicológicas)
QG	Quartel General
SAS	<i>Special Air Service</i>

SBMRJ	Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro
STF	Supremo Tribunal Federal
SUV	<i>Sport Utility Vehicles</i> (Veículos utilitários desportivos)
SWAT	<i>Special Weapons and Tactics</i>
TCP	Terceiro Comando Puro
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UPP	Unidade de Polícia Pacificadora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. ONTOLOGIA, REDES E GUERRA URBANA.....	15
1.1 Design ontológico e a construção da realidade.....	16
1.2 A guerra urbana é projetada por suas próprias armas.....	20
1.3 Bruno Latour, teoria ator-rede e possibilidades de análise no design.....	24
2. TROPA AVISTADA: PRIMEIROS PONTOS DE CONEXÃO.....	37
2.1 <i>Tropa de Elite</i> : a ficção verdadeira de uma guerra real.....	41
2.2 Café com um combatente: os relatos de Major Novo.....	53
2.3 Fala guerreira: os discursos midiáticos dos representantes.....	60
2.4 Oportunistas do caos, bandidólatras e anjos caídos: notícias da oposição.....	78
3. FACA NA CAVEIRA: QUESTÕES DE IDENTIDADE.....	89
3.1 Quem cravou a faca na caveira? Uma rede de interpretações do brasão.....	91
3.2 Heróis anônimos sob os holofotes: tecendo as redes sociais do Bope.....	98
3.3 Correndo com os soldados: uma observação participante	114
4. ARMAS DE MUITAS GUERRAS: QUESTÕES DE POLÍTICA.....	135
4.1 Ser ou não ser caveira, eis a questão: as políticas da identidade.....	136
4.2 De Jerusalém ao Morro da Babilônia: uma rede de retóricas bélicas.....	151
4.3 Policiando a polícia: a controvérsia das câmeras de segurança.....	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	176

INTRODUÇÃO

Podemos chamar de guerra urbana a situação caracterizada pelos conflitos recorrentes, pelos altos índices de criminalidade e de repressão policial, e pela militarização da vida civil, instaurada na cidade do Rio de Janeiro após o período da Ditadura Militar.¹ Trata-se de uma situação que envolve mais atores do que sugerem termos como “narcotráfico”, “milícia” e “crime organizado”. A guerra na cidade é um jogo que a cada momento muda sua composição e atores implicados. Como um exemplo, o ano em que essa pesquisa se iniciou (2023) foi marcado pelo assassinato de três médicos no dia 5 de outubro, supostamente confundidos com milicianos por traficantes (Pierre, 2023), e também pela queima de 35 ônibus no dia 26 do mesmo mês, como uma ação coordenada da milícia (Trigueiro; Ávila; Alves, 2023). Agora, em 2025, vivemos um momento em que as milícias se tornaram partes interessadas no narcotráfico, rivalizando com outras facções como o Comando Vermelho (CV) e o Terceiro Comando Puro (TCP), mas também da queda do projeto pacificador das UPPs e do desenrolar do caso do assassinato da vereadora Marielle Franco.²

Uma das instituições envolvidas diretamente nesse cenário de guerra urbana é o Batalhão de Operações Especiais (Bope), que ganhou destaque por ser “a cara” dos confrontos no Rio de Janeiro. Sua criação foi um processo longo, envolvendo treinamentos diversos³ e passando por diferentes nomes e designações. O Bope como o conhecemos hoje, com tal nome e seu famoso brasão de caveira, só foi oficializado em 1991.⁴ Ele esteve no centro de operações de alta periculosidade desde então. Mas, o que o tornou amplamente reconhecido foi o filme lançado em 2007 pelo diretor José Padilha, *Tropa de Elite*. Foi criticado na época pelas cenas de corrupção, tortura explícita e violência. Apesar disso, foi

¹ “Guerra urbana” é o termo que utilizaremos para abordar a trama complexa de conflitos, tráfico de armas, produção e comércio ilegal de drogas, políticas públicas etc. Utilizamos esse termo pois conversa com a definição de “novo urbanismo militar” proposto por Stephen Graham em seu livro *Cidades Sitiadas* (2016). Abordamos em mais detalhes isso no capítulo 1, especialmente na parte 1.2.

² Marielle era vereadora e ativista no Rio de Janeiro, denunciando vários casos de violência policial e crimes contra a população mais pobre. Foi executada no dia 14 de março de 2018 junto de seu motorista Anderson Gomes. Esse caso comoveu o país e se tornou símbolo da luta contra a guerra no Rio de Janeiro. Iremos tratar desse caso em detalhes no capítulo 5, especialmente no item 5.4.

³ Por exemplo, o “Curso de Comandos e Operações na Selva” no Exército e o curso de “Comandos Anfíbios” na Marinha (STORANI, 2008, p.44). Antes de ser chamado por Bope, o grupo já foi conhecido como Companhia de Operações Especiais(Coe) e Núcleo da Companhia de Operações Especiais(NuCoe).

⁴ Oficializado pelo Decreto nº 16.374 de 01 de março de 1991.

premiado e sua sequência, *Tropa de Elite 2*, alcançou o recorde de maior bilheteria do cinema nacional na época (Tropa [...], 2010).

O Bope também ficou conhecido por fazer parte de algumas operações da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) em carros blindados pretos chamados de “caveirão” e pela caçada aos traficantes dentro das comunidades, como a operação de pacificação do Complexo do Alemão em 2010. Também é conhecido por operações de resgate e apreensão como o caso “*Sniper* da ponte Rio-Niterói”, onde um homem sequestrou um ônibus neste local e foi executado por um atirador de elite do Bope após 4 horas de negociação (Torres, 2019).

Como os exemplos acima indicam, o Bope é constituído por mais do que agentes policiais humanos. Os policiais que concluem o Curso de Operações Especiais (COEsp), necessário para ingressar no Bope, recebem o nome de “caveiras” em alusão ao brasão do grupo, simbolizado por uma “faca na caveira”. Além dos caveiras e do brasão, compõem a instituição atores como: veículos blindados, estratégias de combate e armas potentes, além de aparatos midiáticos, sistemas de identidade corporativa, verbas governamentais, regimentos etc. Esses atores são parte do que fazem um caveira capaz de operar em circunstâncias específicas, do mesmo modo que um “*sniper*” só ganha esse nome em sua relação com um rifle de precisão. O rifle permite que o Bope atue como nesse caso, fazendo parte de um projeto de ação muito específico. E o mesmo vale para os caveirões e a identidade corporativa que acompanham os policiais em operações. Esses seres “não-humanos” e o “projeto de ação” que os acompanha são centrais nos estudos em design, seja no campo de design de produto, design gráfico, design de serviço etc. Os designers sabem que quando projetam uma coisa nova, estão também projetando a interação dela com o usuário. Ao reconhecer uma certa “projetualidade” na forma como o Bope age e escolhe seus integrantes, trazemos o grupo como um objeto de pesquisa interessante para a área do design.

No entanto, os modos tradicionais de pensar sobre o design pressupõem um direcionamento unívoco do projeto: do sujeito projetista ao objeto projetado. Para pensar o Bope como projeto, é necessário reconhecer o design como parte do processo de conformação da realidade — como “design ontológico”⁵, como o nomearam autores como Anne-Marie Willis, Tony Fry e Arturo Escobar. Trata-se de uma forma de pensar o design como uma prática que conecta diferentes lugares e tempos em coisas que também conformam possibilidades de ação e existência. Para sintetizar essa noção, por enquanto, podemos utilizar

⁵ A noção de design ontológico será melhor explicado no capítulo 1.

a seguinte frase de Fry (2020, p. 5, tradução minha): “designers projetam em um mundo projetado, no qual se chegou através do projeto e que projeta suas ações e objetos”.⁶

Outro autor que nos interessa e apresenta uma base de pensamento em alguns aspectos próxima do design ontológico é Bruno Latour. Em seu livro *Reassembling the Social* (2005), Latour propõe utilizar a “teoria ator-rede” para pensar eventos controversos que agregam diferentes tipos de atores. Em sua visão, a ação só é possível em rede, pois atores agem inevitavelmente a partir de suas associações. Interessa-nos particularmente sua proposta de incluir artefatos e tecnologias como parte integrante do "social". existência coletiva.

Nesta pesquisa, investigamos como múltiplos atores, humanos e não-humanos, atuam em conjunto para manter na existência isso que chamamos de “Bope”. Aqui, essa instituição é considerada como um “projeto”, de modo não muito diferente de quando analisamos o projeto de um produto. Quando projetamos uma cadeira, por exemplo, implicamos múltiplos atores para trazê-la à existência: fornecedores de materiais, logística de transporte, estabelecimentos comerciais, potenciais compradores, tendências da moda etc. Uma compreensão complexa do que é a cadeira requer a consideração das múltiplas dimensões para as quais essas associações apontam: a cadeira não é mais um conjunto de pedaços de madeira do que um objeto transportável, uma peça de decoração, um assento, uma mercadoria, uma obra característica de certo estilo. Ao abordar o Bope em termos semelhantes, buscamos indicar a necessidade de levar em conta essa complexidade ao tentar responder a pergunta-chave aqui colocada: “o que faz do Bope o Bope?”.

Nesta investigação, seguimos diversos atores que se relacionam entre si e que, de alguma forma, atuam com o Bope, mesmo que de forma contraditória. Ela foi organizada em três etapas em três etapas. A primeira etapa foi a identificação dos atores que compõem o Bope e a observação do que eles são e como se comportam. Para isso, utilizamos um levantamento de informações e imagens através de estratégias do “recorte” de reportagens, imagens, depoimentos e publicações sobre a instituição. Latour (2016) apresenta a estratégia de recortes de notícias como uma forma empírica de iniciar o trabalho de traçar as relações de uma ou mais redes, o que ele chama de “diário de bordo”. Trata-se de coletar documentos, em especial os que apresentam alguma controvérsia entre os atores envolvidos nas redes. Também utilizamos alguns métodos complementares para ajudar alguns atores a “falarem sobre si”. No capítulo 1, essa metodologia é explicada em mais detalhes com exemplos de

⁶ original em inglês: “*designers design in a designed world, which arrives by design, that design their actions and objects*”.

pesquisas similares. E também, nos aprofundamos na teoria ator-rede e no design ontológico, explicitando principalmente as especificidades do nosso objeto de pesquisa.

Nos capítulos seguintes, exploramos os atores que emergiram conforme o contato e a familiaridade com o Bope foi adensando, e os categorizamos pelos “tipos de projeto” e pelas discussões que os rodeiam. No capítulo 2, iniciamos a pesquisa seguindo os atores que se afirmam como “representantes” do Bope, ou seja, aqueles que se posicionam como autoridades e especialistas que “falam pelo” ou “falam sobre” o Bope, tecendo diferentes narrativas. No capítulo 3, utilizamos diferentes métodos para fazer emergir atores relacionados à identidade do Bope, sua comunicação e sua cultura corporativa, buscando compreender as relações que outros atores tecem com eles. Por fim, no capítulo 4, exploramos as políticas e as controvérsias relacionadas às escolhas dos armamentos e equipamentos do Bope. Esperamos, dessa forma, compreender como esses atores participam da ação do Bope e o projetam, e também, que tipo de realidade o Bope ajuda a construir e como ele afeta os cidadãos do Rio de Janeiro.

1. ONTOLOGIAS, REDES E GUERRA URBANA

O Bope já foi objeto de pesquisa de diversos trabalhos nas áreas de ciências sociais, alguns realizados por integrantes do próprio batalhão.⁷ Entretanto, não encontramos nenhum trabalho sobre o Bope que o abordasse do ponto de vista do design. Inicialmente, pode parecer estranho pensar tal grupo como um “produto” de design. Contudo, um longo processo criativo, relacionado a interesses diversos e a esforços variados de implementação foram sem dúvida necessários para que o Bope viesse a existir e agir como faz agora. Paulo Storani (2008), um caveira que pesquisou sobre o grupo, atribui o surgimento dele a um incidente. De acordo com Storani (2008, p.39-43), em 1974 houve uma tentativa de fuga de três detentos do Presídio Evaristo de Moraes, que renderam como reféns funcionários, policiais e o próprio diretor do presídio. A atuação da PM nessa situação resultou na morte dos detentos e de todos os reféns. Isso fez com que o chefe do Grupo de Operações Especiais (GOEsp) da época, Capitão Paulo César Amendola, pesquisasse formas de lidar com esse tipo de ocorrência. Dessa forma, Amendola reestruturou o grupo instituindo “fundamentos rígidos” e uma “mística própria” junto de treinamentos e seleções específicas. Em resumo, o GOEsp foi a base para o que veio a ser o Bope em 1991. Assim, o Bope é definido pelo seu emprego em situações críticas, como resgate de reféns em sequestro e atuação em áreas de alta periculosidade.

É evidente que a partir do momento em que o Bope é oficializado, ele já estava imbuído de um projeto de ação, ou pelo menos, de expectativas de como ele deveria agir. Mas ao ser lançado como um “produto” planejado para atuar em missões táticas, seu projeto não se encerrou ali. Ao longo dos anos, vimos como o Bope participou de diferentes sequestros, operações em comunidades, crises políticas e polêmicas que vão além do que se esperava inicialmente. Seu projeto de atuação se alterou, sendo conformado pelas próprias relações que teceu ao longo do tempo e se tornando uma das mais temidas e conhecidas unidades da PMERJ. Pensar no Bope como um projeto de design pode nos ajudar a entender como o grupo não apenas mudou a forma como atua, como também transformou a vivência na cidade, criando um modo de viver indissociável de sua existência.

Neste capítulo, apresentaremos em detalhes as abordagens teórico-metodológicas da pesquisa. Primeiro, abordaremos o que significa pensar o design de maneira ontológica, e porque isso se torna uma postura necessária para se pensar o ato de projetar como central na

⁷ Storani, França, Pimentel etc. como será explorado no capítulo 2.

construção da realidade. Também detalharemos de que formas é possível pensar na relação entre o design ontológico e a guerra. Em seguida, será apresentada a teoria ator-rede e o pensamento de Bruno Latour e como ele se conecta com o design ontológico. Por fim, explicaremos de que forma a teoria ator-rede fundamenta o método explicitado no projeto de pesquisa. Deste modo, esperamos esclarecer de que forma o Bope constitui-se neste trabalho como um objeto de design e qual a relevância de entendê-lo como projeto.

1.1 Design ontológico e a construção da realidade

O termo "design" costuma indicar uma atividade de criação específica, centrada no projetista. De um modo geral, designers se ocupariam em elaborar e reelaborar peças de comunicação, fluxos de serviço, interfaces para usuários, móveis, entre muitas outras coisas. Assim, quando dizemos que o design é “importante para a construção da realidade”, é provável que evoquemos a imagem de designers, escritórios e grupos de pesquisa resolvendo os problemas do mundo.

Tony Fry, Terry Winograd, Fernando Flores, Escobar e Anne-Marie Willis são autores que utilizam o termo “design ontológico” para romper com esse pensamento sobre o design que coloca o projetista como um criador autônomo e inteiramente responsável pelo projeto. Ao adicionar o termo “ontológico”, eles reivindicam que o design tem um papel na construção da realidade mais profundo do que geralmente se admite, envolvendo muito além do que a “mente criativa” dos designers. Com isso, se associam especialmente ao pensamento de Martin Heidegger, filósofo que propôs pensar a existência como algo intrinsecamente relacional. Tal postura pode ser resumida da seguinte forma:

Por que o design pode ser considerado “ontológico”? A resposta inicial para essa pergunta é direta: “Nos deparamos com uma profunda questão de design quando reconhecemos que ao projetar utensílios estamos projetando formas de existir” (Winograd e Flores 1986, apud Escobar, 2018). [...] Logo, qualquer utensílio ou tecnologia é ontológico no sentido de que isso, mesmo de forma humilde ou minuciosa, inaugura um conjunto de rituais, jeitos de fazer e modos de ser (Escobar, 1994, apud Escobar, 2018). Isso contribui na formação do que é ser humano. [...] *ao projetar utensílios, nós (humanos) projetamos as condições de nossa existência e, em retorno, as condições de nosso projetar. Nós projetamos os utensílios, e esses utensílios nos projetam de volta* (Escobar, 2018, p.110-111).

O termo utilizado previamente pelos autores Fry, Winograd e Flores foi teorizado em detalhes por Anne-Marie Willis em seu texto *Design Ontológico* (2023). Segundo Willis (2023, p.21), seus antecessores se baseiam principalmente no conceito de “ontologia” de

Martin Heidegger e no “Círculo Hermenêutico” de Hans-Georg Gadamer para propôr o design ontológico. A autora define o termo "ontológico" da seguinte maneira : “Em uma formulação extremamente simples, ôntico se refere ao que é; ontologia se refere ao questionamento do que é, enquanto ontológico se refere à condição ou comportamento do que é” (Willis, 2023, p. 23). Heidegger (2015) utiliza o termo “ontologia” para propor um modo de compreender a existência, diferente daquele que serviu de base para o desenvolvimento das ciências e tecnologias modernas, o qual teria reduzido a complexidade relacional do mundo a uma separação entre “sujeito” e “objeto” onde apenas o sujeito é dotado de potência de agir.

Ao trazer o ontológico para o design, Willis (2023, p. 22-23) reivindica que o design é algo muito mais profundo e fundamental ao ser humano do que os designer geralmente reconhecem, e que ao projetar o mundo, nosso mundo atua sobre nós e nos projeta. “Isso leva a um duplo movimento – nós projetamos nosso mundo, ao mesmo tempo em que nosso mundo atua sobre nós e nos projeta” (Willis, 2023, p. 23).

Esse duplo movimento é um dos principais pontos que caracterizam o design ontológico. O círculo hermenêutico é um conceito desenvolvido pelo filósofo Hans-Georg Gadamer, que em seu trabalho foi muito influenciado pela ontologia de Heidegger também. Em sua hermenêutica, Gadamer explora a interpretação e o conhecimento como indissociáveis do mundo, sempre situados (Malpas, 2022). Isso significa pensar a interpretação como algo que não é exclusivo da habilidade cognitiva de um sujeito humano, e onde também não existe um objeto que é uma “coisa em si”. Heidegger e Gadamer dizem que para algo ser compreendido, é necessário que já se possua algum conhecimento prévio sobre ele (Malpas, 2022). O círculo hermenêutico pode ser explicado desta maneira:

É útil pensar no círculo hermenêutico em três movimentos, tomando como exemplo a língua. Embora não possamos pensar fora da língua, isso não significa que estamos totalmente programados: (1) nós nascemos e nos tornamos humanos na língua; (2) nós nos apropriamos dela, a modificamos, inclusive combinamos palavras de novas maneiras ou encontramos situações que requerem novas palavras; (3) assim, ao nos apropriarmos da língua, também a modificamos, e a língua alterada, por sua vez, age retroativamente sobre nós, usuários da língua. (Willis, 2023, p. 30)

Assim como no uso da linguagem exemplificado acima, Willis (2023, p. 26) afirma que “a interpretação é inseparável do processo de design ontológico”. O design não ocorre separado do mundo dentro da cabeça do projetista ou em uma dimensão ideal. Portanto, não podemos colocar o designer como principal imaginador de um projeto, uma vez que o ato de projetar acontece já localizado em uma prática, em uma forma de conhecimento e em um mundo de referências.

Dizer “somos todos designers, e somos projetados de volta” não só indica que somos influenciados pelos nossos próprios projetos, mas também recusa a ideia cartesiana de “imaginação” como ancorada no sujeito (Willis, 2023, p. 45). Ao invés de pensar o design como produto da imaginação de um sujeito, podemos pensá-lo como um “direcionar-se-à”, onde a intenção não é algo oriundo de um único ser capaz de imaginar, mas é se dá nas possibilidades de ação na relação artefato-usuário, como Willis explica melhor no seguinte exemplo:

Uma faca é uma coisa projetada que se direciona para o corte. Isso é mais forte do que dizer que ela foi projetada para permitir que o usuário corte com ela – essa formulação coloca toda a intencionalidade no usuário humano e oblitera o ser da faca como “cortação”. A faca, enquanto objeto projetado com uma história, também carrega consigo intenções culturalmente específicas – assim, existem facas de trinchar, facas de manteiga, punhais, espadas etc. O aspecto “nós somos projetados” nesse exemplo é a inseparabilidade do cortar e da faca – as funções estão tão embutidas nos objetos que se torna impossível separá-los –, exceto nos momentos de invenção (que, de todo modo, nunca ocorrem no vácuo). A função e o objeto, ou, em outras palavras, o objeto e suas intenções são descobertos no mesmo momento (Willis, 2023, p.46).

Podemos, então, pensar o Bope como algo que já começa a existir inserido e agindo no mundo, composto por necessidades, expectativas, histórias, hábitos e práticas diversas. É nesse sentido que o Bope pode ser entendido como um projeto. Mas não um projeto fechado em si mesmo, em suas estratégias de ação. É um projeto que envolve outros projetos, como armamentos e fardas, soldados, disciplinas. Em sua ação, altera outros seres e é alterado por diversas condições, participando da composição da realidade daqueles implicados. O Bope é embutido de uma operacionalidade tal como a faca, que ao agir evoca tudo o que foi necessário para que se estabilizasse do jeito que é.

Qual seria, então, o equivalente à “cortação” do Bope? Não existe forma simples de responder essa questão. A ação do Bope é complexa e multifacetada em diversas operacionalidades distintas. Ele é conhecido por invadir, executar, proteger, salvar, combater etc. O que mais nos interessa nesta pesquisa é compreender quais são as coisas necessárias para que o Bope opere dessas diferentes maneiras. Assim como a faca está inserida em intenções, culturas e histórias que permitem sua cortabilidade, o Bope também só pode agir a partir do mundo em que ele está inserido.

Podemos chamar essa relação com o mundo necessária para algo existir como “mundanidade”. A ideia de mundanidade sintetiza o quanto “não há condição prévia a estar jogado” no mundo, e que existir depende da interação com outros seres, sendo assim possível “somente com a lida-com engajada” (Willis, 2023, p.30). Como há uma circularidade onde as coisas alteram o homem e vice-versa, a existência só pode ser compreendida como relacional.

Desse modo, o homem e o espaço não podem ser separados: o espaço existe para o homem de forma mediada por sua mentalidade, enquanto o homem não imagina o espaço, e sim, é atravessado por ele (Willis, 2023, pp. 35-36). A ideia de mundo com a qual esses autores trabalham não é a mesma que a de “planeta Terra”, assim como “ser-no-mundo” não é o mesmo que “visão de mundo” pois este “preserva a divisão cartesiana entre observador e observado” (Willis, 2023, p.31). A mundanização, como Willis descreve:

Mundanização não é a mesma coisa que pano de fundo, meio ou ambiente, nem é outra maneira de afirmar um determinismo ambiental. Afinal, a mundanização pressupõe e aceita a circularidade do ser e das operações do círculo hermenêutico, que jamais poderia ser reduzido ao movimento de mão única de um “ambiente determinando o sujeito humano” ou vice-versa. Com efeito, a ideia de mundanização não aceita “humano” e “mundo” como entidades autônomas separadas. O design ontológico é um modo de nomear instâncias particulares de mundanização. (Willis, 2023, p.31)

O design ontológico descrito acima se ocupa de compreender a mundanização de uma coisa, o que não pode ser reduzido a uma “história” ou “contexto”. São as relações e mediações necessárias para algo existir. Cada coisa, cada projeto de design, está envolvido em um mundo específico, tecido em uma rede de associações. Uma coisa é uma reunião de atravessamentos, específica a cada existência. Para compreender melhor o que é a mundanização e como diferentes coisas evocam mundos diferentes, Willis (2023, pp. 37-43) oferece dois exemplos de embalagens de bebida. O primeiro é uma jarra, exemplo já explorado por Heidegger, na qual sua existência como coisa não se origina de uma fabricação projetada, e sim, do próprio ato de enchê-la e descobrir sua capacidade de verter um líquido. Ao ser enchida com um vinho, reúne o sol, a água e a terra necessários para a colheita da uva em seu vazio, e os servem. A jarra, ao ter a capacidade de ser enchida e esvaziada, reúne tanto os atravessamentos de seu líquido quanto as pessoas a quem serve. É uma coisa que cria vínculos, possui uma vida. Diferentemente do segundo exemplo, uma caixinha de *tetrapak* de suco de laranja. Ela reúne materiais e mão-de-obra de diferentes lugares em uma embalagem de dose única. É projetada para o consumo individual e para uma dissociação da colheita da laranja e do resto de sua produção. A caixinha de suco age contra o compartilhamento. Desse modo, projeta formas de trabalho centradas na produtividade, na diminuição do tempo, na desvalorização do compartilhamento e no tempo dedicado à alimentação.

O mais importante de notar nesses dois exemplos é a maneira em que ambos alteram e conformam as relações em que estão implicados. A jarra e a caixinha de suco evocam mundos que poderiam ser o mesmo, mas os transformam de formas diferentes. E este é um ponto muito valioso sobre o design ontológico para nossa pesquisa. A maneira que projetamos

objetos prefiguram, através de sua usabilidade, novas possibilidades de mundo, alterando até mesmo como o tempo e o espaço se apresentam para nós. A mundanização dessas coisas são completamente diferentes, pois elas criam possibilidades diferentes de existir no presente. Ao projetar um artefato, projetamos também novas condições de existência e de futuro. Um bom ponto de partida seria entender que tipo de mundanização específica o Bope evoca, do mesmo modo que Willis exemplifica com as embalagens de suco. Isto é, pensar qual a miríade de relações e coisas precisam estar dispostas de tal modo em que o Bope seja possível. Assim, compreendemos que tipo de mundos o Bope cria em sua ação. Isso já foi teorizado por Tony Fry, como já mencionamos, um dos precursores da noção de design ontológico. O item a seguir é dedicado a abordar seu pensamento e a ideia de “guerreação” e “militarização” como modos de existir e projetar em mundos com a presença da guerra. Ou seja, uma mundanização específica da guerra.

1.2 A guerra urbana é projetada por suas próprias armas

Sabíamos que o mundo não seria mais o mesmo. Algumas pessoas riram, algumas pessoas choraram, mas a maioria permaneceu em silêncio. Eu me lembrei de algumas linhas do texto sagrado hindu Bhagavad-Gita. Vishnu tentava persuadir o príncipe. Ele devia cumprir seu dever, e para impressioná-lo, assumiu sua forma com múltiplos braços e disse: “Agora eu me tornei a Morte, a destruidora de mundos”. Suponho que todos nós pensávamos assim, de uma forma ou de outra. (Oppenheimer, J. Robert, 1945, tradução nossa).⁸

Se o físico Oppenheimer dirigiu o Projeto Manhattan pensando que a bomba nuclear permitiria um mundo onde as guerras jamais alcançariam o mesmo patamar que a Segunda Guerra Mundial, ele também prefigurou um mundo que jamais esquecerá os horrores da aniquilação em massa, sempre na iminência de se auto-destruir. Tony Fry propõe que a guerra deve ser entendida como “o caso mais extremo de design ontológico” (Fry, 2020, p. 35, tradução nossa). Ele elabora essa ideia no capítulo *Technology, Warring and the Crisis of History* de seu livro *Defuturing* (2020), onde diversos artefatos bélicos são explorados em seu projeto e em sua ação no mundo. O que ele chama de “guerreação” (*warring*) é a forma de mundanização específica da guerra. Para Fry (2020, p. 20), a guerra não é apenas um evento histórico violento, ela é um domínio da tecnologia. A tecnologia é aplicada através do design,

⁸ J. Robert Oppenheimer, diretor do Projeto Manhattan. Fala proferida após o lançamento das bombas de Hiroshima e Nagasaki em 1945.

e assim, pela sua forma e pelo seu uso, a tecnologia também projeta. Compreendemos, desse modo, as tecnologias e artefatos projetados pela guerra projetam de volta da mesma maneira como exploramos no item anterior a jarra e a caixinha de suco. São atores que alteram profundamente seus mundos através da forma como se relacionam com outros atores.

Isso preocupa Fry, pois o autor acredita que certas formas de mundanização são “insustentáveis”, e a prática do design é responsável por elas. A guerreação é uma dessas formas. Como explicamos no item anterior, para os pensadores do design ontológico, aquilo que projetamos altera as relações envolvidas, alterando os mundos. Isso resulta na prefiguração do futuro, em que suas condições de composição são criadas pelo presente. Essa prefiguração não é o mesmo que um determinismo tecnológico onde tudo o que é conformado pela tecnologia é catastrófico. Fry compreende que “[...] o futuro nunca é vazio, nunca um espaço em branco a ser preenchido com a produção humana” (2020, p. 10, tradução nossa).

Sustentabilidade, quando o futuro é compreendido dessa forma, não é a capacidade de ser humano de salvar o mundo de seu futuro fim. A sustentabilidade para o design ontológico “não é mais nem menos do que a ‘habilidade de sustentar’”. É um modo de dizer que isso é uma habilidade para constantemente aprender, trabalhar e melhorar aquilo que é vital para e pelo ‘ser do ser’ ”(Fry, 2020, p. 7). Para Fry, a sustentabilidade deve ser entendida como o oposto de insustentabilidade, esta que é gerada pela “desfuturização” (*defuturing*). Esse é o termo que Fry cunhou para falar especificamente sobre os tipos de mundanização que bloqueiam outras possibilidades de mundo. São projetos de design que prefiguram o mundo de um jeito em que fica difícil haver modos de existir que sustentem a vida. Pensar na desfuturização é colocar em questão que o que projetamos constitui, produz materialmente, desperdiça, ocupa e usa o mundo como um ambiente material disponível (Fry, 2020, p. 10). A desfuturização é uma característica do antropocentrismo.

Insustentabilidade não seria apenas o acúmulo de dejetos e a industrialização poluente. É em parte a postura de tratar o mundo como matéria-prima, página em branco e “meio ambiente”, separados do humano. A guerra é insustentável por tratar todos os atores envolvidos como recursos a serem esgotados, incluindo o próprio ofício de se projetar a tecnologia e de se viver com ela. Para o autor, “A guerra é o agente primário que desfutura [...] ao criar ‘fechamentos’ de potencialidades, incluindo as potencialidades do que o design e a tecnologia poderiam ser” (Fry, 2020, p. 20, tradução nossa). Ao destruir ambientes, encerrar vidas e projetar para a destruição, a guerra é profundamente inserida no desfazer de mundos (Fry, 2020, p. 19). A guerra, portanto, possui uma circularidade muito particular de sua lógica.

A mundanização da guerra, a guerreação, desfaz formas de existir no mundo. Fry exemplifica a guerreação da seguinte maneira:

O poder da tecnologia aplicada não produziu apenas os navios, os instrumentos de navegação (especialmente a bússula e o cronômetro) e as armas que permitiram o centro europeu da proto-modernidade colonizar o mundo, mas também, o sistema de classificação que mapeou e nomeou o mundo. Nesse recorte, “o mundo” não foi descoberto pela exploração, mas foi um discurso inventado pela ciência, permitido pela tecnologia, organizado e apresentado pelo design (Fry, 2020, p. 26, tradução nossa).

Para exemplificar o que ele está propondo, citemos uma tecnologia mais específica exposta neste mesmo texto. A Reichsautobahn, corporação responsável pelas estradas federais alemãs, foi criada em 1933 por Hitler para desenvolver o sistema de autobahns, uma rede de estradas robustas para a passagem de tanques de guerra. Após a guerra, as autobahns foram incorporadas ao trânsito civil alemão, mesmo tendo características muito específicas para o uso militar. Mais tarde, um sistema muito parecido foi implementado nos Estados Unidos para criar uma rede interestadual de estradas, com o propósito de defender o território durante o momento da Guerra Fria. Expandindo o exemplo além, podemos afirmar também que esse projeto foi relevante para a consolidação do estilo de vida suburbano estadunidense, caracterizado também pela popularização da utilização de carros do tipo SUV pelos seus moradores, modelos esportivos inspirados nos tanques de guerra.⁹

As tecnologias de guerra se tornam modos de viver no mundo ao serem utilizadas dentro e fora do “teatro de operações”. Mas esse teatro, se algum dia foi o campo de batalha, hoje está cada vez mais indefinido. A Guerra Fria e a Segunda Guerra Mundial, com suas bombas atômicas, foguetes, computadores e ameaças televisionadas, alteraram profundamente a noção de espacialidade da guerra suposta pelos cânones da estratégia como Carl von Clausewitz e Sun Tzu. Fry também discorre brevemente sobre as guerras urbanas (*urban warfare*) como uma nova forma de rotina, onde os conflitos acontecem quase como pano de fundo e são tolerados enquanto a vida na cidade segue. E, então, descreve como isso se traduz em artefatos como cercas de arame farpado e sistemas de segurança em países como África do Sul, Brasil e Papua-Nova Guiné (Fry, 2020, p.38). Apesar do autor citar esses exemplos do Sul Global quase que de forma homogênea, é importante se atentar para a especificidade de cada uma dessas guerras urbanas, e o que as caracterizam como tal.

A noção de “guerra urbana” é inspirada pelo fenômeno descrito no livro *Cidades sitiadas: o novo urbanismo militar* por Stephen Graham (2016). Neste livro, Graham propõe uma correlação entre a rápida urbanização contemporânea e o uso de tecnologias militares nos

⁹ A popularização das SUVs, da vida suburbana e da família nuclear estadunidense também é explorada no livro de Stephen Graham (2016) como exemplo de novo urbanismo militar.

espaços da cidade para monitoramento, controle e execução de alvos considerados perigosos. Com a possibilidade de ataques aéreos, bombas nucleares de devastação em massa, se fala sobre uma nova forma de guerra conhecida como *netwar* ou “guerra de 4ª geração”, onde o campo de batalha passa a ser nas cidades, com adversários de difícil localização por estarem misturados ou por pertencerem aos civis. O autor explora principalmente a chamada “Guerra ao Terror”, que mobilizou, após o episódio das Torres Gêmeas, os Estados Unidos e alguns países europeus em uma caçada por “terroristas”. Tais agentes se parecem com cidadãos comuns. Graham resume tal modalidade de guerra da seguinte forma:

De fato, o que este livro chama de novo urbanismo militar tende a “presumir um mundo em que civis não existem”. Assim, todos os elementos humanos são cada vez mais vistos como combatentes reais ou em potencial, terroristas ou insurgentes, alvos legítimos.

Estratégias para o ataque deliberado a sistemas e locais que servem de apoio para a vida urbana civil só se tornaram mais sofisticados a partir da aniquilação urbana em massa que caracterizou o século XX. A devastação proposital dos espaços de existência urbana, por atores estatais ou não, continua acelerada. Ela é alimentada por transformações múltiplas e paralelas que definem o mundo pós-colonial e pós-Guerra Fria (Graham, 2016, p. 66-67).

A guerra ser um fator de projeto para cidades não é algo novo. De fato, muitas foram construídas inicialmente a partir de uma lógica de guerra, como é o caso das antigas cidades muradas. O próprio Rio de Janeiro foi construído inicialmente pelos portugueses como um forte no morro Cara de Cão para assegurar o território contra as invasões francesas e dos povos indígenas locais. No entanto, o que Graham define como sendo um “novo urbanismo militar” é essa mudança de foco em seus projetos de habitação. Se antes se planejavam as cidades para serem defendidas de tropas invasoras, hoje elas são cada vez mais projetadas para se combater ameaças insurgentes internas ao território. Ele argumenta que as insurgências urbanas européias como a Revolução Francesa, que marca essa mudança de postura em relação à cidade com projetos específicos para conter revoltas populares como o de Haussmann, são um rebote das rebeliões em cidades colonizadas que resistiam ao controle europeu (Graham, 2016, pp. 60-63).

Ao utilizar o termo “guerra urbana” estamos dando destaque para o tipo de conflito que ocorre nas ruas contra um adversário indistinguível de um civil, que no Rio de Janeiro é um conflito associado à guerra contra o narcotráfico e contra outras formas de crime organizado. Sabemos que a PMERJ é um órgão que se ocupa de todo o Estado do Rio de Janeiro. Para fins de recorte, nós compreenderemos a “cidade” do Rio de Janeiro como sendo a chamada “Região Metropolitana”, e não apenas o “município” do Rio de Janeiro. São onde ocorrem os conflitos mais recorrentes e intensos, apesar de haver registros e ocorrências de

conflitos com milicianos e com traficantes por todo o Estado. Vale ressaltar que se o “urbano” já foi entendido como uma oposição ao rural, atualmente essa divisão está cada vez mais borrada.

Utilizar o termo “guerra urbana”, ou recorrer à ideia de “novo urbanismo militar” é importante para compreender que esses conflitos específicos não estão completamente isolados, como é o caso da guerra contra o narcotráfico no Rio de Janeiro. Esses conflitos acabam se conectando com outros espalhados pelo mundo formando uma rede de valores e de produções similares o suficiente para compartilharem experiências e projetos. É relevante para esta pesquisa essa ideia de rede, que será abordada no próximo tópico, principalmente para compreender em que certos artefatos se mantêm existindo pelo tipo de validade que eles recebem em seu uso. O que nos interessa é a circularidade mencionada nessa rede: a forma como essas tecnologias são utilizadas de um jeito, validadas, implementadas para outros usos e durante esses usos moldam e alteram a realidade da rede em que existem e se relacionam.

Até agora, explicamos como o design pode ser importante para compreender como o ato de projetar agrega diferentes coisas em um artefato, que em retorno, projeta as possibilidades de existir no mundo. Abordamos também qual a realidade e as possibilidades de futuro compostas pela guerra. Para entender como as relações que proporcionam a existência de um projeto como o Bope são tecidas em uma rede, iremos a seguir nos aprofundar também na teoria ator-rede. Essa teoria nos ajudará a explicar o método utilizado para essa pesquisa.

1.3 Bruno Latour, teoria ator-rede e possibilidades de análise no design

Quando se fala na guerra urbana no Rio de Janeiro, podemos nos antecipar e falar imediatamente que se trata de uma questão “social”, ou que é um problema da “sociedade” carioca, ou que a violência é “socialmente construída”. Mas isso encerraria muito rápido qualquer investigação que pudéssemos fazer sobre o tema. Ao tratar algo como um “problema social”, existe a tendência a se responsabilizar um super-agente — como a própria ideia de sociedade, ou outra coisa, como o crime organizado, o governo, a corrupção etc. Um exemplo disso é quando escutamos falas como “o problema do Rio de Janeiro é o narcotráfico”, ou “tudo isso só existe por conta de um mercado de armas”, e até mesmo “as favelas estão corrompidas pela ausência do Estado”. Essas são conclusões genéricas que muitas vezes

norteiam o debate sobre a guerra urbana. Como elaboramos no tópico anterior, é necessário evitar atribuir qualquer relação de causa e efeito entre os participantes da guerra se desejamos uma análise precisa. Se concentramos toda a causalidade na ação de um desses atores, a ação de todos os demais será mera consequência. Para não recorrer a esse tipo de conclusão genérica e para desenvolvermos uma análise detalhada da ação e criação do Bope, iremos basear a metodologia desta pesquisa no pensamento de Bruno Latour e na teoria ator-rede.

Latour foi um pensador francês interessado na crítica epistemológica das ciências, principalmente em como as disciplinas buscam se diferenciar e construir seus cânones de verdade e conhecimento. O livro que mais nos interessa de seu trabalho é o *Reassembling the Social* (2005), onde detalha seu pensamento sobre a teoria ator-rede. Antes de abordar os principais pontos dela, Latour expõe como as explicações genéricas exemplificadas acima são endossadas pela epistemologia dominante nas ciências sociais.

O autor abre tal livro explicitando a problemática de se usar a palavra “social” como uma espécie de material em que as coisas são feitas (Latour, 2005, pp.1-3). A sociologia teria se estabilizado como algo que precisava explicar aquilo que “provém da sociedade”, mas que se diferencia daquilo que é entendido como “puramente” biológico, linguístico, econômico etc. (Latour, 2005, p.3). Tal como pensada pelas “ciências da natureza”, a dimensão do “social”, precisaria, então, de uma “ciência” própria. Desse ponto de vista, o social foi caracterizado como um elemento à parte da natureza, e assim, evocar a “dimensão social” se tornou familiar e corriqueiro (Latour, 2005, p.5).

Latour propõe uma separação entre dois tipos de sociologia: uma “sociologia do social”, exemplificada pelos pensamentos de Émile Durkheim e Karl Marx; e a “sociologia das associações” alinhada ao pensamento de Gabriel Tarde. A primeira descreve a sociedade como algo que explica outras coisas, como se elas fossem “socialmente construídas”, enquanto a segunda recupera a etimologia da palavra “social” como uma mistura de coisas cuja conexão (seu caráter social) precisa de explicação. Como Latour coloca:

[...] na primeira abordagem, toda atividade — direito, ciência, tecnologia, religião, organização, política, administração e etc. — poderia ser relacionado e explicado pelos mesmos agregadores sociais por trás de todos eles, na segunda abordagem da sociologia não existe nada por trás dessas atividades, mesmo que elas possam estar ligadas de um jeito que produza uma sociedade — ou nem produza uma. [...] o que é chamado de “explicação social” se tornou um jeito contra-produtivo de interromper o movimento das associações ao invés de retomá-lo.

De acordo com a segunda abordagem, aderentes da primeira simplesmente confundiram o que eles deveriam explicar com a explicação. [...] Eles acreditavam que o social já estaria ali à disposição, enquanto o social não é um tipo de coisa visível ou a ser postulada. Ele é visível apenas pelos rastros que deixa (após

processos) quando uma nova associação está sendo produzida entre elementos os quais não são de forma alguma “sociais” (Latour, 2005, p. 8, tradução nossa).

A sociologia do social, seguindo esse pensamento, poderia nos levar a pensar a sociedade como algo estruturado e sólido e a ter uma falsa noção de que ela é uma dimensão à parte do mundo, como um recurso manejável, mensurável e ao mesmo tempo, imaterial e distante. Quando Latour diz na citação acima que os “aderentes da primeira abordagem confundiram o que eles deveriam explicar pela explicação”, ele quer dizer que a “sociedade” não deveria ser um conceito que explica como as coisas são, e sim, justamente o que deve ser explicado (Latour, 2005, p.13). Ele propõe se alinhar com o pensamento de Tarde, caracterizada pela noção de que:

[...] o social não é um domínio especial da realidade mas um princípio de conexões; em que não há motivo para separar ‘o social’ de outras associações como organismos biológicos e até átomos; que nenhum rompimento com a filosofia, especialmente a metafísica, era necessária para se tornar ciência social (Latour, 2005, p.13, tradução nossa).

Para Latour, o social é uma "associação momentânea caracterizada pelo modo como se congregam novas formações" (2005, p.65). Para algo como uma sociedade existir, são necessárias muitas relações estabilizadas, sempre em risco de deixarem de existir. Falar que o Bope é “um problema da sociedade carioca”, como se isso pudesse explicar alguma coisa, seria tratar o Bope nos moldes da sociologia do social. Ele é social, e, por isso mesmo, está em questão, sempre se refazendo em suas associações. Desse modo de pensar, é mais interessante dissolver a ideia de “força social” e se atentar às rápidas associações cotidianas (Latour, 2005, p. 66). Este, portanto, é um fator determinante para o tipo de material que buscamos para essa pesquisa. Não nos interessam histórias de grandes heróis, casos espetaculares e bem sucedidos do Bope. Estamos interessados nas pequenas tramas, mesmo que seja para investigar eventos conhecidos. O que importa é compreender como elas compõem o Bope.

Essas associações nem sempre são amistosas ou recíprocas, elas também podem ser controversas, pautadas por disputas de poder e resistência. Como um polvo, se move estendendo seus braços se ligando a múltiplas coisas, nem sempre de forma amigável. Com um braço, se liga ao Exército e aos outros batalhões da Polícia Militar em parceria de trabalho. Com outro braço irá agir sobre aqueles que considera bandidos, criminosos, alvos. Então, vem o questionamento do que diferencia essas relações, e como elas se mantêm distintas. Quem o Bope considera um perigo? Qual braço será decepado por se associar ao que não deveria? Quem vai tentar puxar um braço do polvo para si em um abraço desesperado

por pertencimento? Ao abandonar o preceito de que o Bope é uma estrutura fechada, estabelecida de uma vez por todas e separada de outros atores que compõem a cidade, é possível enxergar as relações minuciosas que o sustentam, as pequenas incongruências, e o risco que sua composição corre todos os dias para se manter íntegra. Para a teoria ator-rede, a existência dos grupos depende de serem feitos e refeitos o tempo todo. Estão em constante movimento e a exceção é, justamente, a estabilização desses grupos, que deve ser explicada (Latour, 2005, p.35). É a estabilização do Bope como um grupo atuante, com certa identidade, que está em questão nesta pesquisa.

As associações não se fazem somente de seres humanos, e esse é um dos motivos pelos quais Latour considera necessário abandonar esse tipo de sociologia do social. O mundo é composto por uma série de conexões como entre árvores, placas tectônicas, bactérias, computadores, fotos impressas, representações visuais, palavras abstratas e etc. Mesmo um ser humano é composto por uma série de associações, como órgãos, células, bactérias e fungos que se diferenciam através de suas relações. É essa ideia de existência relacional que orienta a teoria ator-rede. Junto de outros pensadores como Michel Callon, Christine Akrich e John Law, ele desenvolve esse conceito de que a existência se dá na forma de associações em redes, em “coletivos” de seres nem sempre tão bem delimitados. Para Latour a ação só existe em rede, então, para compreendermos a ação do Bope, precisamos considerá-lo um ator-rede. Vamos a seguir entrar em detalhes sobre o que é ser um “ator-rede”.

Um “ator” é aquele que age, mas isso não é tão simples quanto soa. O primeiro ponto importante sobre a teoria é que um “ator” não é a fonte de uma ação, e sim, o alvo de uma vasta variedade de entidades aglomeradas em sua direção (2005, p. 46). Para Latour, usar a palavra ator significa que nunca é claro quem e o quê está agindo quando agimos, porque, como um ator em um teatro, nunca estamos sozinhos atuando em um palco (2005, p. 46). Portanto, a palavra “ator” não pode ser compreendida como “aquele que detém a ação”, e sim, como aquele que é feito agir pela ação dos outros.

Segundo ponto, é que se a ação não tem uma origem, ela deve ser entendida como algo indeterminado, imprevisível, um evento (Latour, 2005, p.45). Latour coloca a seguinte definição:

Por definição, a ação é *deslocada*. Ação é emprestada, distribuída, sugerida, influenciada, dominada, traída, traduzida. Se um ator é considerado um ator-rede, é para, em primeiro lugar, sublinhar que ele representa a grande origem da incerteza sobre a origem da ação [...] (2005, p. 46, tradução nossa).

Terceiro ponto, esses atores não são apenas seres humanos, como já falamos. São todas as coisas que interagem entre si, implicando umas às outras. Por isso, Latour utiliza os

termos “humanos” e “não-humanos” para enfraquecer a ideia de sujeito e objeto (2000, p.12; 2005, p.72). Assim como Willis e Fry (ver tópico anterior), ele defende que é necessário parar de pensar no sujeito como único detentor da agência, e o objeto como passivo receptor. Então, nessa questão da agência, sua teoria se aproxima da ideia de design ontológico pois, para eles, a agência é diluída entre objeto e sujeito. Desse modo, todos são responsáveis pela ação em diferentes instâncias. Ao se relacionarem, os atores, independentemente de serem humanos ou não-humanos, agem em conjunto.

Quando, por exemplo, há uma operação do Bope em que se invade uma comunidade, é possível notar que não apenas os soldados participam da ação de invadir, mas também suas armas, fardas e veículos, palavras, ordens de comando etc. Observe a imagem abaixo (Figura 01) ilustrando um desses momentos. Por algum motivo, nesse dia, foi escolhida uma picape Hilux ao invés do Caveirão. Eles portam fuzis de modelos diferentes, alguns com lunetas e outros sem. O que cada um vai fazer é coordenado com os equipamentos e às vezes em função dos equipamentos. Enquanto isso, todos estão de preto, fardados iguais, e de maneira específica, a ponto de parecerem uma unidade. Assim, todos eles compõem uma ação, sem um sujeito determinado que faz e um objeto que recebe. Se a Hilux enguiçar no meio da operação, por exemplo, toda a rota calculada está em risco de não acontecer.

Figura 01 – Caveiras em picape



Legenda: Foto de picape Hilux carregando caveiras do Bope que, segundo o portal de notícias que publicou a foto, ilustra uma operação na Vila Cruzeiro em 2010.

Fontes:

<<https://www.otempo.com.br/brasil/megaoperacao-no-rio-tem-apoio-do-bope-e-blindados-da-marinha-1.49207>>.

Quando vemos uma imagem como a Figura 01 no jornal, é difícil de imaginar as questões envolvidas na escolha de um objeto específico para uma operação. Não vemos sua

logística, seus desafios, nem suas possibilidades de quebrar. Talvez nem mesmo os soldados em cima da caçamba da picape estejam muito atentos a todas as questões dela, tendo suas próprias preocupações e delegações a cumprir. Um veículo, no entanto, pode sair do lugar de mero transporte e garantia de segurança para demandar suas próprias pautas. Como relatado na seguinte reportagem da revista Piauí, as coisas são, na maioria das vezes, mais complexas do que a imagem de um único blindado subindo o morro:

Em maio passado, um dos blindados da PM teve problemas de freio na favela da Chatuba, no Complexo do Alemão. Com as rodas travadas, não tinha condições de ser rebocado e ficou sob fogo inimigo por quase sete horas, até ser empurrado para uma área mais segura por outros quatro blindados. [...]

“Em 5 de novembro, o panorama foi ainda pior”, disse o tenente-coronel Alberto Pinheiro Neto, o comandante do Bope, enquanto buscava em seu *laptop* as fotos que sua equipe tirara naquele dia. [...] “Quando o que quebra é um dos nossos, a situação é difícil, mas contornável. Agora, quando são os quatro carros do Bope que param, vira um drama.”

Para evitar uma repetição da quebra em sequência, o Bope determinou que uma equipe, composta por quatro homens – um especialista em hidráulica, um electricista, um mecânico geral e um motorista sobressalente -, deve seguir todos os Caveirões. O objetivo do grupo é prestar auxílio ao blindado. Uma espécie de *baby-sitter* móvel. (TARDÁGUILA, 2008).

Foi necessário que quatro caveirões quebrassem ao mesmo tempo para que toda a forma como as operações ocorriam fosse reestruturada, a fim de garantir a segurança do blindado. Essas variações de estado entre um ator comportado e um ator exigente é o que Latour (2005, p.38-40) diferencia como “intermediários” ou “mediadores”. Os atores trocam entre esses estados constantemente, não permanecendo sempre em um. Intermediário é aquele ator no qual a ação não está em questão naquele momento, parecendo carregar a ação sem alterá-la, quase como um plano de fundo agindo dentro do esperado. Mediadores, no entanto, são atores vistos como seres complexos, de comportamento imprevisível, cuja ação é notoriamente transformadora. Para explicar melhor o conceito, Latour exemplifica como um computador troca entre intermediário e mediador:

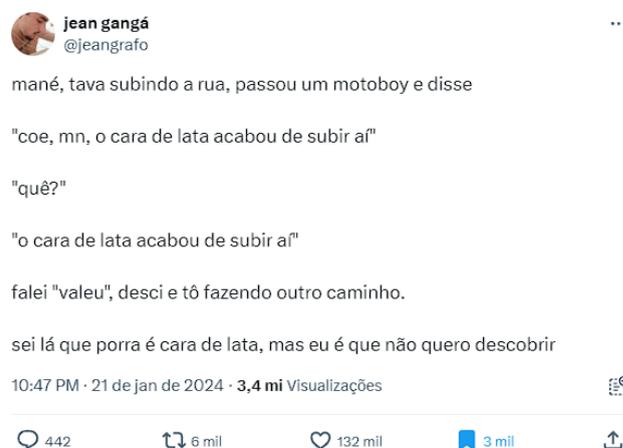
Não importa o quão complicado um intermediário é, ele pode, por todos os motivos possíveis, contar como apenas um — ou mesmo como absolutamente nada por ser facilmente esquecido. Não importa o quão simples um mediador pareça, ele pode se tornar complexo; pode acabar modificando em várias direções todos os relatos contraditórios atribuídos ao seu papel. Um computador funcionando apropriadamente pode ser tomado como um bom exemplo de um intermediário complicado, enquanto uma conversa banal pode se tornar um encadeamento terrivelmente complexo de mediadores onde paixões, opiniões e atitudes bifurcam a cada turno. Mas, se ele quebra, o computador se transforma em um mediador assustadoramente complexo, enquanto um painel altamente sofisticado durante uma conferência acadêmica pode se tornar um intermediário perfeitamente previsível e entediante, estampando uma decisão feita em outro lugar (Latour, 2005, p. 39, tradução nossa).

A sociologia do social, segundo Latour (2005, p.40), tende a tratar os seres não-humanos como meros intermediários o tempo todo, como objetos destinados a apenas transportar os símbolos e significados do “social”. Latour, desse modo, propõe que uma das principais diretrizes ao utilizar a teoria ator-rede é tratar todos os atores envolvidos em uma relação como mediadores, complexos e indeterminados. Esse é um dos principais pontos sobre a teoria ator-rede que são relevantes para esta pesquisa.

Outro ponto que a teoria ator-rede tem em comum com o design ontológico é que, ao tratar os seres não-humanos como mediadores, é possível identificar o que ele chama de “programa de ação”. Como no exemplo da faca, que citamos anteriormente, um programa de ação é a conformação das possibilidades de agir. Um exemplo que ele dá para essa mediação é a maneira como alguns modelos de carro são projetados para que “não queiram começar a andar” sem antes o motorista pôr o cinto de segurança, como forma de obrigar o humano a seguir suas próprias leis de trânsito (Latour, 1992, p.225-226). Ele sintetiza a importância de incluir os artefatos como parte das relações sociais na seguinte frase: “É porque o social não pode ser construído pelo social que precisamos de chaves e fechaduras” (Latour, 2000, p.19).

O Bope também possui um programa de ação. Portanto, ele possui uma operacionalidade, algo que ele pode fazer porque foi composto para executar essa ação. Sabemos, por exemplo, que ele tem a capacidade de invadir comunidades. Vejamos um exemplo de como um programa de ação pode conformar certo comportamento:

Figura 02 – Tweet sobre o “cara de lata”



Legenda: Print de postagem feita pelo usuário @jeangrafo na rede social *Twitter*.
Fontes: <<https://twitter.com/jeangrafo/status/1749247278173266426>>.

O usuário relata sobre um tal “cara de lata”, gíria que ele desconhece por não ser originalmente do Rio. Outros usuários lhe explicam que “cara de lata” é uma gíria para o caveirão do Bope. Esse é um exemplo da ação em rede do caveirão, como indiretamente ele bloqueia algumas pessoas de passarem pela rua, mesmo sem saber o que ele é, nesse caso através do aviso do motoboy. O programa de ação do caveirão inclui o transporte dos caveiras como também o bloqueio da passagem, seja fisicamente, seja através de avisos como o do motoboy.

Com isso, nosso objetivo com a pesquisa é justamente compreender qual o programa de ação do Bope. E é por enxergarmos os seres não-humanos como mediadores que iremos focar essa pesquisa neles, nos atores não-humanos que compõem o Bope. Isso de forma alguma exclui os atores humanos, pelo contrário, acreditamos que essa perspectiva nos ajudará a compreender o que faz um policial do Bope e por quê. O Bope só age por ser uma composição de associações sempre em movimento de humanos e não-humanos, e cabe a nós nesta pesquisa entender como essas associações se estabeleceram.

Pode soar como se a ideia de “rede” em “ator-rede” fosse uma grande coisa que engloba atores de todos os tipos. No entanto, a rede e o ator são inseparáveis, o ator não é uma unidade que se encontra em um espaço chamado rede. A rede o constitui como ator e, ao mesmo tempo, depende dele para existir. Para esse pensamento, a existência só é possível através da ação, das relações e das trocas. Essa postura dissolve nossas noções tradicionais de escala, pertencimento e até mesmo de unidade. Quando vemos todos os participantes de uma ação como mediadores complexos, tudo sobre a existência de cada um deles está em questão, e nada pode ser tomado como “já dado”.

É por tudo isso de que falamos até agora que a ideia de “ator” é indissociável de “rede”. A agência é algo que flui entre as relações, não possuindo um ponto de origem claro. Então, é possível que a ação atravesse ou conflua a partir de atores não figurados, sem forma definida. Latour chama esse tipo de coisa mais abstrata e amorfa de “actantes”, similar à noção de ator. A figuração para Latour pode ser explicada da seguinte maneira:

Dizer “a rede age” é já uma forma problemática de adequação à exigência gramatical por um sujeito da oração. O mais preciso seria dizer algo como “age em rede”, sem sujeito, pois, segundo a forma de pensar da teoria ator-rede, todo verbo é impessoal e infinitamente transitivo. Para lidar com esse problema, Latour propôs, em complemento à noção de “ator”, o conceito de “actante”, que pretende assumir essa função linguística paradoxal de ser um agente que não tem uma “figuração” específica (Soares, Portugal, 2020, p.131).

O Bope como um ator-rede é conectado com outros atores-redes. Pense assim: fuzis são conjuntos de peças montadas e fabricadas de tal jeito que, quando unidas, funcionam de

uma maneira específica, assim como órgãos, bactérias da flora intestinal, pensamentos, costumes e cicatrizes, estão todos juntos e acoplados a um ser que se entende como “caveira do Bope”. Essas muitas coisas se relacionam entre si, se encontram em um prédio específico da Polícia Militar e, assim, se acoplam a um conceito geral entendido como “Bope”. O caveira do Bope e o fuzil só conseguem existir e agir desse jeito enquanto estiverem juntos se relacionando com o prédio, com a palavra, com o conceito, com o treinamento e etc. Então, quando dizemos que o Bope é composto por muitas coisas, isso só significa que vários outros atores-rede o estão sustentando para existir do jeito que é. Nesse jogo de trocas, tensões, e identificações, até mesmo o conceito de Bope e o nome “Batalhão de Operações Especiais” são atores-rede, sempre lutando para existir.

Para o Bope existir como o conhecemos hoje, ele precisou agir já inserido em uma série de relações que o conformam em um formato reconhecível. No entanto, basta um conflito, uma controvérsia, uma dúvida, uma incerteza, para desestabilizar essas relações e mudar o que esperamos sobre o grupo. Latour defende que as controvérsias “oferecem ao analista uma fonte essencial para tornar as relações sociais traçáveis” (Latour, 2005, p.41). Elas são muito importantes para enxergar algum ator como mediador, complexo, pelo modo como ele e suas relações entram em questão. É o que nos faz abrir a caixa-preta da existência dos atores e ponderar o que está acontecendo. Venturini, outro pesquisador interessado na teoria ator-rede, caracteriza os atores e relações implicados em uma controvérsia como em estado “magmático” (2010, p.264). Imaginem que algo estabilizado e bem definido é sólido, enquanto outro que luta para existir, ou não tem uma figuração muito clara é líquido. Então o estado magmático é sobre como as relações, sempre em disputa, sempre complexas, às vezes são mais ou menos sólidas mas sempre na possibilidade de se liquefazerem. Nessa dinâmica, “o social é construído, desconstruído e reconstruído” (Venturini, 2010, p.264). A atuação controversa do Bope o caracteriza como magmático. É a partir de seu envolvimento em conflitos e polêmicas que podemos abrir sua caixa preta para entender quais são as relações implicadas em sua existência, ou melhor, quais relações foram estabilizadas e quais não foram.

A teoria ator-rede tem sido utilizada por seus teóricos tanto para explorar a lógica das configurações que podem levar a uma relativa estabilidade em uma rede relacional, quanto para lidar com um processo mais precário, contínuo, fluido, aberto, um modo nunca acabado de fazer existirem realidades (Arendt, Moraes, p.315). Alinhados a esse segundo modo de pensar a teoria ator-rede, o trabalho de John Law e Annemarie Mol também é relevante de ser comentado aqui pela ênfase que eles dão à multiplicação das realidades. Mol (2002) utilizou a

abordagem, por exemplo, para investigar o que é a aterosclerose. Esse questionamento a levou em diferentes respostas, pois toda vez que a paciente que Mol acompanhou ia em uma consulta médica ou em um exame, sua doença revelava um jeito de agir diferente, por vezes até conflitante entre os diferentes critérios e instrumentos de diagnóstico (Mol, 2002; Law, 2004, pp.45-68). Para Mol e Law, essa diferença não indica que é possível ver um objeto em diferentes perspectivas, e sim que cada forma de exame produz um objeto diferente, e é por isso que a realidade é múltipla (Law, 2004, p.55). Isso traz uma questão muito importante para a abordagem da teoria ator-rede e para o uso de diferentes métodos: os pesquisadores também criam as realidades que investigam como política ontológica. Isso implica em uma “possibilidade de intervenção, de interferir na composição de mundos, fazendo proliferar versões onde se contem mais e mais atores, onde nem sempre o que se estabiliza é o que interessa” (Arendt, Moraes, p.316).

Ao compreender que as controvérsias são excelentes maneiras de registrar as relações que permitem a existência de algo, e que diferentes registros afetam a forma como um ator-rede se apresenta, podemos então abordar em mais detalhes como a teoria ator-rede pode embasar uma metodologia. Uma ferramenta útil para desenvolver uma pesquisa a partir da teoria ator-rede é o que Latour chama em seu livro *Cogitamus* (2015) de “diário de bordo”. Latour (2015, pp.10-16; p.71-101) sugere de maneira bem simples alimentar um diário com todos os documentos e mídias sobre determinado assunto, atentando-se a enunciados e controvérsias, seguir tentando traçar relações entre esses documentos e então elaborar comentários. Venturini sintetiza essa abordagem de coletar controvérsias como “apenas observe” e se aprofunda nela indicando que esse “apenas” significa três coisas (2010, p. 259): “apenas” não exige um método ou teoria específicos, pelo contrário, exige a utilização de todos os recursos possíveis para registro e observação; “apenas” significa que os pesquisadores não podem fingir serem imparciais por se filiarem a um método específico, logo é necessário buscar o máximo de pontos de vista diferentes; e, por fim, os atores das controvérsias podem saber mais do que o pesquisador sobre um assunto, então é necessário escutar as demandas dos atores mais do que suas próprias pressuposições.

Acreditamos que essa postura descreve bem o tipo de metodologia necessária ao se utilizar a teoria ator-rede, por mais abrangente que pareça. Mapear as controvérsias também é um jeito de fazer os atores implicados “falarem” sobre suas posições e demandas. Escutar os atores, incluindo os não-humanos, utilizar sua própria linguagem, é fundamental para a teoria ator-rede. Desse modo, esta pesquisa explorou controvérsias como a da imposição das câmeras corporais aos agentes de segurança pública (ver item 4.3) e a da mudança da cor da

farda de preta para camuflada (ver item 4.1) para observar como questões e demandas afetam os atores implicados na rede do Bope. Tanto os acontecimentos que recebem grande publicidade quanto os mais banais podem nos dizer sobre a existência desse grupo. Assim, a ANT, como o nome sugere, é uma teoria para se pensar a vida coletiva de maneira que, tal qual uma colônia de formigas, seguimos todo o trajeto de complexas relações construídas por vários atores, utilizando métodos diversos para compor uma rede e qualificar essas relações. Trata-se de identificar cada componente da rede, seus pontos de tensão e suas condições de existência. Esse cuidado com seguir a trilha de cada ator, prestar atenção nas etapas e nos processos pode ser muito interessante para o design.

O pensamento latouriano pode ser utilizado para se pensar o design, como o próprio filósofo experimenta em seu texto *Um Prometeu Cauteloso?* (2023). Ele abre esse texto criticando a visão tradicional do design modernista como dualista, baseado na dicotomia entre função e estética, como se valores simbólicos fossem separáveis da materialidade (Latour, 2023, p.54). Tal crítica se relaciona diretamente com o que os pensadores do design ontológico buscam alertar sobre a tradição do campo do design. Como contraproposta, ele valoriza como os designers estão sempre buscando reelaborar as coisas. Desse modo, transformam objetos em coisas, ou “questões de interesse”, ou seja, os enxergam como mediadores complexos, prestando atenção aos detalhes e aos processos. O designer, colocado desta maneira, também encara a existência das coisas como magmáticas, sempre passíveis de transformação. Como Latour coloca: “No design, não existe a ideia de fundação. Para mim, dizer que se planeja elaborar algo através do design não leva ao mesmo risco de parecer arrogante que dizer que vai construir algo” (2023, p. 57). Latour (2005, p. 80) também considera que os estúdios de design, ateliês e laboratórios são espaços ideais para “fazer falar” os seres não-humanos. São os espaços onde eles são questionados, onde se traça cada processo para a existência de determinado artefato, onde eles se mostram complexos. Albena Yaneva, em seu livro *Latour for Architects* (2022, p. 69, tradução nossa), defende que utilizar a teoria ator-rede para estudar projetos é “engajar na prática da construção de mundo, isto é, traçar uma rede ao invés de engajar em explicações sociais e comparar causa e efeito(s)”. Dar atenção aos seres não-humanos, no entanto, não significa dizer que eles possuem mais agência que os humanos. Como Yaneva descreve:

[...] seria errôneo assumir que objetos determinam a ação; eles simplesmente permitem, sustentam, encorajam, autorizam, sugestionam, influenciam, bloqueiam, tornam possível, proibem e assim por diante. Em outras palavras, existem muitas nuances metafísicas entre causalidade e pura inexistência. A ANT não é a afirmação vazia de que objetos fazem coisas “ao invés” dos humanos. Ela nos convida a

explorar a fundo a questão de quem e do quê participa na ação sem privilegiar humanos ou não humanos de antemão (Yaneva, 2022, p.67, tradução nossa).

Pensar no Bope como projeto significa dar ênfase à sua existência como algo processual e fluido, sem recorrer a “causas” e “efeitos” que simplificam sua existência. Pensá-lo como projeto, e fazer os seres não-humanos falarem, é dar ênfase à complexidade de sua existência. É tratá-lo como passível de reelaboração, magmático. É rastrear que outras coisas o sustentam do jeito que é, do jeito que atua.

A seguir, trouxemos duas pesquisas que utilizam o pensamento de Bruno Latour para demonstrar de que forma é possível desenvolver um método empírico baseado nele. São exemplos escolhidos por estudarem temas semelhantes ao proposto aqui. O primeiro se trata de uma pesquisa utilizando a ANT para mapear uma controvérsia política no Rio de Janeiro. O segundo é uma revisão da história da Guerra do Paraguai dando enfoque a um ser não-humano, o balão.

Flávia Soares (2022) desenvolveu tal pesquisa em design utilizando a ANT. O ponto de partida é uma controvérsia envolvendo dois restaurantes distintos que ocupam a mesma rua na Lapa. Ambos estavam presentes na manifestação ocorrida em 2019 conhecida como “Banqueteo pela volta do CONSEA”, que reivindicava entre várias coisas o apoio à agricultura familiar. Ao investigar ambos os estabelecimentos em diversas visitas e recortes de reportagens, foram apontadas coisas que fazem parte do léxico profissional do designer. Móveis, arquiteturas, quadros, logotipos, discursos e fluxogramas emergiram como seres envolvidos na construção dos discursos e realidades projetadas de ambas as partes. Enquanto o restaurante “Terra Crioula” do Movimento Sem-Terra evoca uma rede formada pelo campesinato, pela agricultura orgânica e familiar, o outro “Refettorio Gastromotiva” evoca uma rede formada por filantropia, cristianismo e contradições com a pauta defendida na manifestação do Banqueteo. Uma dessas contradições era sua relação com uma empresa do agronegócio supostamente responsável pela expulsão de famílias camponesas no cerrado (Soares, 2022, pp.99-102). Nessa pesquisa, fica evidente como o design, na forma de escolhas de composição e comunicação, que às vezes parecem triviais, está associado com uma série de valores que nem sempre são consistentes entre si. Utilizar a ANT para uma análise de design implica no seguinte trabalho:

Para um pensamento baseado na teoria ator-rede, uma das principais tarefas do pesquisador em design seria a de tornar explícita a rede que atua no processo de conformação de um objeto qualquer. Ou seja, em conformidade com certas tendências da área, o foco se desloca do resultado de um projeto para o processo projetual; com a diferença de que o processo em questão não é pensado a partir de

supostas escolhas autônomas remetidas ao entendimento de um sujeito que projeta, nem a partir daquilo que seria sua contraparte material — uma série mecânica de causas e efeitos despida de qualquer agência. Quando rompemos com essa ontologia dualista, o processo projetual passa a ser pensado a partir da ideia de rede, que não figura como uma fixidez por trás do processo, mas que coloca o movimento em primeiro plano, estabelecendo-se nele como um sistema precário, mas ativo, de conexões cambiantes (Portugal, Soares, 2020, p.131).

Outra pesquisa que utiliza o pensamento latouriano para investigar controvérsias, com enfoque em um cenário de guerra, é o texto *Os Balões vão à guerra* (2022), de André Reyes Novaes. Este trabalho mostra como os balões desempenham um papel importante na guerra do Paraguai. Novaes defende que, ao privilegiar o estudo de instrumentos militares e inscrições ao invés das narrativas dos grandes heróis, nações e impérios, como é feito nas historiografias canônicas de tal conflito, é possível deflacionar esquemas dicotômicos presentes nessas narrativas, gerando relatos mais parcimoniosos (2022, p.55). Para reconstruir a guerra do Paraguai vista da perspectiva dos balões, o autor se utiliza de recortes de matérias da época, litogravuras e do cruzamento de diferentes historiografias. Com isso, retrata a complexidade e a agência desse instrumento na formação da própria percepção de tal conflito, já que o balão possibilita novas representações visuais. No entanto, isso não significa limitar o estudo da guerra somente a seus artefatos técnicos, mas considerar como os discursos e práticas de poder também são possibilitados por esses instrumentos.

Como os trabalhos apresentados acima, acreditamos que ao compreender o Bope como um ator-rede, será possível identificar as relações parcialmente estáveis e as controvérsias que compõem sua ação. Assim, o investigaremos tal qual um projeto, com suas complexidades e dificuldades de estabilização, sem o tratar como uma instituição sólida. Esperamos, assim, que seja possível observar e qualificar sua ação em relação com outros atores e a guerra urbana. Nos capítulos a seguir, serão apresentados principalmente documentos, notícias, imagens e entrevistas. Também utilizaremos outras ferramentas teóricas que possam nos ajudar com a observação de mídias e atores mais complexos. Esses registros e análises são formas de fazer os atores falarem sobre si mesmos, e como já mencionamos, a voz dos atores é o que mais importa. Faremos assim, uma série de mapeamentos das relações dos atores não-humanos do Bope.

2. TROPA AVISTADA: PRIMEIROS PONTOS DE CONEXÃO

Para começar a identificar os possíveis elementos que fazem o Bope ser o Bope, é necessário primeiro localizar como “eu” faço parte dele. Essa é a natureza dos atores-rede: não existe dentro ou fora, apenas junto. Então de certo modo, nós agimos junto ao Bope, mesmo que de forma não planejada ou inconsciente. Tatear esses elementos que configuram o Bope significa primeiro encontrar os pontos de conexão que me permitem compreender que essa coisa existe e assume uma forma legível para mim. Também significa encontrar os pontos em que eu percebo que minha ação participa da ação do Bope.

Como muitas instituições públicas, o Bope tem poucos pontos de conexão que me permitem participar de sua sua ação. A Uerj, por exemplo, escolhe seus alunos da pós-graduação através de um processo seletivo anual, que empreende critérios, múltiplas etapas, fiscais de prova e avaliadores. Somente me associando a esses diversos atores eu posso ganhar “passe livre” para utilizar a sua estrutura para pesquisar. E mesmo assim, tenho minhas obrigações como discente e preciso o tempo todo reforçar meu vínculo com essa instituição. O Governo Estadual, como outro exemplo, tem seu gestor máximo escolhido através de uma votação auditável. Em época de eleição, somos bombardeados com propaganda partidária, debates televisionados e somos ameaçados a perder algumas oportunidades se não votarmos. Somos compelidos a participar da ação do governo de forma quase inescusável. E então, deixamos de ser consultados sobre as decisões do governo, transferindo a agência “do povo” à “representantes políticos”. Assim, instituições como a Uerj e o Governo Estadual projetam recursos, artefatos e sistemas para condicionar o tipo de relação que eu posso tecer com elas. Eu posso me relacionar com o Bope através de pesquisas da Uerj, por exemplo, lendo o que já foi escrito sobre ele. Eu também posso me relacionar com o Bope votando em um governador que irá aprovar ou vetar políticas de segurança pública que envolvem a PMERJ.

Esses são meus vínculos com o Bope, e eles existem mediados por trâmites e sistemas. Poderia ser diferente, como é para muitos agentes que se conectam com o Bope de outras maneiras. Ao invés de trabalhar com a Uerj, eu poderia trabalhar com o Bope e ter outros pontos de conexão, como minhas responsabilidades, meus treinamentos, minhas relações com colegas, etc. Meus pais poderiam ter me colocado em um colégio militar, e eu poderia ter escolhido como carreira ser policial, e eventualmente entrar para a PMERJ. Não é o caso, a não ser que eu faça uma prova para a polícia e esteja apta a passar. Eu já participo da ação do

Bope quando escolho entre um político ou outro para tomar decisões sobre sua ação. Eu já participo talvez sendo subjetivada de um modo, ocupando um lugar que poderia ser lido como “pessoa a ser protegida” ou “pessoa a ser eliminada”, identidades que até podem coexistir. E eu poderia fazer parte dessa ação sem nunca sequer considerar a existência do Bope. Sendo assim, como eu poderia expandir o tipo de relação que tenho com o Bope para pesquisá-lo?

Minha existência antes da pesquisa centrada no Bope me posiciona em algum lugar em meio ao ator-rede. Talvez seja o meu relacionamento com a cidade, com as ruas, com os vizinhos e amigos. Eu sempre morei no asfalto de diferentes bairros da Zona Norte e do Centro. Em minha vida, já me escondi de tiroteio, já escutei de vizinhos novos que o lugar em que estava me mudando “tinha melhorado com a pacificação” e já vi viaturas subindo os morros perto de casa. Já vi minha antiga casa furada de balas quando já não morava mais lá e já vi o policial do bairro virando miliciano. Já vi o Caveirão bloqueando o caminho do meu ônibus e já vi um adolescente do morro vizinho morrer de bala perdida no peito após operação da polícia. Conheci diferentes usuários de drogas, inclusive alguns que teceram relações destrutivas com ela. Eu não acho que estou perto de ser das pessoas mais impactadas por essa rede de relações que envolvem a guerra urbana e o Bope. Como a intensidade de meu envolvimento poderia se comparar à das famílias que perdem seus filhos na guerra ou a dos soldados do Bope que dedicam sua vida a essa mesma guerra? Ainda assim, a maneira em que eu vivo na cidade é mediada de certo modo pelos confrontos que compõem isso que caracterizamos acima como uma "guerra urbana".

Ao mesmo tempo em que esses pequenos eventos acontecem na minha vida, eu vejo o tempo todo matérias sobre a ação da PMERJ e do Bope. Na televisão, na internet, nas conversas, no papel. Imagens e discursos que participam das ações coletivas que fazem a guerra urbana. Eu lembro do dia em foi lançado o filme *Tropa de Elite* (2007). Meus amigos assistiram, mas eu fiquei em casa porque, de acordo com meus pais, era uma criança. Eu lembro da operação de pacificação do Complexo do Alemão sendo televisionada, mais ou menos na mesma época. Eu lembro quando entrei no banheiro do meu curso de graduação e um pequeno poster impresso me perguntava “Onde está Amarildo”? Então eu me lembro de Marielle, e quando eu assisti a notícia de sua morte em 2018. Eu chorei porque havia votado nela. Porque tudo aconteceu em uma rua que eu passava todo dia de ônibus no trajeto para casa. Em meio a vários acontecimentos, aquilo de alguma forma deixava minha existência um pouco menos segura, em parte por me entender como mulher LGBT, como Marielle. E então, um ano depois eu entrei em um banheiro de uma faculdade em outro estado e li um stencil “Quem mandou matar Marielle”? Essa era uma experiência tão pervasiva que nem fora da

cidade eu escapava dela. De repente, me vejo localizada em uma rede. Subjetivada por um instante, em uma identidade, uma *persona*, que se aciona somente quando esses eventos ocorrem: não como “bandido”, não como “morador de comunidade”, não como “policial”, não como “cidadão de bem” nem “marginalizada”; talvez algo como “cidadão do asfalto universitário inseguro em meio à guerra”.

Como já abordamos no capítulo anterior: se aqui compreendemos a ação como projetada coletivamente, seu uso também é coletivizado. São as nossas conexões, sempre cambiantes, que irão nos permitir o uso de determinada maneira e nos diferenciar. Logo, o “usuário de droga” só é evidenciado em circunstâncias específicas, como quando este usa drogas consideradas ilícitas, ou quando seu uso afeta suas relações familiares, ou ainda se seu uso ameaça sua relação com o Estado. Mas todos usam drogas, fármacos, substâncias que alteram o estado físico e psicológico do usuário. O Bope não é diferente. Todos usam o Bope, mesmo aquele que por vezes se torna “bandido”. Mas seu uso pode não ser o mesmo, por exemplo, daquele que encarna a *persona* do “cidadão de bem”, que exige e comemora a ação do Bope, especificamente a ação que executa o “bandido”. Porque o bandido também pode se beneficiar da polícia, como veremos mais adiante. Isso tudo me faz usuária do Bope de uma maneira particular em que “cidadãos inseguros universitários” experimentam, e assim também sou agente na rede da guerra urbana. Mesmo que eu não concorde com a ação que o Bope decide tomar, só por estar no asfalto, já reforço um outro “não-morador-do-asfalto”. O bandido, o policial e o morador de comunidade são tão usuários quanto eu, mas seus usos serão diferentes um do outro no momento em que assumirem uma posição específica na rede.

O uso que fazemos do Bope e a posição específica que às vezes assumimos em meio à rede pode permitir ou não determinadas conexões com ele, que por sua vez, revelam o ator-rede a nós de certo “ângulo”. Muitas vezes, só é possível tomar consciência da ação de um ator-rede que se denomina como “Bope” através de falas, relatos, filmes, reportagens, documentários, *posts* em redes sociais e *podcasts*. Essas mídias agem transformando a ação de tal grupo em uma imagem reconhecível, identificável e, com a redação que acompanha essas imagens, algo adjetivável. As mídias, as imagens e os adjetivos também agem, afetando a “opinião popular”. Para muitos, talvez esses sejam os únicos pontos de conexão com o Bope, além é claro, do voto obrigatório em representantes políticos que irão tomar decisões sobre a segurança pública do Estado.

Ao fazer o esforço de encontrar os primeiros pontos de conexão que podem nos ajudar a entender a ação do Bope, percebemos quais atores estão interessados em falar sobre ela. Junto às mídias enumeradas acima, existem também esses atores que falam com uma espécie

de propriedade sobre o assunto. Eles direcionam as discussões, apresentam o Bope como um grupo sólido e traçam os contornos do que é esse ator-rede. Quando perguntamos: “O que é o Bope”, eles são os mais empenhados em responder um texto pronto. Esses atores são o que chamaremos aqui de “representantes”. Ao contrário do que eles pretendem fazer, que é construir uma “verdade” sobre o Bope, suas falas se tornam novos atores que também alteram a ação dele, entrando no jogo de conexões e contradições. O presente trabalho, é claro, também é uma representação que tece determinada narrativa sobre o Bope, o que é inevitável. No entanto, a forma de representação aqui se diferencia pela tentativa de fazer emergir pontos de discussão que politizam a rede, ao invés de esconder todos os agenciamentos em uma “verdade” embrulhada em um papel preto estampado com caveiras. Como Flávia Soares coloca ao falar sobre gráficos de redes alimentares, a representação para a teoria ator-rede pode ser compreendida da seguinte maneira:

Uma representação é uma entidade que *está por* ou *é por* outra entidade, isto é, uma coisa que está por outra coisa. Quando há representação, há uma coisa, o *representante*, que está por outra coisa, o *representado* (*stands for*, nas palavras do linguista estadunidense Charles Sanders Peirce). O que se procura nesta pesquisa é entender essa representação semiótica como entendemos uma representação política: um “parlamento de coisas”, no qual a “triagem meticulosa dos *quasi*-objetos torna-se possível, não mais de forma oficiosa e na surdina, mas sim oficialmente e publicamente.” (LATOURET, p.179, 2019) A representação, neste caso, deverá tornar visível todo o novelo de argumentações, motivos e disputas que estão em jogo na rede em questão. [...]

A representação visual da cadeia produtiva alimentar em encadeamentos circulares ou lineares não faz jus à densa e instável rede de relações que a mantém conectada e suficientemente estabilizada para circular nossa comida. A representação, neste caso, é a forma final, estabilizada a custo de muitas disputas em torno do objeto representado. A representação pressupõe que conhecer a realidade é igual a reconhecer e representar essa realidade, que existe objetivamente, independente do sujeito que busca conhecê-la. A perspectiva adotada nesta tese é outra: assumimos que os dois pólos da relação de conhecimento da realidade - sujeito e objeto - são efeitos, e não condição da atividade cognitiva. Conhecer a realidade é, então, produzir a realidade: o ato de conhecer e a realidade criada estão mutuamente implicados. (Soares, 2022, p.28).

Compreender que as representações também agem pelo Bope é um ponto muito importante para esse capítulo. Por serem a única forma em que muitos se conectam com o Bope, elas agem justamente na percepção desse grupo como algo estruturado e inquestionável. No entanto, ao olhar com cuidado para esses atores, encontramos as primeiras controvérsias que desafiam essa suposta estabilidade. Ao investigar os primeiros pontos de conexão, colocamos em questão de que forma tais representações estão conformando a ação do grupo, e qual parte da ação elas deixam de representar. Desse modo, o primeiro desafio desta pesquisa foi encontrar variados pontos de conexão com o Bope. Uma tarefa que se

mostrou um tanto difícil no primeiro momento, diante de várias recusas e perdas de contato. Como pesquisadores, tivemos a oportunidade de empreender um tempo nos conectando ao Bope através de materiais diversos como reportagens, artigos científicos, imagens etc. Além disso, também foi possível conversar com o Major Leonardo Novo, um caveira que nos ajudou a nos conectar com outros atores. Tudo isso nos permitiu elencar uma parcela considerável dos atores apresentados nesta pesquisa. Os itens deste capítulo foram então organizados com base nos tipos de representação identificados.

No item 2.1, iremos abordar o filme *Tropa de Elite* (2007), que deu rosto aos caveiras, representados pelo protagonista Capitão Nascimento. Nele, é explorado a construção desse personagem e sua agência, a interpretação crítica de seu significado como algo controverso, os furos de roteiro, a participação dos caveiras na criação do filme, e como adjetivos como “real” e “verdadeiro” costuram uma determinada narrativa sobre o Bope. No item 2.2, é descrito a conversa com o Major Novo e os atores que surgiram nela, como indicações de livros, nomes de caveiras com quem poderíamos conversar, artigos científicos que descrevem as atividades dos caveiras, e *podcasts* onde os caveiras se sentem confortáveis para falarem sobre si. No item 2.3, com base na conversa com o Major, é observado a postura dos atores que falam pelo Bope como representantes dele. Foi dado destaque principalmente aos caveiras que ganharam notoriedade pela participação no *Tropa de Elite* (2007), que são atores vocais interessados em reforçar certas ideias sobre a ação e a estrutura do Bope. Também mostramos a forma como os caveiras enxergam seus *cases* mais conhecidos. Por fim, no item 2.4, são apresentados os atores que se relacionam com o Bope pela diferenciação, exclusão e pelos pontos de tensão. São eles: jornalistas considerados “oportunistas do caos”, os “simpatizantes de bandido”, as denúncias sobre o grupo, e ex-caveiras que cometeram crimes.

2.1 *Tropa de Elite*: a ficção verdadeira de uma guerra real

Começamos pelo filme *Tropa de Elite*, lançado em 2007 atualmente disponível em plataformas de *streaming*. Trata-se de uma representação muito curiosa, pois ao mesmo tempo que solidificou uma imagem do Bope, também gerou inúmeras discussões sobre sua ação. Protagonizado pelo personagem Capitão Nascimento, incorporado no ator Wagner Moura, o filme é um encadeamento de momentos inspirados pelas vidas e relatos de vários *caveiras*.

Apesar de só ter assistido adulta, a repercussão do filme foi uma das coisas que me apresentaram a existência do Bope. Talvez esse seja o primeiro ponto de conexão para muitos, inclusive para os novos integrantes. Sucesso de bilheteria, aclamado pela crítica e lenha para discussões acaloradas. O filme sem dúvidas participa da composição do Bope, tal como ele existe hoje. Mas como ele atua? Ao lembrar dele, a primeira coisa que grita em minha cabeça é o som de guitarras elétricas distorcidas e a conhecida voz de Eglypcio, vocalista da banda Tihuana, entoando o aviso: “Tropa de elite, osso duro de roer. Pega um, pega geral, e também vai pegar você” (Tropa [...], 2000).

O filme tem vários elementos visuais e sonoros que, como a música acima, os construíram de um jeito memorável. Como exemplo, podemos citar a técnica da câmera na mão para simular a tensão das cenas mais conturbadas. E também o filtro esverdeado, muito em voga na época depois do filme *Matrix*, que esfria a cena e faz emergir um clima distópico, sujo e metálico. Pelo momento em que *Tropa de Elite* (2007) foi lançado, ele se conecta esteticamente e tematicamente a uma rede de outros filmes que são recorrentemente associados a ele, como *Cidade de Deus* (2002), *Carandiru* (2003) e *Ônibus 174* (2002). Seu lançamento foi um sucesso mesmo antes de estrear nos cinemas, com cópias piratas sendo distribuídas por toda a cidade.

O roteiro é envolvente, desenrolando a vida de policiais de diferentes níveis de envolvimento com a tropa e suas relações com familiares e colegas de trabalho. Ele abre com uma epígrafe de Stanley Milgram (1983): “A psicologia social desse século [XX] nos ensinou uma importante lição: usualmente não é o caráter de uma pessoa que determina como ela age, mas sim a situação na qual ela se encontra”. A epígrafe é colocada quase como uma chave de interpretação do filme. Tal chave age nos levando a uma compreensão específica sobre os personagens atuantes: eles só agem da maneira que agem em decorrência da “situação” em que se encontram. Como já discutimos no capítulo anterior, a ideia de que um “social”, “contexto” ou “situação” explicam a ação de um indivíduo não é suficiente para dar conta dos elementos que configuram essa ação. No entanto, aqui nós podemos observar como essa noção de “situação que determina como uma pessoa age” é também um ator que age no filme encaminhando nosso olhar. No item 2.4, veremos esse mesmo ator emergir de uma forma diferente: como um pensamento que deveria ser visto como hediondo por aqueles que dizem combater o crime.

A história do filme remonta à operação feita pelo Bope em 1997 para pacificar o Morro do Turano para uma visita do Papa João Paulo II. Em seguida, apresenta Matias e Neto, dois *caveiras* em processo de formação, lentamente se integrando ao grupo e aos

desafios do trabalho. É esperado que um deles substitua o Capitão no comando da tropa, pois este irá se aposentar para ser pai. Ao desenrolar da trama, escutamos todas as frases de efeito que nos acostumamos a repetir: “Pede pra sair!”, “Você não é caveira, você é moleque!”, “Bota na conta do Papa”; “O sistema é foda”; “Caveira é caveira, resto é resto”, etc. Impossível não se chocar com a cena de tortura com saco plástico, ou esquecer outras cenas como o discurso de Matias na sala de aula, o Neto fazendo a tatuagem com o brasão do Bope pouco antes de morrer, a discussão entre Nascimento e sua mulher, o tráfico carbonizando pessoas em pneus, entre outras cenas brutais.

O personagem principal é o Capitão Nascimento. Vemos ao longo do filme seus conflitos como alguém que atua com o Bope. Sua dificuldade em lidar com a tensão do trabalho, levando-o a depender de medicamentos. Vemos seu filho prestes a nascer e o fardo que é comandar uma tropa em uma guerra. Acompanhamos seu trabalho de conversão e instrução dos novos integrantes. Em meio a tudo isso, enxergamos sua crença de que os policiais do Bope são incorruptíveis, diferentemente dos policiais convencionais. Isso é construído ao longo do filme na forma como os caveiras passam por condições tão extremas para passarem no COEsp que, supostamente, nenhum policial corrupto é capaz de aguentar. A corrupção policial e a formação das milícias retorna como tema principal no filme *Tropa de Elite 2: O Inimigo agora é outro* (2010). Como veremos no item 2.2 e 2.3, a ideia de que no Bope só trabalham “voluntários” emerge como uma mentalidade que age no grupo. Mas no item 2.4, outros atores fazem emergir a incongruência dessa afirmação.

Apesar da narrativa linear e envolvente, a história também apresenta certas incongruências ou pontos mal explicados. Um exemplo é o treinamento dos aspirantes para entrarem no lugar do Capitão Nascimento. Não é explicado como recém-formados entrariam no lugar de um dos principais caveiras no comando, em vez de começarem de baixo. No segundo filme, Nascimento já estava afastado do Bope por conta de uma operação que deu errado, enquanto Matias foi promovido a Capitão. Essa substituição não é imediata, como parece narrado no primeiro filme, já que o primeiro filme se passa em 1997 e o segundo em 2010. Outro exemplo é a preocupação Matias de não ser descoberto como policial na faculdade de Direito. Em uma cena, enquanto o personagem se desloca entre a sala de aula e o batalhão, Capitão Nascimento narra como ele não poderia transitar entre os dois mundos. No entanto, tal incompatibilidade não parece fazer sentido, se considerarmos como opera o sistema hierárquico da própria polícia: é esperado que os oficiais se especializem através de cursos internos e externos para melhorar sua atuação e subir de patente. Para se tornar um delegado na Polícia Civil, por exemplo, é mandatório que este seja formado em Direito.

Como veremos adiante, alguns caveiras possuem até mesmo o título de doutor. Por fim, a violência e as cenas de tortura às vezes ocorrem sem uma justificativa muito crível, como é o caso da tortura que Capitão Nascimento faz com um rapaz para descobrir onde estava o corpo do fogueteiro que os traficantes mataram em consequência de uma operação. O rapaz disse que não sabia onde estava e mesmo assim foi morto. É óbvio que esse tipo de morte sem sentido não é exclusividade do filme, e que “matar por matar” talvez seja a realidade de alguns casos de homicídio. No filme *Cidade de Deus* (2002), por exemplo, as mortes ocorrem das formas mais banais em um ciclo de violência e vingança que não se encerra. Seja como for, isso tira a credibilidade do Capitão Nascimento como herói moralmente correto.

Esses pontos problemáticos na narrativa faz emergir uma questão: será que o filme tem esses furos justamente para pontuar de forma sutil uma crítica à ação da polícia? Se o filme é uma crítica, porque os caveiras gostam dele? Pois os caveiras recorrem às imagens do filme, às frases e falas quando postam em suas redes, por exemplo, o que iremos ver mais à frente. Afinal, a música da banda Tihuana não soa como uma denúncia, e sim, como uma celebração do grupo, *upbeat* e *heavy metal* ao mesmo tempo. Encontramos, assim, uma controvérsia muito relevante para a existência dessa obra: o filme que retrata sua ação pode ser interpretado de inúmeras formas, o que é esperado de um filme complexo. O que faz *Tropa de Elite*, então, falar pelo Bope? É curioso que, mesmo com uma epígrafe da psicologia social que sugere uma interpretação do filme, tal interpretação seja tão multifacetada. Ou talvez não seja surpresa, já que o sentido do filme só emerge na forma como o público se relaciona com ele. Que tipos de relações o filme tece com o público?

Uma forma de rastrear essas diferentes relações com o público é observando os comentários noticiados sobre o filme. A reportagem feita logo após o lançamento pelo jornal *The New York Times* (Barrionuevo, 2007) faz o esforço de explicar o cenário da guerra carioca para os americanos e como diferentes pessoas viram o filme. Isso significa fazer emergir uma complexa trama de opiniões, lugares e atores que são subjetivados/solidificados no momento em que opinam sobre o filme nessa notícia. Em uma comparação que parecia a presença violenta da polícia nos filmes com a sua presença na rua, a reportagem elenca diferentes atores e agências sobre o filme. Apresenta primeiro Antônia de Souza, vítima de uma bala perdida que supostamente teria partido de policiais. Ela vê o filme como “perto demais de sua casa” (Barrionuevo, 2007). Enquanto isso, Aletea de Souza, moradora do Leblon, opina que o Capitão Nascimento “traz segurança” para as classes mais abastadas, mesmo que ele não seja um herói moralmente correto (Barrionuevo, 2007). Mas para o Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social, o “filme é perigoso”, porque crianças reproduzem as cenas de

tortura nas brincadeiras e o Bope não é e não deveria ser visto como aceitável (Barrionuevo, 2007). Mas o filme *Tropa de Elite* (2007) também é visto como perigoso pelos próprios policiais, que tentaram intervir diretamente na sua reprodução nos cinemas (Barrionuevo, 2007). O filme assume uma postura de “retrato da realidade” ao se valer de cenas construídas como “cruas”, pensadas e montadas quase de forma documental. A violência elencada pela reportagem como atuante no filme é um agente indesejável, que se move assombrando as experiências coletivas, ameaçando o “retorno do real” na vida de Antônia, ameaçando os bens de Aletea, que acredita que só poderá ser protegida com violência, ameaçando o futuro das crianças da Vila Cruzeiro que brincam de policial e traficante, e ameaçando a polícia de ser vista como violenta, torturadora e homicida. O diretor defende sua obra pois, para ele, ela deveria servir como denúncia (Barrionuevo, 2007). Para um filme de ação *blockbuster*, age causando medo.

Mas a “crítica social” e o “retrato da realidade” não são as únicas formas de se relacionar com o filme. As crianças que viram o filme na época do lançamento e cresceram com o sucesso dele, repercutindo e inspirando novas obras, se tornaram jovens adolescentes e adultos capazes de escolher assistir *Tropa de Elite* (2007) no *streaming*. Não só isso, elas puderam ver seus jogos de tiro cada vez mais próximos de suas vidas, uma vez que diversos jogos se inspiraram na “realidade brasileira” retratada por filmes como *Tropa de Elite* (2007). É o caso *Max Payne 3* completamente ambientado em São Paulo e dos jogos *Call of Duty: Urban Warfare* e *Rainbow Six Siege*, que receberam itens inspirados na guerra carioca como mapas, armas e agentes jogáveis como opção de entretenimento. A notícia a seguir do blog *Techtudo* fala como é a expansão adicionada ao *Rainbow Six Siege* em 2016, 9 anos após o lançamento do filme:

Expansão de Rainbow Six Siege tem Rio e agentes do BOPE como destaques

Rainbow Six Siege ganhará uma expansão com mapa no Rio de Janeiro e dois agentes do BOPE, o Batalhão de Operações Policiais Especiais, famoso pelo filme "Tropa de Elite". Chamado de "Skull Rain", o DLC é gratuito e será lançado em 2 de agosto.

O mapa "Favela" será o mais destrutível e aberto de todos os já lançados para Rainbow Six Siege até agora. O objetivo dos agentes do BOPE é restabelecer o controle da região e garantir que as leis do governo sejam aplicadas (Expansão [...], 2016).

Veja, não é por acaso que os jogos se conectam com o filme. Poderiam ser uma referência direta aos confrontos cariocas, sem passar pelo relacionamento com o filme. Afinal, como é mostrado na instalação audiovisual *Serious Games I-IV*, de Harun Farocki (2009-2010), jogos de tiros e simuladores utilizados para treinar militares não estão tão distantes. Nesse documentário, composto por cinco episódios, é retratado como a tecnologia

dos jogos é incorporada no treinamento militar e nos tratamentos de transtorno pós-traumático para militares. Mas ao contrário do trabalho de Farocki, o jogo mencionado acima não tem a mesma função de treinamento e oferece ao *gamer* a fantasia de ser do Bope como entretenimento. A reportagem acima explicita que “O Bope é famoso pelo filme *Tropa de Elite*”, e como quase todo filme de ação, é uma forma de entretenimento. Então o que faz do Bope o Bope? O filme *Tropa de Elite* (2007) certamente é uma das coisas que faz o Bope *famoso*. Pois, talvez sem o filme, e sem todas as coisas que fazem o filme ser o que ele é, o Bope seria um batalhão da polícia militar como outro qualquer para o conhecimento nacional e internacional. A fama, a visibilidade, transforma agentes interessados na “guerra particular” do Bope, mesmo que somente para jogar jogos competitivos com os amigos em um cenário altamente “destrutível e aberto”. Aliás, como dar conta da diferença entre aqueles que escolhem jogar um jogo por entretenimento e aqueles que escolhem seguir a carreira de caveira? Essa discussão sobre identidade, ficção e entretenimento será retornada em mais detalhes no item 4.1. Por enquanto, vale compreender que a ação do filme permitiu que novos atores aparecessem, sendo conformados a reproduzir características em comum.

Retornando à reportagem do *New York Times* (Barrionuevo, 2007), destaquemos a expressão “guerra particular”, que emergiu quando Rodrigo Pimentel explica a guerra no Rio de Janeiro e sua visão do filme. Mr. Pimentel, como é chamado na notícia, é ex-comandante do Bope, um dos autores dos livros *Elite da Tropa* (Batista, Pimentel, Soares, 2006) e *Elite da Tropa 2* (Batista *et al*, 2010), e co-roteirista dos filmes *Ônibus 174* (2002) e da franquia *Tropa de Elite*. Ele afirma que o Capitão Nascimento é inspirado nele, assim como em outros caveiras. Além disso, também é Pós-graduado em Sociologia Urbana pela UERJ e foi por 6 anos comentarista e especialista em segurança na TV Globo. Atualmente, sua principal ocupação tem sido oferecer palestras para empresas, participar de *podcasts* e postar sua opinião e comentários sobre segurança pública no Youtube. Em seu site, onde exhibe esse currículo, ele menciona o documentário *Notícias de Uma Guerra Particular* (1999) como a fonte do termo usado. Como ele explica na página “Segurança Pública tem saída”:

No documentário “Notícias de uma Guerra Particular”, produzido pelo cineasta João Moreira Salles e pela produtora Kátia Lund, é possível entender o conceito de uma guerra particular. De um lado, polícia, do outro, traficante e no meio de tudo isso uma população que não se sente segura. Com medo de sair de casa.

Sobre isso, Rodrigo Pimentel revela que tinha o costume de conversar com o seu pai sobre os resultados diários da operação. Número de mortes, fuzis apreendidos e esse tipo de coisa.

No início, as notícias eram recebidas com o mínimo de atenção. Mas em um determinado dia, a resposta foi “Filho, não me conta mais essas histórias. O que

“você está fazendo não me interessa. Eu continuo sendo assaltado quando caminho pelas ruas” (Pimentel, 2020).

Tal documentário é uma coletânea de relatos das diferentes vidas envolvidas na guerra, que são costurados de forma a mostrar os contrastes. Ao comparar o momento em que foi lançado, e as ideias que circulam sua narrativa, podemos afirmar que esse documentário é uma espécie de predecessor do filme *Tropa de Elite* (2007). Assim como o documentário *Ônibus 174* (2002), também é um antecessor por contar com a colaboração entre José Padilha e Rodrigo Pimentel. Em *Notícias de Uma Guerra Particular* (1999), são apresentados as vidas dos traficantes, os motivos de suas escolhas pelo crime, sua relação com os moradores das comunidades, a apreensão e incineração das drogas, a rede de proteção que mulheres fazem por esses jovens para que eles não sejam mortos e torturados por policiais e crianças que saem da escola sem terminar a alfabetização e já aprendem a usar armas. Armas essas que são compradas de policiais por traficantes. O lado dos policiais preocupados em combater o crime é representado por um Rodrigo Pimentel jovem. Se apresenta para o espectador com a seguinte fala:

Nunca mudei de ideia sobre ser polícia. Às vezes eu coloco essa farda, eu tô me sentindo invencível, dá vontade de subir o morro. Às vezes eu chego aqui de manhã, me dá uma sensação de medo. Acabei que não subi uma vez, subi centenas de vezes. Talvez eu não teria essa oportunidade nas Forças Armadas (Notícias [...], 1999)

O entrevistador então o pergunta (Notícias [...], 1999): “Você gostaria de participar de uma guerra”? E ele responde: “Olha, eu estou participando de uma guerra. A diferença é que eu volto pra casa todo dia”. Em outro momento da entrevista, ele explica (Notícias [...], 1999): “O Rio de Janeiro não vive uma guerra civil. Vive uma guerra entre traficantes e traficantes, e entre traficantes e policiais”. E mais à frente, complementa (Notícias [...], 1999): “A polícia vive essa guerra particular. Onde você mata um traficante, ele fica com ódio e mata um policial, e o policial fica com ódio e mata o traficante”.

A farda faz o jovem Pimentel se sentir invencível, mas quando ele chega em casa, o pai assaltado nas ruas o faz questionar do quê adianta. As armas continuam agindo, mesmo apreendidas. Elas retornam ao lado inimigo através das mãos de colegas da corporação. Parece que a guerra urbana aqui é chamada de “guerra particular” como algo que não é uma guerra civil, porque é um ciclo vicioso, sem uma aparente reivindicação que une um grupo, e sim, traficantes isolados que lutam contra policiais isolados. Mas isso é curioso, já que sabemos que nada é isolado e toda ação ocorre em rede. O que fragmenta essa rede? E como ela se sustenta sendo fragmentada? A liga parece estar na própria contradição do desejo das

armas por guerra. Nota-se que a ideia do policial incorruptível que caracteriza o Capitão Nascimento aqui também faz parte do retrato do jovem Rodrigo Pimentel.

Essa circularidade da guerra, esse sentimento de falta de propósito que emerge, me faz lembrar especificamente da Batalha de Somme na Primeira Guerra Mundial. A guerra movida pela perspectiva de ser “uma guerra para acabar com todas as guerras”, foi marcada por essa batalha de trincheiras em que apenas no primeiro dia 20 mil soldados britânicos foram mortos, ultrapassando um milhão de mortos ao longo de seis meses (Interactive [...], s.d.). Um produto dessa batalha letal que pouco assegurou o território disputado pelos britânicos, é a música cantada nas trincheiras: “*We are here because we are here because we are here...*”¹⁰, onde os soldados afirmavam para si mesmos que seu propósito para estar lá era apenas estar lá. Nessa batalha, em setembro de 1916, um tanque de guerra foi usado pela primeira vez em combate (Interactive [...], s.d.). O avanço tecnológico aqui aparece como um ator que conforma em parte como a guerra continuou acontecendo, mesmo que o número de causalidades fosse tão nefasto.

Como o termo “guerra particular” faz do Bope o Bope? Como é dito no documentário pelos policiais (Notícias [...], 1999): “Foi a guerra que nos transformou em uma das melhores unidades de polícia do mundo. Somos melhores que os americanos [...], nossa guerra é real”. O termo utilizado por Pimentel sintetiza a visão que ele tem da guerra, e essa visão é o que faz dos filmes e documentários relatos *realistas* sobre uma guerra *real e particular*. Tal guerra, real e particular, torna o Bope uma das *melhores* unidades de polícia, e ao mesmo tempo, como aparece na manchete da notícia sobre o lançamento de *Tropa de Elite* (2007), uma polícia *violenta*. A guerra, mais uma vez, é conformada em parte pelo avanço tecnológico que mantém ela acontecendo, adicionando a agência do “progresso”. O desejo das armas é evoluir em seu potencial de destruição sob o pretexto de nunca precisarem ser utilizadas de tão danosas, e assim, “acabar com todas as guerras”.

Pimentel, então, ajuda o Bope ser o Bope pela forma múltipla e quase insistente em que se coloca como porta-voz do grupo. Pimentel medeia as narrativas que são tecidas sobre o grupo a partir de sua experiência como Capitão do Bope, como vimos com os filmes e documentários apresentados até agora. Ele diz, com orgulho, “Eu sou o Capitão Nascimento”. Mas ele não é o único que afirma isso. O filme *Tropa de Elite* (2007) tomou forma com muitos outros relatos e vivências para além da participação de Capitão Pimentel. O Capitão

¹⁰ Existem algumas documentações dessa música na época da Primeira Guerra Mundial. Como referência, indicamos neste trabalho um vídeo no Youtube de uma gravação feita em 1915 de um soldado britânico cantando ela (British [...], 2009). Também indicamos a performance feita em memorial à essa batalha, onde garotos marcham pelas ruas de Manchester cantando e entregando cartões aos transeuntes (Deller, Noris, 2016).

Paulo Storani também reivindica ser o Capitão Nascimento. Autor dos livros *Vá e Vença* (2018) e *Vitória sobre a Morte* (2021), Storani saiu do Bope para atuar na Secretaria de Segurança Pública na gestão de São Gonçalo, município da região metropolitana do Rio de Janeiro. Possui Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal Fluminense, deu consultoria para o filme *Tropa de Elite* (2007) e participou do treinamento de seu elenco. Em seu site oficial (Storani, 2016), assim como Pimentel, exhibe seu currículo, divulga suas falas e oferece seu contato para palestrar em empresas.

Em uma entrevista de Storani para a TV Câmara do Rio (2014), ele conta como foi sua feitura como Capitão Storani e a feitura de Wagner Moura como Capitão Nascimento, abordando quais pontos ele acredita serem importantes para o Bope ser como ele é. Ele explica que nunca sonhou em ser policial, mas que foi uma questão de oportunidade quando viu que o curso de formação de policiais tinha mais a ver com ele do que as Agulhas Negras, academia onde se formam os agentes do Exército (Rio TV Câmara, 2014). Ele afirma que o Bope foi o melhor lugar que já trabalhou na vida dele, mas que decidiu sair da PMERJ pelas “questões de política” na polícia e então virou professor de escola técnica (Rio TV Câmara, 2014). Depois foi trabalhar justamente com política na Secretaria de Segurança Pública na gestão de São Gonçalo, que gostou de trabalhar para auxiliar a polícia municipal a desenvolver uma cultura (Rio TV Câmara, 2014). Ele diz que aplicou nessa gestão o que chama de “princípios do Bope”, e cita como exemplo a “formação de equipes” e a “superação dos limites”(Rio TV Câmara, 2014). O Bope, segundo Storani, é uma unidade de crise que “atua em situações em que a normalidade não existe”(Rio TV Câmara, 2014). Assim, nessa entrevista ele entrega uma das respostas para nossa pergunta norteadora (Rio TV Câmara, 2014): “A metodologia que aprendi e ajudei a desenvolver no Bope foi aquilo que faz o Bope ser o que ele é hoje”. Para Storani, isso foi importante para sua gestão em São Gonçalo por mostrar que a liderança “não está no tamanho do chicote, ou seja, na capacidade de colocar pressão”, e sim, em “ser exemplo”, o que segundo ele é o que falta no serviço público (Rio TV Câmara, 2014).

Capitão Storani então afirma nesta entrevista que *Tropa de Elite* (2007) era para ser um documentário (Rio TV Câmara, 2014). Isso nos ajuda a entender como o filme consegue passar o aspecto que mencionamos de “retrato da realidade”. Rindo, Storani fala também sobre o momento em que levou um soco de Wagner (Rio TV Câmara, 2014). O elenco estava sendo treinado por Fátima Toledo, que acredita que os atores realmente devem sentir o que o personagem está passando, aplicando técnicas de imersão. Segundo Storani, Wagner é uma pessoa muito amistosa, mas, após 40 minutos em imersão, explodiu e socou o caveira. Storani

brinca (Rio TV Câmara, 2014): “ele é baiano, então achei que ele jogava capoeira, mas na verdade ele lutava boxe tailandês”. Foi aí que a Fátima identificou quem era o Capitão Nascimento. Wagner Moura fala sobre essa experiência no episódio #762 do podcast PodPah(2024). Ele relata como foi seu treinamento:

O processo de preparação foi algo que nunca mais vai acontecer de novo. Era sinistro. Eu quebrei o nariz de um cara do Bope, né? O cara ficava me provocando, aí ele falou um bagulho do meu filho e eu só “Pah”! Eu fiquei meio assim [sem graça]. Ele adorou, ficou: É isso aí! [...] Os caras do Bope falaram: Vocês agora estão mais aptos a combater em favela para subirem o morro do que a polícia convencional. A gente treinou muito (PodPah, 2024).

Fátima Toledo, mencionada por Storani e Wagner, é uma preparadora de elenco conhecida por ter participado de diversos filmes empregando o seu método. Tal técnica ressoa com uma tradição no cinema e no teatro chamada “atuação de método”, embasada na teoria do ator russo Konstantin Stanislavski. Aqueles que se embasam nesta teoria valorizam a experiência pessoal do ator como gatilho para a realização da cena, onde ele supostamente passa a sensação real do que sente. A seguinte reportagem da Piauí descreve como é o método de Fátima Toledo:

“Para o tipo de trabalho que vamos fazer, o artifício da atuação é um mal”, diz ela com sua voz rouca. “Neste método, não existe a ideia de personagem. No cinema verdadeiro, a pessoa não deve pensar em criar o personagem, tem que viver realmente a situação. São situações fictícias, não somos nós, mas também não é um personagem, porque estamos ali, vivendo aquilo tudo. Depois do ‘corta’, acabou: o ator volta à sua vida, mas naquele momento é a própria pessoa quem está realmente vivendo aquilo.” [...]

A preparadora conta que “a técnica do método é, antes de mais nada, virar gente”. Esconder-se atrás do personagem é proibido. “O espectador deve enxergar pessoas, não atores. A cena é um resultado da vivência. O personagem impede que a pessoa viva a situação e descubra o seu próprio depoimento. Stanislavski diz ‘se fosse eu...’; eu digo ‘sou eu’”, enfatiza (Fraia, 2009).

Na mesma matéria, Fátima Toledo conta como foi preparar o elenco de *Pixote* e sobre a escolha de Fernando Ramos da Silva para interpretar o personagem que dá nome ao filme. Ela relata como descobriu seu método enquanto treinava um grupo de garotos da Febem, no qual Fernando fazia parte. No entanto, após o filme, Fernando teve dificuldades de continuar a carreira de ator pelas dificuldades de decorar falas (afinal, Toledo o ensinou a ser, e não a atuar) e acabou se envolvendo com assaltos, sendo morto por policiais. Toledo afirma que se sentiu responsável por Fernando, mas que acreditava que o filme o ajudou a cumprir “sua missão com um pouco mais de poesia” (Fraia, 2009). No trabalho de Toledo, a noção de verdade, mais uma vez, age na trama do filme *Tropa de Elite* (2007), mas não sem disputa. Wagner Moura teve a experiência de ser treinado por Fátima tanto no primeiro quanto no

segundo filme. Tendo quebrado o nariz de Storani e se sentido mais apto do que um policial convencional para realizar operações, Wagner genuinamente gostou do método da preparadora de elenco. Por isso, a colocou como preparadora em *Marighella* (2021), filme em que saiu da frente da câmera e trabalhou como diretor. No entanto, no momento em que Wagner elogia Fátima em uma entrevista para o programa Roda Viva no dia 1 de novembro de 2021, a atriz Denise Weinberg denuncia a preparadora por abuso em *set*: “Botaram o pé na minha nuca, mandaram dizer que eu era uma merda. Ela falou na minha cara a merda de atriz que eu era, que não precisava de atrizes. Eu tive sequelas. Falei da humilhação, mas é uma violação dos direitos humanos” (Menezes, 2021).

Aqui, não apenas o treinamento intenso, mas também a “atuação de método” e o “método de Fátima Toledo”, emergem como atores. Atores que não podem "atuar", pois isso é quebrar com a veracidade da cena! A atuação de método age sobre os atores para que eles tirem o lado “visceral” deles. Wagner se relaciona com o método de Fátima com admiração, o que faz emergir a “veracidade”, o “talento”, a “intuição da preparadora” e a “fragilidade” nas cenas. Enquanto Denise Weinberg se relaciona com repúdio, o que faz emergir a “dor”, “humilhação”, a “violação dos direitos humanos” e a “tortura”.

Apesar do preparo para atuar e todos os processos que passou para encarnar o Capitão Nascimento, o mais difícil de *Tropa de Elite* (2007) para Wagner foi combater as pessoas que liam o filme como “fascista”, como disse ao vivo no *podcast* (PodPah, 2024). Wagner acredita que o cinema tem seu valor polissêmico, mas que ele precisa deixar claro o que ele acredita, “que ele não fez um filme fascista” (PodPah, 2024). Então Igã e Mítico, os anfitriões da mesa, falam sobre a experiência de terem assistido a primeira vez o filme:

Eu lembro quando chegou na minha mão esse filme pirata [...] A gente pensou que era algo vazado da própria polícia. Parecia um documentário. Eu fiquei assustado com a realidade de tudo isso [...] Esse filme criou uma fama no início, olha como o Bope entra, os caras apanham e a cena do baile funk parecia real. Tinha esse marketing do início de que eram cenas reais da polícia (PodPah, 2024).

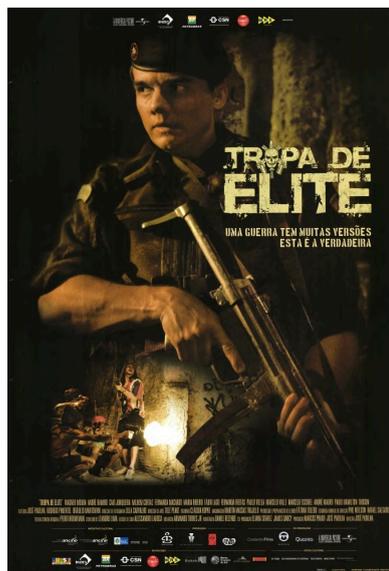
Em seguida, Wagner confirma o que Storani falou na outra entrevista:

O roteiro do filme era outra coisa [...] O Capitão Nascimento não era narrador. Os protagonistas eram o Neto e o Matias, e o Matias era o narrador. A narrativa era de um garoto entrando ali, o que era uma visão mais de espectador descobrindo tudo aquilo (PodPah, 2024).

Storani, Pimentel e Wagner nos apresentaram até agora todas as coisas necessárias para se compor um Capitão Nascimento, bem como os outros personagens do enredo. Storani, com seu conhecimento e a liderança por exemplo, treinou Wagner ensinando-lhe os

“princípios do Bope”, mostrando-lhe o que é necessário para fazer parte de uma equipe que “atua em situações em que a normalidade não existe”. Instruído por Fátima Toledo, Storani levou Wagner ao seu limite o provocando, quando o ator reagiu e quebrou seu nariz. O treinamento árduo similar ao COEsp, o método de atuação de Fátima Toledo, a estrutura de atuação do Bope, o boxe tailandês, a violência nas ruas, a violência na tela, tudo isso culminou no momento em que o Capitão encarnou em Wagner. Incorporado, Wagner deu rosto, voz e atitude ao personagem que ilustrou a agência do Bope para todo o país. Esse personagem caminha em um cenário meticulosamente composto para “retratar a realidade”, em sua linguagem quase documental, nos relatos dos caveiras que embasaram o filme, e nas imagens pirateadas que pareciam uma ação da polícia real. Realidade, método, liderança, adversidade, tortura, tensão e pressão se misturam como agentes que agem em Nascimento, que então age para tornar o Bope famoso. A produção artística, então, é em parte conformada pelo desenvolvimento do método de representação da “realidade”. A “atuação de método”, assim como as armas, deseja evoluir para criar um cinema de “denúncia”, que representa a “realidade”, e não a “fantasia” da atuação convencional. Assim nos alerta o cartaz do filme abaixo, com os dizeres em uma tipografia dourada que imita um estêncil: “A guerra tem muitas versões. Esta é a verdadeira”.

Figura 03 – Cartaz do filme *Tropa de Elite*



Legenda: Peça de divulgação do filme com os dizeres “Uma guerra tem muitas versões. Esta é a verdadeira”.

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em:

<<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra72740/cartaz-do-filme-tropa-de-elite>> Acesso em: 30 out. 2024

Nascimento, em um retrato foto-realista da atuação dos caveiras, posa olhando para um alvo distante, com uma feição tensa e um fuzil em riste. A cena é escura, e o personagem

caminha com cautela no perigo desconhecido. Não é poética essa composição gráfica? Tão ficcional quanto qualquer ficção que se propõem “verdadeira”? Aqui podemos observar que a ideia de “verdade”, ou “retrato da realidade” serve ao propósito de “denúncia” desejado pelo diretor, agindo ao máximo para manter o filme consistente como narrativa crível. Isso faz emergir a violência, que por sua vez age de maneiras múltiplas, mas acerta em outro lugar além da denúncia. Os espectadores como a Aletea da reportagem do *New York Times* celebram (Barrionuevo, 2007): “Precisamos de uma polícia assim”! Será que se o filme fosse mais “ficcional” ele entregaria um poder de denúncia maior na caricatura dos policiais? Ou será que o filme sempre foi uma caricatura ao mostrar um protagonista que se porta com propriedade moral, mas em suas ações é incongruente?

Como acompanhamos até agora, uma característica particular do filme que chama a atenção é como os caveiras realmente se vêem “representados” na obra, mesmo que o filme seja um representante proibido de “representar” tal qual o método de atuação tradicional do teatro. Talvez perder essa representatividade na qual os caveiras se enxergam também fosse um empobrecimento do impacto dela. Nos resta, então, continuar seguindo os atores para o próximo ponto de conexão. O que faz do Bope o Bope para além da “representação verdadeira” provinda do filme? Nosso próximo ponto de conexão a ser analisado também assume essa postura de “representante” ao se colocar como alguém disposto a falar sobre o grupo.

2.2 Café com um combatente: os relatos de Major Novo

Não foi tarefa fácil encontrar caveiras dispostos a conversar diretamente conosco. A cada tentativa de contato, recebíamos um “vácuo” ou um “não”. Quando conversei com outras pessoas que trabalhavam na área de segurança, escutei diversas sentenças que tentavam justificar tal ausência: “A maioria deles são uns matadores, não ligam para conversa”; “Ah, mas eles são muito fechados mesmo, não conheço ninguém”; “Não sei se posso falar com você sobre isso”. Ficar apenas com o filme, artigos, livros, vídeos, *podcasts* e notícias sobre o Bope arriscaria minha pesquisa a apenas contar com “fontes secundárias”, como fui alertada por pesquisadores mais experientes. Isso significa que existem pontos de conexão que são mais valorizados para determinados propósitos. As chamadas “fontes secundárias” nem sempre são lidas como atores do Bope capazes de o “representar”. Meu trabalho poderia

perder sua credibilidade dependendo do “representante” que eu me aproximasse, ou deixasse de me aproximar.

Felizmente, um mediador nos trouxe ao Major Leonardo Novo, que gentilmente aceitou conversar conosco sobre design no Bope. Fui informada sobre como ele estava “acostumado a conversar com o pessoal da área acadêmica” e ele se revelou, de fato, um interlocutor interessado em pesquisa. Graduado em Direito pela Cândido Mendes, mestre e agora doutorando na Universidade de Salamanca, Major Novo é o caveira “152” e “03” na Secretaria de Segurança. O atual 01, no vocabulário policial, é Victor Cesar Carvalho dos Santos. Nossa troca nos ajudou a compreender melhor a estrutura hierárquica do Bope e como eles se relacionam com seus próprios projetos. A conversa durou por volta de uma hora e meia. Para deixar a troca fluir e registrar os principais pontos que nos chamaram a atenção, não utilizamos gravadores ou roteiro programado. Embasamos nosso registro em anotações e fragmentos de memórias. Quando nos despedimos do Major, revisamos tudo o que foi captado e produzimos o seguinte relato.

Antes de ir para a conversa, me arrumei e escolhi minhas roupas. Tinha receio dessa aproximação com o Bope. Me questionei se deveria cobrir as tatuagens mas achei que elas poderiam ser um bom ponto de conversa. Não queria dar nenhuma pista de quem eu sou, mas me revelar também poderia dar margem à exposição. Andando pela rua até chegar na cafeteria peguei vários panfletos eleitorais. As eleições para prefeito e vereadores estavam próximas. Cheguei na cafeteria em que marcamos, cuja escolha fiz quase aleatoriamente — procurava um café no Centro que fosse perto para todos os participantes da conversa: Eu, Flávia Soares (co-orientadora desta pesquisa) e Major Novo. O café fica no prédio da OAB e da Cândido Mendes, onde, coincidentemente, o major havia se graduado. Nos apresentamos a ele, e vice-versa, e logo ele se pôs a falar sobre a identidade do Bope. Nos explicou que ele é nada menos que o 03 na Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, e que acima do Bope ainda tem o Comando de Operações Especiais (COE) que abarca alguns outros Batalhões como o Batalhão de Ações com Cães (BAC) e o Batalhão de Choque.

O jeito que falava conosco era suave e controlado. Vestia um conjunto de terno cinza. Como em um discurso pronto, ele disse: “A primeira coisa que podemos falar é que a simbologia do Curso de Operações é diferente da do Bope, a do primeiro é a caveira, e a do segundo é a Faca na Caveira”. Então nos explica que quem se denomina caveira é só quem passou pelo COEsp. “O Império Romano já usava esse símbolo há muito tempo”, ele diz tentando nos mostrar como a caveira já era uma imagem bem estabelecida no meio militar. Segundo ele, a caveira é quase como um símbolo universal para as operações especiais, assim

como as pistolas cruzadas são o símbolo da polícia militar. O símbolo do Curso de Ações Táticas (CAT), que é uma versão menos intensa do COEsp, é simbolizado pelo raio em uma faca, e quem se forma também é chamado de raio. Ele aponta uma exceção: no Curso de Operações Especiais da Colômbia tiraram a caveira “por questões políticas”. O símbolo atual do equivalente ao Bope colombiano é uma águia e um trigo. Assim como o Core, uma espécie de Bope da Polícia Civil brasileira, que também é simbolizado por uma águia.

Então ele descreveu o significado do brasão, como eu já havia lido em outros lugares em que eles se auto-definem: O fundo negro é o luto permanente, o círculo vermelho é o sangue derramado em batalha e a faca na caveira simboliza a vitória sobre a morte como a história dos soldados britânicos na Segunda Guerra Mundial.

Isso o faz falar um pouco sobre a sua relação com o brasão. Tornar-se caveira, disse ele, “é um curso para a vida”. Ele foi da primeira turma após o lançamento do filme *Tropa de Elite* (2007), em 2008. Nos contou que assim que completou o curso quis tatuar a caveira. Na época, procurou o tatuador Kiko, o próprio dono do estúdio de tatuagem. “A princípio, ele não seria o tatuador, mas assim que soube qual seria a tatuagem, fez questão de tatuar para colocar no portfólio”. É uma tatuagem que muitos fazem para representar o que passaram no curso, sua “vitória sobre a morte” individual. O Major aponta que atualmente a tatuagem foi parcialmente coberta por um desenho de São Miguel. E nos explica o receio que sentia: “Não poderia ir para a praia com meus filhos e correr o risco de ser reconhecido como policial”.

Mudando de assunto, ele decide falar sobre livros que poderiam nos ajudar com a pesquisa. Ele menciona um artigo de Storani em que o autor discorre sobre o “*ethos guerreiro*”, que é um trabalho derivado de sua pesquisa antropológica sobre o COEsp. Menciona *A guerra na era da informação* de Alessandro Visacro (2018), membro das Forças Especiais, a unidade militar que hierarquicamente está acima do Bope. Também inclui o livro *Bope: A Origem da Mística* de Paulo Amendola (2024), um dos fundadores do Bope. Nesse momento, também lembra de André Batista, um dos escritores do livro *Elite da Tropa* (2006), que cita como uma pessoa muito estudada e acadêmica, servindo de inspiração para o personagem Matias do filme. Por fim, fala com orgulho, “eu tenho 5 livros publicados”, e disse que poderia nos interessar o *Relatos de mais um combatente em uma guerra sem vitória* (Novo, 2020), que de fato interessou, pela característica de ser uma coletânea de relatos pessoais de sua vida como caveira.

Ainda sugerindo outras formas de nos ajudar, ele fala sobre a possibilidade de visitarmos o Batalhão e a comunidade onde ele está localizado. A Tavares Bastos, segundo ele, é uma favela pacificada, sem violência. “Onde as crianças brincam na rua como

antigamente e eu posso andar de farda preta tranquilo”. Então fala brevemente sobre a fundação do Bope: “O Bope foi criado no peito, na raça. Começou com apenas duas barracas emprestadas pelo exército na Sulacap. Tudo foi improvisado quando um Major foi assassinado na cadeia em uma rebelião, e então era necessário criar uma equipe para agir”.

No meio da conversa sobre caveiras, contatos e possibilidades de pesquisa, o Major Novo retorna ao assunto do brasão. Ele conta como várias unidades do Bope surgiram em diferentes estados, reproduzindo sempre o símbolo da caveira. Mas ele pontua que a única unidade do Bope que não possui o símbolo da caveira “por intervenção política” é a da Paraíba, com a justificativa de que o símbolo não poderia ser utilizado pela polícia “por ser ameaçador”. Os soldados do Bope protestaram, “é uma questão de identidade”. Assim, foi judicializado um pedido para que a caveira volte.

Em seguida, o Major encerra o tópico do brasão como uma estrutura bem determinada em sua cabeça: “Já falamos do Brasão, agora vamos falar dos uniformes”. Dessa forma, ele conta que o primeiro uniforme era o mesmo da PMERJ normal. Depois de um tempo, virou um uniforme de manga longa preto, sem uma justificativa clara. Por fim, as fardas camufladas foram adotadas por serem mais eficientes para o combate urbano. Coronel Fábio (Souza, 2009), como trabalho para o Curso Superior de Polícia Integrado, pesquisou como o uniforme camuflado deveria ser utilizado nas operações diurnas, pois seria mais eficaz. Para tal conclusão, foi realizado um estudo de velocidade de identificação de policiais à distância utilizando diferentes cores de fardas (Souza, 2009). Major Novo nos conta como isso gerou um burburinho: os soldados não queriam tirar a farda preta, “era uma questão de identidade”. Então as fardas pretas e as camufladas passaram a ser utilizadas situacionalmente. Em operações que envolvem combate, a camuflada; em operações de resgate de reféns e na rotina de treinos e cerimônias, a preta. “Até o *patch* com o brasão bordado no braço precisou mudar de cor”, ele afirma.

Descrevendo como a pesquisa dos uniformes surgiu e as especializações que os caveiras precisam fazer para subirem na hierarquia, o Major então elogia o Bope pelo enfoque técnico de seus atores. “A diferença do Bope para os outros policiais é que o caveira estuda muito. Temos especialistas, doutores... Viajamos muito para aprender mais. Fomos a Israel fazer um curso de Comandante Tático”. E então diz com orgulho “O Bope está 30 anos à frente da PM”. Para provar que o Bope é de fato uma unidade superior, ele citou os 5 “Ps” administrativos da polícia: (P1) Recursos Humanos; (P2) Inteligência; (P3) Estatísticas; (P4) Logística; (P5) Comunicação Social.

Ao mencionar cada um desses itens, ele pontuava de que forma o Bope atuava melhor. Deu destaque especialmente ao “P4”, em que o Bope foi o primeiro batalhão a adquirir diversos armamentos como a Pistola Glock, o Fuzil R10 e os Blindados Sul-africanos. E também ao “P5”, onde segundo ele, na PM tradicional “é só para aniversários, comemorações...”, e no Bope a comunicação social é uma forma de operar nas “guerras informacionais”, como o livro que ele havia me indicado. Eu aproveito e o pergunto: “Guerras informacionais é um foco no Instagram do Bope, por exemplo? Seria isso uma PsyOps (operações psicológicas)?” E ele responde “Sim, precisamente. As PsyOps podem ser resumidas no objetivo de conquistar corações e mentes”. E então ele pergunta “Quem é o usuário do Bope”? E imediatamente responde por conta própria: “A população”. E retorna à Tavares Bastos e menciona os serviços prestados pelo Batalhão à comunidade, como aulas gratuitas abertas ao público.

Isso nos leva ao assunto das redes sociais e das mídias. Ele afirma “A mídia não é má, como a maioria pensa. Ela é mercantilista. Vai valorizar o que é contraditório”. Ele cita dois casos em que a imprensa caiu em cima do Bope, criticando a ação sem dar direito de resposta. “E você sabe onde veio a resposta? No Instagram”. Desse modo, o Major deixa claro que eles usam o espaço das redes para mostrar o lado deles em diversas situações. Foi o caso do desaparecimento de Amarildo, em que eles usaram as redes para argumentarem que a imagem utilizada pelo Fantástico poderia ser manipulada, e que a viatura foi investigada posteriormente pelo FBI, de um jeito que invalidaria o que foi anunciado na TV.

Tento descobrir quem é a pessoa por trás das estratégias de postagem no Instagram, uma área em que tenho alguma experiência de trabalho como designer. Ele cita que durante um tempo o nome da responsável pelas P5 era Major Marlisa. Atualmente ela não está mais no cargo, e ele não sabe bem quem é o grupo que assumiu o trabalho das redes sociais. Major Novo explica que ela não é caveira, e nenhuma mulher foi aprovada ainda nem no COEsp nem no CAT. Mas quem trabalha no Bope recebe uma bonificação em seu trabalho como policial. E aponta que isso é um pouco controverso entre eles, pois muitos caveiras defendem que quem está lá tem que estar por vontade própria.

Ele retorna ao assunto das redes sociais, dando uma informação valiosa: “Hoje em dia o que realmente impacta é o *podcast*. É como rezar para não convertido. Você fala e milhões escutam, mudam de ideia”. O Major Novo nos conta sobre sua experiência de falar em *podcasts*, e de se colocar nessa posição de diálogo. E conta sobre uma vez que estava no Village Mall e um funcionário o parou para falar que havia escutado um *podcast* com ele. O funcionário era da Vila Cruzeiro, e odiava policiais por entrarem na sua casa, de seus vizinhos

e parentes. Mas depois de escutar o *podcast*, “se converteu” e passou para a prova da polícia. “O *podcast* converte. É claro que tem gente que fala muita besteira, e o Youtube tira do ar. Isso deixa os policiais com o pé atrás de falarem. É aquilo, a arma não atira sozinha, a viatura não atropela sozinha”. E então nos indica os canais que frequenta ou que trabalham especificamente com assuntos relacionados ao ofício policial e militar como: *Fala Glauber*, *Fala*, *Guerreiro!*, *Diário da Honra*, *Ultima Ratio* e *PodGreco*.

Prosseguindo sobre as mídias e sobre seu trabalho como pesquisador, ele deixa claro: “Eu gosto de escutar e ler coisas com as quais não concordo. Isso me faz ou mudar de opinião ou reforçar a minha ideia”. Com desgosto, ele fala “Eu não consigo concordar com o Rafael Soares do jornal *Extra*, por exemplo, tenho um leve problema pessoal. Ele estampou o jornal com a minha cara para ilustrar uma reportagem sobre corrupção no Bope. Acho que vou perder, mas judicializei esse absurdo. Pelo menos vou dar dor de cabeça. Existe uma pesquisa de um cara da PUC que mostra que 98% das notícias dele são depreciativas do trabalho da polícia”. Tais afirmações eram severas, mas não consegui encontrar a notícia a qual ele se referia, nem a pesquisa sobre as matérias desse jornalista que Major Novo chama de “oportunista do caos”. Em contrapartida, coloca: “Mas uma pessoa que gosto de ler é a Jaqueline Muniz da UFF. Ela é mal vista pela polícia, mas escreve coisas interessantes. Virei amigo dela”. E encerra esse assunto me recomendando mais livros que ele achava interessante para minha pesquisa, em particular o livro *Bandidolatria e democídio*, de Diego Pece e Leonardo Giardi (2017).

Ele repete “Fui para academia para me colocar apto para debater. Para rezar para não convertido”. E afirma que a marca do Bope foi patenteada recentemente pela Alerj. Para o Major, isso significa um ganho direto para o Batalhão. Graças à marca, eles [supostamente] têm uma loja de *merchants* dentro do Batalhão, e afirmou que poderíamos visitar. A patente permite também parcerias, como a marca americana de suplementos *Black Skull*. Isso também trouxe retorno para a parceira: “A marca não estava entre as 10 mais consumidas de suplemento, agora está entre as 3”. Isso, ele conta, financiou a reforma do rancho do Batalhão, e trouxe melhorias aos alojamentos. A parceria também permite que os caveiras tenham acesso aos suplementos da marca com mais facilidade.

Eu já estava ciente da parceria com a empresa de suplementos *Black Skull*, bem como o interesse dos caveiras por patentear o brasão. Mas era novidade para mim que ela havia sido enfim patenteada (supondo que tenha sido efetivamente). Então me lembro do evento organizado pelo Bope que une ambos os atores: a *Corrida com o Bope*. É uma corrida que ocorre em torno de 3 vezes por ano, geralmente dentro do Batalhão e nas proximidades.

Então, pergunto: “Eu vejo que a *Black Skull* patrocina a *Corrida com o Bope*. Você conhece quem organiza”? Ele me mostra o perfil no instagram¹¹ de Rafael Sodré, que eu já havia visto na página da empresa “De Elite” (DE ELITE, s.d.) e é citado como o fundador da marca. A empresa *De Elite* é a produtora oficial da corrida do Bope e de outros batalhões, responsável pela organização e divulgação desses eventos. O *site* pessoal de Rafael Sodré (2024) e seu perfil no Instagram estavam em plena campanha eleitoral, o anunciando como vereador “55555” do Partido Social Democrático para a cidade de Rio Bonito. Afinal, mais uma vez sou lembrada que as eleições estavam próximas, e esse era o clima da cidade.

Assim, nos despedimos e saímos do café. Desde então, refletimos bastante sobre como essa entrevista fez emergir novos atores relevantes. Ficamos intrigados com a relação dos caveiras e seus brasões e tatuagens, com suas fardas pretas e camufladas, suas “questões de identidade”. Os *podcasts*, as redes sociais, as mídias, os jornalistas e pesquisadores também emergiram como atuantes pelo Bope, mesmo que, às vezes, por exclusão. Pudemos conhecer também os serviços comunitários e as parcerias comerciais, relações que fortalecem e legitimam a existência do Bope. E até mesmo, as tais “questões políticas”, e o “período eleitoral” agiram em nossa conversa. Desse modo, separamos os atores entre aqueles que se relacionam com “questões de identidade”, que são explorados em mais detalhes no capítulo 3, e aqueles que se relacionam com “questões políticas”, que são explorados em mais detalhes no capítulo 4.

Conversar com o Major Novo nos deu a esperança de que seria possível contactar novos atores, criar novos laços e enriquecer a pesquisa com “fontes primárias”. Ele havia citado vários nomes com quem poderíamos conversar, e afirmou que era possível visitar o batalhão, como uma espécie de *tour* guiado já estruturado para esse tipo de interesse. No entanto, não foi possível conquistar essas novas relações. Para marcar a visita ao batalhão, acompanhamos uma partida de *ping-pong* burocrático na forma de *e-mails* entre a P5 do Bope e a P5 da PMERJ. Um jogo em que a bola saiu da mesa e se perdeu no salão. Assim como o contato com outros caveiras foi inconclusivo, relegado ao jogo burocrático da P5 ou negado, reforçando o quanto eles “são muito fechados mesmo”. Por esses motivos, no item a seguir retornamos às “fontes secundárias” e acompanhamos quem são os caveiras dispostos a falar sobre seu ofício abertamente, principalmente nas redes e na imprensa. Os livros, vídeos, *podcasts* e artigos recomendados pelo major também serão explorados como atores que relatam, e assim, são “representantes” do trabalho do Bope.

¹¹ Nome de usuário @rafaelsodre.official. Disponível em: <<https://www.instagram.com/rafaelsodre.official/>>. Acesso em: 31 out. 2024

2.3 Fala guerreira: os discursos midiáticos dos representantes

Como foi possível acompanhar nos itens anteriores, certos atores se colocam como representantes do Bope quando se dispõem a falar sobre ele. Já abordamos alguns nomes, como Rodrigo Pimentel e Paulo Storani, que são caveiras que ajudaram no roteiro e no treinamento do elenco do filme *Tropa de Elite* (2007). Com a própria projeção que o filme trouxe para eles, ambos seguiram uma carreira parecida: passaram a palestrar sobre a atuação do grupo. E para dar mais credibilidade às suas palestras, organizam sites pessoais com seus currículos, livros publicados e redes onde postam suas opiniões sobre segurança pública. Podemos citar além deles o próprio Major Novo com quem conversamos, que marca presença em vários *podcasts* policiais e tem cinco livros publicados. Também vale lembrar de outros caveiras que ele citou como referências interessantes, como é o caso do Coronel André Batista, o caveira que inspirou o personagem Matias, e o Coronel Paulo Amêndola, um dos fundadores do Bope. Todos esses caveiras circulam em diversas mídias como vozes de autoridade tecendo narrativas e apresentando o grupo como algo aparentemente estruturado. A seguir, vamos explorar alguns dos formatos que essas falas assumem, como eles se auto-definem como grupo e quais outros temas os caveiras gostam de falar.

Começemos pela biblioteca de peso que esses caveiras publicaram. A imagem a seguir compila as capas de alguns livros que já mencionamos:

Figura 04 – Capas de livros escritos por caveiras





Legenda: Capas dos seguintes livros: (a) *Vitória sobre a Morte* (Storani, 2021); (b) *Vá e Vença* (Storani, 2018); (c) *Elite da Tropa* (Batista, Pimentel, Soares, 2006); (d) *Relatos de mais um combatente em uma guerra sem vitória* (Novo, 2020); (e) *Bope: A origem da mística* (Amendola, 2024); (f) *Elite da Tropa 2* (Batista et al, 2010).

Fonte: Amazon. Disponível em: <amazon.com.br>. Acesso em: 31 out. 2024.

Cada livro é um microcosmo de referências, conexões e discussões. Mas só de analisar as capas e as sinopses podemos logo apontar certas convergências entre os diferentes projetos editoriais. A predominância do fundo escuro, preto, com as fontes destacadas em branco ou vermelho, os efeitos aplicados sobre a tipografia como uma camada de poeira, o desenho das letras como um estêncil, a foto da cidade vista de cima e a predominância de uma figura masculina segurando um fuzil com o olhar baixo ou atento. É possível apontar que os livros *Elite da Tropa* (Batista, Pimentel, Soares, 2006) e *Elite da Tropa 2* (Batista et al, 2010), que inspiraram os filmes, foram reeditados para que suas capas correspondessem a eles. Como esses dois volumes ganharam notoriedade com o filme e foram os primeiros a serem publicados, é possível que eles sejam referência para os outros. Alguns elementos do filme emergem nos lançamentos posteriores, como a frase “Missão dada é missão cumprida” no livro *Vá e Vença* (Storani, 2018), proferida pelo Capitão Nascimento. De maneiras diferentes, esses livros têm um tema em comum: a descrição de como ocorre a ação do Bope na visão dos caveiras, seja na sua fundação (como em *Bope: A Origem da Mística*), seja no seu regimento interno e cultura corporativa (como em *Vá e Vença*), seja na forma como esses caveiras são selecionados e treinados (como em *Vitória Sobre a Morte*), ou nas suas vivências em operações e na rotina policial (como em *Relatos de Mais um Combatente em uma guerra sem vitória* e *Elite da Tropa*).

É perceptível que os livros utilizam em parte os elementos dos filmes e da imagem corporativa do Bope para comunicar seu conteúdo e chamar a atenção de um possível consumidor interessado em saber mais sobre o Bope. Ao publicar um livro, um caveira se dispõe a falar de forma parecida com aqueles que fizeram o mais antigo, *Elite da Tropa*

(Batista, Pimentel, Soares, 2006). Talvez até mesmo com a expectativa de que os relatos se transformem em novos produtos, como foi o caso desse anterior. O caveira que publica também se dispõem ao diálogo, à conversa e a expor mais sobre seu conhecimento e vivências. Desse modo, ao mesmo tempo em que escreve e produz um livro, se joga em uma rede de autores interessados em discutir o Bope e suas características fundamentais. Os mesmos autores que escrevem também são os que marcam presença em palestras, vídeos e *podcasts*. Assim, é conformado o *networking* policial, em que a experiência operacional, a pesquisa sobre o grupo e a necessidade de falar sobre sua cultura *conecta* caveiras de diferentes gerações.

Esses livros desejam a mesma atenção dispensada ao filme ao utilizarem uma visualidade parecida com os cartazes e a fotografia das cenas. No entanto, não devem ser vistos como "denúncia" ou "crítica" ao Bope. Enquanto alguns livros tentam descrever o cotidiano dos policiais como um trabalho árduo, e assim o legitimar, outros falam sobre a origem de seu suposto sucesso, do mesmo modo em que representantes de empresas bem sucedidas são convidados a falar sobre suas trajetórias. São discursos que reafirmam o modo de existência em questão e que não levantam muitas controvérsias. Na imagem abaixo, um post no perfil oficial do Bope divulga as imagens do lançamento do livro *Bope: A Origem da Mística* (Amendola, 2024).

Figura 05 – Lançamento do livro de Paulo Amendola.



Legenda: *Post no Instagram do Bope sobre o lançamento do livro *Bope: A origem da mística* (Amendola, 2024). Paulo Amendola, um dos fundadores do Bope, é recepcionado pelo Coronel Aristeu dentro do batalhão.*

Fonte: Instagram @bope.official. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9XjP-lu799/?img_index=2>. Acesso em: 31 out. 2024.

O “sucesso” não é necessariamente um tema em comum entre todos os livros. O livro do Major Leonardo Novo (2020), por exemplo, deixa claro em sua capa que eles estão em uma guerra sem vitória, e isso no geral guia o tom do livro, mais centrado nas dificuldades, desafios e perdas desse tipo de vida. Mas no caso de *Vá e Vença* (Storani, 2018) e *Vitória sobre a Morte* (Storani, 2021), a atenção se volta para como os soldados são capazes de cumprir sua missão. O sucesso, então, age sobre a construção da imagem do Bope em vários momentos além desses dois livros. A ideia de que a ação do Bope é “eficiente” e as operações são “bem-sucedidas” é um mote aproveitado principalmente nas palestras empresariais proferidas pelos caveiras. Na imagem abaixo, Rodrigo Pimentel apresenta um painel “Definindo o caveira”, listando características consideradas relevantes para sua atuação. Observa-se que a apresentação acontece em uma empresa, o que é confirmado pela informação de contato para interessados em receber Pimentel em seus próprios espaços corporativos para assistirem as palestras do caveira.

Figura 06 – Palestra de Rodrigo Pimentel



Legenda: *Post no Instagram* de Rodrigo Pimentel onde ele anuncia seu serviço de palestras motivacionais.

Fonte: Instagram @rodrig_pimentel. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CsUKk04OdRI/?img_index=4>. Acesso em: 31 out. 2024.

Os livros tentam pescar o público do filme, sejam os policiais ou os civis. As palestras no geral se dirigem ao público corporativo e empresarial, tratando a ação do Bope como um *case* de sucesso. Como o Major Novo nos avisou, os *podcasts* servem para “rezar para não convertido”, o que não é diferente das palestras e dos livros. Em suas comunicações, também é possível ver outros símbolos relacionados à cultura militar e policial, em um esforço para demonstrar que os entrevistados são especialistas em segurança. A imagem abaixo, por exemplo, anuncia o episódio em que o Coronel André Batista irá participar, e logo acima de

seu rosto aparece o logotipo do *podcast Fala, guerreiro!*, composto por um capacete espartano e um microfone. Assim como o *PodGreco*, em que Batista também comparece, que é simbolizado pela coruja com as asas abertas, símbolo de alguns serviços de inteligência e segurança, delineado de forma que lembra um brasão. O mesmo pode ser dito do *naming* de outros canais, como *Diário da Honra* e *Ultima Ratio* (termo muito utilizado no direito penal e nome de um modelo de rifle de precisão). Portanto, essas escolhas de marca para os *podcasts* indicam que os programas são endereçados àqueles que têm interesse na área de segurança, sejam profissionais ou “não-convertidos”. Através deles, também são vendidos cursos, dicas, especializações e livros técnicos sobre segurança.

Figura 07 – André Batista como convidado em *podcasts*



Legenda: (a) *Post* no *Instagram* do *podcast Fala, guerreiro!* anunciando o Coronel André Batista como o próximo convidado; (B) *Post* no *Instagram* do *podcast PodGreco* anunciando o Coronel André Batista como o próximo convidado.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CvvGclCuYoy/?img_index=1>

<<https://www.instagram.com/p/C-aUp7GtvkH/>>, respectivamente. Acesso em: 31 out. 2024.

Diante de tantos caveiras interessados em falar sobre o Bope das mais variadas formas, surge a curiosidade sobre seu conteúdo. Afinal, o que essas falas e textos podem nos dizer sobre os caveiras? Além disso, como elas também interferem na atuação do Bope? Podemos começar olhando mais atentamente para o livro que o Major Leonardo Novo nos indicou escrito por ele mesmo: *Relatos de mais um Combatente em uma guerra sem vitória* (2020). Neste livro, a guerra *real e particular* agora também é *sem vitória*. O que os faz continuar lutando? Essa não é uma resposta imediata, possível de se encontrar no livro. “[N]ossos policiais são combatentes ou operadores da segurança pública? Estamos ou não em guerra?”

são as dúvidas do próprio autor, explicitadas na sinopse e deixadas para o leitor descobrir. Aqui, Major Novo relata suas vivências como policial militar e caveira, entrando em detalhes nas fatalidades, divergências e imprevisibilidades do ofício.

Logo no primeiro capítulo ele narra como foi seu “batismo de fogo”. O batismo de fogo, termo recorrente na literatura militar, é o momento em que um soldado é introduzido pela primeira vez à guerra “nas vias de fato”. O de Major Novo aconteceu quando ele era um aspirante a oficial recém-formado, e mal podia sair em operação sem acompanhamento. Em seu primeiro patrulhamento, na época do Carnaval, sua viatura sofreu um ataque de bandidos que estavam em um Peugeot 206 com vidros cobertos por *insulfilm* na altura da Cidade de Deus (Novo, 2020, p.16). E então, conta como chamou reforço pelo rádio, e um grupo se mobilizou para ajudá-los: “A polícia não é um exemplo de integração, é uma instituição, de regra, desunida, mas, nesse momento, aprendi na pele que a *merda* une, ainda podemos ter esperança”, (Novo, 2020, p.18) pontua Novo sobre a situação. Tendo que tomar decisões rápidas, ele consegue escapar com a equipe toda viva graças a um taxista que lhes deu carona até o hospital, onde os gravemente feridos foram examinados. Quando fala sobre um dos cabos que havia sido baleado e retirou a bala de si mesmo com um alicate utilizado para consertar armamentos, ele celebra “foi suficiente para eu entender que estou no lugar certo, no meio de um monte de maluco” (Novo, 2020, p.20).

O choque, a reação em combate, os ferimentos e o luto marcam o novo combatente, e assim, podem agir da maneira como ele atua a partir daí. O batismo de fogo faz agir o policial militar. Mas os caveiras do Bope não são forjados somente no fogo. Para entrarem no grupo, eles passam pelo COEsp onde recebem números, treinamentos, o símbolo da faca na caveira, tatuagens, etc. E só após esse treinamento é que podem viver em um dos melhores batalhões, cercado de equipamentos de ponta. Isso nos leva a querer saber mais sobre o treinamento retratado no filme. O que os caveiras dizem sobre sua própria formação? Retornemos ao trabalho de Paulo Storani, mais uma vez. Como parte de sua pós-graduação em antropologia, ele desenvolveu uma pesquisa centrada no COEsp como forma de construção da identidade dos caveiras.

No artigo derivado de sua pesquisa, Paulo Storani (2014) explora o treinamento de uma turma do COEsp e as experiências dos caveiras que saíram de lá. Esse é o artigo que o Major Leonardo Novo nos indicou como importante para compreender o *ethos* guerreiro. Storani explica que a PM brasileira é estruturada em uma cultura militar muito forte, por estar diretamente subordinada ao Exército, o que implica em um *ethos* guerreiro caracterizado pelo linguajar do “combate”, “inimigo”, “guerra às drogas” (Storani, 2014,p.52). Tal *ethos*

guerreiro teria sido fortalecido pela evolução do crime de pequenos delitos da “malandragem” aos grandes assaltos à banco, e se agravando, principalmente, no período da Ditadura Militar (Storani, 2014,p.53). Nessa época, a polícia era a principal responsável pela repressão política, enquanto os “intelectuais de esquerda” presos ajudavam os assaltantes a se organizar em facções com sua “ideologia” (Storani, 2014, pp.53-54). Como Storani explica:

Existindo um *ethos* guerreiro na Polícia Militar, onde o “combate” ocupa o topo da hierarquia de valores da organização, o BOPE seria o modelo, a estrutura e espaço onde o arquétipo do policial, que encarnaria este *ethos* máximo, seria socialmente construído. Esse processo transformador acabaria por referenciar o próprio BOPE: o Curso de Operações Especiais (Storani, 2014, pp.55-56).

Ele descreve como o COEsp é dividido em 4 fases: (1) fase administrativa, (2) fase de preparação básica, (3) fase de preparo operacional, e (4) fase de operações (Storani, 2014, p.56). Essas fases seriam equivalentes, em partes, ao modelo de estrutura ritual descrito por Grennep e Turner (Storani, 2014, p.56), e que o processo do curso possui “nuances e performances religiosas que sacralizam espaços e símbolos seculares” (Storani, 2014, p.59). Para lidarem com as situações de risco e a possibilidade de morte, os soldados passam por um processo de destituição de suas identidades para formarem um “eu coletivo” forjado pelos cânticos, pela “submissão voluntária ao sofrimento”, e pelo “fazer”, “estar” e “sofrer” juntos (Storani, 2014, p.59). Ao final do curso são ressocializados e passam a interagir com os civis e policiais convencionais de maneira diferenciada, agora como caveiras. Storani relata que os convencionais os chamam de “malucos”, “comedores de cobra” e “homens que gostam de apanhar na cara” (Storani, 2014, p.60).

Por outro lado, Storani identificou três principais motivações para os ingressantes: (1) testar e se colocar à prova, em uma reafirmação da virilidade; (2) ser aprovado para servir no Bope pelo mito de ser uma unidade “incorrupível”; (3) e aqueles que enxergam o curso como uma etapa necessária para lidarem melhor com os riscos da profissão policial (Storani, 2014, p.58). Ele observou que do primeiro grupo apenas um se formou, enquanto do segundo se formaram três e do último oito se formaram (Storani, 2014, p.58). É curioso que a motivação seja um ator importante para Storani. Ele demonstrar a performance dos aspirantes em função da motivação indica que existe uma entre elas e que haveria uma mais propícia para se tornar caveira. Essa ideia de que existe a melhor motivação para aqueles que desejam entrar no grupo é algo que também age na forma como eles se comunicam nas redes com frases motivacionais, no preparo que eles recebem durante o treino e nas expectativas construídas naqueles que têm o mínimo de interesse. Também é curioso que a motivação 2 seja menos desejável que a motivação 3, já que esse é um mito que os caveiras reforçam e, como relatado

aqui, *acreditam*. E será que acreditar que os caveiras fazem o melhor na segurança pública também não é acreditar em um mito tanto quanto o anterior?

Podemos observar aqui que para se tornar um caveira, muitos atores agem com aquilo que costumamos designar por "indivíduo", mas que, apesar do nome, é sempre múltiplo. A agência coletiva em prol de uma missão é um dos fundamentos do Bope. O "indivíduo" se liquefaz enquanto o "outro", o "inimigo", a "missão", a "operação" se solidificam. Nesse caldo que é ser caveira são adicionados os símbolos, as músicas, o "ethos guerreiro", o treinamento, a operacionalidade, a bravura, a motivação mais propícia etc. Como o Ossuário de Sedlec¹², se solidificam como uma massa de ossos "duros de roer". Isso contrasta com o que o Major Leonardo Novo havia falado em seu batismo de fogo ao contactar outros batalhões para pedir ajuda. "A merda une a polícia", que costuma ser desunida. Então algo que diferencia o Bope dos outros policiais também é a sua capacidade de coordenar a ação, que sempre é coletiva mas nem sempre é harmônica, de forma unificada, e a liga que ajuda essa união são as dificuldades que esses soldados passaram juntos.

No TEDx "Construindo uma Tropa de Elite" (TEDx Talks, 2015), Paulo Storani palestra mais sobre o que diferencia um caveira dos outros policiais. Ele coloca o Bope como uma "equipe de alto rendimento" em uma fala endereçada a um público mais corporativo. Aqui, observamos mais uma vez o "sucesso" da atuação do grupo emergir como ator. Ele abre a apresentação falando sobre como a transformação de policiais convencionais em caveiras é mistificada:

Me perguntaram: ah Storani, é verdade que os soldados do Bope são geneticamente modificados? Eu respondi: mas é claro que não! As pessoas acham que o Bope tem algo de sobrenatural e esquecem que eles escolheram fazer o melhor na área de segurança pública, criando um grupo e desenvolvendo trabalho em equipe. Quando você está em uma equipe bem preparada, o risco é diminuído (TEDx Talks, 2015).

Ele então explica como José Padilha o procurou porque queria "aplicar os princípios do Bope" à equipe do filme (TEDx Talks, 2015). "Os princípios do Bope são 3 bem simples" ele diz, e cita os seguintes itens: Seleção *rígida* de integrantes; Treinamento *rígido*; Controle de conduta e performance *rígida* (TEDx Talks, 2015). E ele explica que a ênfase no termo é para mostrar que "isso não é diferente das empresas, porque o Bope não é diferente das empresas, exceto pela palavra "rígido", pois só assim brasileiro entende a intensidade" (TEDx Talks, 2015). Para mostrar que não se trata de nada "sobrenatural", Storani ressalta algumas características de seus integrantes talvez igualmente místicas:

¹² O Ossuário de Sedlec é uma construção feita no subsolo de uma capela católica em Sedlec, na República Tcheca. Trata-se de um projeto arquitetônico que utiliza uma grande quantidade de ossos humanos como ornamento.

No Bope só trabalha voluntário. Porque alguém iria ser convidado para trabalhar naquilo ganhando o mesmo salário que um policial que trabalha na rua? Fui entrar no Bope porque entendi um conceito fundamental: responsabilidade. [...] Nós do Bope cumprimos missão. Isso nos torna diferentes, pois somos missionários. Missão tem um valor agregado maior do que um mero cumpridor de tarefas. É abrir mão de muitas coisas. [...] Tudo deve ser planejado para ser vencido. [...] Nosso lema é: Vá e vença! [...] Cumpra a porra do plano! Seja disciplinado na missão. Você tem um compromisso com todos aqueles que antecederam, todos aqueles que virão e toda a sociedade a quem você serve. Você é a última linha de defesa, não pode cair. [...] Não somos super-homens geneticamente modificados, mas temos uma noção de relacionamento de pessoas entre pessoas para chegar em um resultado e porque deve ser feito (TEDx Talks, 2015).

Storani então define os caveiras com muitas qualidades necessárias para ser capaz de operar. Não são soldados “geneticamente modificados”, mas sim, missionários voluntariosos com senso de responsabilidade e disciplina. Unidos e munidos de seu *ethos* guerreiro, combatem os criminosos que ganharam asas demais com a “ideologia” da esquerda. Os policiais convencionais apontam: os caveiras são “malucos”, “comedores de cobra” que “gostam de apanhar”. E o Major Novo confirma: entendeu que estava no lugar certo na polícia militar porque ali só tinha maluco. É assim que eles se vêem e se cobram para ser. O “controle de conduta *rígido*” mencionado por Storani é o que idealmente garante que os caveiras sempre “sigam na linha” e preservem seus valores sagrados. Para continuar a explorar como a ação do grupo é conformada por todas essas características precisamos, então, ver como esses caveiras operam no teatro na guerra após o treinamento.

Vamos agora olhar para um de seus chamados *cases* de sucesso, afinal, deve haver algum motivo para que palestras motivacionais sejam feitas inspiradas pela atuação dessa equipe. Uma das operações mais emblemáticas do grupo é sem dúvida a que podemos chamar de “Retomada do Complexo do Alemão”, que ocorreu em 2010. Tal evento foi altamente televisionado, e sua conclusão foi celebrada pela imprensa e pelo Estado. Na página do portal *O Globo* (O Complexo [...], s.d.) em memória ao evento consta uma linha do tempo de notícias elencando os principais acontecimentos que culminaram nesse momento, e quais foram as repercussões até o ano de 2016. De acordo com essa página (O Complexo [...], s.d.), é possível ver que o bairro já era conhecido pela morte do traficante Orlando Jogador em 1994, que gerou um conflito entre duas facções que disputavam o território, e pelo caso do assassinato do jornalista Tim Lopes por traficantes, em 2002. Ainda de acordo com essa página (O Complexo [...], s.d.), em 2007 iniciou uma operação para desmobilizar o tráfico e atuou junto à Força Nacional e à Polícia Civil em um confronto que deixou 19 mortos. Como é relatado: “Em novembro, uma análise da Secretaria Especial de Direitos Humanos concluiu que dois homens mortos apresentavam sinais de execução sumária. O então secretário de

Segurança, José Mariano Beltrame, fez críticas e chamou o documento de *relatório alternativo*”(O Complexo [...], s.d.). Com a saída da Força Nacional do Complexo do Alemão, o tráfico continuou atuando na região (O Complexo [...], s.d.). Até que no dia 28 de novembro de 2010, o Bope, a Polícia Civil, a Polícia Federal, a Marinha e o Exército concentraram suas forças nesse território novamente, o que resultou na fuga em massa dos traficantes pelas matas para outros bairros (O Complexo [...], s.d.). Vitoriosos sobre os bandidos, e sob os olhares de todo o aparato midiático da época, o Bope hasteou uma bandeira do Brasil no topo do Morro do Alemão, o que foi documentado na seguinte imagem:

Figura 08 – O Bope hasteia a bandeira do Brasil no Complexo do Alemão.



Legenda: O Bope hasteia a bandeira do Brasil sobre o Morro do Alemão, subjugando o território como se ele tivesse sido “perdido” para outro poder.

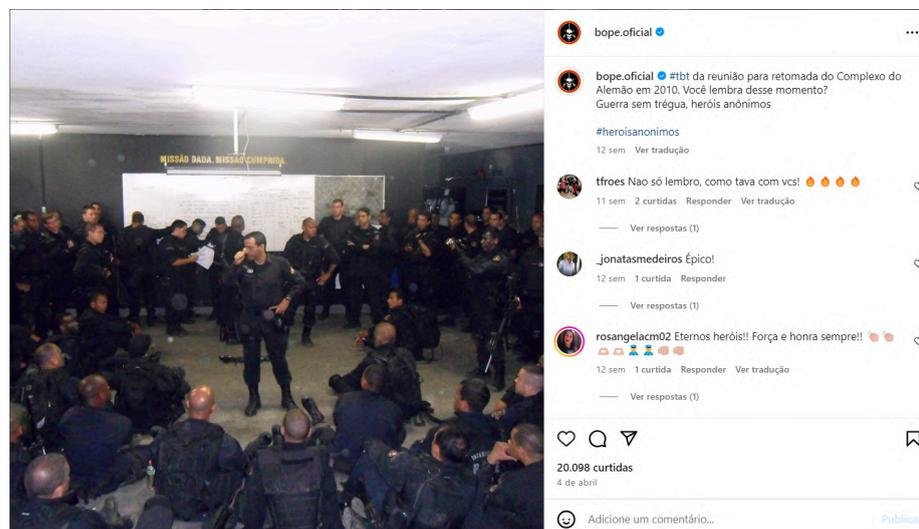
Fonte: *O Globo*. Disponível em:

<<https://infograficos.oglobo.globo.com/rio/o-complexo-do-alemao.html#6>>. Acesso em: 31 out. 2024.

Como essa atuação do Bope poderia ser considerada outra coisa se não uma vitória indiscutível quando as imagens mostram que os traficantes fugiram acovardados e os caveiras reconquistaram o território para a nação? Em seu livro, Major Leonardo Novo (2020) dedica o capítulo “Retomada do Alemão muito antes da mídia” para relatar como foi a megaoperação do ponto de vista dele enquanto caveira. Como ele havia se formado no curso de 2008, já estava atuando como parte do Bope. Para ele, as coisas não foram exatamente da maneira noticiada. Ele recebeu o *briefing* com sua equipe, tal qual um projeto de design, de que sua ação deveria ser entrar com 3 blindados dentro da favela da Chatuba, onde apreenderam tanta maconha que nem cabia dentro dos blindados alocados para a missão (Novo, 2020, p.36). “O tenente, como todo caveira [...] recém-formado, está com a faca nos dentes, quer operar o tempo todo, se colocar à prova e mostrar serviço” (Novo, 2020, p.35), explica Novo sobre suas expectativas. Foi logo após concluírem a retirada da maconha que receberam um aviso do subcomandante para que permanecessem no local para segurar a posição (Novo, 2020,

p.39). No dia seguinte observaram os blindados da Marinha do tipo *clanf* e *M113* passarem pela Vila Cruzeiro, o que gerou comoção entre os caveiras: “Se deixassem uns quatro desses com a gente, resolveríamos o problema da cidade” (Novo, 2020, p.41). Quando alguns dos caveiras já estavam mais de 48h operando nessa região da Chatuba e da Vila Cruzeiro, o comandante decidiu que as equipes aproveitassem o êxito da missão e ocupassem o Complexo do Alemão junto à Marinha, o que seria uma ordem direta do governador. Isso revoltou Novo diante da exaustão de sua equipe, pois para ele aquilo era “fazer política com as nossas mortes” (Novo, 2020, p.42) e que todo aquele aparato “não passava de um oportunismo político e institucional” (Novo, 2020, p.43). Resignado, cumpriu com as ordens e descreveu que “Como bons *operações especiais*, ficamos nas sombras” (Novo, 2020, p.40), afinal “somos heróis anônimos” (Novo, 2020, p.44). A imagem a seguir, publicada pelo perfil oficial do Bope no Instagram, relembra em um #tbt (*throwback thursday*, ou quinta-feira da lembrança, como os internautas gostam de postar nessa rede suas fotos antigas) como foi a Retomada do Complexo do Alemão dentro do Batalhão:

Figura 09 – #TBT da operação no Complexo do Alemão.



Legenda: *Post no Instagram* feito pelo perfil oficial do Bope rememora em um #tbt a “Retomada do Complexo do Alemão” em 2010. Na legenda: “Guerra sem trégua, heróis anônimos”.

Fonte: *Instagram @bope.official*. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/C5Wpbb0p5-a/>>. Acesso em: 31 out. 2024.

Apesar de ser um dos protagonistas do evento, os caveiras se referem como heróis anônimos em comparação com as outras forças militares que atuaram junto deles. Olhando em retrospecto, a Retomada do Complexo do Alemão ocorria em um momento em que muitos projetos do Governo eram direcionados para a região, como a construção do Teleférico, o Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) e a implementação das Unidades de Pacificação

(UPPs). Então é difícil negar que a megaoperação estivesse acompanhada dos interesses políticos do governador da época, Sérgio Cabral, junto com toda a rede de agenciamentos que são necessários para se fazer uma política de Estado. Podemos dizer que a notória ação do Bope, nesse caso, foi possibilitada pelas “questões políticas”. A vitória televisionada e o “grande sucesso” que pareceu ser essa missão agregou status ao Bope, que ainda colhia os frutos da projeção do filme. No vídeo *Retrospectiva da ocupação do Complexo do Alemão* publicado pelo canal no Youtube da TV Brasil (2010), as crianças do bairro aparecem cantando alegres a música do Tihuana após os confrontos cessarem, sintetizando, em parte, o clima da cidade. Pelo menos do ponto de vista das grandes emissoras.

Ainda no mesmo vídeo (TV Brasil, 2010), é mostrado uma espécie de “QG” do crime na região. Os jornalistas falam alertas “só nessa casa de três cômodos eram distribuídas 10 toneladas de maconha, o que é a maior apreensão da polícia”. E em seguida mostra o que parece ser outra construção de alvenaria com dois andares que é chamada de “fortaleza dos traficantes”, que em seguida é filmada sendo explodida pelos policiais (TV Brasil, 2010). Ambas as construções eram precárias, como barracos sem moradores. Essa cena me remete ao clímax do filme *Tropa de Elite* (2007), quando o dono do tráfico da região estava comendo uma marmita fria, usando uma colher, em um barraco minúsculo e sem reboco, e percebe que eles estão sendo alvo de operações do Bope. Não é estranho que os soldados pontuem com frequência que o tráfico é “muito bem armado”, o que dificulta o policiamento e os obriga a ser uma das melhores polícias do mundo, enquanto os traficantes não estão tão longe da miséria? O imaginário do traficante com cordão de ouro, roupa de marca e fuzil cromado contrasta com várias cenas que abordamos até agora. Talvez ambos os traficantes coexistam, mas é difícil acreditar que os traficantes estão em pé de igualdade com os policiais em seu poder bélico. O que me leva a questionar mais uma vez: qual o sentido da guerra? O sentimento de falta de propósito não age somente em mim, “cidadão do asfalto inseguro universitário”, mas também nos caveiras que contam suas histórias.

Para além de seu treinamento rígido e sua operação bem sucedida, como os caveiras enxergam suas próprias guerras? Até agora, vimos o quanto ela pode ser *particular, real e sem vitória*. No livro que nos foi recomendado pelo Major Novo *A guerra na era da informação*, Visacro (2018) narra que o cenário de guerra nas comunidades “estava em desacordo com os cânones de guerra” e que o que havia visto “se aproximava mais de um quadro de guerra irregular”. “Dissimulado sob um enorme contingente populacional, o “inimigo” tornara-se invisível. Na verdade, ele próprio era um subproduto daquele ambiente pernicioso, pois fora gerado a partir de um triste conjunto de chagas sociais e dívidas históricas não quitadas”,

descreve o autor. (Visacro, 2018, p.20) Visacro embasa a argumentação inicial de seu livro na ideia de que o que conforma essa guerra irregular não é apenas uma característica do conflito urbano brasileiro, mas uma tendência da geopolítica mundial. A possibilidade de uma hecatombe nuclear após a Segunda Guerra Mundial tornou a chamada “guerra total” um evento mais indesejado, enquanto os conflitos revolucionários da época da Guerra Fria e o terrorismo levaram a popularização dos fuzis AK-47 nas guerrilhas (Visacro, 2018, pp.30-31). Até que no dia 11 de novembro de 2001 ocorreu o atentado às Torres Gêmeas, em que dois aviões colidiram sobre o *World Trade Center* em Nova York. Tal evento mudou a forma como as guerras ocorriam pois:

A natureza emblemática dos alvos, a hora do dia, a perfeita coordenação e a sincronização dos ataques asseguraram que as imagens dos atentados fossem geradas espontaneamente de diversos ângulos, transmitidas em tempo real e repetidas incessantemente, para milhões de espectadores em todo o planeta (Visacro, 2018, p.62).

Para Visacro (2018), isso significou uma mudança de paradigma nos meios em que a guerra ocorre para além da intensidade dos conflitos, ao passo que a guerra “irregular”, “assimétrica”, “no meio do povo” ou de “quarta geração” não é muito diferente de muitos movimentos históricos de insurgência (Visacro, 2018, p.69). A diferença agora é que os conflitos podem se desenrolar, em grande parte, de forma virtual. O que o Major Novo chama de “guerras informacionais” na nossa conversa é, portanto, a maneira como as guerras são conformadas pelo uso quase ininterrupto de tecnologias comunicacionais no dia-a-dia, tanto civil quanto militar.

Rodrigo Pimentel adicionou mais um adjetivo para a lista através do uso das redes sociais, além de “particular” como fala no documentário (Notícias [...], 1999) Ele possui um canal no *Youtube* onde posta sua opinião¹³, dicas de segurança, informações sobre o Bope e etc. O canal está desatualizado, e seu último vídeo foi publicado em 2021. No quadro “Conduta Inteligente”, posta vídeos curtos instruindo como agir em situações de perigo, assim como entra ligeiramente em polêmicas relacionadas à segurança. Nesse quadro, por exemplo, tem vídeos sobre o porte de armas, *bullying* nas escolas, como se prevenir de um assalto e etc. Esse quadro segue um formato padronizado: em menos de 10 minutos ele apresenta uma situação e em seguida elabora o que seria uma conduta inteligente para aquele caso. No vídeo “Polícia na Favela: O que realmente acontece?”, Pimentel (2019a) chama a situação de “guerra civil”. Essa ideia de guerra civil tira o interesse exclusivo dos conflitos das mãos dos militares e compartilha com a população, que se torna preocupada com o “inimigo público”.

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/@RodrigoPimentelCanal>> Acesso em: 31 out. 2024.

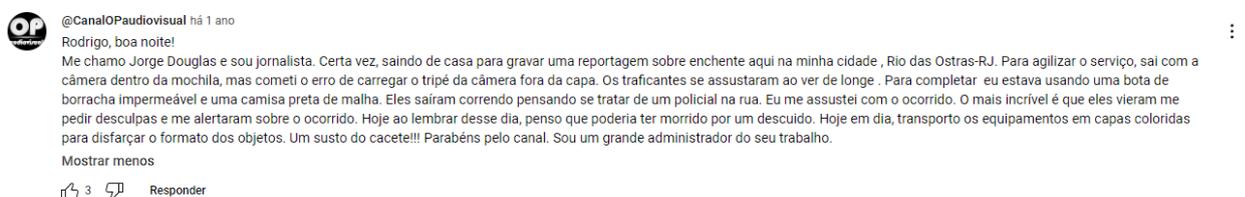
Vamos agora analisar esse vídeo do Pimentel e mais à frente outro para compreender como essa dinâmica de guerra envolve os espectadores.

Ele abre o vídeo mencionando as mais de mil favelas que existem e afirma que o clima, há anos, “é de uma guerra civil” (Pimentel, 2019a). Fala que nessa guerra se lamenta a morte de policiais e crianças, e então afirma “que nem todas as mortes são causadas por policiais”(Pimentel, 2019a). Ele explica que as operações não são apenas para apreender drogas, mas também para prender assaltantes, maridos violentos e recuperar carros assaltados. “Nada justifica uma área sem policiamento”, diz Pimentel (2019a) se referindo à Aleppo e a outras áreas sem policiamento no mundo, defendendo que a favela necessita da presença da polícia. Então, tentando justificar como um erro policial pode acontecer, ele exemplifica o caso de um morador que carregava um tripé e um microfone. Segurando seu tripé de filmagem como fuzil ele pontua : “O quê isso parece? O policial tem poucas frações de segundos para responder à situação” (Pimentel, 2019a). E mostra um clipe do morador, em que um policial o questiona duramente: “Olha o que ele tá levando na mão, pedestal e microfone, em plena vila Vintém”! E Pimentel comenta o clipe :

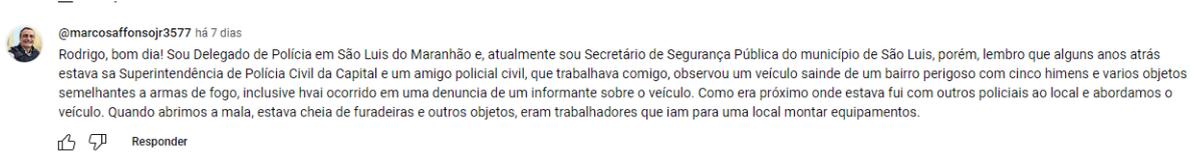
O policial infelizmente está certo. Porque confunde os policiais e os próprios bandidos. Eu como morador de comunidade eu não sairia portando esse objeto. Uma boa dica para você que é um morador de comunidade, fique atento aos objetos que você carrega. Não é uma conduta inteligente sair em uma cidade dominada pelo tráfico com um objeto desses (Pimentel, 2019a).

Um tripé ou um microfone na mão de um morador de comunidade pode torná-lo um criminoso passível de ser executado. Portanto, ele jamais deveria portar um tripé e um microfone. No entanto, Mr. Pimentel porta um tripé como um fuzil enquanto afirma que não o faria enquanto morador de comunidade. A imagem do vídeo não transforma Pimentel em um usuário de fuzil, apenas em um homem segurando um tripé imitando um homem segurando um fuzil. Ao se encerrar, o vídeo faz o que chamamos no *marketing* digital de “chamada para ação”, convidando os internautas a comentar. E eles comentam. Assim, várias histórias confirmam as possibilidades de ser confundido em sua relação com um objeto.

Figura 10 – Comentários no vídeo “Polícia na Favela: O que realmente acontece?”



@CanalOPaudiovisual há 1 ano
Rodrigo, boa noite!
Me chamo Jorge Douglas e sou jornalista. Certa vez, saindo de casa para gravar uma reportagem sobre enchente aqui na minha cidade, Rio das Ostras-RJ. Para agilizar o serviço, sai com a câmera dentro da mochila, mas cometi o erro de carregar o tripé da câmera fora da capa. Os traficantes se assustaram ao ver de longe. Para completar eu estava usando uma bota de borracha impermeável e uma camisa preta de malha. Eles saíram correndo pensando se tratar de um policial na rua. Eu me assustei com o ocorrido. O mais incrível é que eles vieram me pedir desculpas e me alertaram sobre o ocorrido. Hoje ao lembrar desse dia, penso que poderia ter morrido por um descuido. Hoje em dia, transporto os equipamentos em capas coloridas para disfarçar o formato dos objetos. Um susto do cacete!!! Parabéns pelo canal. Sou um grande administrador do seu trabalho.
Mostrar menos
3 Responder



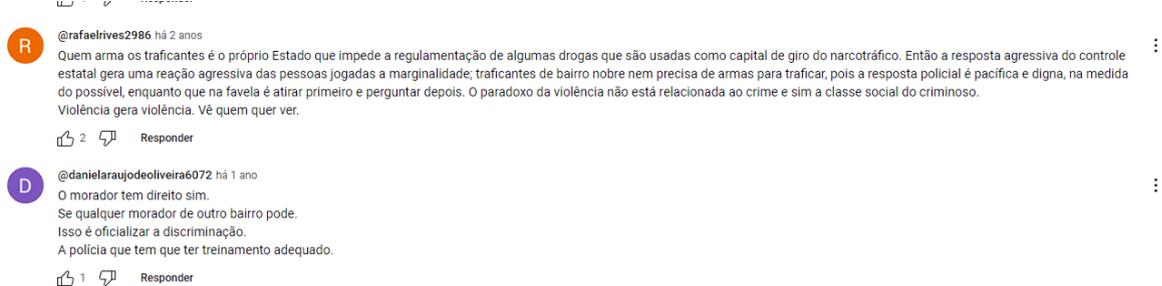
Legenda: Comentários de usuários contando vivências relacionados ao vídeo “Polícia na Favela: O que realmente acontece?” (Pimentel, 2019), concordando com a opinião de Pimentel.

Fonte: *Youtube*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=-u1q4xFHAdc&ab_channel=RodrigoPimentel>. Acesso em: 31 out. 2024.

Não são apenas tripés e microfones que podem se disfarçar de armas, mas também furadeiras, galochas, blusas pretas, etc. Nem todos os comentários, porém, foram em concordância com o vídeo. Como os seguintes internautas apontam: “Isso é oficializar a discriminação”. Tal crítica já teria sido adiantada no vídeo, quando Pimentel afirma que a polícia precisa estar presente para que as favelas não se tornem uma nova Aleppo¹⁴. Apesar disso, os comentários reivindicam que é necessário que os policiais tenham “treinamento adequado” para policiar a favela, indicando que confundir ferramentas com armas é visto como inadequado.

Figura 11 – Críticas no vídeo “Polícia na Favela: O que realmente acontece?”



Legenda: Comentários de usuários no vídeo “Polícia na Favela: O que realmente acontece?” (Pimentel, 2019), criticando a opinião de Pimentel.

Fonte: *Youtube*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=-u1q4xFHAdc&ab_channel=RodrigoPimentel>. Acesso em: 31 out. 2024.

Eis uma controvérsia: se moradores de comunidade precisam deixar de portar certos objetos para não se tornarem bandidos, o que determina quais objetos serão excluídos de sua vida? A discussão remonta a um ocorrido muito marcante, um caso de erro policial memorável: Rodrigo Serrano, um morador da comunidade Chapéu Mangueira, foi executado a tiros por ter seu guarda-chuva confundido com um fuzil e uma mochila do tipo “canguru” por um colete (Moura, 2018). A PMERJ deu outra versão, mas isso não satisfaz os moradores:

¹⁴ Aleppo é uma das maiores cidades da Síria, relevante histórica e comercialmente para a região. Desde 2011, a cidade foi o principal campo de batalha de uma guerra civil entre governistas leais ao presidente Bashar Al-Assad e rebeldes jihadistas que querem sua deposição, o que destruiu uma parte dela.

A PMERJ (Polícia Militar do Rio de Janeiro) dá outra versão. Procurada, a corporação informou que “os agentes foram alertados por populares que havia criminosos na localidade do bar do David. Chegando ao local, houve troca de tiros e um breve confronto”. [...]

Por volta das 7h30 desta segunda-feira, moradores indignados com o ocorrido se mobilizaram e protestaram empunhando guarda-chuvas do mesmo modelo que Rodrigo segurava quando foi morto. Nas redes sociais, compartilharam as imagens com a legenda: “É só na favela que guarda-chuva é confundido com fuzil” e “Toda favela é um campo de extermínio do povo preto” (Moura, 2018).

Figura 12 – Moradores protestam com guarda-chuvas.



Legenda: *Post no Instagram* de moradores protestam o assassinato de Rodrigo Serrano, que foi confundido com traficante por estar portando um guarda-chuva. Eles portam os guarda-chuvas como uma arma para mostrar a diferença.

Fonte: *El País*. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html>. Acesso em: 31 out. 2024.

As imagens reproduzidas na reportagem jogam com a visualidade da situação: um fuzil é realmente tão parecido com um guarda-chuva? Esse tipo de erro policial é realmente aceitável? Indignados, os moradores mostram seus guarda-chuvas coloridos e o portam mostrando que muitos precisam deles no dia-a-dia. Fica a incongruência do discurso de Pimentel: o trabalho de um caveira pode falhar, e quando falhar será pela agência de um objeto que se disfarça de arma, ou pela imprudência de um morador da comunidade que escolheu levar esse objeto, independente de ser uma ferramenta de trabalho ou um guarda-chuva. No asfalto, podemos portar guarda-chuvas para nos proteger e carregar furadeiras. No asfalto, é permitido trabalhar com essas ferramentas. Quando um erro policial ocorre no asfalto, ao que se atribui a causa de seu erro?

Em contraste com o vídeo mencionado anteriormente, o vídeo “Arma de fogo em casa” traz a opinião de Pimentel (2019b) sobre o porte de armas de fogo por pais de família, ou o que podemos ler como “cidadão de bem”. Ele (Pimentel, 2019b) abre o vídeo lembrando

que o porte e a compra de armas é legalizada mediante exame em estande de tiro, teste psicotécnico e verificação da ficha criminal limpa. Então, ele dá as diretrizes do que é necessário para ter uma arma em casa de forma responsável, como “ir ao estande de tiro pelo menos uma vez por semestre”, ou “não ter tido nenhuma ocorrência de Lei Maria da Penha em casa” (Pimentel, 2019b). Ele afirma de forma séria que não é necessário ter uma arma em casa, e que a maioria das ocorrências acontecem no momento em que o pai sai de carro com o filho para a escola, o que coloca a criança em risco caso o pai tente reagir. É curioso comparar os dois vídeos. Não é necessário ter uma arma em casa, pois isso cria uma situação de risco, na maioria dos casos, para crianças ou mulheres, que são alvos mais comuns de violência doméstica. Ainda assim, é possível ter uma arma em casa de forma legal, mesmo não sendo policial ou militar. Surgem questões, em uma nova controvérsia. Podemos nos armar como moradores do asfalto, mas só se formos responsáveis? Homens que cometem violência doméstica não podem se armar pois seria irresponsável, mas mulheres que sofrem violência doméstica podem se armar? Moradores de comunidade podem se armar para protegerem suas propriedades, suas casas? Nos comentários, os internautas debatem:

Figura 13 – Debate nos comentários do vídeo “Arma de fogo em casa”

The image shows a vertical list of YouTube comments. Each comment includes a profile picture, a username with a timestamp, the text of the comment, and interaction icons (likes, replies, and a 'Responder' button). The comments are as follows:

- @elijahmuhammed2915** há 4 anos: Tenho minha sogra em casa, não preciso de armas. (10 likes, 1 reply)
- @izaiasabreu2763** há 5 anos: A conversa que não devemos reair nunca deu garantia que sairíamos ilesos ante a ação de um bandido. Por outro lado garante aos marginais que somos ovelhas prontas para o abate. (8 likes, 1 reply)
- @DooM1906** há 5 anos: Bem esclarecedor, para quem não quer ter, agora como a maioria da população quer ter seu direito assegurado, só assisti 3 minutos de conversa desarmamentista. (21 likes, 1 reply)
- @surfistaprateado2039** há 4 anos: Eu esperava um discurso anti-armas mas vi falas de bom senso e sensatez! (2 likes, 3 replies)
- @senhorwilkeroliveira4140** há 5 anos: Eu sou do tempo que si podiam usar armas não era essa bagaga que é hoje. (3 likes, 1 reply)
- @evertonsouza432** há 4 anos: A galera revoltada com a sensatez do video deve ser: agressor de mulher, péssimo pai de familia ou tem porte ilegal.... Hahahahaha (7 likes, 1 reply)
- @marioluiz6984** há 1 ano (editado): Deixou de falar que não existe legislação que protege o cidadão de bem caso ele se proteger de uma eventual invasão e proteção sua familia alvejar e matar o criminoso invasor o cidadão de bem poderá ser preso e ainda terá que indenizar a familia do criminoso...Isso já aconteceu diversas vezes...Se muitas vezes um policial preparado numa discussão boba ou ciúmes pode sacar a arma e matar por causa boba em uma discussão imagina os cidadãos brasileiros armados que venham a ser ofendido por seu vizinho? Em fim não consigo ver que o povão possa e deva ter uma arma...tem que haver outros meios de se proteger que não seja pelo cidadão e sim pela tecnologia...Agora a quem conseguiu armas por causa do bolsonaro veremos em futuro próximo o surgimento de vários atradores aleatórios como acontece nos Estados unidos e muitas vidas serão ceifadas por causa da visão errada de combater a violência e os criminosos(OPINIÃO) (1 like, 1 reply)
- @RS-ur3hl** há 5 anos: Vai vender a sua idéia em outro pais aqui não... Tu tem a tua né amigo ai é fácil não querer para os outros... vai com esse blablabla pra lá cara de pau!!! (1 like, 1 reply)

Legenda: Internautas comentam no vídeo de Rodrigo Pimentel (2019b) “Arma de fogo em casa).

Fonte: *Youtube*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=SWmumJRMGcM&ab_channel=RodrigoPimentel>. Acesso em: 31 out. 2024.

O ator que se relaciona com a arma aqui é assumido como masculino. O vídeo é chamado de “conversa desarmamentista” que não dá “garantia que sairíamos ilesos ante a ação do bandido”. E quem discorda do vídeo é chamado de “agressor de mulher e péssimo pai de família”. De repente, me vejo na rede novamente, lembrando dos momentos em que sofri algum tipo de abuso ou soube de amigas que passaram por situações similares. Uma arma não resolveria a maioria delas e quase nunca entra em questão como possibilidade de reação ou defesa. Os comentários, majoritariamente feitos por homens, afirmam que a arma é necessária para garantir a segurança no caso de assalto, para defender a propriedade. Caso contrário, “somos ovelhas prontas para o abate”. E no caso de violência sexual e doméstica? A vítima que deseja se defender de uma agressão é excluída do debate e o portador da arma deseja “defender sua propriedade”. A insegurança da pessoa que é casada com outra que porta uma arma paira entre tantas questões que emergiram com esse vídeo. É possível até ler uma piada de sogra, que a coloca em lugar de arma. Mas o que separa a violência doméstica, do assalto, da reação ao assalto e da reação policial em relação ao objeto disfarçado?

O discurso da prevenção, da cautela e da responsabilidade é um dos atores dessa rede. Nós que não somos policiais nem bandidos nos relacionamos com várias regras citadas, reforçadas e repassadas de diferentes formas. Os vídeos no *Youtube* de Rodrigo Pimentel, como os citados acima, permitem entender que tipo de ação nos cabe como não-policiais-não-bandidos, qual ação é uma “conduta inteligente” para não se envolver mais na guerra. Assim, esses vídeos são valorizados por sua voz de especialista no assunto. Ele discorre sobre “quem deve portar o quê” e traz dados, pesquisas e números para justificar seus argumentos. Ele separa e ordena os atores como “moradores de comunidade”, “policiais”, “cidadãos de bem”, “bandidos” etc. Dessa forma, ele nos mostra a relação de cada um desses atores com a segurança pública, e conseqüentemente, com o Bope.

Os caveiras estão interessados o tempo inteiro em explicar como agem, e como o Bope é estruturado por eles. Isso não é interessante apenas para legitimar sua ação aos civis e criar categorias identificáveis de “inimigo público”, mas também uma forma de fortalecer o que une eles. Em seu *networking* policial, celebram suas origens, desabafam sobre suas dificuldades e debatem novas formas de lidar com a criminalidade. Se caracterizam como guerreiros, missionários, voluntariosos, unidos, malucos, responsáveis, valorosos, místicos e rígidos. E afirmam que tudo isso é necessário para lidar com uma guerra real, particular, civil,

irregular, informacional, sem vitória e assimétrica. Os caveiras, sobretudo, adoram nomear cada ponto da rede sob sua visão e dizer como cada um deve agir. Mas eles não são os únicos que o fazem. Afinal, os que são relegados à periferia do Bope também têm voz ativa sobre o que o grupo faz e quem são eles.

2.4 Oportunistas do caos, bandidólatras e anjos caídos: notícias da oposição

O Bope não é feito somente daqueles que os caveiras afirmam ser os principais ingredientes de sua receita. Os que eles nomeiam como “inimigos”, os que “simpatizam com o crime” e os que dizem coisas que lhes desagradam sobre sua ação também agem sobre o grupo. Ao serem colocados em um lugar de “outro”, são atores pela exclusão. Agem tecendo os limites do grupo, tensionando seus interesses e expondo incongruências que afligem a composição que eles afirmam serem tão sólidas. O que os representantes expostos no tópico anterior afirmam ser uma verdade indiscutível sobre o grupo, mesmo que controversa, aqui aparece ainda mais incerta. Às vezes, o inimigo mora em casa, e é tratado como a “maça podre do barril”, estragando a receita do sucesso. Neste tópico, iremos falar sobre os bandidos e os “bandidólatras” que apoiam sua ação, os jornalistas “oportunistas” e o que eles escrevem, e os “anjos caídos”, caveiras que foram expulsos da corporação por má conduta ou agiram de forma criminosa.

Já abordamos neste capítulo diferentes formas em que os bandidos são classificados, retratados e referidos. No documentário *Notícias de uma guerra particular* (1999), eles aparecem como jovens soldados recrutados em uma guerra que vende uma esperança de estabilidade financeira, ao mesmo tempo que é retroalimentada pelos policiais que vendem armas para eles. O *status* gerado pelo tráfico, a estima e o prazer de participar de uma guerra também são agentes que emergem nesse documentário. Eles aparecem no filme *Tropa de Elite* (2007) como cruéis e, ao mesmo tempo, engajados com a comunidade e miseráveis. Retomamos aqui a epígrafe utilizada nesse filme, um trecho de Stanley Milgram (1983): “A psicologia social desse século nos ensinou uma importante lição: usualmente não é o caráter de uma pessoa que determina como ela age, mas sim a situação na qual ela se encontra”. Como foi dito anteriormente, essa citação não é interessante apenas como chave de interpretação sobre o filme, ou pela discussão sobre a agência dos participantes da guerra, mas também, por como essa frase também é um agente que modifica a forma como muitos

enxergam a atuação tanto dos caveiras quanto dos traficantes. Alguns daqueles que assistiram o filme, portanto, podem enxergar a ação dos bandidos, inimigos declarados do Estado, como produto da situação na qual eles se encontram.

Remeter a complexidade da ação coletiva a um conceito genérico como "contexto" não permite compreender como ela se desdobra. A questão "de quem é a culpa" quando um crime acontece recebe, então, duas respostas genéricas: exclusivamente do criminoso ou exclusivamente da sociedade. Nesse segundo ponto de vista, a responsabilidade por tal ato nem sempre é tratada como coletiva e complexa, e sim, relegada a uma dívida histórica que nunca se paga, sendo assim, retirada de discussão. O sentimento de que a "culpa" por uma ação se perdeu em um vácuo gera revolta naqueles que acreditam na punição como forma de lidar com crimes. A discussão, então, é radicalizada no outro pólo, que acredita que a ação está inteiramente concentrada no "sujeito". É essa a postura que os autores Diego Pessi e Leonardo Giardini assumem no livro *Bandidolatria e Democídio* (Giardi, Pece, 2017), que nos foi recomendado pelo Major Novo. Dedicado a Olavo de Carvalho, conhecido comunicador da extrema-direita, o livro é escrito em uma linguagem verborrágica, catastrofista e *edgy*. Eles descrevem como tema do livro a seguinte crise:

Milhares de famílias vítimas da criminalidade, destroçadas e desassistidas pelo Estado veem seus algozes endeusados como "vítimas da sociedade", tratados com privilégios e proteções, com defensores midiáticos cada vez mais barulhentos. Acuada e tornada refém dos marginais, a sociedade assiste a uma multidão de teorias sobre criminosos e criminalidade que não respondem aos seus verdadeiros anseios de justiça (Giardi, Pece, 2017, p.11).

A culpabilidade, o dolo, a agência do indivíduo ao cometer um crime é uma das discussões fundadoras da área do Direito. Por esse motivo, não é surpresa que policiais tenham interesse em um livro que aborde esse assunto, principalmente o Major Novo que está ligado ao Direito Penal e às políticas de segurança pública. No entanto, essa discussão não é o que está em questão no livro, e sim, um hipotético esquecimento de que essas coisas supostamente deveriam ser tomadas como já dadas por certo. A bandidolatria é caracterizada como: "[...] *Garantismo Penal*, filho bastardo do *Marxismo Cultural*, gestado no ventre de aluguel do *Positivismo Jurídico*" (Giardi, Pece, 2017, p.15). Com um tom cristão, concentram toda a agência do crime nas mãos do indivíduo que tem poder de escolha entre o "bem" e o "mal", um "livre-arbítrio", e chama a postura contrária a esses conceitos de relativismo moral: "É a infeliz vingança do Adão pós-moderno. Ele expulsa Deus do seu peculiar 'paraíso humanista', cuja primeira perda é a da sua própria dignidade. [...] Afinal, o que seria pecado,

ao sul do Equador?” (Giardi, Pece, 2017, p.17). Para os autores, os criminosos desejam pecar por natureza: “A excitação com o crime é seu oxigênio” (Giardi, Pece, 2017, p.29).

Portanto, qualquer um que se alie à ideia de que os bandidos são “vítimas da sociedade” é logo localizado na rede como “bandidólatra”, ou “simpatizante do crime”. Pois, para esses autores, e talvez para muitos agentes da segurança pública, questionar o papel do Estado e “humanizar” criminosos (que, para eles, deveriam ser tratados como animais em celas) é igualmente um crime hediondo, uma perda da moralidade. Dessa forma, os discursos tecidos sobre quem deve ser penalizado, culpabilizado, humanizado, ressocializado, agem configurando como os atores podem ser posicionados na rede, mas não necessariamente restringindo seus movimentos a um único ponto. Pois quem é “vítima”, “algoz” e “simpatizante” está sempre em constante troca de posições. A agência, tratada dessa forma, não é centralizada somente no criminoso, por mais que essa seja a intenção. Ela é compartilhada entre eles e seus simpatizantes.

Os simpatizantes se tornam indesejáveis, quase tão inimigos públicos quanto os criminosos. Por isso, ao mínimo sinal de simpatia com criminosos, ou crítica à polícia, uma pessoa interessada em falar sobre a guerra pode se tornar alvo de desconfiança. Em 2019, um estudante foi morto por uma bala perdida no peito em um ponto de ônibus na frente de uma das entradas para o Morro do Borel. O tiro teria sido o resultado de uma operação policial em resposta aos ataques de bandidos à UPP Borel (Araújo, 2019). Gabriel Pereira Alves, de 18 anos, tinha o sonho de ser jogador de futebol e treinava no Olaria Atlético Clube (Araújo, 2019). A deputada estadual Mônica Francisco fala nessa reportagem um pouco sobre por que os moradores se manifestaram pela morte do garoto:

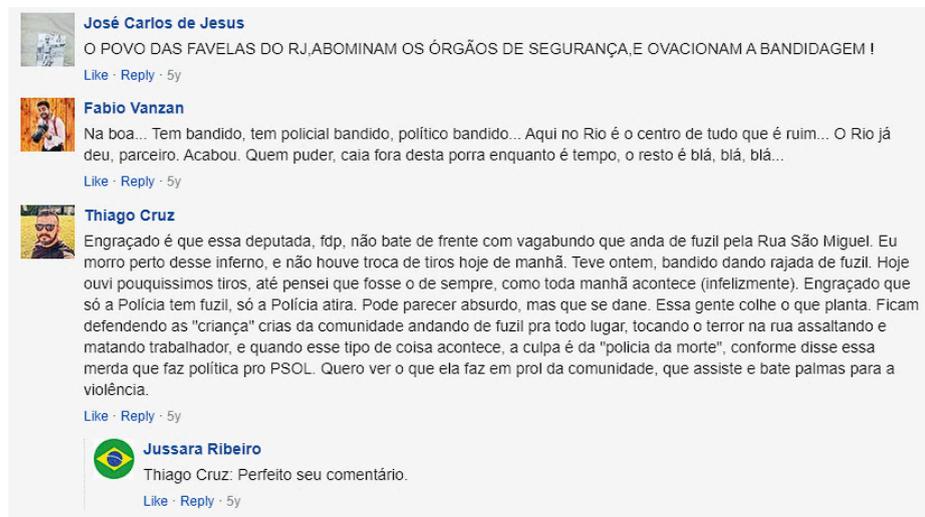
"Sou amiga da família, fomos nascidas e criadas todas juntas aqui no Borel. Ele saiu como faz todos os dias, conhecemos desde que nasceu. Ele estava pronto para ir para a escola, o amigo chamou para descer, como todo favelado e toda favela faz, o tiro parou a gente desce para trabalhar, para estudar, achando que o tiroteio acabou", disse a parlamentar.

"Foi isso que aconteceu, um tiro no peito, de um menino de 18 anos, mais um jovem negro morto nessa política de morte, que prioriza o confronto, que mata policial, jovem, negro, como o que morreu ontem, só vai mudando o lado da tragédia. Seja um jovem policial morto, seja um jovem do varejo da droga, um estudante", criticou.

A deputada questionou operações policiais durante o horário de grande movimento nas comunidades e disse que a "política de morte" do atual governo só aumenta a violência. "O horário é de escola. A gente sempre reitera isso, por que fazer operação no horário que as pessoas estão descendo para trabalhar, estudar? Muita gente aqui nesse hospital trabalha a noite e tem que subir. É uma violência recorrente que só se reforça com as últimas declarações do governador Wilson Witzel", falou (Mônica Francisco *apud* Araújo, 2019).

Em resposta ao posicionamento da deputada noticiado pelo jornal, é possível ver na imagem abaixo que os internautas se revoltaram com a crítica à polícia, e comentaram “o povo das favelas abominam os órgãos de segurança e ovacionam a bandidagem”. E apesar de estar defendendo a vida de um estudante que tinha o sonho de ser jogador de futebol, a deputada é acusada de defender “as crianças crias da comunidade andando de fuzil para todo lugar”.

Figura 14 – Comentários na matéria sobre a morte de Gabriel Pereira Alves



Legenda: Internautas comentam na matéria, discordando e xingando a deputada estadual Mônica Francisco.

Fonte: *O Dia*. Disponível em:

<<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5670845-estudante-e-morto-por-bala-perdida-em-ponto-de-onibus-na-tijuca.html>>. Acesso em: 31 out. 2024.

Mônica Francisco, como muitos atuantes políticos de esquerda, é conformada nessa rede como “simpatizantes de bandido”, mesmo que não defendam a atuação de criminosos. Isso ressoa com o que Paulo Storani (2014) apontou no artigo citado no tópico anterior: que os “intelectuais de esquerda” armaram os criminosos com sua “ideologia”. O que remonta à história de que o Comando Vermelho teria sido fundado por militantes de esquerda presos durante a Ditadura Militar em parceria com outros criminosos de alta periculosidade em Ilha Grande. Denunciar a polícia ou as consequências da guerra, portanto, pode colocar quem denuncia em uma posição na rede muito próxima dos bandidos para aqueles que apoiam a atuação da polícia. Haveria, então, os “simpatizantes de caveira”, inversamente? Seriam os comentaristas da matéria acima, tais simpatizantes de caveira?

As matérias jornalísticas, como podemos ver ao longo de toda a pesquisa, são espaços importantes de debate, conflito e denúncia. Para o Major Novo, a mídia não é “má”, ela só é “mercantilista”, e “vai valorizar o que é contraditório”. Seguimos, então, para o próximo ator

que é conformato em oposição ao Bope, o jornalista Rafael Soares. Ao assumir uma postura denunciante em suas matérias, ele é muitas vezes lido como próximo desse lugar de “simpatizante de bandido” pelos “simpatizantes de caveira”. Não só isso, como em nossa conversa com o Major Novo ele foi citado como “oportunista do caos”, ou como ficou implícito em nossa troca, alguém cujas falas e discursos sobre o Bope soam incoerentes e mercantis. Qual seria o caos que Rafael Soares minera como um oportunista? O que o faz diferente de tantos outros jornalistas que publicam reportagens sobre a polícia?

“Um jornalista aí do Extra”, foi como o Major se referiu a ele primeiro. O jornal Extra é conhecido por ser um veículo de notícias tradicional do Rio de Janeiro voltado para um público mais popular, com publicações baratas, manchetes sangrentas e sensacionalistas. O canal “Casos de Polícia”¹⁵ de seu portal online é conhecido por compartilhar notícias controversas sobre a polícia, e os casos regionais de menor repercussão. Rafael Soares durante muito tempo publicava nesse jornal, tendo mais recentemente entrado para o Jornal O Globo. Mas além dos jornalistas, alguns policiais também já marcaram presença neste canal, como é o caso da página de publicações do Coronel Paulo Amendola¹⁶. O conflito, então, parece ter menos relação com o jornal e mais com o jornalista. Em seu perfil no *LinkedIn*, Rafael Soares (2024) se resume da seguinte maneira: “Sou repórter especial do Jornal O Globo. Há mais [de] uma década, cubro temas relacionados à segurança pública e aos direitos humanos no Rio de Janeiro”. E cita vários prêmios que já recebeu como o prêmio internacional de jornalismo Kurt Schork Award de 2021, na categoria Repórter Local, por seu “trabalho de denúncia de execuções cometidas por agentes de segurança”. Também é autor do livro *Milicianos* (Soares, 2023) e do podcast *Pistoleiros*. Como Rafael deixa claro em sua breve biografia, seu tema de interesse é o foco nos erros policiais. Alguém que faz emergir casos similares ao do guarda-chuva confundido por um fuzil, por exemplo. Talvez por isso, o trabalho dele incomode os policiais mais do que outros jornalistas costumam fazer. Em 2020, Rafael Soares publicou a seguinte matéria polêmica entre policiais:

RIO — O consumo de munição do 15º BPM (Duque de Caxias), onde são lotados os policiais investigados pelos homicídios das meninas Emilly Victória Silva dos Santos, de 4 anos, e Rebeca Beatriz Rodrigues dos Santos, de 7 anos, disparou nos últimos meses. Só em novembro, a unidade descartou 6.238 cartuchos de fuzil usados por agentes em serviço, segundo mapas de munição do batalhão obtidos pelo GLOBO. A quantidade é 75% maior do que a eliminada em setembro e mais de três vezes maior do que a eliminada em julho, quando 1.479 cartuchos foram descartados. A eliminação de munição se dá, na maioria das vezes, até dois meses após seu uso, segundo oficiais ouvidos pela reportagem. [...]

¹⁵ Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/plantao.html>> Acesso em 31 out. 2024.

¹⁶ Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/paulo-amendola/>> Acesso em 31 out. 2024.

Nesta segunda-feira, a porta-voz da PM, Gabryela Dantas, em entrevista ao “Bom Dia Rio”, da TV Globo, disse que seria “leviano” levantar qualquer suspeita de que as mortes das meninas tenham relação com os policiais. Segundo ela, eles foram chamados para atender a uma ocorrência de furto de veículo no local (Soares, 2020).

Essa reportagem teve desdobramentos para a PM. Após aparecer na reportagem dizendo que era leviano levantar suspeitas sobre os policiais, a porta-voz Gabryela Dantas postou um vídeo-resposta indignado (Sabóia, 2020). Como Major novo nos apontou, as redes sociais são usadas também como um espaço para os policiais responderem e se posicionarem em polêmicas divulgadas pelos jornais. No entanto, isso não significa que toda resposta postada por eles será bem aceita. Essa atitude custou o cargo de Gabryela, que foi exonerada (Sabóia, 2020). A seguinte reportagem do Uol pode nos ajudar a compreender o tipo de atenção que Rafael Soares recebe dos policiais em casos como este:

A porta-voz da corporação qualificou o trabalho jornalístico como "covarde e inescrupuloso", entre outros adjetivos, além de citar o nome do profissional e incentivar o compartilhamento do vídeo. A fala dela provocou uma onda de ataques ao jornalista. [...]

Castro tomou a decisão na tarde de hoje, depois de conversar por telefone com o comandante do batalhão investigado com o secretário de Polícia Militar, José Rogério Figueredo, que oficializará a saída. O governador também exigiu a exclusão do conteúdo das redes sociais. [...]

A deputada federal Major Fabiana (PSL-RJ), oficial da PM do Rio, escreveu em tom ameaçador, na sua conta no Twitter: "Que a classe jornalística entenda o recado e comporte-se com ética. É só o começo".

O deputado estadual Anderson Moraes definiu a reportagem como "desinformação" e ofendeu o profissional. "A quem interessa tanta desinformação? Vermes defensores de vagabundos", disse.

Daniel Silveira (PSL-RJ), mais um que veio da PM, compartilhou o vídeo e justificou dizendo que trata-se de um "repúdio ao jornalismo mentiroso", apesar de não ter apresentado qualquer prova do que estava afirmando (Sabóia, 2020).

Políticos que exibem suas patentes em seus nomes e a porta-voz que foi exonerada chamam Rafael Soares de vários nomes: covarde, inescrupuloso e vagabundo. Para eles, se trata de uma desinformação, passível de represália, como ameaçam: “É só o começo”. Aqui, mais uma vez é possível identificar de forma clara quem são os atores que se portam como representantes da PM. Mas mesmo o governador Cláudio Castro, um político que abertamente se posiciona a favor dos policiais, se colocou contra a reação de Gabryela, exonerando-a. Essa não foi a única vez que Rafael se sentiu ameaçado de alguma forma. No livro *Milicianos*, ele descreve como descobriu que estava na lista de pesquisa no computador de Ronnie Lessa, e como esse evento o fez pesquisar mais a fundo quem era o assassino de aluguel e escrever tal livro. Em uma entrevista para o portal *A Vírgula*, ele explica como foi esse momento:

O jornalista se viu emaranhado nas tramas da guerra, e foi graças a essa aproximação inusitada que ele decidiu se embrenhar mais. Assim, seguiu investigando o mercenário e sua trajetória. Rafael Soares, então, incomoda a polícia por trazer à tona a letalidade de suas operações, execuções indevidas e problemas de sua ação coletivizada. *Milicianos* é uma obra interessante pelo mote de compreender “como agentes formados para combater o crime passaram a matar a serviço dele”. O livro aborda como o ex-tatuador do Méier Ronnie Lessa se tornou caveira e construiu uma trajetória dual na PM, onde era recompensado por “bravura” e “voluntariado” ao mesmo tempo em que o grupo no qual fazia parte, a Patamo 500, era denunciado por execuções indevidas (Soares, 2023). Mesmo antes de entrar para a PM já havia sido um integrante do grupo de extermínio *Scuderie Le Cocq* (Soares, 2023). Assim, o caveira ficou conhecido por se filiar ao Escritório do Crime, grupo composto por assassinos de aluguel como Adriano da Nóbrega, outro caveira que se tornou mercenário envolvido com bicheiros que foi executado como queima de arquivo (Soares, 2023).

Mesmo que ambos os ex-agentes sejam caveiras, o Bope também se relaciona com esses agentes pela exclusão. Na série documental *Vale o Escrito* (2023), o ex-secretário de segurança José Beltrame chama Adriano da Nóbrega de “anjo caído”. Segundo José Beltrame (*apud* Vale [...], 2023), ex-secretário de segurança, dizer que Adriano da Nóbrega é um anjo caído é dizer que ele “inverte sua matriz de valores e passa para o lado do mal”. Rodrigo Pimentel então relata nessa série que chegou a ser instrutor e amigo de Adriano, e conta como ele foi um dos primeiros colocados no COEsp e tinha bons resultados nos treinamentos do grupo. Sua viúva conta que o que Adriano mais gostava de fazer como policial era torturar. “Ele morreu torturado. E o que é que ele mais gostava? Torturar” (Julia Lotufo *apud* Vale [...], 2023). Pimentel lembra como Adriano gostava de atacar as bocas de fumo à paisana, para matar um bandido ou pegar um fuzil. “Isso era visto como muita coragem, mas também como suicídio” (*apud* Vale [...], 2023). Então fala que esse caveira foi afastado “pela questão da técnica”, já que ele estava operando muito por vontade própria. Pimentel lamenta que ele não tenha sido preso e delatado os criminosos.

É curioso como a coragem, o voluntariado, e o desejo por participar do grupo seja a mesma característica em comum entre aqueles que se corromperam e se tornaram anjos caídos. Como mencionamos no item anterior, essas características são as mesmas que são valorizadas como relevantes para ser um caveira. O que faz um caveira, então, “inverter a matriz de valores” a ponto de deixar de ser um exímio policial e virar um anjo caído? No caso de Adriano da Nóbrega, aparentemente ele era dedicado *demais* à tarefa de executar os inimigos, a ponto de agir sozinho. Já Ronnie Lessa chegou a ser recompensado de forma

oficial por suas execuções dentro da polícia, segundo Rafael Soares (2023). Se o que separa um bom policial militar de um mercenário é o excesso do exercício de suas habilidades e a pulsão de atuar sozinho, então talvez, se relacionar de tal modo com a polícia seja um ingrediente importante para a receita desse tipo específico de criminoso.

É o que defende Jaqueline Muniz, professora no Departamento de Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense (UFF). Ela foi citada por Major Novo como “mal vista pela polícia, mas que escreve coisas interessantes”. Ela também já atuou na Secretaria de Segurança, e portanto, é alguém que conhece de perto a atuação policial para além da pesquisa acadêmica. Em um artigo sobre as tais “questões políticas” que rondam a polícia, Jaqueline Muniz (2007) descreve como é necessário discutir como opera o “poder de polícia”. Como ela descreve:

Não temos, no Brasil, expressão clara e inequívoca do mandato policial. O artigo 144 da Constituição restringe-se a delimitar quase-monopólios funcionais entre corporações para o exercício do policiamento público. O artigo 78 do Código Tributário, de 1966, que define o poder de polícia, é quase tudo o que se tem. É tão abrangente e abstrato que poderia servir a qualquer Estado, forma de governo ou regime, autorizando todo tipo de coerção estatal, desde que ela se afirmasse “em razão de interesse público”. Fora disso, há ainda menos: há limbos. Não se tem estabelecido no Brasil o que é, o que pode, o que não pode no exercício do poder de polícia.

O poder de polícia “acontece” nas ruas. Essa é “a tal da política” para as polícias de que falam os policiais. Vaga, fugidia, e circunstancial, cujas visibilidade e materialidade se reduzem a “mais do mesmo”: “mais efetivo, viaturas, armamento, munição”. O mandato policial é quase um cheque em branco, na ausência da pactuação política da governança que reflita o que seja e deva ser esse mandato para a democracia pós-1988. Como a demanda pública por segurança é inadiável e diuturna, polícias e policiais seguem construindo o seu fazer a partir de referências legais frágeis, diante de entendimentos políticos fugazes, e da institucionalidade débil das suas regras administrativas e procedimentos operacionais, sob baixa visibilidade social (Muniz, Proença Jr., 2007, pp.161-162)

A partir dessa noção de que o poder de polícia “acontece nas ruas”, Jaqueline Muniz narra a trajetória de um jovem policial ficcional que vai se familiarizando com as tramas de relações que são necessárias para a manutenção desse poder. A estrutura de seu batalhão pode ser precária, não cobrindo todas as refeições, por exemplo (Muniz, Proença Jr., 2007, p.163). Assim, se envolve com “bicos” de segurança, trocas com donos de estabelecimentos, com a agilização de trâmites burocráticos, e com a formação de milícias (Muniz, Proença Jr., 2007). Ela coloca a seguinte questão, muito pertinente para o presente trabalho:

Fala-se muito das “maçãs podres” e se exercita a catarse de que a remoção dos “alguns maus policiais”, corruptos ou violentos, é o limite do que a política pode fazer. Fala-se pouco de por que as maçãs apodrecem. É que no barril há lugares, há relacionamentos que convidam ao apodrecimento. (Muniz, Proença Jr., 2007, p.163)

A ideia de que um ator não está sozinho “apodrecendo um barril” é algo a se refletir. Trata-se de reconhecer a maneira em que a polícia tece relações para exercer seu poder pouco regulamentado. Para que um policial se torne um criminoso, é necessário que uma série de outros atores permitam que ele carregue tal ação. Se procurar trabalhos “por fora” para complementar a renda surge de uma necessidade e é algo justificável e bem aceito entre eles, e se os trabalhos que eles “são bons em fazer” é segurança particular, coleta de taxas e assassinato, não se pode isolar um único policial como responsável. É uma perspectiva sobre a prática criminosa completamente diferente daquela apresentada anteriormente quando abordamos os “simpatizantes de bandido”. A questão é complexa: como regulamentar a ação da polícia diante dessas tramas que permitem ela operar? Emergem, assim, as “questões políticas” que configuram a ação policial, como se queixam alguns caveiras. A autora conclui que essa configuração enfraquece a polícia:

O resultado é uma Segurança Pública sempre aberta à privatização de seus meios, que convive e é sabotada por diversos arranjos de proteção. Tem-se uma polícia vulnerável, deslegitimada, indulgente diante da imprecisão de seu mandato, presa nas teias de favorecimentos. Uma polícia cuja ação está sujeita à barganha entre “muitos patrões”. Essa situação gera incerteza. Essa incerteza se expressa em riscos, mais ou menos manipuláveis pelos envolvidos, para o melhor ou para o pior. Esses riscos produzem insegurança. O(a) cidadão(ã) sente-se inseguro(a) diante da sua polícia; a polícia, insegura em sua ação; o(a) governante, receoso do desenrolar, dos resultados e das conseqüências de qualquer atividade policial; os parlamentares, temerosos do conteúdo de suas deliberações e inermes em seu papel fiscalizador; o Judiciário, incapaz de avaliar o mérito da ação da polícia.

Se não há critérios prévios e formalmente estabelecidos de *accountability* ou de mérito, se a responsabilização pode simplesmente “acontecer”, então todos tendem a aproximar sua ação do que quer que tenha sido valorado positivamente por alguém com mando (Muniz, Proença Jr., 2007, pp.168-169).

Apesar da denúncia e da crítica, Jaqueline Muniz é vista pelo Major Novo como alguém com discursos diferentes de Rafael Soares. Algo nela o agrada. Talvez seja a forma como ela aborda a questão da prática policial como algo complexo, em que não é possível apontar culpados para a falha de sua agência, tão moldada por vários outros componentes e questões. Talvez seja a forma como ela saiba transitar e dialogar nos meios policiais, mesmo como cientista social. Ou talvez seja sua postura preocupada com uma abordagem mais antropológica da sociologia, evitando ao máximo dogmatismos e resoluções e mais interessada em identificar redes (Miranda, Muniz, 2021), o que nos aproxima.

Um argumento possível contra o pensamento de Jaqueline Muniz sobre a cultura policial tender a ser corrupta seja a autodefinição dos caveiras como “incorrupíveis”, diferentemente dos demais policiais militares. Como já mencionamos, nomes como Ronnie Lessa e Adriano da Nóbrega traem tal crença. O que também pode parecer que são exceções

de caveiras que “inverteram suas matrizes de valores”. Mas se engana quem acredita que eles são meras “maças podres no barril” que estragam o resto do grupo. Isso fica claro quando observamos um outro exemplo de corrupção no Bope, que foi o advento da “Operação *Black Evil*”. Tal operação levou o grupo a alterar significativamente sua configuração para lidar com o vazamento de informações para o tráfico. A matéria a seguir detalha como ela procedeu:

A primeira medida tomada pelo comando-geral da Polícia Militar foi a transferência de 60 policiais do Bope para outros batalhões. [...]

No comunicado, a PM afirmou que os transferidos não têm relação com o escândalo investigado pelo Ministério Público. A PM disse que a operação colaborou com o início do processo de reestruturação do Bope, porém, destacou que ele já estava previsto. [...]

Operação Black Evil

Na manhã do dia 11 de dezembro, quatro policiais militares do Bope foram presos suspeitos de receber propina de traficantes. Na casa de um quinto policial, preso três dias depois de deflagrada a operação, foram encontrados R\$ 70 mil em dinheiro.[...]

A investigação começou há cinco meses, depois que algumas operações do Bope não deram certo. O próprio batalhão começou a desconfiar do vazamento de informações. [...]

“Essa quadrilha que usava o Batalhão de Operações Especiais para vaziar as informações e também passar tranquilidade para os traficantes, dizendo 'ó, tá tudo tranquilo, fica tranquilo', deixando eles bem à vontade. Então, não era só vaziar a operação, mas também passar tranquilidade”, destacou o subsecretário de Inteligência da PM, Fábio Galvão (Após [...], 2015).

Foi a ação não ocorrer como esperado que levou o Bope a desconfiar de um vazamento. Alguns dos atores não estavam contribuindo para a ação da maneira esperada, tal qual o exemplo dos caveirões quebrados que citamos no capítulo anterior. Do mesmo modo, medidas que alteram a configuração do grupo foram engatilhadas, planejadas e adotadas. Os termos “reestruturação” e “vazamento de dentro” aparecem na notícia, mas aqui não são convenientes, pois não há fora ou dentro do Bope. Por um momento, parte da agência do Bope foi alterada em prol de ajudar o “inimigo” declarado do grupo, os favorecendo. Como vimos até agora, o Bope também ajuda no tráfico em sua agência conflituosa. Talvez sem o Bope, o tráfico seria diferente. É uma alteridade complexa, ambígua. Os caveiras envolvidos na transferência de informações para o inimigo foram presos e afastados do grupo, se tornaram o “outro”. Ao mesmo tempo que isso engatilhou uma mudança já prevista antes da tomada de conhecimento sobre o crime, em que 60 policiais foram realocados para outros batalhões, alterando consideravelmente a configuração do grupo. Isso mostra o quanto a “estrutura” do Bope está sempre correndo riscos, inclusive o risco de perder seus integrantes

para o lado inimigo, em transformar seus atores em anjos caídos, em se corromper por um *black evil*.

Vimos, ao longo deste capítulo, quais são os tipos de riscos com os quais o Bope lida para continuar se mantendo da maneira como o compreendemos. Essa compreensão é possível através de diferentes representantes, porta-vozes, que estão dispostos a falar sobre sua ação. A ação, por sua vez, é conflituosa, ambígua e multifacetada. Mas é apresentada a nós, civis, de forma empacotada em uma aparente coesão. Como projeto, o Bope pode parecer uma embalagem preta com estampas de caveira anunciando um produto dentro. Na embalagem vem escrito vários adjetivos sobre o produto: um grupo de soldados valentes, destemidos, missionários, voluntariosos, incorruptíveis, competentes, rígidos. Feitos para serem utilizados em uma guerra real, particular, civil, irregular, informacional, sem vitória e assimétrica. No manual de uso, eles avisam: não somos bandidos, não somos simpatizantes de bandidos, e qualquer pessoa que critique nosso trabalho é um vagabundo, leviano, covarde e inescrupuloso. No entanto, fora da embalagem que os representantes escolheram, ele é um conjunto de peças que se encaixam, desencaixam, mudam de forma e às vezes caem no chão para machucar o pé de alguém. Algumas peças se encaixam em lugares que a embalagem não previa, ou não avisava. Poderia ser um problema no lote, mas alguém que visitou a fábrica nos advertiu: há problemas nos moldes, na gerência e no empacotamento. Assim se deu nossos primeiros contatos com o Bope, através de notícias, *posts* em redes sociais, *podcasts*, filmes e conversas. Isso nos possibilitou criar mais pontos de contato com o grupo, que iremos explorar em mais detalhes nos capítulos a seguir.

3. FACA NA CAVEIRA: QUESTÕES DE IDENTIDADE

Após investigar os principais primeiros pontos de contato com o Bope, nos perguntamos: de que forma é possível tecer outras relações com esse grupo para compreender mais de sua ação? Afinal, como elaboramos no capítulo 2, tal grupo tenta controlar intensamente quais atores serão mais ou menos influentes em sua composição atual. Tal rigidez nos impossibilitou de entrevistar outros caveiras e participar de visitas guiadas, por exemplo. Ao conversar com o Major Novo e identificar os atores interessados em representar o grupo e tecer narrativas sobre ele, emergiram as “questões de identidade”. Essas são controvérsias que surgem com a autodefinição dos caveiras, como a questão do brasão do Bope da Paraíba, a formação pelo COEsp e a cor das fardas que foram trocadas de pretas para camufladas. Tais controvérsias nos mostraram outros atores que falam sobre o que é o Bope de um modo diferente dos anteriores. Se os representantes do capítulo anterior estavam interessados em definir a existência do Bope para um público que na maior parte do tempo não se relaciona de forma tão intensa sua ação, estes novos atores, por outro lado, estão interessados em criar uma coesão comunicando aos caveiras quem eles devem ser. Podemos, então, tratar as questões de identidade como sendo inerentes à formação de uma cultura como a corporativa, por exemplo.

Retomemos a analogia do Bope como um produto que vem dentro de uma caixa¹⁷. Já lemos o rótulo previamente e vimos o produto aparecer em um filme. Escutamos os *pitchs* de venda dos representantes e depois lemos as resenhas feitas por outros usuários. Assim, entendemos que a descrição do conteúdo de uma caixa nunca dá conta do que realmente está dentro dela. Questionando-nos sobre a empresa que lançou tal produto, buscamos saber mais sobre ela. O que significa sua marca, seus lemas e sua direção de arte? Quais são suas estratégias de publicidade e comunicação para manter uma clientela tão fiel? Quais serviços e experiências a empresa que vende o produto oferece para familiarizar o cliente? Por que tal produto continua existindo no mercado? Começamos então a reparar outros aspectos de seu projeto: um logotipo, algumas postagens nas redes sociais, uma vitrine, uma ativação, um ponto de venda etc.

Se houvesse um escritório de design dentro do Bope, talvez ele fosse responsável por gerir seu brasão, suas postagens em redes sociais e seus eventos abertos ao público. Técnicas do design gráfico, da comunicação estratégica, de experiência do usuário e do design de

¹⁷ Ver capítulo 2

serviços podem ser utilizadas para compô-los. Destacamos aqui esses atores que foram posicionados na rede de forma intencional para reforçar determinados valores. Assim, nos aproximamos de aspectos da ação do Bope que podem ser lidos como mais relacionados à prática considerada tradicional no design. Isso não significa, é claro, que o que estivemos falando até agora não eram questões interessantes de design. Nem que os atores anteriores eram desprovidos de intencionalidade. Afinal, quando nos perguntamos do que o Bope é feito, estamos falando de projeto. O ponto é que existem atores que se conectam de forma mais evidente com o trabalho de designers profissionais, mesmo que nenhum tenha participado de seu surgimento. Podemos dizer que nós projetistas falamos uma linguagem parecida com a desses atores em específico.

A pesquisa então prossegue neste capítulo a partir da investigação desses atores ligados às “questões de identidade”. Para realizar essa etapa, precisamos conversar com eles utilizando nossa linguagem em comum. Para “fazê-los falar”, e reconhecer as relações de união e de discordância que envolvem essas questões, iremos explorar diferentes ferramentas metodológicas, escolhidas de acordo com as especificidades dos objetos abordados. Desse modo, mantemos a abordagem da teoria ator-rede como guia para seguir os atores, atentando para as possíveis disputas e novos atores que emergem. Esperamos assim compreender mais sobre como sua cultura corporativa mantém os caveiras unidos e como isso conforma a ação do Bope. A seguir, detalhamos os atores escolhidos como objetos de análise e quais métodos iremos utilizar para cada um.

No item 3.1, exploramos o brasão conhecido como “Faca na Caveira” utilizando a teoria iconológica de Erwin Panofsky. O principal objetivo ao utilizar este método é fazer emergir diferentes origens e interpretações do símbolo, considerando-as como formas de se relacionar com ele. No item 3.2, investigamos o perfil no Instagram do Bope com uma análise de conteúdo baseada no método de Laurence Bardin. Após utilizar essa análise como um levantamento inicial, elencamos algumas interações entre usuários e o perfil para compreender mais sobre essas relações. No item 3.3, relatamos o evento “Corrida Soldado do Bope” utilizando um método de observação participante para compreender a popularidade do evento e um pouco mais de sua cultura corporativa. Em seguida, debatemos as controvérsias, os atores interessados em se envolver com o evento, e as questões que emergem em tal situação.

Alguns dos métodos de análise escolhidos podem parecer inadequados para uma pesquisa derivada da teoria ator-rede devido a certo viés estruturalista ou por uma preocupação em “gerar dados precisos” e de se chegar em “uma verdade generalizável”.

Nosso objetivo em utilizá-los, no entanto, é fazer emergir múltiplas realidades da identidade do Bope; ou seja, procuramos observar para onde nos leva certo método, não porque ele indicaria um caminho verdadeiro, mas porque permite acessar aspectos aos quais outros métodos não levariam. Como falamos sobre o trabalho de Annemarie Mol no item 1.3, uma doença pode se tornar visível através de diferentes diagnósticos, mas cada um desses diagnósticos revela um objeto diferente por seguirem critérios diferentes. Assim, a mesma doença pode ser vista como condições diferentes, ser nomeada de um jeito e depois de outro, travar o diagnóstico de outra forma etc. Tratamos, assim, as seguintes análises como conversas em diferentes línguas que nos contam histórias que se conectam, de um jeito ou de outro.

3.1 Quem cravou a faca na caveira? Uma rede de interpretações do brasão

“Caveiras”, “caveirões” e “caveirinhas” são termos utilizados pelos atores pertencentes ao Batalhão de Operações Especiais para se referirem a si mesmos. Quando estão juntos bradam o lema “Vitória sobre a morte”! E a música sobre o grupo escrita pela banda Tihuana os caracteriza como “osso duro de roer”. Quando são vistos, carregam seus distintivos, stencils e bordados com a mesma “Faca na Caveira”. Tal imagem se trata do brasão oficial do grupo, e é difícil falar sobre os atores da rede do Bope de forma individualizada sem enxergar a imagem que os une. Ela parece assumir uma posição sólida, quase inalterável, de símbolo do que é ser um policial deste batalhão. É quase como se fosse possível que, só de olhar para tal símbolo, qualquer carioca poderia afirmar, sem pensar duas vezes, que esse é o símbolo do Bope, o Batalhão “de elite” da Polícia Militar.

Figura 15 – Brasão do Bope



Legenda: Foto de brasão do Bope. Nesta imagem é possível ver a composição do símbolo completo.
Fonte: Storani (2008)

Existiria um significado que a Faca na Caveira carrega por toda a sua história e todos os seus usos? Ou uma mensagem “verdadeira” que ela busca transmitir? Qual a sua origem? O que pensam os cariocas sobre ela? Nenhuma dessas perguntas poderia ser respondida de forma suficiente sem apelar para uma ideia totalizante do que é o Bope e o que ele faz. Poderíamos, por exemplo, reduzir tudo à sentença “A caveira significa a morte, e por isso a função do Bope é matar”! Mas isso silenciaria os brados emocionados de “Vitória sobre a morte”. Ou, inversamente, poderíamos dizer que a caveira meramente significa o quanto os policiais militares desse grupo são mais durões que os outros, e ignorar as incursões em comunidades que resultaram em execuções. É necessário, antes de mais nada, compreender que um ator-rede só possui a forma aparentemente estável que enxergamos após uma série de processos e tensionamentos, que não cessam de acontecer ao longo de sua existência. É a partir dessa postura que podemos realizar o trabalho de compreender quais valores estão associados à estabilização do brasão como ator-rede do Bope e à sua manutenção.

A partir dessa ideia de que o brasão do Bope é importante na percepção da rede como uma unidade, este item será dedicado a investigar como a rede do Bope age como um coletivo por meio do brasão e como sua união está atrelada ao brasão como um ator responsável pela sua identidade. Como elaboramos no capítulo 1, o brasão aqui será tratado como um mediador complexo, com sua própria rede de relações. Para abrir sua caixa preta e compreender como age dessa forma, primeiro iremos considerar o que é um brasão, o que é uma identidade visual e qual a descrição oficial dada pelos agentes do Bope para a origem da imagem. Utilizaremos a teoria iconológica de Erwin Panofsky para rastrear suas possíveis origens e interpretar seu uso cotidiano pelos atores implicados no Bope.

A identidade visual do Bope é facilmente reconhecida, sobretudo por seu brasão composto por uma caveira com uma faca cravada horizontalmente. Rafael Cardoso (2008, p. 151) define uma identidade visual como aquilo “que dá unidade aos diversos aspectos de uma organização”. Segundo o autor, os sistemas de identidade visual, antes de serem incorporados às empresas, já eram muito utilizados por exércitos na forma de bandeiras, uniformes, escudos e brasões (Cardoso, 2008, p.151). Ou seja, podemos pensar que as identidades de um exército e de um governo compartilham o mesmo tipo de sistematização visual que a corporativa.

Se olharmos para o Bope com a expectativa de enxergar alguma coesão em termos de imagem corporativa, notamos que suas fardas pretas, seus fuzis, seus policiais que se

autointitulam “caveiras” e seus veículos blindados pretos conhecidos como “caveirões” se relacionam visualmente e semanticamente. O elemento mais importante de sua identidade visual, contudo, é provavelmente o brasão conhecido pelo símbolo da “Faca na Caveira” — o que consideramos aqui como um ator do Bope que se posiciona de modo a sustentar imageticamente a coesão do grupo e construir uma narrativa. Mas qual seria a narrativa que tal brasão recebe a função de sintetizar?

A resposta oficial dada pelos caveiras do que é a origem desse símbolo, segundo o site de Rodrigo Pimentel, é a seguinte:

[...] comenta-se que durante a Segunda Guerra Mundial um grupo de comandos das forças aliadas teria ido a um campo de concentração nazista para libertar prisioneiros. Ao entrarem na sala de um dos oficiais alemães verificaram que havia ‘troféus’ macabros, como crânios e ossos humanos. Foi quando um soldado, num gesto de indignação, tirou uma adaga de seu uniforme e cravou uma faca em cima de um dos crânios, bradando a todos que a vida, naquele momento, venceu a morte. Dessa forma, *a faca na caveira nasce significando a vitória sobre a morte!* (Pimentel, 2020, destaques no original).

Ainda segundo Pimentel (2020), a faca representa “o caráter de quem faz da ousadia a sua conduta, e o sigilo das missões”, a caveira “a inteligência e o conhecimento, mas também a morte”, e os dois juntos representam a “superação humana”. Tal resposta coincide com a apresentada pelo Major Novo no item 2.2.

A versão acima, nos transmite quais valores são apreciados pelos caveiras, e o que eles buscam para seus novos integrantes: heroísmo, vitória, ousadia, sigilo e inteligência. Apesar de consistente em seu *storytelling*, tal versão pouco nos diz sobre como o Bope veio a existir ou qual a origem de tal imagem. Muito menos justifica a potência de ação do brasão e o que ele permite ao Bope realizar, para além dos valores que comunicam apreciar. Por esse motivo, nos interessa investigar as múltiplas interpretações e referências que sustentam o símbolo da Faca na Caveira, tanto no momento em que começou a ser utilizado pelo grupo quanto em sua existência nos dias atuais.

Para isso, será utilizado um método baseado na teoria iconológica de Panofsky, muito utilizada na área de história da arte. Erwin Panofsky desenvolve a noção de “iconologia” como uma forma de interpretar imagens não apenas como meros símbolos e representações, mas também como resultantes de uma conjuntura de fatores históricos, culturais, religiosos e filosóficos. Tradicionalmente, o estudo da iconografia se ocupa de identificar símbolos e alegorias que se repetem em diferentes momentos, tecendo uma rede onde a mesma imagem retorna como referencial. A iconologia, por sua vez, se diferencia da iconografia por trazer a camada relacional da obra com o interlocutor para a análise. Em resumo, a iconologia é “uma

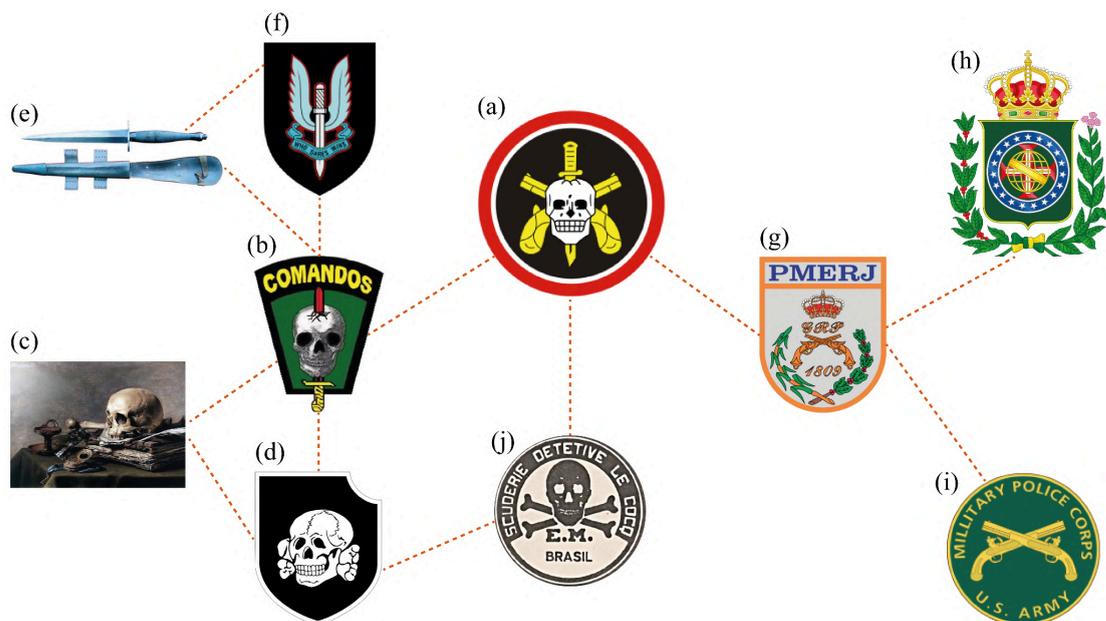
iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estudo da arte, em vez de ficar limitada ao papel de exame estatístico preliminar” (Panofsky, 2001, p. 54).

Essa teoria facilita a interpretação de valores complexos que se tensionam em uma imagem. Podemos resumir a teoria de Panofsky (2001) em três níveis temáticos, que são percebidos ao observar uma obra:

1. Tema primário ou natural: é a identificação de cores, formas puras, sensações, qualidades expressivas e questões de estilo. É uma descrição pré-iconográfica;
2. Tema secundário ou convencional: é a percepção de que uma forma representa uma alegoria, um personagem ou um objeto específico. É a descrição tradicionalmente iconográfica;
3. Significado intrínseco ou o conteúdo: busca trazer o arranjo histórico, cultural e a epistemologia envolvidos durante a concepção da obra. A interpretação desses valores, muitas vezes desconhecidos pelo próprio criador da obra, é o foco da iconologia.

Panofsky (2001, p.61) explica que essa diferenciação é meramente analítica. Na prática, os níveis ocorrem simultaneamente em nossa percepção. Iremos aqui dar atenção principalmente ao segundo e ao terceiro nível, pois o primeiro nível já está, de certa forma, implícito na observação dos demais. A Figura 16, a seguir, sintetiza as relações traçadas entre o brasão e outros símbolos diversos, identificados como parte do segundo nível temático.

Figura 16 – Rede iconológica do Brasão do Bope



Legenda: (a) Brasão do Bope; (b) Brasão do Curso de Comandos brasileiro; (c) *Vanitas*; (d) Brasão da 3ª Divisão da SS nazista, onde a Totenkopf é central; (e) Punhal do modelo Fairbairn-Sykes, representativo das táticas do Comandos; (f) Brasão da SAS; (g) Brasão da PMERJ; (h) Brasão de Armas Reino do Brasil Independente sob o Príncipe-Regente D. Pedro de Alcântara; (i) Brasão da Polícia Militar dos Estados Unidos; (j) Emblema da Scuderie Le Cocq estampando a edição nº 367 do jornal O Pasquim, de 1976.

Fonte:(a), (d), (f), (g), (h) e (i) *WikiCommons*; (b) *Blog TecnoDefesa*; (c) Pieter Claesz (1630); (e) Thompson (2011); (j) <<https://www.albertolopesleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=5507541>>

O brasão do Bope (a) surge da composição de dois elementos anteriores a sua formação: o brasão do Curso de Comandos do Exército Brasileiro (b), que fundamentou o COEsp, e o brasão da PMERJ (g). A faca cravada na caveira do Comandos, por sua vez, une dois símbolos de tradições militares que se opuseram na Segunda Guerra Mundial: a *Totenkopf* (d), que era utilizada por soldados prussianos desde a Guerra dos Trinta Anos (de 1618 a 1648) e posteriormente foi apropriada para nomear e simbolizar algumas divisões da SS nazista (França, 2022); e a *Fairbairn-Syke* (e), um modelo de punhal criado em 1940 para o exército dos Aliados especialmente feito para execuções rápidas e silenciosas (Thompson, 2011), que se tornaram símbolo dos Comandos britânicos e de outros grupos especializados em operações especiais, como o Bope e o Serviço Aéreo Especial (SAS) britânico (f). Já o brasão da PMERJ (g) une símbolos remanescentes do período monarquista do Brasil, como a coroa, a sigla “GRP” (Guarda Real de Polícia) e “1809” em referência em que a PM foi instituída como grupo no Rio de Janeiro (SEPM, 2024), e os ramos de cana-de-açúcar e café, também presente no brasão de armas do Império do Brasil (h). Além disso, as garruchas cruzadas são um símbolo original da PM americana (i), incorporado à PM brasileira após o Exército Americano fornecer equipamentos e treinamentos para grupos de policiais designados a atuarem na Segunda Guerra Mundial (Neto, 2012).

O crânio eviscerado é um símbolo para a morte que percorre diferentes culturas e períodos históricos, mas sua relevância para a história da arte ocidental pode ser associada à alegoria chamada de *Vanitas* (c) presente em cemitérios e pinturas. Estas são pinturas de natureza morta que retratam caveiras, às vezes com os ossos cruzados embaixo, utilizada geralmente como uma lembrança da mortalidade em um contexto cristão (Witeck, 2012). Na cultura militar, em símbolos como a *Totenkopf*, ela também transmite um aviso de morte aos inimigos. Para além dos símbolos já documentados como parte do brasão, também é possível notar uma semelhança entre ele e o emblema da Scuderie Le Cocq (j), um grupo formado por policiais que executavam aqueles que consideravam bandidos. Para compreender melhor o cruzamento desses símbolos, alguns conflitantes entre si, é necessário analisar como outros atores tecem relações com eles, o que é compatível com o terceiro nível temático na iconologia de Panofsky.

Existe uma explicação para a junção da *Totenkopf* nazista com a *Fairbairn-Sykes* dos Aliados que situa um pouco como a explicação dada por Pimentel e Major Novo sobre a Faca na Caveira. O Coronel Montenegro (2020) conta como a Faca na Caveira foi concebida. Segundo os relatos, a primeira versão foi criada em 1968 pelo então 1º Tenente Maurizzio, formado pela Sociedade Cearense de Artes Plásticas (Montenegro, 2020). De acordo com Montenegro (2020), o primeiro esboço feito pelo Tenente teria surgido durante o Curso de Ações de Comandos, representando como eles sentiam após passar pelo treinamento árduo. O símbolo foi aperfeiçoado com o tempo, recebendo cores, significados e adicionado à tarja escrita Comandos, já existente. Desse modo, tal brasão recebeu os seguintes valores:

[...] a caveira era a morte e destruição na retaguarda profunda do inimigo, missão básica dos Comandos; a faca representava o silêncio, característica das operações de Comandos e já usada no símbolo de Operações Especiais; o verde significava a selva, um dos ambientes em que os Comandos deveriam atuar; o vermelho era o sangue derramado no cumprimento das missões de Comandos; o negro significava a escuridão da noite, período adequado ao princípio da surpresa, elemento fundamental para o sucesso dos Comandos (Major Boabaid apud Montenegro, 2020).

Apesar do *storytelling* da insígnia ter sido aprimorado e incorporado a ela, o agora Coronel Maurizzio revela que o mito de origem mencionado por Rodrigo Pimentel não participou do momento de sua concepção. Como relatado no blog:

[...] quando perguntei ao próprio idealizador do distintivo da faca na caveira, o Coronel Maurizzio Manoel Procópio da Silva, se ele conhecia essa lenda ou se a mesma poderia ter tido alguma influência no símbolo, ele riu e disse que só ouviu falar alguma coisa sobre isso recentemente e não poderia ter tido nenhuma influência na elaboração do símbolo (Montenegro, 2020).

Pelos relatos acima e pelos símbolos que reconhecemos no segundo nível temático, podemos supor uma leitura sobre o símbolo da faca na caveira. O punhal se conecta às operações táticas e sigilosas dos Comandos ingleses, valorizados pela atuação na Segunda Guerra. Já a caveira relembra a *Totenkopf* nazista, os avisos de morte ao inimigo. Mas também possui uma dimensão de vitória sobre um destino fúnebre. A imagem emerge de um Tenente em um momento de provação, e é desenvolvido como representação da atuação do que é uma tropa especializada em Operações Especiais. Algumas décadas depois, é utilizada pelo Bope com cores diferentes e as pistolas da PM adicionadas. O significado da faca na caveira é imbuído, posterior à sua concepção e à estabilização de seu uso, um mito que referencia a vitória dos Aliados sobre o Eixo. Diante de tantos cruzamentos e referências de armamentos, tecnologias e táticas de batalha, talvez o mais interessante sobre esses símbolos não seja apenas a origem dessas imagens, e sim, como elas empoderam a ação desses militares. A

imagem a seguir é um comentário deixado por um usuário no post mencionado acima feito pelo Coronel Montenegro.

Figura 17 – Comentário no blog Tecnologia e Defesa



Tomcat4,2 disse:

nov 26, 2020 às 08:14

Excelente, a faca na caveira é um símbolo que impõe medo no inimigo, respeito e temor !!!

[Responder](#)

Legenda: Comentário relativo ao brasão dos Comandos feito no post do blog.

Fonte: <<https://tecnodefesa.com.br/faca-na-caveira-a-historia-do-simbolo-da-tropa-de-comandos-do-brasil/>>

Esse comentário sintetiza uma das formas de se relacionar com o símbolo. A caveira como algo que impõem medo, respeito e temor é valorizada e desejada por militares brasileiros. Como vimos sobre a forma em que o símbolo concebido, também é a expressão da dureza e adversidade que eles se orgulham de enfrentarem para serem parte de uma tropa de elite, como é o caso dos que fazem o COEsp, seja para integrarem o Bope ou outra força militar. É por isso que no filme *Tropa de Elite* (2007) ouvimos a seguinte frase quando o Capitão Nascimento chama a atenção de seus recrutas passando pelo que seria o COEsp: “Você não é caveira, você é moleque!”. Para esse grupo, a caveira é algo a ser merecido através do treinamento especial e da manutenção da honra e do comprometimento com o batalhão.

Até agora, o símbolo parece corresponder ao cruzamento de várias tradições militares que participaram da formação do grupo, mesmo que nem sempre de forma intencional. No entanto, é importante notar que a caveira já era utilizada por um grupo específico da Polícia do Rio antes da criação do brasão do Curso de Comandos. Logo após o golpe militar, em 1965 foi criado o esquadrão da morte conhecido como “Scuderie Le Cocq”, nomeado em homenagem ao investigador com fama de herói Milton Le Cocq, assassinado no ano anterior pelo bandido conhecido como Cara de Cavalo (MANSO, 2020). Composto por policiais, o grupo assumiu um brasão composto por uma caveira preta de olhos vermelhos e clamavam “defender a família que trabalha e mora nesse Estado” (MANSO, 2020). Dessa forma, esses policiais executavam aqueles que julgavam criminosos. Integrantes de tal grupo se envolveram com o jogo do bicho e isso desmoralizou sua atuação (MANSO, 2020). Assim, os esquadrões da morte perderam força na cidade pouco antes da criação dos grupos de Operações Especiais.

Um novo ingrediente é adicionado à mistura de relações e tensionamentos que se conjecturam no ator-rede chamado de brasão do Bope. A caveira abandona mais uma vez seu lugar de inimigo derrotado pela sagacidade militar, ou de provação diante dos árduos desafios para se tornar um militar de elite. Ela assume, novamente, o protagonismo de símbolo que avisa a morte iminente ao interlocutor. Se conecta com grupos de policiais interessados em executar aqueles que consideram bandidos e com aqueles que se tornaram mercenários contratados por bicheiros. Surge assim, outra forma de se relacionar com o símbolo da faca na caveira: pela identificação com o poder de matar e avisa a todos o que pode acontecer quando alguém a encontra.

Por fim, temos outra forma de relacionamento possível com a faca na caveira. Ao longo da pesquisa, anotamos comentários que conjecturam diretamente sobre o significado do símbolo quando estudantes e professores da Pós-graduação em Design são confrontados com a imagem. Entre eles, a afirmação: “Este design é opressor”; “Os símbolos do Bope, e talvez da polícia como um todo, comunica bem a intenção primordial; matar!”; “Acho que o logo e a lógica do Bope só explicita o logo e a lógica da própria Polícia Militar criada para caçar o povo negro que fugia da escravidão”. Se você é civil, se não fez nenhum treinamento de elite, se faz parte do recorte demográfico no qual a polícia mais mata, é muito provável que esse brasão te dê “medo e temor”, como afirmado no comentário da Figura 20. Talvez ele seja uma lembrança do que pode acontecer com você caso seja lido como bandido, ou caso esteja perto demais de um confronto envolvendo o Bope e tais bandidos.

Finalizamos este item sobre os atores que configuram o brasão visualmente após elencarmos as principais formas de se relacionar com ele. Nos próximos itens, veremos o brasão retornar como um forte ator, principalmente no item 4.1, onde abordamos em mais detalhes as disputas pela identidade do Bope. Se aqui acompanhamos ele visualmente se liquefazer em uma amálgama de símbolos de diferentes momentos e grupos militares e policiais, veremos a seguir ele no seu estado magmático alternando entre um ícone sólido e reconhecível e entre simulacro de si mesmo.

3.2 Heróis anônimos sob os holofotes: tecendo as redes sociais do Bope

O Brasão é um dos atores interessados em regular quem os caveiras devem ser, ou como não-caveiras devem lê-los. Contudo, o brasão não se sustenta somente com a aparição

breve nos filmes ou com relances nas ruas. Além disso, o grupo também administra seus próprios meios de comunicação direta com o público, como seu antigo site que não está mais no ar ¹⁸, e sua página na rede social Facebook ¹⁹. Mas talvez a plataforma mais utilizada por eles atualmente, assim como por outros órgãos públicos e unidades da polícia, é o site e aplicativo Instagram. Esse ambiente virtual é conhecido pela fácil reprodução de fotos e vídeos curtos, sendo uma das redes sociais mais utilizadas atualmente. A conta @bope.oficial, criada em 2015, possui um selo de verificado desde 2019 e é seguida por cerca de 1,6 milhão de internautas. Nela, são postados diariamente pelo menos uma foto ou vídeo no *feed* e alguns stories associados ao trabalho e à rotina do grupo. Considerando a frequência em que essa rede social é utilizada pelo Bope, e o número de seguidores que acompanham o perfil, surgem algumas questões sobre sua atuação online: Qual seria o interesse do grupo em manter uma conta nessa rede social? E o que atrai os internautas para o conteúdo do @bope.oficial? Essas perguntas iniciais serviram como guia para explorar o perfil do Bope no Instagram.

Para começar a mergulhar no universo do *Instagram* do Bope, foi feita uma análise de conteúdo seguindo o método proposto por Laurence Bardin (1977). Esse método foi escolhido como forma de iniciar a investigação, pois lida tanto com características quantitativas quanto qualitativas de uma mídia com publicações recorrentes e semelhantes, como é o caso das publicações no Instagram. As métricas e os marcadores no Instagram são relevantes para seus usuários e desenvolvedores e, portanto, importantes elementos a serem considerados. As imagens publicadas articulam visualidades, significados e conexões com os seguidores. Por isso, a análise de conteúdo tange todos esses fatores. No entanto, é uma ferramenta que tem suas limitações, apesar de ser apropriada para o *corpus* do material e de ser replicável para outros estudos. Trata-se de um tipo de trabalho que generaliza o conteúdo. Ela tende a engessá-lo em categorias rígidas, e trabalhar com muitos pressupostos. Por esses motivos, esse estudo é um mapeamento dos temas mais recorrentes das publicações do @bope.oficial, sua associação com o conteúdo de outros perfis similares e a recepção de seu público.

Dado o comportamento efêmero, de constante transformação do conteúdo e da usabilidade do *Instagram*, é necessário considerar que essas informações estão sujeitas a mudanças tão logo a coleta de dados se encerrou. Contudo, esses dados são importantes para evidenciar as relações do perfil oficial do Bope com outros perfis semelhantes e com seus seguidores. Portanto, este estudo deve ser lido como um enquadramento dessas relações em um breve momento. Hoje, em junho de 2024, o *Instagram* possui três tipos de conteúdo que

¹⁸ Antigo endereço, já fora do ar: <<http://www.boperj.org/siteoficial.html>>.

¹⁹ Disponível em : <https://www.facebook.com/bopeoficial.pmerj/?locale=pt_BR>.

podem ser publicados: o *post* no *feed*, que pode ser composto de até 10 imagens, os *reels*, que são vídeos curtos, e os *stories*, que ficam 24 horas no ar, a não ser que sejam fixados nos destaques. A página do usuário apresenta todos os *posts* do *feed* até o momento, uma pequena biografia, número de seguidores e perfis que o usuário segue, *posts* fixados e em destaque. A Figura 18 ilustra como é a página do @bope.official. Tal usuário ostenta um selo de “verificado”, que apenas contas oficiais de instituições, empresas e celebridades possuem.

Figura 18 – *Print* do perfil @bope.official no Instagram



Legenda: Perfil do Bope no Instagram com uma pequena biografia, a foto de perfil e alguns destaques com caveiras na capa.

Fonte: *Instagram* <instagram.com/bope.official/>.

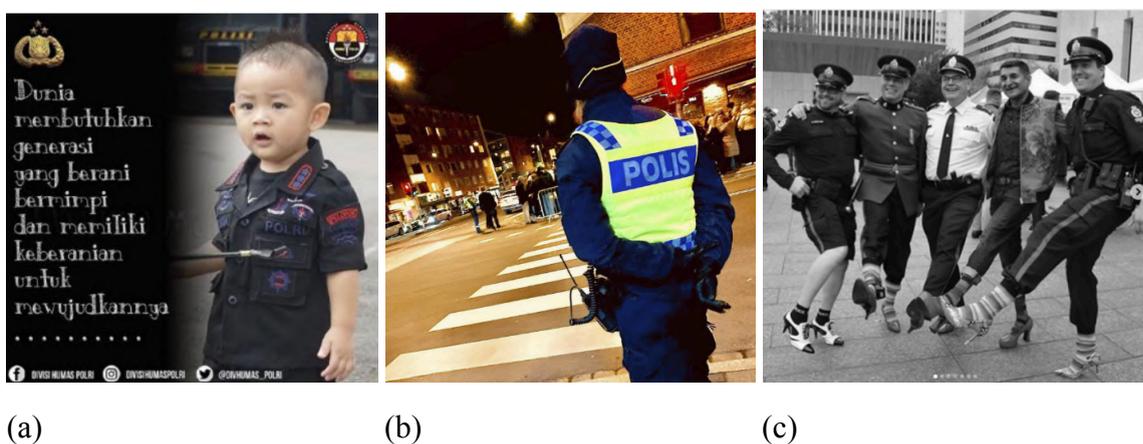
Com o avançar da sua existência na internet, o Instagram se tornou não apenas um lugar onde as pessoas compartilham fotos com os amigos, como também uma ferramenta de marketing digital (Bataghin, Costa, Nunes, 2020, p.4). A interação constante entre marca e usuários faz os seguidores se tornarem importantes atores na articulação dos significados de uma marca, e não apenas receptores passivos (Teo, Leng, Phua, 2019, p.322). A plataforma é notoriamente utilizada como uma espécie de vitrine de marcas, onde pequenos empresários expõem seus serviços, influenciadores vendem sua opinião sobre produtos e grandes marcas realizam a manutenção de sua imagem e facilitam as transações e negociações de produtos e serviços. Com a forte presença das marcas e a cultura do “marketing de influência”, o Instagram opera em uma economia de engajamento que valoriza os metadados gerados em cada interação, como as curtidas, os seguidores e os comentários.

Apesar da presença de muitas marcas, um grande número de instituições governamentais também administram perfis nessa rede, usados sobretudo como canal oficial de comunicação com a população. É o caso do perfil da Prefeitura do Rio de Janeiro

(@prefeitura_rio, 921 mil seguidores) e do perfil do Governo do Estado do Rio de Janeiro (@govrj, 255 mil seguidores). Através desse canal, eles repassam informes, alertas, relatórios e comemorações de datas importantes. O *Instagram* também é muito utilizado por perfis militares e policiais. Podemos citar o perfil principal da PMERJ (@policiamilitar_rj, 410 mil seguidores), o Batalhão de Choque (@choque_bpchq, 172 mil seguidores), e o Batalhão de Ações com Cães (@bac_canil, 92 mil seguidores), como exemplos próximos do Bope.

É notável que um número expressivo de pessoas se interessa por esses grupos. Esse fenômeno em que grupos policiais e militares adotam perfis oficiais em plataformas online não é exclusivo do Brasil. Foi possível encontrar estudos sobre diversos perfis policiais como a Polícia Canadense (Walby; Wilkinson, 2021), a Polícia Indonésia (Prabowo, 2021), e a Polícia Sueca (Sjöberg; Cassinger; Gambarato, 2023). Nesses estudos, foram identificados objetivos e publicações similares nas contas do Instagram. Em termos de objetivo, se assemelham na legitimação da ação da polícia e na construção da confiança. Também se assemelham em seus conteúdos. Notam-se *posts* como os da Figura 19, que incluem crianças fardadas com dizeres sobre esperança nas gerações futuras (a), *posts* que visualmente ressaltam o valor da polícia para a segurança (b), *posts* sobre policiais prestando serviços comunitários e tentando construir uma relação de comunidade (c).

Figura 19 – *Posts* de outras polícias ao redor do mundo



Legenda: (a) *Post* com imagem de criança fardada publicado pela Polícia Indonésia, com mensagem para gerações futuras escrita; (b) *Post* da Polícia Sueca que joga com a insegurança da noite e a presença policial; (c) *Post* da Polícia Canadense, onde os agentes usam saltos para homenagear mulheres em uma ação de conscientização.

Fonte: (a) Prabowo (2021, p.335); (b) Sjöberg; Cassinger; Gambarato (2023, p.8); (c) Walby; Wilkinson (2021, p.905).

Essas pesquisas também indicam que certas postagens podem ser contraditórias com a ação da polícia nas ruas ou com as expectativas dos civis sobre elas. Um exemplo é a pesquisa

sobre a Polícia Sueca, onde é apontado que os internautas podem ler posts jocosos ou casuais como superficiais e inadequados (Sjöberg; Cassinger; Gambarato, 2023, p.13). Já o estudo sobre a Polícia Canadense aponta que as postagens comunitárias dos policiais sobre pessoas negras, indígenas, LGBTs e mulheres são incongruentes com as dificuldades que essas minorias passam dentro da corporação, até pela formação histórica dessa polícia como instrumento de colonização (Walby; Wilkinson, 2021, p. 907-916).

Outro estudo interessante é o de Guillermo López-Rodríguez (2023) que mede o engajamento de 1992 *posts* feitos no período de um ano por cinco perfis no Instagram de forças militares: o Exército dos Estados Unidos (473 *posts*); o Exército Espanhol (331 *posts*); o Exército Francês (316 *posts*); o Exército Australiano (334 *posts*); e as Forças de Defesa de Israel (468 *posts*). O autor mostra que os *posts* que menos engajaram eram centrados em coisas não relacionadas diretamente à prática militar, como a divulgação de um evento de doação de sangue pelo Exército Australiano (López-Rodríguez, 2023, p. 66). Já os que mais engajaram eram relacionados à prática militar, mais especificamente *posts* honrando soldados falecidos e relatando operações (López-Rodríguez, 2023, p. 68).

Para analisar o conteúdo do Instagram oficial do Bope, foi utilizado como referência o método de análise de conteúdo proposto por Laurence Bardin (1977). A análise percorre 3 fases (Bardin, 1977, p.95): (1) a pré-análise, (2) exploração do material, e (3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise consiste na organização do material a ser examinado e na formulação dos objetivos e das hipóteses a serem testadas com esse tipo de análise (Bardin, 1977, p.95). No caso deste estudo, o perfil do @bope.oficial foi observado por cerca de um semestre, seguindo o ritmo das publicações, os assuntos e as visualidades dos *posts* compartilhados pelo perfil. Bardin destaca a necessidade de se delimitar um corpus específico para a análise, considerando que o material deve representar uma amostra que possa ser generalizada, deve ser homogênea, com características comparáveis, e não deve excluir nenhum material que faça parte do recorte escolhido sem uma justificativa razoável (Bardin, 1977, pp.96-98). Considerando esses fatores, foram selecionados os 200 *posts* feitos no *feed*, sendo o mais recente o último post do dia 5 de junho de 2024. O objetivo principal é compreender as diferentes relações estabelecidas entre os usuários que seguem a página e seu conteúdo.

As hipóteses que guiaram a análise são as seguintes: (H1) Os *posts* ajudam a controlar a imagem pública do Bope e legitimar sua ação através do sentimento de segurança ou dos serviços prestados à comunidade; (H2) *Posts* com cachorros, crianças ou bebês geram um engajamento acima da média; (H3) *Posts* sobre o falecimento de soldados ou sobre operações

realizadas são os que mais engajam; e (H4) *Posts* sobre campanhas e eventos são os que menos engajam. Essas hipóteses, como mencionado anteriormente, foram formuladas a partir de pesquisas semelhantes tratadas no tópico anterior.

Na segunda fase da análise de conteúdo, foram aplicadas as escolhas feitas na primeira etapa. Para realizar a parte mais mecânica da análise, e coletar o máximo de indicadores possível de forma comparável e quantificável, foi criada uma planilha digital, onde cada coluna representa um dos indicadores, e cada linha é um post devidamente numerado, sendo o post nº1 o último feito no dia 5 de junho 2024.

A terceira fase consiste no tratamento desses dados coletados em quadros de resultados, estatísticas, diagramas, e outros modelos que ajudam a condensar a informação e torná-la “falante”, significativa e analisável (Bardin, 1977, p.101). A partir disso, é possível articular interpretações e inferências sobre a amostra coletada.

Entre os 200 *posts* analisados, foram identificados 21 temas diferentes. Para cada um desses, é registrada a média de engajamento (curtidas e comentários) e a frequência de publicação. A média de curtidas geral de todos os 200 *posts* foi de 20.914 curtidas, enquanto a de comentários foi de 166 comentários. Essa média será um marcador muito importante, pois para essa análise é necessário considerar que a métrica das curtidas é uma espécie de termômetro para a entrega do post, mais do que os comentários.

A média geral de curtidas é como o número central de uma escala de mais ou menos engajamento. Se um post é curtido abaixo da média, ele não gerou interesse o suficiente em seus seguidores. Assim como se um post é curtido dentro da média dos outros *posts* analisados, ele interessa apenas à base de seguidores mais ativa do perfil. Portanto, se um post é curtido muito acima da média, ele alcança até mesmo outros perfis que não costumam interagir tanto com o conteúdo deste perfil. Observem como o número de curtidas, especialmente no caso do @bope.oficial, não é um reflexo direto do número de seguidores do perfil, e sim, de um nicho de usuários que interagem de forma mais rotineira com seu conteúdo. Assim como os comentários não acompanham o número de curtidas, necessariamente. Um conteúdo pode instigar a mesma base de seguidores que curtiram dois *posts* diferentes a comentar um mais do que o outro.

As referidas médias gerais serviram como parâmetro para comparar a entrega média de cada tema e a entrega de cada post individualmente. A Figura 20 a seguir divide todos os *posts* analisados por tema, e atribui a cada um deles uma média de curtidas e uma média de comentários. Ele foi ordenado em ordem decrescente do tema com maior número de *posts* aos temas com menor número de *posts*.

Figura 20 – Métricas do conteúdo do @bope.official

Temas identificados	Quantidade de posts por tema	Média de curtidas por tema	Média de comentários por tema
Mostrar trabalho	80 posts	18.668	83
Data importante	14 posts	21.855	205
Frase Motivacional	14 posts	20.360	105
Treinos	12 posts	14.456	69
Informativo	11 posts	25.496	259
Cerimônia	10 posts	26.327	303
Resultado de Operações	9 posts	34.132	409
#TBT	8 posts	23.821	148
Corrida Soldado do Bope	6 posts	11.980	156
Crianças fardadas	5 posts	26.008	140
Valores do Bope	5 posts	17.563	92
Homenagem	5 posts	49.941	842
Operações de feriado	5 posts	16.486	299
Contato com os cidadãos	3 posts	23.616	379
Campanha de Doação	3 posts	6.114	177
Melhorias	3 posts	4.629	124
Recepção de visitas	2 posts	10.063	55
Curso internacional	2 posts	27.140	131
Dia das mães	1 post	17.888	99
Solidariedade	1 post	29.848	213
Colagem de fotos	1 post	13.895	64

Fonte: Autoria própria, resultado da análise de conteúdo (2024).

O primeiro tema exibido na tabela foi nomeado “Mostrar trabalho”, por serem *posts* cujo conteúdo se resume a fotos de um ou mais soldados fardados em um momento que pode ser considerado de trabalho. Esse é o tema com o maior número de publicações, correspondendo a 40% dos *posts* analisados. A categoria pode soar genérica, como se sua

formulação pudesse se aplicar a qualquer post feito por eles; mas trata-se, ao contrário, de um numeroso conjunto de imagens cuja a composição muda muito pouco e cujas legendas são muito parecidas. Sua média de curtidas é próxima da média geral, não se destacando. Já sua média de comentários é a quarta menor entre os temas. É possível especular pela frequência em que são postados de que se trate de um banco de imagens feito justamente para preencher as lacunas entre *posts* mais relevantes ou de conteúdos mais específicos. Na Figura 26 está alguns exemplos dessas imagens:

Figura 21 – Exemplos de *posts* categorizados como “Mostrar trabalho”



Legenda: *Posts* coletados durante a pesquisa que se enquadram no tema “Mostrar trabalho” pela visualidade e pelas legendas com frases motivacionais.

Fonte: *Instagram* <[instagram.com/bope.oficial/](https://www.instagram.com/bope.oficial/)>.

O tema “Mostrar trabalho”, curtido pelos seguidores mais ativos, e com pouca abertura para discussão nos comentários, parece ter algumas características perceptíveis dentro do perfil. Entre elas, a qualidade das fotos, muitas vezes feitas por fotógrafos profissionais, jogando com luz e enquadramentos que não são tão comuns em fotos casuais. Por serem *posts* compostos de fotos bem feitas e legendas com uma única frase de impacto, eles moldam a visualidade e a comunicação do perfil. São imagens que criam o Bope como estética. Não são *posts* informativos, e não relatam o tipo de serviço que estava sendo feito. Apenas mostram homens fardados em meio a cidade, em comunidades, no batalhão ou nas matas. Elas sugerem uma ação encenada, ao invés de descrevê-las. É como se essa massa grande de *posts* representasse visualmente e moralmente o que eles fazem, sem entrar em detalhes. Em sua maioria, como mostra a Figura 22, esses *posts* exibem soldados inteiramente fardados, com o

rosto coberto por balaclavas, capacetes e lenços. É por esse motivo que frequentemente nas legendas os soldados são intitulados de “heróis anônimos”. O que é curioso, pois mesmo que exista por algum motivo a necessidade de preservar a identidade desses policiais, esse anonimato não é tão preservado nos *posts* de temas diferentes.

Figura 22 – Herói anônimo fardado carregando um fuzil em post do @bope.official

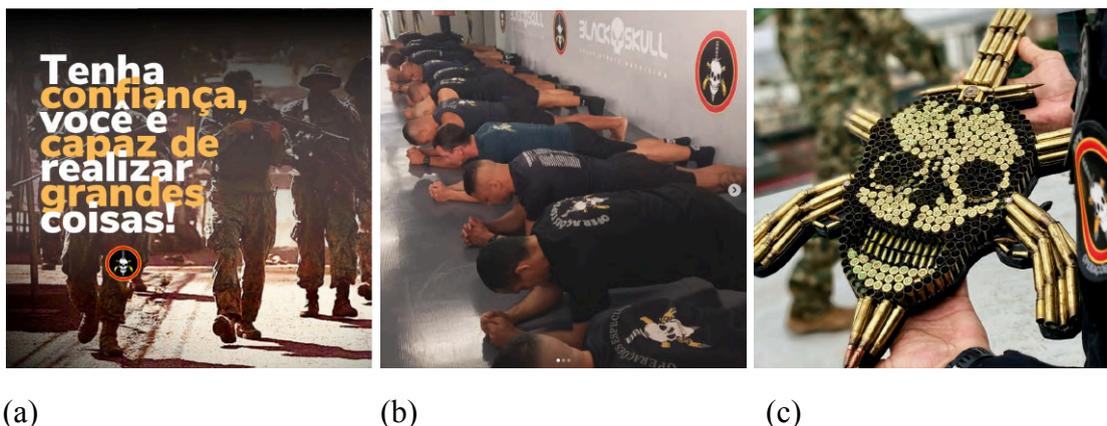


Legenda: *Post* no tema “Mostrar trabalho” onde há um homem com o rosto encoberto centralizado, chamado de “herói anônimo” na legenda.

Fonte: *Instagram* <[instagram.com/p/C5_bU2pMM-N/](https://www.instagram.com/p/C5_bU2pMM-N/)>.

Alguns outros temas também performam de forma mediana e até parecem ter a mesma função de “ocupar” o *feed*, mas se diferenciam em um ou outro aspecto de seu conteúdo. É possível ver alguns exemplos desses temas na Figura 23. Foi observado que os seguidores interagem com esses *posts* regularmente, agradecendo a mensagem motivacional com *emojis* e orações. Outro exemplo de performance mediana é tema “#TBT” (*Throwback Thursday*), que faz parte de uma tendência viral no Instagram de republicar fotos antigas em uma quinta-feira. Esses *posts* podem ser lidos como nostálgicos para os soldados, trazendo às vezes um pouco de informação sobre algum momento do grupo. A Figura 09 (ver item 2.3) ilustra o dia em que o Bope invadiu o Complexo do Alemão em 2010. Saudosos, os seguidores comentam coisas como “Épico!” e “Estava nesse dia!”.

Figura 23 – Posts de performance mediana



Legenda: (a) Post no tema “Frase Motivacional” onde há uma citação diagramada sobre uma foto dos soldados do Bope; (b) Caveiras trajando uniforme esportivo fazem prancha em post categorizado no tema “Treinos”; (c) Escultura do brasão feita de cápsula de balas em post feito pelo @bope.official, caracterizado no tema “Valores do Bope”.

Fonte: Instagram <instagram.com/bope.official/>.

Os seguidores também interagem questionando as postagens e discordando do Bope. No tema “Data importante” há posts feitos em celebração a feriados, eventos mundiais e datas que marcaram a história do grupo, mas certas imagens utilizadas nesses posts geram um efeito cômico, como caveiras de gorro natalino. Um exemplo desse humor ambíguo é a Figura 24(b) abaixo, que retrata um coelho antropomórfico fardado de camuflagem com os dizeres “Feliz Páscoa!”. Um seguidor nos comentários lamenta “Melhor o post antigo que possui o verdadeiro significado da Páscoa...”. Ele reivindica que o conteúdo seja mais cristão, como acontece em outras imagens, que mostram símbolos cristãos. O post antigo em questão é o da Figura 24(a), onde a Páscoa é representada por um soldado ajoelhado diante de uma cruz.

Figura 24 – Posts comemorando a Páscoa



Legenda: (a) *Post* no tema “Datas Importantes” comemorando a Páscoa publicado pelo @bope.official. Consiste em uma edição de fotos de um soldado ajoelhado portando um fuzil em frente a uma cruz.; (b) *Post* no tema “Datas Importantes” comemorando a Páscoa publicado pelo @bope.official. Consiste em uma ilustração de coelho com uniforme camuflado, possivelmente feito com Inteligência Artificial generativa.

Fonte: *Instagram* <[instagram.com/p/C5MRd4wr7IF/](https://www.instagram.com/p/C5MRd4wr7IF/)>; *Instagram* <https://www.instagram.com/p/C5LjUFzulq_>.

Um tema parecido com o “#TBT”, mas que performa melhor, é o tema “Informativo”, geralmente composto de várias imagens e legendas longas. É nesses *posts* que o grupo detalha informações sobre armas, unidades de atuação, eventos históricos, etc. O quarto *post* mais curtido de toda a amostragem é dessa categoria: apresenta a cadela Soldada Atalaia e sua história de adoção pelo grupo como mascote (Figura 25). Algo que justifica alguns dos *posts* do tema “Informativo” receberem esse engajamento um pouco acima da média é o fato de alguns estarem fixados no perfil.

Figura 25 – *Post* informativo sobre Soldada Atalaia, mascote do Bope



Legenda: *Post* informativo sobre a Soldado Atalaia, também conhecida como “pretinha”.

Fonte: *Instagram* <[instagram.com/p/C5qUjxJqY8J/?img_index=2](https://www.instagram.com/p/C5qUjxJqY8J/?img_index=2)>.

O tema com a maior média de curtidas é “Homenagem”. Composto de uma amostragem de apenas 5 *posts*, são vídeos ou imagens feitos para homenagear um soldado ou anunciar sua morte. Todos, exceto um único, performaram acima da média em curtidas e em comentários. Um exemplo dele é o *post* da Figura 26(a), sendo o mais curtido de todos os 200 analisados. Havia comentários desejando uma boa passagem ao falecido para o plano espiritual, honrando seu nome, descrevendo seu serviço e prestando condolências aos conhecidos. Um tema similar, que engaja menos, mas mesmo assim se mantém acima da

média de curtidas e comentários é o tema “Cerimônia”, o qual homenageia os soldados aposentados e ilustra momentos como as trocas de comandantes e entregas de medalhas.

Figura 26 – Temas mais engajados



Legenda: (a) *Post* homenageando caveira falecido, categorizado no tema “Homenagem”; (b) *Post* relatando os resultados de uma operação realizada no Morro do Banco, com apreensão de armas, categorizado no tema “Resultado de Operações”.

Fonte: *Instagram* <[instagram.com/bope.oficial/](https://www.instagram.com/bope.oficial/)>.

O segundo tema com a maior média de curtidas, e também segunda maior média de comentários, é “Resultado de Operações”. Diferentemente do tema “Mostrar trabalho”, são *posts* feitos para relatar o que foi feito em determinadas operações realizadas pelo grupo. Nesses *posts*, são compartilhadas algumas informações nas legendas como: número de presos, número de feridos, armamentos ou drogas apreendidas etc. Uma configuração comum nas fotos é o uso da bandeira com o brasão do Bope ao fundo e, na frente, os materiais apreendidos, como é possível ver na Figura 26 (b).

O tema com a menor média de curtidas é o chamado “Melhorias”. Apesar da média de comentários estar abaixo da geral, este não é o tema menos comentado. Um *post* anunciando uma plataforma nova para registrar acidentes de trânsito foi o *post* menos engajante de todos os 200, totalizando 864 curtidas e 0 comentários. Uma explicação para esse *post* não ter nenhum comentário e poucas curtidas é o fato de sua sessão de comentários estar bloqueada. Os outros dois *posts* da categoria são vídeos de comandantes da Polícia Militar descrevendo novos armamentos e novos investimentos do Governo para a segurança pública. É possível que um dos motivos desses *posts* engajarem pouco seja por eles serem republicados

diretamente de outro perfil, o @policiamilitar_rj, diluindo assim a interação entre os usuários que seguem ambas.

O segundo tema menos curtido é “Campanha de Doação”. Apesar do Bope já ter participado de outras campanhas de doação, como as que fazem parte do evento “Corrida do Bope”, os três *posts* identificados dessa categoria eram direcionados para ajudar a população do Rio Grande do Sul após as enchentes de 2024. Solicitando mantimentos e dinheiro para ajudar em resgates de animais abandonados, esses *posts* foram feitos em parceria com o Batalhão de Ações com Cães (BAC). O terceiro e o quarto post menos curtidos da amostragem total foram desta categoria, com números próximos a 2 mil curtidas. Ambos eram vídeos feitos pelo BAC mostrando cães policiais, clipes de cachorros sendo resgatados das enchentes e policiais fazendo um apelo para que os usuários doassem. Curiosamente, o único post feito dentro do tema “Solidariedade” performou acima da média geral de curtidas e de comentários. Com 29.848 curtidas, é uma imagem única (Figura 27), sem nenhum pedido de doações, apenas uma montagem de duas silhuetas de soldados ajoelhados em reverência à bandeira do Rio Grande do Sul.

Figura 27 – *Post* de foto-colagem em solidariedade ao Rio Grande do Sul



Legenda: Post feito pelo @bope.official em solidariedade às enchentes no Rio Grande do Sul, o único categorizado no tema “Solidariedade”.

Fonte: *Instagram* <[instagram.com/p/C6gKXMateAn/](https://www.instagram.com/p/C6gKXMateAn/)>.

Vale mencionar o tema “Crianças fardadas”, que performou acima da média. Esses *posts* não são os mais frequentes nem dos mais engajantes, mas se destacam pelo objeto central muito específico. São imagens que colocam bebês, recém-nascidos e crianças utilizando as fardas do Bope ou junto dos símbolos do grupo, como acontece na Figura 29 (a).

Muitas vezes, esses *posts* acompanham a seguinte frase: “Ensina o caminho que a criança deve andar e nunca mais ela se desviará dele”. Uma publicação, na Figura 28 (b) feita no dia das mães segue os mesmos padrões, existindo como um híbrido entre os temas “Data importante” e “Crianças Fardadas”. O post exibe uma mãe segurando uma criança, ambas fardadas, com a mesma frase descrita anteriormente. Esse post ficou abaixo da média de curtidas de ambos os temas, ficando também abaixo da média geral.

Figura 28 – *Posts* dentro do tema “Crianças Fardadas”



Legenda: (a) *Post* de recém-nascido fardado publicado pelo @bope.oficial, categorizado no tema “Crianças Fardadas”; (b) Mãe e menino fardados em *post* de homenagem ao Dia das Mães, categorizado como híbrido entre “Crianças Fardadas” e “Data Importante”.

Fonte: *Instagram* <[instagram.com/p/C45kqS1qyGm/](https://www.instagram.com/p/C45kqS1qyGm/)>.

O tema “Corrida Soldado do Bope” engloba todos os *posts* que foram feitos anunciando este evento e compartilhando os resultados. Trata-se de uma corrida organizada pelo grupo que ocorre por volta de três vezes por ano com o objetivo de arrecadar alimentos não perecíveis para doação. O evento é aberto ao público, sendo realizado muitas vezes dentro do próprio Batalhão, incluindo a distribuição de kits de camisetas (Figura 29), medalhas e prêmios. Essas corridas são conhecidas na cidade, e segundo o próprio perfil do Instagram, os ingressos para a próxima corrida, que foi realizada no dia 11 de agosto de 2024, já estavam esgotados no dia 10 de junho. Mesmo assim, esse tema performou abaixo da média geral de curtidas e de comentários, incluindo o segundo post menos curtido da amostragem.

Figura 29 – Post anunciando a camisa oficial da Corrida Soldado do Bope



Legenda: Post anunciando a camisa oficial da Corrida Soldado do Bope, categorizado no tema "Corrida Soldado do Bope".

Fonte: Instagram <<https://www.instagram.com/p/C7jmFIAMUhN/>>.

Os demais temas são categorias pouco abrangentes, que englobam *posts* que abordam acontecimentos muito pontuais que não se enquadram nos critérios para os outros temas. Após todos os temas identificados terem sido abordados, é possível, enfim, verificar as hipóteses levantadas. A começar pela H1 (Os *posts* ajudam a controlar a imagem pública do Bope e legitimar sua ação através do sentimento de segurança ou dos serviços prestados à comunidade). Nota-se que os *posts* ajudam a controlar a imagem pública do Bope, principalmente com os temas "Mostrar trabalho", "Treinos", "Frases motivacionais" e semelhantes. A articulação de uma estética planejada é muito presente no perfil. Isso ocorre na forma de fotos profissionais, com qualidade, em grande volume de *posts*, e também nas mesmas frases de efeito repetidas. As imagens e as frases reforçam que eles devem ser entendidos como fortes, valentes, determinados e resistentes. Ao reproduzir exaustivamente o quanto são valiosos como soldados, se colocam em uma posição de exemplo a ser seguido, e que assim servem de inspiração. Sua ação então é legitimada pela dedicação ao trabalho árduo que anunciam o tempo todo em seu perfil.

No entanto, a ideia de legitimidade da sua ação não está tão atrelada aos serviços prestados à comunidade. Eles não aparecem cortando a grama, usando saltos altos, nem participando de eventos comunitários, como o caso da Polícia Canadense. Eles não costumam postar piadas, nem memes, nem mesmo fotos casuais, apenas montagens de caveiras temáticas. Eles reforçam que são sérios, durões, em cada treino, em cada homenagem. E principalmente, deixam explícito que seu trabalho está atrelado às imagens de caçadores que

caminham entre as comunidades e vigiam a cidade com seus equipamentos pesados. Eles são “heróis anônimos” porque a vaidade e a individualidade supostamente não são valorizadas por eles, especialmente em um trabalho em que os policiais não podem ser identificados pelos familiares dos inimigos.

Seguindo para a H2 (*Posts* com cachorros, crianças ou bebês geram um engajamento acima da média), os resultados mostraram que isso é pertinente para algumas postagens, não todas. Os *posts* sobre as campanhas de doação feitas em parceria com o BAC não engajaram acima da média mesmo com cães, muito provavelmente por serem publicados em conjunto ou republicados de outras contas. Já o post informativo sobre a Soldada Atalaia foi o quarto post mais curtido. O Bope não trabalha com cães sem a presença do BAC e o post da Atalaia nos diz mais sobre a cultura interna e a afeição dos soldados à mascote do Batalhão. Dos *posts* com crianças fardadas, quatro performaram acima da média, e o post do Dia das Mães não obteve o mesmo resultado. Vestindo os uniformes dos pais e acompanhados da frase “Ensina o caminho que a criança deve andar e nunca mais ela se desviará dele”, o Bope reforça a ideia de que ser um soldado do Batalhão é um caminho valoroso e correto para seus filhos, o que seus seguidores aprovam e reproduzem. Isso também cria um contraponto: a ideia de que existe um “caminho desviado”, contra o qual eles lutam.

Já a H3 (*Posts* sobre o falecimento de soldados ou sobre operações realizadas são os que mais engajam), se mostrou muito pertinente. *Posts* sobre falecimento são os que mais geram comoção, expressada em um grande número de curtidas e comentários. O conteúdo deles leva colegas, familiares e outros atores relacionados ao Bope a comentarem mensagens de solidariedade. Talvez cientes de tal efeito, aliás, passaram a republicar de outros batalhões a morte de policiais militares em seu perfil após o período de coleta do corpus da análise. Como já foi mencionado, os republicados raramente engajam acima da média, mas mesmo assim, tal conteúdo toca os usuários. Os temas “Resultado de operações”, “Informativo” e “Cerimônia” têm uma média de engajamento bem acima, mas não são todos os *posts*. Eles engajam bastante por trazerem a público parte da cultura interna e o que se espera do trabalho deles. Ao compartilhar armas e drogas apreendidas, sequestros solucionados e operações em comunidades, o @bope.oficial “presta contas” de seu serviço e seu público aprova.

Por fim, a H4 (*Posts* sobre campanhas e eventos são os que menos engajam, também foi confirmada). *Posts* sobre campanhas e eventos são os que menos engajam. Apesar das corridas organizadas pelo Bope serem um evento conhecido na cidade, os ingressos esgotarem rápido e os vídeos mostrarem as corridas cheias de atletas interessados, os *posts* sobre elas e a divulgação de como foram os eventos não costumam engajar acima da média. Talvez as

corridas interessem a um público diferente dos soldados e familiares que acompanham o perfil, mas não é possível ter certeza. Os *posts* sobre campanhas de doação para o Rio Grande do Sul engajaram menos que um outro lamentando o cenário. No entanto, esses não foram os únicos que engajaram pouco, já que o tema “Melhorias” tem a menor média de curtidas.

Com os *posts* analisados, é possível afirmar que o grupo parece estar interessado em manter uma imagem que legitima sua ação nas ruas e nas comunidades do Rio de Janeiro. Essa legitimidade não é representada pelos serviços comunitários, ou pela ideia de uma proteção paternal. Ela aparece nas imagens principalmente na forma de soldados ocupando as ruas, apontando fuzis e vigiando a cidade. Não só desejam mostrar uma espécie de portfólio de seus trabalhos, mas principalmente, articular a vida do soldado do Bope como um *lifestyle*, tal qual os influenciadores digitais que habitam o Instagram. Dessa forma, os seguidores reprovam aquilo que lhes parece ridículo, como o caso do coelho da Páscoa, e aprovam os resultados das operações. Seus seguidores formam uma comunidade, formada principalmente por colegas de trabalho, outros policiais, familiares e aspirantes. Juntos, eles oram pelo serviço dos soldados, lamentam o falecimento de companheiros, saúdam a caveira em repetidos emojis e reivindicam que o conteúdo os represente.

3.3 Correndo com os soldados: uma observação participante

Vimos, até o momento, que o que chamamos de identidade corporativa do Bope é composta por imagens e estratégias de comunicação que, muitas vezes, reforçam valores selecionados por atores diversos. Esses valores, conseqüentemente, são oferecidos como um *lifestyle* nas redes sociais, e não estão ali por acaso. Eles emergem e se tornam relevantes a partir das trocas e experiências que os caveiras têm enquanto coletivo. Tais relações são influenciadas também por elementos diversos, como as relações militares e policiais que compõem o Bope. Podemos chamar de cultura esse conjunto de relações específicas que fazem emergir valores e condutas mais ou menos acordadas entre os atores, muitas vezes necessárias para a manutenção das mesmas. Isso não significa que a cultura é algo fixo. Ao contrário, ela é mutável e multifacetada. Ela age da mesma forma que o brasão: declarando o que cada ator precisa fazer para funcionar enquanto grupo. Logo, podemos concluir que um aspecto importante para a composição de uma identidade do Bope é a sua cultura corporativa. Então, para compreender melhor os valores que permeiam as questões de identidade para

além do brasão e de seu perfil no Instagram, é necessário acessar a forma em que elas emergem em sua cultura.

Uma forma de estudar diferentes grupos e suas respectivas culturas é a observação participante, uma ferramenta tradicional do campo da antropologia. Trata-se de um método que se distingue pelo envolvimento ativo do pesquisador no cotidiano daqueles que estão sendo estudados, enquanto são feitas notas e coletas de informações (Jorgensen, 2020). Utilizaremos esse tipo de observação como forma de estudo para investigar novos pontos de contato com o ator-rede, principalmente os relacionados às questões de identidade e sua cultura corporativa. O método é caracterizado da seguinte maneira:

O ponto forte desse método é que ele possibilita o pesquisador de prover descrições qualitativas excepcionalmente detalhadas sobre o que seres humanos pensam, sentem e fazem em situações e contextos cotidianos concretos. [...] A observação participante é útil para inspecionar interações humanas e processos, relacionamentos em meio a pessoas e eventos, a organização social da existência humana, padrões, continuidades, bem como disrupções e os contextos sociais e culturais imediatos no qual a vida humana se desdobra. Ela serve especialmente bem para descrever os significados que as pessoas atribuem aos mundos em que elas vivem e interagem umas com as outras (Jorgensen, 2020, tradução nossa).

A ênfase nas “situações cotidianas” é relevante pois significa que a observação participante não se trata de um cenário arquitetado pelo pesquisador para testar hipóteses onde as condições são controladas, como é o caso de enquetes (Jorgensen, 2020). Assim como a participação ativa do pesquisador também gera interações que fazem emergir novos elementos sobre a cultura do grupo observado. Jorgensen (2020) aponta que grupos que tecem uma relação de alteridade com outros grupos, e grupos cujas atividades são parcialmente ou totalmente ocultas para a visão de um público geral, são compatíveis com o método. O Bope como grupo se esforça para separar um “dentro” e um “fora” com a sua identidade, sendo a união um dos valores norteadores mencionados por Paulo Storani (ver item 2.3), junto com a explicitação de um “inimigo”. Suas atividades não são completamente conhecidas para aqueles que não se relacionam com o grupo como caveiras, apesar de sua ação ser registrada pelos jornalistas ou compartilhada em suas redes. Por esses motivos, o Bope é um bom grupo para se fazer uma observação participante, exceto pelos os riscos de se aproximar e participar diretamente dos conflitos armados. Essa questão limita as possibilidades de contato com a cultura corporativa do Bope, mas isso não significa que seja impossível.

Como mencionado no item 2.2, Major Novo nos havia informado que a sede do Bope poderia ser acessada ao enviar uma mensagem para o @bope.oficial requisitando uma visita. Posteriormente, ele nos enviou um e-mail do setor de comunicação como meio oficial de trocar mensagens para marcar uma visita guiada. Foi-nos encaminhado, inclusive, uma série

de diretrizes necessárias para a visitação, como por exemplo: levar o equivalente a meia cesta básica ou 1 pacote de fraldas geriátricas para doação. No entanto, tais tentativas de marcar uma visita foram frustradas pela falta de retorno conclusivo. Com as possibilidades escassas de uma visita presencial ou de novas conversas com caveiras, decidimos centrar este estudo no evento “Corrida Soldado do Bope”. Em resumo, se trata de uma corrida que ocorre de duas a três vezes por ano, reúne mais de mil atletas, ocorre parcialmente dentro do Batalhão na maioria das vezes e é organizada pela empresa *De Elite*, que é chefiada por um caveira. Aos seguirmos os atores explicitados nos capítulos anteriores, tal corrida surgiu como ator interessante pelo seu compartilhamento nas redes sociais e pelo fato de ser um evento aberto para qualquer pessoa participar. Assim, aceitamos que a única maneira que encontramos de pisar na sede do Bope foi participar da prova.

Jorgensen (2020) também descreve as seguintes diretrizes para a observação participante: (1) o interesse da pesquisa deve ser centrado nas interações e seus significados da perspectiva dos participantes nativos da situação; (2) o fenômeno é observável em uma situação cotidiana; (3) a pesquisa consegue alcançar um acesso razoável a essas situações; (4) o fenômeno deve ser limitado em espaço, escopo e localidade como um planejamento de estudo de caso; (5) as questões são apropriadas para um estudo de caso; (6) informação relevante pode ser coletada pela observação direta, pela participação, entrevistas, documentos etc. O presente estudo é centrado nas relações que são tecidas durante o evento Corrida Soldado do Bope, e tal evento é uma situação cotidiana para o grupo estudado pela frequência em que é realizada e pelo envolvimento dos caveiras em sua organização. Eu, como pesquisadora, tenho acesso à sede do Bope somente como participante da corrida, mas acreditamos que tal envolvimento seja suficiente para descrever interações interessantes relacionadas ao evento e à sua cultura corporativa. O evento é uma espécie de recorte físico e temporal do que os caveiras desejam repassar como valores para os atletas envolvidos nele. À partir da minha participação, é possível relatar o que foi observado, documentar relações entre humanos e não-humanos e dialogar com os participantes, dentro do possível.

Para gerar relatos ricos e bem detalhados da experiência, também consideramos a noção de “descrição densa” elaborada por Clifford Geertz (2008) no livro *A Interpretação das Culturas*, uma noção originalmente proposta por Gilbert Ryle. Geertz (2008, p.5) explica a descrição densa como o relato de uma atividade com os seus objetivos, significados e propósitos culturais explicitados, em oposição à descrição rasa que apenas pontua uma atividade como um fato. Geertz (2008, p.5-7) defende que inferências e implicações sobre o que algo significa no contexto da interação não são artificiais, pois a maior parte do que

precisamos para compreender um acontecimento particular está insinuado como informação de fundo. Para Geertz (2008, p.8), uma vez que o comportamento humano é visto como uma ação simbólica, o que devemos indagar é o que está sendo transmitido com sua ocorrência através de sua agência, e não se isso é um comportamento padronizado. Tal postura é bastante compatível com a teoria ator-rede, pois abandona a noção de cultura como uma “estrutura” e valoriza a agência como algo coletivizado entre os implicados, incluindo o próprio etnógrafo. Eis como o autor descreve a etnografia:

“Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (Geertz, 2008, p.7).

Esse estudo não se trata de um trabalho etnográfico que presume um longo período de observação e participação em uma cultura. Mas é uma investigação que se beneficia das bases teóricas apresentadas para aprofundar o que sabemos até agora sobre o Bope e como os materiais coletados se relacionam com seu cotidiano. Desse modo, o objetivo dessa observação participante é prover um entendimento do que é essa corrida para o Bope, e como ela participa de sua ação. Esperamos que, ao participar dela, emergirão: as relações entre caveiras e corredores, a vivência no Batalhão, os valores elencados como atuantes na cultura corporativa do Bope, e o porquê deles serem transmitidos para os corredores. O relato a seguir descreve densamente o contato com o Bope desde a inscrição na corrida até os dias posteriores à ela.

Meu primeiro contato com a corrida foi no Instagram @bope.oficial. Como eu seguia a conta e regularmente entrava na página para checar novos *posts*, apareceu para mim o seguinte post no *feed* do perfil (Figura 30). Uma composição que me remetia a algo como um jogo de luta entre dois personagens “fortões”, ou ao cartaz do filme da *Marvel Capitão América: Guerra Civil* (2016), onde os heróis Capitão América e Homem de Ferro se enfrentam. Eu já havia visto outras duas edições da corrida feitas ao longo do ano de 2024, a “Corrida Soldado do Bope - Especial 10 anos” (Figura 29), e “Corrida Soldado do Bope nas Trevas”. A primeira foi feita em comemoração da criação da corrida como um evento, sendo a primeira edição organizada em 2014. A segunda foi feita em um formato diferenciado de corrida urbana onde os participantes correm à noite com uma lanterna de cabeça. Tal tema é curioso, pois parece ter sido escolhido para reforçar certa noção de que o Bope age “nas sombras” por ser uma equipe de Operações Especiais, ou que algumas operações ocorrem estrategicamente à noite.

Figura 30 – Posts anunciando a “Corrida Choque vs Bope” e seu kit.



Legenda: (a) Post anunciando as inscrições para a “Corrida Choque vs Bope” com data e quilometragem; (b) Kit da corrida com camiseta, boné e meias oficiais.

Fonte: *Instagram* <<https://www.instagram.com/p/DAi-sNyvmYA/>> ; <https://www.instagram.com/p/DBZ0_hfMTuB/>, respectivamente.

A terceira corrida do ano, na qual participei, foi uma edição caracterizada pela parceria entre os dois Batalhões na organização e na composição do trajeto: a partida seria no Choque e a chegada no Bope. O Choque é uma unidade responsável pelo policiamento ostensivo, como a contenção de tumultos, multidões, escoltas, operações com motocicletas etc. Assim como o Bope, ele está subordinado ao COE. O *post* indicava a opção de correr o trajeto de 5km ou de 10km. O guerreiro espartano e a caveira robótica pareciam ser uma ilustração gerada por IA, e os demais elementos inseridos em edição. O brasão da faca na caveira e a caveira robótica representam o Bope. É possível notar que o símbolo do Choque é um capacete metálico de cavaleiro, algo que remonta às origens da PMERJ na Guarda Real Portuguesa e ao uso de cavalaria na contenção de multidões. No entanto, a imagem gerada para esse evento é um guerreiro espartano genérico, e coesão entre o brasão do Choque e a ilustração do evento está apenas no capacete com penas vermelhas. Ou seja, mais uma vez vemos os símbolos de culturas militares completamente diferentes se misturarem.

O evento também estava sendo divulgado no site e no perfil no Instagram da empresa De Elite (@deeliteoficial)²⁰. Todas as corridas do Bope, assim como outras corridas relacionadas a grupos militares e policiais, são publicadas sob o nome dessa empresa responsável por organizá-las. Como já mencionado anteriormente, tal empresa trouxe parceiros comerciais importantes para o Bope, como a marca de suplementos *Black Skull* que

²⁰ Disponíveis em: <<https://www.deelite.com.br/>> e <<https://www.instagram.com/deeliteoficial/>>, respectivamente. Acesso em: 4 jan. 2025.

patrocina a corrida. É possível ver no @deeliteoficial que, se no @bope.oficial contamos 6 *posts* sobre a corrida em uma amostragem de 200 *posts*, neste perfil a divulgação do evento é bem mais intensa, com pouco mais de 50 *posts* antes e depois do dia da corrida.

Na página “Sobre” do site dessa empresa eles descrevem sua missão como: “promover qualidade de vida e ampliar o conhecimento da força interior através da superação de limites, seja em eventos esportivos, palestras ou treinos corporativos e físicos, levando a certeza que o impossível não existe”. É também mencionado o nome de seu fundador, o caveira Rafael Sodré. Ao pesquisar mais sobre o trabalho dele depois da conversa com o Major Novo, encontrei seu site pessoal e seu perfil no Instagram profissional (@rafaelsodre.oficial), em que exibia sua campanha para vereador em Rio Bonito pelo PSD²¹. Para promover seu trabalho e suas pautas, mencionava sua carreira na PMERJ. Passado o período das eleições de 2024, Sodré não foi eleito, mas seu site permaneceu com a campanha por um tempo, e seu perfil @rafaelsodre.oficial se manteve ativo compartilhando suas opiniões em tópicos políticos. É interessante notá-lo como ator por sua participação no jogo de *networking* policial, por sua popularidade, e por sua participação ativa na organização do evento. Na imagem abaixo, Sodré narra sua trajetória no Bope. Nota-se que, assim como Major Novo, ele também fazia parte da primeira turma do COEsp após o filme *Tropa de Elite* (2007).

Eu imediatamente fui me inscrever, uma vez que a data da nova prova havia sido divulgada e os ingressos já estavam sendo vendidos. Já havia tentado me inscrever na edição anterior mas esgotou rápido. A plataforma escolhida para a venda dos ingressos foi a *TicketSports*, que também vende ingressos para outros eventos esportivos conhecidos no Brasil, como a Corrida de São Sebastião, o *Ironman* do banco Itaú (um tipo de triatlo), e o *L'Étape* (evento de ciclismo organizado pela Tour de France). Na hora da compra, havia opções de ingresso que variavam de acordo com a prova escolhida (5km ou 10km) e quais itens eu gostaria de receber no kit, como na Figura 30 (b). Escolhi a opção mais simples por ser mais barata.

Na página da venda, havia um longo regulamento com todas as regras do evento. Algumas me chamaram a atenção. A primeira delas foi a estrita proibição do uso de qualquer “material publicitário, promocional ou político, nem letreiros que possam ser vistos pelos demais participantes e público presentes sem a devida autorização por escrito dos organizadores”. Eu esperava que certas marcas esportivas ou cores poderiam ser limitadas no seu uso pelo fato de algumas serem adotadas como símbolos de facções criminosas, mas a

²¹ Disponíveis em: <<https://rafaelsodre.com.br/>> e <<https://www.instagram.com/rafaelsodre.oficial/>>, respectivamente. Acesso em: 4 jan. 2025.

regra claramente só delimita material publicitário, provavelmente para impedir que marcas ou políticos tentem se promover com o evento sem serem parte da produção dele. Competiria com os patrocinadores e, afinal, Rafael Sodré estava há pouco tempo fazendo campanha de vereador. Não que ele tenha usado o evento, o perfil de sua empresa ou mesmo o @bope.oficial para fazer sua campanha, mas é inegável a projeção que ele pode ter recebido sendo líder do evento. A segunda foi o aviso da possibilidade de desclassificação por levar acompanhante, mesmo que esse acompanhante esteja de bicicleta ou caminhando do lado de fora da grade. Essa regra impossibilitou que meus orientadores me acompanhassem no evento. Pular a grade para participar como “pipoca” (atleta que corre com o grupo mesmo sem ter pago o ingresso) era proibido, apesar da rua ser pública, e “substâncias ilegais” eram proibidas, o que era esperado, mas não houve nenhuma exigência de exames médicos para comprovar nem as condições físicas nem possibilidade de *doping*.

Entre o dia em que comprei o ingresso e a corrida, eu viajei para apresentar em um seminário. Quando voltei, havia apenas um mês e duas semanas para treinar para a prova com consistência. Eu já tinha algum tempo de academia e de natação, mas nunca havia treinado com um objetivo muito claro além de manter a saúde. Minha experiência com corrida de rua era quase nula. Tal nicho é um universo de dicas para melhorar o desempenho, a respiração, a biomecânica do movimento, o *pace* (a velocidade média de um corredor medida em min/km), a suplementação, a alimentação e etc. Pesquisei algumas planilhas na internet que poderiam me ajudar a atingir os 5 km com mais facilidade. A maioria sugeria um treino intervalado para construir resistência e velocidade. Para manter uma rotina semanal, decidi que treinaria 3 dias da semana corrida e musculação para fortalecer e não me lesionar, e 3 dias faria natação, uma atividade aeróbica de menor impacto que melhoraria meu fôlego. Fiz de tudo para me manter comprometida com o objetivo, e faltei poucos dias durante esse período. Duas vezes treinei na rua ao invés de treinar na esteira, o que ajudou bastante. Me esforcei para aumentar o tempo que aguentava aos poucos. Apenas um único dia consegui correr 5km direto na esteira. No geral, estava mantendo meus treinos por volta de 3 km ou menos e havia atingido o *pace* médio de 8 min/km. Estava receosa de que não seria suficiente para completar a corrida.

O kit do evento, que no meu caso continha apenas o *chip* e o número, foi liberado para entrega na véspera do evento. Eu fui até a loja da Decathlon no Leblon, onde seriam entregues. Quando cheguei, me espantei com a arquitetura inusitada. No térreo havia apenas um balcão com atendentes e uma escada rolante que levava para o subsolo. Eu já conhecia outras filiais e sabia que geralmente se trata de uma grande loja de departamentos. O andar no subsolo não deixava a desejar. Algo que notei logo de cara foi o segurança da loja, cujo

uniforme sempre estranhei, mesmo em outras filiais. Ele parecia com um dos próprios integrantes do Bope fazendo a guarda, trajando o uniforme de sua empresa: uma farda preta fechada dos pés à cabeça, colete à prova de balas, coturnos e uma boina preta. Eu não lembro de outras lojas de departamentos ou artigos esportivos terem o mesmo nível de preocupação com a segurança. Logo havia bandeiras com a logo da empresa *De Elite* sinalizando a fila para a entrega do material. Entrei na fila e notei que não havia lido o regulamento para ver os documentos e comprovantes que eu precisava levar. Me virei para trás e conversei com uma mulher mais velha que também participaria da corrida, a perguntando se eu deveria levar algo.

Voltei à fila com 1kg de arroz comprado, e agora na minha frente havia dois rapazes que pareciam mais novos que eu. Eram magros e pareciam aspirantes ou de baixa patente. Um deles saiu da fila para olhar uma arara do evento cheia de camisetas dos eventos passados. Ele pegou uma verde camuflada escrita “Corrida do Paraquedista” sorrindo e mostrando para o outro. Por essa interação, imaginei que eles poderiam ser do exército. Eles pegaram uma prancheta de uma funcionária e assinaram morosamente os “Termos de Responsabilidade”, um documento que atesta ciência dos riscos e participação voluntária. Quando chegou em minhas mãos já era quase minha vez de ser atendida e assinei rapidamente.

Uma moça me atendeu no balcão. Eu entreguei o termo, o ingresso no celular e uma cópia impressa a partir do meu celular. Ela solicitou que eu entregasse um documento original. Envergonhada, tive que explicar que fui assaltada e que ainda não tinha o novo RG, nem o B.O pois havia feito a comunicação *online* e a Delegacia que recebeu meu B.O. ainda não o havia validado. Me perguntaram se eu não tinha “nem CNH? nem carteira de trabalho?” com um tom inquisidor, e mais uma vez me senti envergonhada em negar, sabendo que seria trivial (ou até arriscado) explicar que era bolsista de pesquisa. Mas me ofereci a voltar no dia seguinte com o título de eleitor. A atendente chamou outra funcionária ao seu lado e perguntou se podia me liberar. Elas se entreolharam e pensaram na situação, mas não demorou muito para me liberarem. Me senti aliviada, mas também senti que o descaso da Polícia Civil poderia me impedir de participar no evento da Polícia Militar, ou minha própria desatenção em não levar um documento original.

Me dirigi ao outro balcão ao lado para esperar meu nome ser chamado. Enquanto isso, olhei as medalhas das outras edições e as meias, dispostas à minha frente. Olhei também as camisas. Todas elas eram de *dryfit* (um tecido sintético de secagem rápida para a prática de esportes), e ilustravam diversos eventos de outras unidades policiais e militares. Peguei meu kit, embalado em um papel kraft tamanho a5. O chip de corrida era como uma pulseira de evento, mas ele tinha instruções de qual lado deveria ficar para cima. Aquilo era importante

para validar meu tempo e computar quem havia ficado em qual posição. O meu número, 89, veio impresso em uma espécie de tecido com partes destacáveis para alfinetar na blusa da corrida, junto com o vale guarda-volumes e o vale medalha para quando eu terminasse a corrida. Sem mais nada para fazer ali, subi para seguir a rotina. Passei os momentos antes do dia da prova evitando esforço físico.

Cheguei no evento de carona. Pelo horário, decidi que ir de transporte público poderia ser mais complicado de chegar. O Batalhão de Choque, onde a corrida se iniciaria, abria suas portas para receber os atletas às 6h e a largada seria às 7h30. Saí de casa por volta das 5h45 da manhã. O Batalhão se localiza no Centro, na rua que divide o Sambódromo em dois. O trânsito estava tranquilo, as ruas estavam quase desertas. Nos aproximando do Batalhão, vimos algumas pessoas estacionando o carro perto do Sambódromo, um ou outro participante caminhando com a camiseta do evento e várias grades delimitando o trecho da corrida, com fotógrafos já posicionados. Ao descer do carro e me aproximar do Batalhão, já havia ambulâncias estacionadas na porta, caminhões, e uma tropa de policiais militares da unidade do Choque, fardados com a sua característica roupa camuflada em tons de cinza. Alguns estavam armados de fuzil, e recebiam seus colegas.

Eu tentei me aproximar para perguntar se já poderia entrar, mas os soldados me olharam sem saber o que fazer. Foi quando um homem com uma camiseta preta e estampada com uma logo de caveira me atendeu e afirmou que poderia entrar. Agradei e entrei, acompanhada de outras pessoas que também chegavam. À minha frente, uma dupla de garotas, que pareciam ter a minha idade ou menos, entravam conversando entre si e trajadas de shorts de esqueleto e meias pretas estampadas com uma caveira rosa brilhante, provavelmente reminiscentes de outra corrida organizada pela De Elite. Cheguei pouco depois do horário de abertura e acompanhei o evento enchendo aos poucos. A primeira coisa que notei sobre o Batalhão de Choque foi sua amplitude. O prédio é em formato retangular com um pátio amplo no meio, uma arquitetura tradicional de quartel. Logo em frente à entrada, um longo corredor de grades se estendia de uma ponta a outra do pátio, e uma placa sinalizava: “Corrida Choque vs Bope”, com a arte do evento. Presumi que ali seria o ponto de partida.

Figura 31 – Partida no Batalhão de Choque



Legenda: Estrutura de metal sinalizando o local de partida.

Fonte: Autoria própria.

Adentrando mais, era possível ver alguns estandes, banheiros químicos, dois caminhões para guarda-volumes e um palquinho que haviam sido alocados para o dia. Dei uma volta. Vi que o primeiro estande era de café da manhã, patrocinado pela farinha de tapioca Pernambuquinha. Eu já havia comido e não quis, mas vi muitas pessoas se aproximando para tomar um café, sem comer muito. O segundo estande era de água e isotônico. Tomei um copo de isotônico sabor limão que saiu de um galão preto adesivado com um logo de caveira. Me encaminhei para o guarda-volumes, que eram dois caminhões militares com cobertura de lona. Após entregar a mochila, passei a observar mais atentamente as pessoas que estavam lá. Não havia muita brecha para puxar assunto e logo percebi que era uma das poucas mulheres sozinhas. Havia muitas mulheres, de todas as idades. Uma boa parte parecia acompanhada do namorado ou do marido, que provavelmente eram policiais de diferentes batalhões. A outra parte estava acompanhada em grupos de outras mulheres, ou grupos mistos. Os homens pareciam mais “soltos” de grupos. Eu conseguia distinguir um ou outro como atleta ou como policial pelo tipo físico. Os policiais tinham a cabeça raspada. Os mais novos eram magros, “mirrados”. Os mais velhos eram “bombados”, musculosos. Os atletas eram magros, mas não bombados, nem mirrados. Muitos deles usavam óculos reflexivos, relógios *Garmin*, smartwatches, tênis das mais variadas marcas esportivas. A maioria das pessoas que participavam da corrida, independente do grupo ao qual pertenciam, trajava a camisa oficial do evento. Exceto por uma ou outra pessoa que vestia a camisa de sua

equipe de corrida, ou como eu, que preferiu pegar o kit mais simples. Além disso, era visível certo apreço pelas meias de cano longo estampadas. Muitas delas com caveiras, logos de suplementos, de outras corridas, lisas, com figuras engraçadas como a de uma bateria perdendo a carga. Até mesmo meias de compressão e mangas pretas foram avistadas.

De repente, reparei um terceiro estande, que a princípio não parecia muito convidativo. Mas o evento foi enchendo e as pessoas se interessaram por ele. Foi quando percebi que era uma espécie de mostruário dos armamentos do Batalhão de Choque. Dentro do estande havia duas mesas. A primeira exibia várias granadas, bombas de efeito moral, e balas de borracha. A segunda mesa exibia capacetes, coletes e armaduras utilizadas pelos policiais. Os atletas visitantes pegavam os equipamentos, vestiam as armaduras, olhavam os capacetes e perguntavam sobre as balas de borracha. O policial que estava no estande explicava para qual calibre cada uma servia. Eu não fui apresentada aos equipamentos, mas ouvia atentamente o que ele dizia para os outros. Em um canto havia dois escudos, um anti-tumulto de policarbonato e um balístico de metal escuro. Perguntei para o policial do estande qual era a diferença entre os dois e fui ignorada, enquanto ele se dirigia para explicar o mesmo para outra pessoa. Peguei o anti-tumulto e senti o quanto era leve e robusto ao mesmo tempo. Pensei: “é isso que usam para bater em professores que protestam?”. Deixei o lugar. Era evidente que o estande estava montado para pessoas de fora do Batalhão de Choque conhecerem um pouco de suas características bélicas.

Enquanto a corrida não começava, um homem de cabeça raspada, camiseta cinza e laranja com a logo da empresa De Elite, falava ao microfone. Ao seu lado, estava Rafael Sodré, líder da empresa De Elite. Ele era uma espécie de mestre de cerimônias, conduzindo as atividades da manhã, fazendo piadas, jogos e conversando com os colegas conhecidos. Ele xingava ironicamente o tempo todo o DJ, que colocava músicas variadas de Guns n’ Roses à Bruno Mars, prevalecendo certas batidas de baile charme. Logo, reconheci o locutor: um negociador do Bope com quem havia tentado fazer contato para conversar e ele recusou. Assim como o Major Novo, ele também palestra e participa de *podcasts* policiais. Eu me aproximei do palco para ver por que os outros estavam tão interessados na performance dele. Um homem musculoso e alto passou pela minha frente. Ele usava a camiseta do evento, calça preta e botas. Ele atravessou a pequena aglomeração e cumprimentou o locutor, que falou ao microfone “Caraca, eu nunca abracei um Coronel!”. Me intrigou que ele correria usando calças de brim, afinal, policiais treinavam tanto com roupas de educação física confortáveis quanto com uniformes pesados e podiam escolher o que usariam na corrida. O Coronel fazia questão de utilizar parte de seu uniforme de soldado, mesmo que fosse mais desconfortável.

Um pai com uma criança se aproximou do locutor, e ele disse “Você vai correr também? Vejam como uma criança de 6 anos também vai participar da corrida!”. Posteriormente, relendo o regulamento, notei que a idade mínima para participar da corrida era 16 anos. O locutor então convocou 7 voluntários do Choque para fazer flexão de punho fechado no asfalto, e disse: “Não reclama não, que essa missão vocês toparam por conta própria”. Em seguida ele convidou todos os participantes da corrida para fazer um aquecimento básico. Alongamos os músculos posteriores, a panturrilha, os tornozelos e pulamos levantando os joelhos.

Assim que o aquecimento encerrou, nós já poderíamos nos posicionar para a corrida. Os que iriam largar para a corrida de 10 km deveriam ir na frente, e os de 5 km, atrás. Eu fui o mais para trás que conseguia, assumindo que eu seria uma das corredoras mais lentas. Olhei os números dos corredores. Aqueles que correriam os 10 km estavam com um fundo amarelo destacando o número. O número mais alto que vi era o 1437, e não lembro de ter visto número menor que o meu, 89. Penso que os números foram distribuídos por ordem de compra dos ingressos. À minha volta se posicionaram pessoas diversas. As pessoas colocavam seus fones de ouvido, escolhiam uma música para escutar. Lamentei não poder fazer o mesmo. O pai com a criança parou atrás de mim, explicando-lhe como funcionaria a corrida. Os corredores tiravam selfies e faziam filmagens para as redes, e a expectativa da partida pairava sob a multidão. Após um tempo esperando os corredores terminarem de se posicionar, escuto de longe uma voz fazer uma contagem regressiva, provavelmente na entrada do Batalhão. Quando chegou no número 1, escutamos um barulho alto e grave, e pulei de susto. Imaginei que seria tiro ou uma bomba havia sinalizado a largada, mas não avistei o disparo sendo feito, apenas a fumaça. Achei que imediatamente correríamos, mas uma banda começou a tocar o hino nacional. Interpretei aquilo como um protocolo para lembrar que estávamos correndo por uma instituição governamental. Entre o grupo de trás, onde eu estava, ninguém se importava muito em manter a postura que nos é ensinada na escola como forma de respeito pelo hino nacional. Continuaram conversando e tirando selfies. Quando o hino se encerrou, levou alguns minutos até que o grupo mais à frente começasse a corrida de 10 km. A banda tocava outras marchas militares (considerando que o hino nacional é uma marcha militar também) quando finalmente chegou a vez do meu grupo correr. Enquanto prosseguimos para a entrada, muitos paravam para tirar foto da banda que estava ao nosso lado, composta por uns vinte policiais soando instrumentos de sopro e percussão.

Saindo do Batalhão, enfim, comecei a correr. Virei para a esquerda, o caminho delimitado para a corrida de 5km. Havia um caminhão com uma mangueira despejando água

sobre os participantes, apesar de já estar chovendo. Os corredores gritavam e comemoravam em êxtase. Eu gargalhei. Havia algo divertido nisso, seja a expectativa realizada ou a água. A água serve como um estímulo, como “acorde e vá correr”, ou como “aproveite, se hidrate antes que a corrida fique difícil”. O caminho era mais tranquilo do que eu imaginava que seria. Bastava virar na Riachuelo e seguir reto até o Catete. Logo na entrada do Hospital Espanhol, notei que uma mulher havia parado de correr e avisava aos seus companheiros que não conseguiria. Poderia ter machucado o pé. Um pouco mais à frente, escutei a criança reclamando com o pai que não aguentava mais. Escutei o pai insistindo um pouco e fiquei irritada. Me questionei o porquê de um pai decidir levar uma criança para um evento assim, ainda mais sendo indicado que a idade mínima para participar era 16 anos. Policiais não se atentaram às próprias regras do evento? Segui o trajeto em um ritmo bem consistente até o primeiro posto de hidratação na altura do Bairro de Fátima. Em determinado momento, ainda na Lapa, comecei a desacelerar o ritmo para testar o quanto eu conseguia continuar mantendo. Foi quando uma senhora de mais de 70 anos me ultrapassou falando “não para não!”. Era comum que houvesse alguma comunicação entre nós sobre nosso posicionamento. Alguns pediam para abrir caminho, outros avisavam que iam diminuir o ritmo. Algumas pessoas que caminhavam na rua pareciam interessadas, curiosas. Outros seguiam seus caminhos, sem nem prestar atenção. Os carros não pareciam felizes, principalmente na Lapa. Algumas motos invadiram a pista de corrida. Vi um motoqueiro que invadiu a pista de corrida e buzinou para os corredores saírem da frente. Isso também me irritou. Quando ultrapassamos os Arcos da Lapa, percebi que um grupo de pessoas fantasiadas nos observava com cara de nojo. Eram artistas do cabaré *Tá na Rua*. Eu senti vergonha de mim mesma nesse momento, pois tenho algum apreço por esses artistas.

Quando chegamos na Glória, minha energia estava se esvaindo. Decidi alternar entre corrida e caminhada para descansar. Nesse momento, observei melhor com quem estava correndo. Percebi que estava em um dos últimos grupos da corrida, mas estava longe de ser a última. Eu via pessoas muito variadas correndo comigo naquele ponto. De pessoas que imaginava ser policiais, àquelas que pareciam ser familiares, e até mesmo, os que estavam correndo para se divertir como a senhora que me ultrapassou. Depois que saímos da Glória e chegamos no Catete, comecei a sentir muita dor para respirar neste momento, mas sabia que estávamos muito perto de chegar na ladeira da Tavares Bastos. A partir dali, seria muito mais difícil manter o ritmo. Então mantive a corrida até chegar na ladeira. Peguei mais um copo d'água na subida, tentando não parar de correr, o que não durou muito. O copinho tinha um emblema da Cavalaria, provavelmente reminescente de outra corrida da empresa *De Elite*. Os

funcionários que entregavam a água avisaram em tom de deboche “depois da segunda volta é mais fácil”, e uma voz feminina atrás de mim disse “É mole? Eles só estão falando isso para as mulheres!”.

Eu passei a andar. A ladeira serpenteava em mais de dez voltas até chegar no Bope. Eu não tinha muita noção do quanto faltava. Em certo momento, um homem passou por mim correndo e perguntou: “Isso daqui não acaba não?”, e eu respondi: “é o que estou tentando descobrir”. Alguém respondeu brincando “só mais 300 metros”. Mais a frente, um homem com uma camisa laranja vibrante, óculos reflexivos e mangas pretas passou descendo, afirmando que já estávamos quase lá. Isso me indignou e também a outras pessoas que estavam junto naquela etapa. Era uma pessoa que já havia concluído e estava voltando para provocar os que restavam. Passamos pelo prédio da Rede Nami, um coletivo de mulheres grafiteiras, e percebi que talvez estivéssemos perto. Os moradores nos observavam pela janela. Vislumbrei onde era a chegada, finalmente. Voltei a correr para cruzar a linha. Passamos por uma mangueira furada que despejava água sobre os corredores. Um homem fardado de roupa camuflada verde, lenço cobrindo o rosto e fuzil guardava a entrada do Batalhão de Operações especiais. Cruzei a linha de chegada com 51 minutos de prova, e pensei: “um tempo ruim, mas um tempo honesto”. Um funcionário retirou do meu número um tíquete para eu pegar a medalha de participação da corrida de 5km, logo depois da linha de chegada. Recebi também uma sacola com uma banana e uma maçã.

Figura 32 – Medalha de 5km completados.



Legenda: Medalha entregue no local de chegada da corrida.

Fonte: Autoria própria.

Foi só então que reparei o prédio do Bope, que conhecia somente através das postagens no perfil oficial do Instagram. É um prédio cinza e preto, com um grande painel de lona com a caveira estampada. Quando cheguei, o Batalhão já estava cheio. Senti que choraria de alívio e dor, mas segurei para não passar vergonha, afinal, eu era parte de um dos últimos grupos a chegar. As pessoas chegavam, comemoravam, tiravam fotos e se cumprimentavam. Eu precisava encontrar minha mochila para tirar foto do Bope, mas não conseguia ver onde estava os caminhões do guarda-volumes. Decidi ir até o galão de isotônico para me hidratar e aproveitar para perguntar aos funcionários. Eles não souberam me dizer. Tomei o isotônico sabor limão enquanto andava pelo pátio, assimilando onde eu podia entrar, e do quê eu poderia tirar fotos. Decidi entrar um pouco no prédio onde outros participantes se aglomeravam. No caminho, cruzei com uma mulher completamente fardada de preto com uma boina bordada com o brasão da caveira. Isso me deixou intrigada. Era a segunda mulher que via assim no caminho. Major Novo havia me dito que mulheres trabalhavam no Bope, e eu mesma vi relatos sobre isso, ao mesmo tempo que nenhuma havia passado ainda no COEsp. Ela deu um aperto de mão enérgico em outro parceiro policial fardado de camuflagem cinza. Perguntei a um homem alto com semblante fechado que participou da corrida se ele sabia onde estava o guarda volumes. Mais uma negativa. Entrando no prédio, vi que havia uma fila que se estendia para dentro. Decidi que voltaria para olhar com mais cuidado, afinal filas apontam coisas interessantes. Perguntei para mais uma pessoa da organização onde estava o guarda volumes até que finalmente o locutor falou ao microfone que era descendo uma ladeira.

Figura 33 – Chegada na sede do Bope



(a)



(b)

Legenda: (a) Sede do Bope; (b) Parede com o brasão instagramável.
Fonte: Autoria própria.

Essa foi a oportunidade perfeita para conhecer mais o terreno. Os caminhões estavam em um lugar um pouco mais afastado de onde seria a cerimônia de premiação. Eu descii a ladeira, com medo de estar perdendo alguma parte importante do evento. Chegando perto do estacionamento, havia uma escultura enorme de caveira onde as pessoas tiravam fotos, como é possível observar na Figura 34 (a). Cheguei no guarda-volumes, onde vários SUVs estavam estacionados. Havia por ali também uma grande parede com a caveira grafitada, onde outra fila para tirar foto se formava. Também havia ao lado um canteiro com diversos equipamentos de musculação e calistenia. Os equipamentos eram de metal e concreto, mesmo os pesos livres. Isso me lembrou um lugar entre a Praia do Arpoador e a Praia do Diabo, a “Academia Pública do Arpoador”, também apelidada de “academia dos gringos”. Parei para tirar a minha foto com a medalha para mandar para amigos e familiares naquele momento. Eu subi a ladeira de volta para o evento e reparei que havia duas placas de lona. Uma com a foto de dois soldados apontando seus fuzis encimada pela frase “Heróis Anônimos”, e outra com uma foto similar, mas com a frase “Ultima Ratio”. Nós já explicamos no item 2.3 o significado desse termo em latim, pois também é o nome de um *podcast* policial. Significa algo como “o último recurso”, o que implica que o Bope se enxerga como tal ao retratar seus soldados com essa frase.

Figura 34 – Pontos instagramáveis dentro do Bope



(a)

(b)

Legenda: (a) Escultura de caveira instagramável; (b) Placa de lona com “heróis anônimos”.

Fonte: Autoria própria.

Enquanto subia, precisei desviar de muitas pessoas que pediam aos fotógrafos oficiais do evento para tirar um retrato especial. Quando cheguei ao topo novamente, percebi um caveirão estacionado pintado com uma boca de tubarão. A pintura me lembrou da antiga tradição das *Nose Arts*, pinturas comuns nos aviões e tanques de ambos os lados da Segunda Guerra Mundial. Mais pessoas paravam para tirar suas fotos na frente dele. Adentrando o prédio para checar a fila, havia outro ponto para tirar fotos: uma parede com uma escultura de asas metálicas com uma caveira entre elas. Os visitantes se posicionavam na frente da escultura como se as asas metálicas saíssem de suas costas para tirar a foto. Isso me fez perceber tão logo que o Batalhão continha pontos de interesse para tirar fotos de um jeito que várias pequenas filas se formavam nesses pontos. Quando um lugar parece ser arquitetado para esse fim, chamamos ele de “instagramável”, pois a maioria dessas fotos são feitas para serem postadas no Instagram. O Bope era instagramável, e isso me surpreendeu. Então o lugar que estava me enrolando para marcar visitas era, de fato, visitável e feito para tirar fotos? Mas a surpresa foi maior quando descobri que ao final da fila estava uma lojinha de artigos do Bope.

Figura 35 – Vitrine da lojinha do Bope



(a)

(b)

Legenda: (a) Fila e lado de fora da loja do Bope; (b) Vitrine com objetos expostos.

Fonte: Autoria própria.

Segui a longa fila e entrei na loja, que parecia do tamanho de um container e era enfeitada com uma tela camuflada. Certo trabalho de vitrinismo havia sido empreendido. Dentro dela havia uma variedade de lembrancinhas, de camisetas estampadas com diversos desenhos de caveiras, canecas, chaveiros, esculturas e meias. Também havia uma boa

quantidade dos produtos da marca de suplementos *Black Skull*, uma das patrocinadoras do evento. O preço era bastante elevado para os produtos. Alguns deles vinham com etiquetas e embalados dentro de uma caixinha de mdf. Eu tirava foto de tudo e pensava se realmente queria levar alguma coisa, até que um homem com uma camiseta estampada de caveira me atendeu. Comprei uma caneca para mostrar em mais detalhes o produto para a pesquisa. Senti que estava levando um pedaço do Bope como uma pessoa que eles jamais esperariam que comprasse algo, uma espécie de pequena vitória, como uma raposa que roubou um ovo do galinheiro. Mas também me senti culpada por estar dando mais dinheiro para a polícia. Como se eu estivesse pagando pelos fuzis que eles carregam.

Figura 36 – Produtos da lojinha do Bope



(a)

(b)

(c)

Legenda: (a) Escultura de caveira em resina; (b) Camiseta com estampa “ossos secos”; (c) Caneca de chopp com brasão.

Fonte: Autoria própria.

Ao sair da loja, havia uma grande escultura com o brasão do Bope feita de cápsulas de bala e um banco de madeira esculpido em formato caveira. Queria tirar uma selfie naquele lugar, mas estava desacompanhada e ninguém parecia notar que eu queria pedir para tirarem para mim. Desisti, e segui para um canto ao lado dessa confusão de filas onde notei que a Pretinha, ou também conhecida como Soldado Atalaia, estava acorrentada e latindo para os participantes da corrida que passavam ao lado, alguns até tentando mexer nela. Aquilo estava estressando a cadela, que segundo o @bope.official, havia acabado de se recuperar de uma picada de cobra. Aquela situação me incomodou, talvez tanto quanto o pai levando a criança para correr. Porque a cadela não poderia ficar em outro ponto mais afastado do evento?

Saí enfim da aglomeração do prédio para a premiação. Estava certa de que o local que era tão secreto, tão rígido, tão fechado, que ignorava pedidos fúteis de visita, hoje era apenas mais um grande ponto turístico, cheio de locais para tirar foto e até com uma lojinha de souvenir. O Major Novo estava certo, o Bope estava preparado para receber visita e era verdade que eles lucravam com a marca através de produtos. Enfim, a cerimônia de premiação se iniciou. Era um pódio de 3 lugares e as categorias eram divididas entre 10 km e 5 km, feminino e masculino, e pela faixa etária: NEW (até 29 anos); OPEN (de 30 até 39) anos; MASTER (de 40 até 49 anos); SÊNIOR (acima de 50 anos). Eu acompanhei o momento, ansiosa para ver quem eram as campeãs da minha categoria, certa de que estava bem longe do pódio. Quando elas subiram, sabia que nem as vi ao longo do trajeto. Os vencedores recebiam um pequeno troféu de acrílico das mãos do próprio comandante atual do Bope, Coronel Aristheu. Também receberam uma sacola de suplementos da *Black Skull* e uma sacola de tapioca *Pernambuquinha*. Alguns subiram trajando camisetas de sua equipe de corrida e estenderam uma bandeira divulgando o grupo. Era o caso do *Team Shakur*, da equipe *Motiva*, do *Lions*, entre outros. Não era permitido no regulamento levantar placas de material publicitário, mas era permitido que as equipes promovessem seus trabalhos de *coach* esportivo. Esses corredores também possuíam perfis no Instagram ativos, páginas no aplicativo de corrida Strava compartilhando suas conquistas.

O evento havia chegado ao fim e o locutor agradeceu a presença dos participantes. Rafael Sodré se despediu afirmando no microfone que a meta da empresa era fazer pelo menos 1 evento por mês no próximo ano. Tentei mais uma vez encontrar uma brecha para conversar com as equipes de corrida, mas não consegui me aproximar. Eles comemoravam entre si suas vitórias, e conversavam sobre a prova. Decidi ir embora de metrô, e para isso precisei descer a ladeira toda e andar até a Glória. Acompanhei um grupo de policiais do Choque por acaso. Me mantive colada neles para voltar em segurança para o metrô. Escutei em suas conversas algo como “Pô fulano, onde vocês deixaram a viatura? Aé? Então vamos ter que voltar todo o caminho de volta para o Batalhão de Choque, é o jeito”. Eles não se importaram com a minha presença. Assim que vi a entrada da estação, me desgarrei.

Figura 37 – *Posts* pós-corrída.



(a)

(b)

(c)

Legenda: (a) *Stories* com os comandantes do Choque e do Bope; (b) *Stories* do primeiro colocado da corrida de 5km; (c) *Stories* dos participantes chegando no Bope.

Fonte: Instagram oficial do Bope: <instagram.com/bope.oficial/>.

Ao chegar em casa e ao longo da semana, vi vários *posts* referentes à corrida. Alguns deles compartilhavam o tempo e os primeiros colocados na corrida. O ganhador da corrida de 5km, por exemplo, fez a prova em 19 minutos e 34 segundos. As fotos mostravam os participantes comemorando o fim da prova e os caveiras os recebendo amigavelmente. Os comandantes do Choque e do Bope fazem cara de durões enquanto o *post* zoa com os participantes que não chegaram primeiro. Eu pude abrir a embalagem da caneca que comprei na lojinha e averiguar seus detalhes: a etiqueta de um caveira papai noel, uma caixa de mdf e a “Oração das Forças Especiais” serigrafada em um retalho de algodão cru.

Figura 38 – *Souvenirs* do Bope em detalhes.



(a)

(b)

Legenda: (a) Tecido com “Oração das forças especiais” serigrafado que veio dentro da caixa da caneca; (b) Caneca comprada na lojinha do Bope com etiqueta e caixa de mdf.

Fonte: A autoria própria.

Assim, encerramos a observação participante. Esse estudo fez emergir vários novos atores, e também explicou como algumas dinâmicas relacionais funcionam. Podemos mencionar primeiro o interesse visível na construção de uma relação entre visitantes e caveiras. Os visitantes são selecionados pelo seu interesse na corrida, um esporte de resistência que tem em comum com a cultura militar alguns atores, como a suplementação, a tecnologia de artigos esportivos, o discurso da superação dos limites humanos e do aperfeiçoamento físico. Dentro dos Batalhões, são apresentados aos armamentos, às instalações, aos aparelhos de treino e aos pontos instagramáveis. Isso é uma forma de *soft power*, capaz de recrutar novos caveiras “conquistando suas mentes e corações”, da mesma forma que o Major Novo nos descreveu as *PsyOps*. Tal reforço da cultura do Bope para outros membros é estendida até para membros mais vulneráveis, como a criança que corria comigo e a cadela Atalaia. Como demonstrado no item 3.2, as crianças são desde cedo introduzidas a esse universo para “não se desviarem do caminho”. Vimos também o brasão do Bope no ápice de sua força, habitando cada canto do Batalhão, se repetindo em cada copo, camisa e caneca na vitrine da loja. Símbolos militares e policiais de diferentes historicidades se misturam, da mesma forma que a configuração do brasão apresentado no item 3.1. E vemos isso se repetir na caveira robótica, no guerreiro espartano e na presença do segurança privado de boina na Decathlon. Seguimos para o próximo capítulo com novas controvérsias a serem exploradas: as questões de gênero dentro do Bope, o uso da marca por outros grupos como a empresa *De Elite* e o suplemento *Black Skull* e como as culturas militares de diferentes lugares e historicidades se misturam também nas escolhas dos armamentos e equipamentos.

4. ARMAS DE MUITAS GUERRAS: QUESTÕES DE POLÍTICA

Nos capítulos anteriores, exploramos em detalhes diferentes atores que se filiaram ao projeto do Bope. No capítulo 2, colocamos em questão como esse projeto é conformado pelas mídias e discursos que tecem múltiplas narrativas sobre o que é o grupo. No capítulo 3, exploramos através de diferentes métodos os atores que configuram a identidade corporativa do Bope. No presente capítulo, seguimos esses atores levantados pelos capítulos 2 e 3 e miramos nossa investigação nas disputas políticas sobre os produtos, uniformes, armamentos, equipamentos e veículos do Bope. Para muitos, talvez as armas sejam as verdadeiras protagonistas de toda a ação do grupo. Idealmente, são o “design de produto” perfeito: eficazes, funcionais, ergonômicas, intuitivas, modulares e tecnológicas. A polícia militar não poderia agir sem seus magníficos fuzis, garruchas, rifles e bacamartes, que estavam lá desde a fundação da PMERJ. Como vimos no item 3.1, as armas carregam consigo ficções de poder, de conquista, de caçada e vitória. Além de serem letais, suas imagens sintetizam a ação dos grupos policiais e militares.

A ação, no entanto, é coletiva, sem centro, sem protagonista e sem ator mais importante do que o outro. Bacamartes e garruchas caem em desuso por vários motivos. Como o Major Novo nos disse em nossa conversa: “É aquilo, a arma não atira sozinha, a viatura não atropela sozinha”²². E devemos ir além: o policial também não aperta o gatilho da arma sozinho, pois esta não é mero objeto inerte em suas mãos. Ela chega onde está através de verbas estaduais que as importam de outros países, ou que financiam sua fabricação nacional. Assim como existem leis que permitem seu uso por determinadas pessoas, e leis que punem seu uso indevido. Para utilizá-las de forma eficaz e legalizada, é necessário um treino específico em estandes de tiro. Para serem consideradas “estado da arte” em sua função, as armas precisam jogar na economia de um mercado bélico internacional onde os fabricantes precisam provar que funcionam em guerra.

As armas, bem como as fardas e os blindados, não estão isoladas de todo o aparato que é necessário para mantê-las existindo. Para continuarem na rede, elas passam por diversas provações na medida em que a dinâmica da guerra se altera. Ainda assim, essa classe de atores chama a atenção pela forma como recebem destaque na ação do Bope. Como o Major Novo nos disse: “o Bope está 30 anos à frente da PM”, já que o Bope teria sido o primeiro

²² Ver capítulo 2.

batalhão a adquirir diversos armamentos de ponta como a pistola Glock, o fuzil R10 e os blindados sul-africanos.

A afinidade que os caveiras possuem com suas armas, parceiras de guerra, também não está isenta de dificuldades, negociações e rejeições. Os “heróis anônimos” não desejam equipamentos que atrapalhem suas missões sigilosas, como as câmeras corporais. Os que “escolheram fazer o melhor na área de segurança pública”, exigem que seus equipamentos sejam os melhores do mercado, enquanto a verba pública para manter o batalhão funcionando às vezes mal cobre as refeições diárias. A cor preta, usada nos uniformes e nos caveirões, é tão importante para a identidade deles que uma simples mudança para melhorar o desempenho desses equipamentos pode provocar debates e questionamentos. Às vezes, irão até mesmo forçar os limites do que é determinado pelos regimentos internos sobre o que deve ser utilizado ou não.

Retornamos, assim, à questão: o que faz do Bope o Bope? Mais especificamente, como o Bope é projetado por suas próprias armas? No item 4.1, retomamos a cultura corporativa do Bope e as disputas relacionadas à identidade que emergiram no capítulo 3. Exploramos polêmicas como o registro da patente, o uso da marca em produtos, o *soft power* exercido pelo grupo, as questões de gênero e etnia, e, enfim, como elas travam ou possibilitam escolhas sobre os equipamentos. No item 4.2, exploramos os cruzamentos de diferentes retóricas históricas e culturais nas escolhas e no uso de certos equipamentos e a conformação do Bope em função das características da guerra que acreditam estar lutando. Por fim, no item 4.3, exploramos a polêmica da implementação das câmeras corporais nos policiais, elencando os debates anteriores e posteriores ao projeto governamental, assim como sua negociação entre líderes políticos. Desse modo, esperamos aprofundar nosso entendimento das relações entre caveiras, civis, equipamentos e políticas públicas.

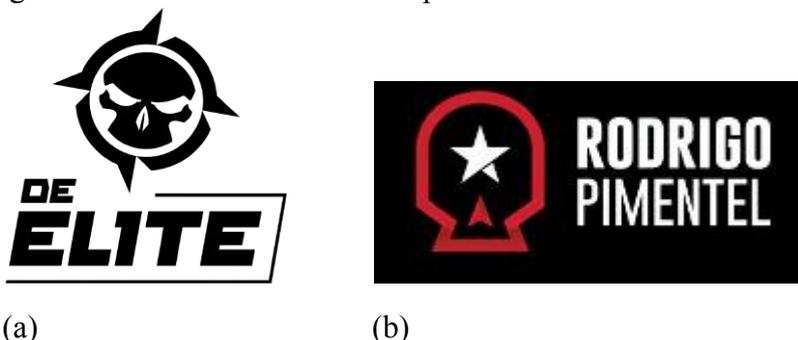
4.1 Ser ou não ser caveira, eis a questão: as políticas da identidade

Como observamos no item 3.1, o brasão do Bope como conhecemos hoje é conformado pelo relacionamento de diferentes símbolos e culturas policiais e militares. Com a projeção e a popularidade que recebeu após o filme e as operações de pacificação, ele chamou a atenção de outros atores. Estes passaram a se relacionar com o brasão sem serem caveiras, o que fortaleceu a presença do símbolo e do *ethos* guerreiro. Como essas apropriações

influenciam na coesão do grupo? Quais atores afetam a coesão do grupo no próprio entendimento do que eles devem ser? Este item é uma investigação seguindo os atores e as questões que emergiram no capítulo 3, sobretudo as disputas sobre a identidade do Bope e como a popularização de sua estética o projeta de volta.

Podemos começar pelos casos que já estamos mais familiarizados: os desdobramentos da Faca na Caveira em outros logotipos. Na Figura 39 (a), podemos ver o logotipo da empresa *De Elite*, que organiza corridas como a narrada no item 3.3, e que foi fundada pelo caveira Rafael Sodré. Na Figura 39 (b), temos o logotipo do site de Rodrigo Pimentel, um dos representantes do Bope descritos no capítulo 2 que oferece palestras para empresas e participa de *podcasts*. Os respectivos *brandings* são associações diretas com o brasão e, portanto, com o Bope, pela própria relação de pertencimento que seus líderes tecem. Fosse qualquer outro símbolo, suas origens e a autoridade sobre seus discursos poderiam ser enfraquecidos. A caveira garante quem eles são.

Figura 39 – Logos derivativos do brasão do Bope.



Legenda: (a) Logos da empresa De Elite; (b) Logo do palestrante Rodrigo Pimentel.

Fonte: <<https://www.deelite.com.br/>> e <<https://www.palestraspimentel.com/rodrigo-pimentel/>>, respectivamente.

Como descrito por Major Novo no item 2.2, há um interesse da parte do Bope em desenvolver o potencial comercial da marca. Tal interesse tem se concretizado em parcerias e novos usos do brasão da Faca na Caveira. Um exemplo citado pelo Major como parceria benéfica para ambos os lados foi com a marca americana de suplementos *Black Skull*, patrocinadora oficial das corridas com o Bope. O nome da marca já nos revela um pouco sobre um alinhamento de *branding*, estética e público alvo entre a empresa e o Bope. Na Figura 40, podemos ver o pré-treino “B.O.P.E.” ao lado de uma apresentação do produto. A descrição traz à tona como valor desejado pelos caveiras a “força” e a “energia” para lidar com “batalhas extremamente desafiadoras do dia a dia”. Isso se alinha com o que foi apresentado como valores endossados aos atletas no item 3.3.

Figura 40 – Pré-treino “B.O.P.E.”

DESCRIÇÃO	MODO DE CONSUMO	INGREDIENTES	TABELA NUTRICIONAL
<p>Você já se perguntou de onde os soldados da TROPA DE ELITE tiram forças para enfrentar as batalhas extremamente desafiadoras do dia a dia? Aqui vai a resposta: B.O.P.E.™.</p> <p>Esse é um pré-treino com cafeína, arginina, taurina, creatina e maltodextrina, utilizado pelo batalhão de operações policiais especiais para garantir mais energia, foco e concentração. Sua fórmula potente, além de dar mais disposição, contribui para o desenvolvimento muscular, oferecendo resultados esperados como um SOLDADO CAVEIRA!</p> <p>Por que usar o pré-treino B.O.P.E.™?</p> <p>O B.O.P.E.™ vai te ajudar a ter mais foco nos seus treinos. Com a cafeína e taurina presentes no pré-treino, ingredientes estimulantes para o aumento de energia e no estado de alerta, auxiliando na melhora de concentração e vigor durante as performances.</p> <p>Além disso, o B.O.P.E.™ melhora o seu desempenho físico! Com o auxílio no aumento de resistência, força e potência muscular, e ainda a ajuda na redução de fadiga durante as atividades, os seus treinos se tornarão mais intensos e eficazes.</p>			



Legenda: Print da descrição do produto “B.O.P.E.”, um pré-treino vendido pela marca *Black Skull*.

Fonte:

<https://www.blackskullusa.com.br/?gad_source=1&gclid=Cj0KCQiA4fi7BhC5ARIsAEV1YiYy8-wef9qxS34Uj095Jt8M-OcSDO0qa4sEYL_EysD0q1Qynu6SSY0aAmmzEALw_wcB>.

A marca convida os atletas a entrarem na fantasia de se tornarem caveiras tomando o pré-treino B.O.P.E. Também evoca um atestado de confiabilidade: a Tropa de Elite usa. Entre suplementos acompanhados de imagens de halterofilistas, nomes chamativos e sabores convidativos, a marca também oferece vestuários e equipamentos de academia como os da Figura 41. À esquerda (a), podemos ver uma camiseta estampada com uma caveira de corpo aparentemente masculino cruzando os braços e rindo do espectador. Ela veste uma farda e uma boina, tal qual o uniforme do Bope. À direita (b), outra camiseta da marca estampada com uma *pin-up* usando um macacão militar e sentada sobre um míssil com *Nose Art*. É possível perceber um contraste entre a masculinidade aguerrida e a feminilidade sensual, ambos unidos pela estética militarista. Assim, é evidenciada uma relação de desejo nos consumidores da *Black Skull* que depende da apropriação do braço do Bope, seja pelo sentimento de pertencimento, pela valorização do corpo e da força, ou pelo fetiche da posse de um *sex symbol*.

Figura 41 – Camisetas *Black Skull*

Legenda: (a) Camiseta com soldado caveira; (b) camiseta com *pin-up* sentada em um míssil .
 Fonte: <<https://www.blackskullusa.com.br/vestuario/camisetas>>

A caveira é um símbolo identitário tão forte que aqueles que concluíram o COEsp muitas vezes fazem questão de tatuá-lo como prova do que passaram. Tal símbolo ecoa da mesma maneira nas medalhas das corridas, nos *souvenirs* da lojinha, e nas camisetas da marca de suplementos. A caveira se torna um prêmio por algo conquistado, ou um comprovante de que você toma o pré-treino da Tropa de Elite, participando dela de alguma forma. É ainda possível tecer relações com a caveira para além das recorrentes, se você estiver disposto a lidar com o estranhamento. Na foto abaixo, um caveira do Bope foi flagrado durante uma operação em 2019 utilizando um crânio de cabra na farda (Goulart, 2019).

Figura 42 – Caveira usa crânio de cabra no uniforme.



Legenda: Caveira foi avistado em operação vestindo um crânio de cabra como acessório, o que não é previsto no regulamento do uniforme.

Fonte:

<<https://extra.globo.com/casos-de-policia/uso-de-caveira-no-uniforme-infringe-regulamento-do-bope-dizem-especialistas-23880025.html>>

Tal ocorrido é interessante, pois vários debates se entrecruzam na reportagem. Primeiro, um ex-policial do Bope explica que tal acessório infringe o regulamento da corporação:

O regulamento visa à proteção do policial durante ações. Disciplinarmente, o policial não pode usar cordões, especialmente de ouro, anéis, objetos que possam feri-lo. Usar uma cabeça de cabra no peito é uma coisa ridícula. Aquilo pode machucá-lo. Durante a operação, na qual o policial precisa ser ágil e versátil, se um chifre daquele aponta para o seu corpo certamente será ferido (Goulart, 2019).

Ao que parece, o debate na reportagem gira em torno da crença do caveira por causa do comentário de um colega de farda, que afirmou que “é da religiosidade dele”, mas não fica claro qual seria ela. O babalaô Ivanir dos Santos explica que aquilo seria um comportamento incomum dentro do candomblé, caso ele fosse da religião (Goulart, 2019). Também é

especulado se ele poderia fazer parte da célula evangélica do Bope, os “Caveiras de Jesus”, ou então da maçonaria, embora nesse caso a exposição seja ainda mais incomum (Goulart, 2019). Quando questionado, o policial da foto com o crânio respondeu: “uso o que eu quiser” (Goulart, 2019), o que parece uma resposta um tanto indisciplinada. O coronel Robson Rodrigues afirmou que o comandante provavelmente irá averiguar a conduta desse policial, pois a corporação preza pelos seus regulamentos e ele deve deixar de lado suas crenças ao entrar nela (Goulart, 2019). No entanto, como vimos no item 3.2, o Bope faz postagens de cunho religioso cristão em suas redes, e no item 3.3 é vendido junto com os *souvenirs* uma oração. Assim, uma simples mudança no uniforme, ou uma escolha de acessório inusitada pode gerar polêmicas que mobilizam especialistas de diferentes áreas e questionamentos que recaem sobre o comandante do momento.

Como o caso acima mostra, nem toda associação com a caveira é tão aceita quanto as das empresas *De Elite* e *Black Skull*. Apesar da paixão dos soldados pela caveira, há relações que podem parecer excessivas, principalmente para aqueles que não são do meio policial. Em uma matéria de 2017 do *Extra* escrita por Rafael Soares em conjunto com outros dois jornalistas, é denunciada uma empresa formada por dois PMs que afirmavam ser do Bope. A *SK EX Gestão e Aceleração de Equipes*, fundada pelos majores Ivan Souza Blaz Junior e Luciano Pedro Barbosa da Silva, oferecia ao público civil a “Experiência do Bope” (Heringer, Marinatto, Soares, 2017). Tal experiência consistia em três dias de “atividades como resgate de feridos, interrogatório, granada, arremesso de faca e até arco e flecha” (Heringer, Marinatto, Soares, 2017). Tudo isso em um resort de luxo em Búzios, incluindo alimentação, show da banda Tihuana e um kit de boas-vindas (Heringer, Marinatto, Soares, 2017). Durante a experiência, os participantes vestiram camisas com uma caveira preta e até mesmo adesivaram tatuagens temporárias de caveira.

Figura 43 – Cena da “Experiência do Bope”.



Legenda: Major Ivan Blaz, que veste uma camisa branca com uma caveira preta, instrui um participante da “Experiência do Bope” a manejar um fuzil.

Fonte:

<<https://extra.globo.com/casos-de-policia/porta-voz-da-pm-usa-nome-do-bope-para-vender-evento-com-aulas-de-resgate-arremesso-de-faca-22149954.html>>.

Na Figura 43, Blaz instrui um participante a portar um fuzil como parte da experiência. Após a denúncia, tal empresa passou a ser investigada pelo Ministério Público (Soares, 2017). A principal discussão é que, por lei, Ivan Blatz e Luciano Barbosa não poderiam gerir uma empresa por serem PMs (Soares, 2017). Blatz defendeu não ser empresário, apesar de seu envolvimento direto com a experiência (Soares, 2017). À época, a *De Elite* já oferecia as corridas e as palestras do Bope que, se comparadas à vivência em Búzios, parecem até modestas. Ao contrário do que Capitão Nascimento e os cânticos do Bope afirmam aos participantes do COEsp que “jamais serão” caveira, Blatz aponta para sua platéia e afirma: “Vocês são caveira, senhoras e senhores”! É desconhecido se houve novas “experiências do Bope” em resorts após a investigação. A empresa continua ativa através do perfil no *Instagram* @skullexp, embora a conta oficial do Bope (e das demais parceiras de evento) não o siga de volta. Ivan Blatz já foi porta-voz da PMERJ e atualmente estava atuando como comandante do 2º Batalhão em Botafogo. Ele foi exonerado em janeiro de 2025 após invadir um prédio à paisana e render o porteiro, alegando estar à procura do traficante Peixão após uma denúncia anônima (Nascimento, 2025).

Tal cenário de parcerias, eventos, vivências e palestras culminou no momento de debater ou tentar uma possível patenteação da Faca na Caveira como marca. Marcos do Val, senador eleito em 2018 pelo Espírito Santo, foi um dos atores interessados em seu uso. Ele ficou conhecido como “instrutor da SWAT” por ter fundado o Curso Avançado em Técnicas de Imobilização (CATI) em 2006, que supostamente tem parceria com a SWAT, e assim, intermediou o treinamento internacional de diversos policiais (Carvalho, 2023). Apesar de embasar sua imagem profissional como treinador da polícia, Marcos do Val era soldado na Infantaria do Exército na juventude, e não policial, muito menos do Bope (Carvalho, 2023). Por esse motivo, policiais americanos, jornalistas e políticos brasileiros apontam que o senador é uma “farsa” por não possuir as devidas credenciais na área em que afirma atuar, principalmente em sua relação com a SWAT (Azenha, 2023a). Em 2007, ele tentou registrar a marca “BOPE” no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), incluindo na ficha o brasão completo, sem nenhuma alteração, exceto pelas cores em preto e branco (Azenha, 2023b). “Curiosamente, mais tarde, Do Val incluiria no seu currículo o fato de ter treinado atores que atuaram na sequência do filme, *Tropa de Elite II*”, afirma a Revista Fórum

(Azenha, 2023b). O pedido de registro foi arquivado, e o senador não recorreu. A Figura 44 é um *print* da pesquisa por “Bope” na base de dados pública do INPI, que comprova as tentativas de registro da marca arquivadas e, enfim, o registro oficial em 2024 pela própria Secretaria de Estado da Polícia Militar, o que confirma o que o Major Novo nos relatou. Também é possível ver a tentativa de registro da marca pela “GDS-Grow Dietary Supplements”, laboratório da *Black Skull*.

Figura 44 – Marcos do Val tentou registrar marca do Bope no INPI.

Número	Prioridade	Marca	Situação	Titular	Classe
900640421	04/12/2007	 BOPE	✗ Arquivado	MARCOS RIBEIRO DO VAL	NCL(9) 41
900672137	20/12/2007	 BOPE	✗ Arquivado	BOPE IMPLEMENTOS RODOVIARIOS LTDA ME	NCL(9) 35
900672188	20/12/2007	 BOPE	✗ Arquivado	BOPE IMPLEMENTOS RODOVIARIOS LTDA ME	NCL(9) 12
903195429	06/12/2010	 BOPE	✗ Pedido definitivamente arquivado	MIELLE INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE PLÁSTICOS LTDA	NCL(9) 28
904292428	28/11/2011	 Bope	✗ Pedido de registro de marca indeferido (sem interposição de recurso)	MEDIALAND PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO LTDA	NCL(9) 41
909745420	28/07/2015	 B.O.P.E.	✗ Pedido definitivamente arquivado	GDS-GROW DIETARY SUPPLEMENTS LABS.USA LLC	NCL(10) 05
911839976	28/10/2016	 B.O.P.E.	✗ Pedido de registro de marca indeferido (mantido em grau de recurso)	GDS-GROW DIETARY SUPPLEMENTS LABS.USA LLC	NCL(10) 05
937143197	26/11/2024	 BOPE	✓ Aguardando prazo de apresentação de oposição	SECRETARIA DE ESTADO DA POLÍCIA MILITAR	NCL(12) 05

Legenda: *Print* de pesquisa na base de dados do INPI pela marca “Bope”, onde é possível ver o pedido arquivado de Marcos do Val.

Fonte: Base de dados no INPI: <<https://busca.inpi.gov.br/pePI/>>.

Outro político que demonstrou interesse pela marca do Bope, mas não tentou registrá-la em seu nome, foi o ex-deputado estadual do Rio de Janeiro Alexandre Freitas. Em 2021, no portal *Diário do Rio*, Alexandre publicou um artigo de opinião sobre o “potencial milionário” da marca do Bope (Freitas, 2021). Ele defende que a marca do Bope já era reconhecida nacional e internacionalmente e que poderia ocupar o espaço comercial que outras forças militares especiais já ocupavam, como a SWAT, a SAS e a IDF, como exemplos citados (Freitas, 2021). Alexandre então usa como argumento principal o uso dessas marcas e nomes em jogos digitais de tiro, como *Call of Duty*, *Rainbow Six* e *Counter-Strike*. E utiliza esse último como exemplo:

Para quem não conhece, resumindo o *Counter-Strike* em poucas palavras: é a disputa entre dois times, um formado por terroristas e outro de contra-terroristas (policiais). Quem frequentou *lan house* sabe: há um mapa em homenagem ao Rio de Janeiro, que se passa em uma comunidade, a famosa – e nostálgica – “*cs_rio*”. O inconveniente surge quando percebemos que os policiais usam os uniformes da SWAT, SAS e diversas outras forças militares de elite do mundo todo, menos do BOPE. A desenvolvedora do CS:GO, Valve, lançou outro mapa na mesma temática, chamado “Favela”, e mais uma vez, a elite da Polícia Militar do Rio de Janeiro não figura no rol de forças especiais do jogo bilionário, e dá espaço para os Navy Seals americanos roubarem a cena do combate aos narcoterroristas (Freitas, 2021).

O deputado se refere diretamente ao mapa *cs_rio* criado pela comunidade brasileira do jogo *Counter Strike 1.6*. Em 2001, os jogadores Joca Prado e Roger Sodré disponibilizaram o mapa *fanmade* que contava com traficantes e policiais disputando em um território inspirado nas favelas do Rio de Janeiro (Munoz, 2020). O mapa tinha muitos elementos familiares: uma cópia do Cristo Redentor, um bar que tocava Bezerra da Silva, um campinho de futebol de várzea, áudios da novela *Laços de Família* e uma tela de *loading* que tocava um funk do CV (Munoz, 2020). O jogo pirata chegou a ser vendido nos camelôs já com a modifica o instalada, e por sua ambienta o, foi proibido de ser comercializado pela justiça brasileira de 2007 a 2009 (Munoz, 2020). Acusada de promover a guerra entre policiais e narcotraficantes, a distribuidora oficial do jogo se defendeu afirmando que o mapa foi feito por f s (Munoz, 2020). Assim, esse mapa que surgiu da comunidade de jogadores brasileiros interessados em um cenário próximo de suas vivências logo foi absorvido em títulos posteriores.

Alexandre Freitas evoca um sentimento de nostalgia nos *gamers* que frequentavam as *lan-houses* e os lembra de como as políticas da marca afetam a própria representa o do país nos jogos, também recorrendo ao sentimento de pertencimento e nacionalismo. Nos comentários, um usuário comenta que “esses emblemas e imagens que remetem à tortura, violência, raiva , ódio sanguinário tem parcela na produ o de violência e morte pelas polícias, mas nenhuma eficiência”. Outro rebate dizendo que estamos perdendo “bilhões de reais e empregos” não só com a falta de patente da marca, mas também com a falta de fábricas de armas e cassinos no Brasil. Estávamos falando de representa o brasileira em jogos e simplesmente houve um salto no comentário para políticas armamentistas. Mas isso não é por acaso: em 2024, Alexandre Freitas foi condenado por racismo recreativo ao fazer um *post* em suas redes dizendo que “defende o uso de fuzil dependendo da cor” (Quem   [...], 2024). Ele se posicionou dizendo que estava se referindo à cor do fuzil, mas a ambiguidade não foi aceita (Quem   [...], 2024). Assim, a marca do Bope se torna mais uma das pautas de políticos como Marcos do Val e Alexandre Freitas, inclusive, a da libera o do uso de armas por civis.

Outro jogo que se associou à marca do Bope e fez sucesso entre os *gamers* brasileiros foi *Rainbow Six Siege*. Em 2016, o jogo lançou uma nova temporada²³ completamente embasada na guerra urbana carioca, a Skull Rain. Nela, foram introduzidos: dois personagens novos (Capitão e Caveira), um mapa chamado “Favela” e cinco estampas para armas. O mapa Favela é descrito da seguinte forma: “Combinando ruas coloridas e estreitas com pontos estratégicos altos, este mapa é ideal para ataques explosivos, o que o torna o mais destrutivo de todos até hoje”. A Figura 45 é uma imagem de divulgação dos dois agentes brasileiros, Capitão (à esquerda), e Caveira (à direita).

Figura 45 – Agentes do jogo *Rainbow Six Siege* Capitão e Caveira



Legenda: Agentes Capitão (esquerda) e Caveira (direita) lançados no jogo *Rainbow Six Siege* em 2016 durante a temporada Skull Rain, inspirada no filme *Tropa de Elite*.

Fonte: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2019/08/tudo-sobre-capitao-e-caveira-operadores-brasileiros-do-rainbow-six.ghtml>>

Cada agente tem suas características particulares de estilo e jogabilidade. Ambos são descritos como agentes de baixa vitalidade (morrem mais rápido no jogo), mas ágeis em sua movimentação. Capitão é descrito como um agente de média complexidade, focado em linha de frente (avançar o grupo) e controle de mapa (tirar os inimigos de onde estão), e sua habilidade especial é usar uma besta tática para lançar flechas que liberam fumaça ou combustão com o impacto (Ubisoft, 2015). Sua biografia narra que nasceu em Nova Iguaçu e que “o assassinato do seu irmão mais velho por traficantes o motivou a entrar para a Polícia Militar, onde recebeu treinamento com estratégias de infiltração e uma variedade de armas

²³ Uma temporada é um período de tempo em que um jogo lança conteúdo só sobre um tema, ou desenvolvendo o arco de uma história. Geralmente, também é o momento em que os rankings das partidas competitivas são resetados. É como o capítulo de um livro.

táticas” (Ubisoft, 2015). Ele perdeu seu olho após ter sido torturado por traficantes e refém por dois meses, o que o fez ser recrutado pelo Bope por ser a personificação do seu lema: “Vitória sobre a morte”(Ubisoft, 2015). Já Caveira é descrita como uma agente de alta complexidade, focada em inteligência (estratégia de equipe) e controle de multidão (pode afetar múltiplos jogadores ao mesmo tempo), e sua habilidade especial é usar sua pistola com silenciador para atordoar o adversário e interrogá-lo sobre quantos de seu time ainda estão vivos. Sua biografia narra que ela tem 9 irmãos e que entrou para polícia porque “foi presa por roubo e recebeu duas opções: internação em um reformatório juvenil ou trabalhar para a Polícia Militar como informante” (Ubisoft, 2015). Ela é descrita como uma “agente perigosa que toma suas próprias decisões”, mas que “suas habilidades em táticas em ambientes confinados, extração e situações de extremo risco são exemplares” (Ubisoft, 2015). O passado trágico e o currículo espetacular dos personagens convidam os jogadores a enxergá-los como humanos e entrarem na fantasia dos agentes de elite de *Rainbow Six*.

É curioso que ambos os agentes sejam de grupos considerados marginalizados no Brasil. O Capitão, um homem negro, representa vários caveiras e policiais militares citados até aqui, como o Coronel André Batista, Coronel Uirá (comandante do Bope antes do atual), Ivan Blaz e o próprio locutor da Corrida Choque vs Bope. É difícil encontrar relatos sobre a vivência dos agentes negros no Bope, apesar das adversidades (ver o item 4.3 que aborda a relação entre racismo e a ação policial). Em um corte do podcast Fala Glauber (2023), André Batista responde à pergunta “de onde você veio” se reafirmando como policial preto que teve sim dificuldades por isso, mas que a polícia para ele é uma instituição democrática, que trata pessoas brancas e pretas da mesma maneira e que aceita mulheres já tem bastante tempo. Para Batista, “a polícia é meio de vida e não de morte”, e que sua missão como instituição é “tirar bandidos de circulação, prendê-los”. Ainda assim, haverá atores como Alexandre Freitas (que nem policial é) opinando que o porte de armas “depende da cor”.

Assim como Caveira representa as poucas mulheres que trabalham no Bope. Como vimos até agora em nossa conversa com o Major Novo e na corrida no Batalhão, essas mulheres não fizeram o COEsp mas foram, de alguma forma, convocadas para trabalhar na equipe. A complexidade das relações que envolvem o gênero feminino no Bope, lugar em que policiais buscam entrar para provar sua masculinidade (como Storani descreve no item 2.3), emergem nas interações mais simples. Abaixo, podemos ver alguns comentários contrastantes em dois *posts* feitos pelo @bope.oficial.

Figura 46 – Comentários sobre mulheres no Bope em *posts* do perfil oficial do Bope



Legenda: (a) Comentário de Coronel Uirá parabenizando as integrantes mulheres do Bope em um *post* sobre o dia das mulheres; (b) Comentário de Marcus subestimando-as em um *post* de uma cerimônia onde a Capitã Thabata foi homenageada.

Fonte: <<https://www.instagram.com/bope.official/>>

Coronel Uirá celebra o profissionalismo das caveiras no Dia Internacional das Mulheres as chamando de “valquírias”, entidades femininas guerreiras do panteão nórdico. Enquanto isso, o padre Marcus discorda com veemência de uma homenagem feita à Capitã Thabata: a Tropa de Elite é a ponta da lança (um jogo de palavras fálico), e mulheres não se encaixam nisso. E nas respostas, as mulheres apontam o comportamento machista e o argumento frágil de Marcus. Desse modo, Caveira é uma personagem mulher que é associada ao mundo militar sem ser representada como uma *pin-up* ou sexualizada com roupas curtas e decotadas. Aliás, a sexualidade é um ator que ronda certas questões do Bope. Se a virilidade masculina emerge para excluir mulheres e pessoas LGBTs ou testar a resiliência dos aspirantes, ela também emerge como alvo de desejo e fetiche. Em um dos comentários do *post* na Figura 22 (ver item 3.2), uma usuária comentou: “Querida 1 marido assim. Policial ou delegado”. Outras mulheres respondem rindo: “queira não, minha filha... é muita dor de cabeça”. O desejo também toma forma de novela, de romance. Na seção de *ebooks* da Amazon, é possível encontrar uma série de 5 títulos inspirados no Bope escritos pela autora Cristina Melo. Abaixo, selecionamos as capas de 3 desses livros.

Figura 47 – Capas dos livros da autora Cristina Melo



(a)

(b)

(c)

Legenda: Capas dos livros: (a) *A Missão Agora é Amar: Missão Bope 1* (2017); (b) *Resgatando o Amor: Missão Bope 3* (2017); e (c) *Mudança de Planos: Missão Bope 4* (2020)

Fonte: <<https://www.amazon.com.br/>>

O romance *A Missão Agora é Amar* (Melo, 2017), primeiro livro da série, desenvolve o relacionamento da protagonista Lívia, “uma mulher de personalidade forte com seus ideais e traumas”, e o caveira Gustavo, “um homem sem medos, que não se abala com nada e ninguém, e que carrega a responsabilidade de proteger e cumprir a lei”. Nas avaliações das páginas de vendas do livro, opiniões sobre o relacionamento do casal divergem entre “uma história de amor de tirar o fôlego” e “não é bonito, é tóxico”. As leitoras descrevem Gustavo, centro do desejo da protagonista, como um homem “machista”, “controlador”, “gostoso” e “mandão”, e Lívia como “determinada”. Os demais livros seguem as vidas de outros casais, sendo o 5º protagonizado por uma mulher PM. Os livros de romance, então, participam da ação do Bope ao oferecer uma narrativa onde algumas pessoas podem se identificar com a protagonista forte por sua capacidade de lidar com um cara “gostoso e mandão”. Assim, um modo de se relacionar amorosamente com o Bope é sustentado.

O fetiche e o desejo não são restritos aos seres humanos do Bope. Voltemos para o jogo *Rainbow Six Siege* e as armas de Capitão e Caveira. As escolhas de armamentos dizem algo sobre o Bope, apesar de fantásticas em certos momentos para manter o entretenimento. A besta tática que atira fogo e fumaça de Capitão e a pistola com um silenciador improvisado de Caveira que atordoa os inimigos diferenciam eles como personagens originais e de uso tático, mas não correspondem tanto com o armamento que é tradicionalmente utilizado pela polícia brasileira. Elas são suas “habilidades especiais”. Já suas outras armas, utilizadas para realizarem “ataques normais”, são embasadas nas utilizadas pelo Bope, só que com nomes

similares. De acordo com uma matéria da *Superinteressante* (Polícias [...], 2016) que disponibilizou a lista das armas utilizadas pelo Bope, as armas do jogo compatíveis são, respectivamente: PARA-308 (Fuzil Para-FAL, uma modificação brasileira do fuzil belga FN FAL) e a PRB 92 (Taurus PT 92, pistola semiautomática brasileira). Já a M249 foi embasada em uma metralhadora leve de mesmo nome, versão americana da FN Minimi. A M249 não consta na lista da *Superinteressante* (Polícias [...], 2016). Já o modelo FN Minimi foi avistado com o Bope por um usuário do *Reddit* no fórum *r/MilitaryPorn*.

Figura 48 – Foto Caveira com FN Minimi 762 postado no fórum *r/MilitaryPorn*



Legenda: *Print* de fórum *r/MilitaryPorn* onde um usuário postou uma foto de um caveira portando metralhadora leve FN Minimi 762.

Fonte: <https://www.reddit.com/r/MilitaryPorn/comments/1043ly5/brazilian_bope_operator_with_an_fn_minimi_762/?show=original>

Um outro usuário pergunta ao que postou originalmente por quê eles usariam essa arma em “guetos apertados”? E o brasileiro responde: eles usam essas nas florestas como estratégia de entrar nas comunidades, já que eles não podem chegar lá através de helicópteros, e nas batalhas urbanas utilizam o fuzil AR-10 ou o rifle israelense IWI Arad. Desse modo, elas são exibidas como colírio para os olhos dos fãs de armamentos, muitos advindos das instituições militares ou dos jogos digitais. Assim, os seres não-humanos do Bope também entram no jogo de associações por desejo, posse, fetiche e “pornografia” militar. Nos jogos, as armas podem ser customizadas com diferentes estampas, algumas delas presentes na imagem abaixo. Da direita para a esquerda, elas são nomeadas como: Ceifador, Piranha e *Skull Rain*. Não estão completamente visíveis as estampas “Azulejos” e “Amazônia”.

Figura 49 – Estampas para armas do jogo *Rainbow Six Siege*



Legenda: Estampas colecionáveis para as armas do jogo *Rainbow Six Siege*, introduzidos na temporada *Skull Rain*.

Fonte: <https://www.ign.com/wikis/rainbow-six-siege/Skull_Rain>

A personalização é um fator importante para os jogadores, sobretudo considerando que elas são itens compráveis dentro do jogo. As estampas exprimem um pouco da personalidade e dos gostos do usuário, que escolhe aquilo que quer exibir. Os nomes, as caveiras e imagens folclóricas brasileiras fazem parte da associação com o Bope através da identificação pelo nacionalismo ou pela estética. Dessa forma, quem joga participa da ação do Bope o colocando em um lugar de símbolo nacional similar às piranhas e azulejos. Mas se no jogo a personalização é um aspecto importante da identificação, o mesmo não pode ser dito sobre a experiência de identidade dos caveiras. A eliminação de qualquer forma de auto expressão nas fardas impede os caveiras de se distinguirem como atores, e portanto, ajuda na união necessária para a ação harmônica. Os uniformes e as cores dos armamentos não podem ser trocados a não ser por ordem superior, mesmo que haja caveiras dispostos a customizarem seus uniformes com crânios de cabras.

A farda preta se tornou parte da identidade caveira, como Major Novo nos contou, e as discussões sobre sua mudança causaram uma crise de identidade. De acordo com o portal da revista *Época* (Gomide, 2013, 2015), a troca do fardamento preto para o verde camuflado foi um processo que durou alguns anos, sendo anunciado pela primeira vez em público em 2012, mas só sendo oficialmente adotado em 2015. Como a primeira reportagem detalha a discussão:

A PM chegou a anunciar a nova farda em 2012, mas os recursos não foram liberados na ocasião e, contra a vontade dos comandantes dos “caveiras”, a ideia continuou na gaveta. Agora, o Estado-Maior da Polícia Militar já autorizou a compra, empenhou o dinheiro, e a encomenda foi feita. Em três meses devem chegar ao batalhão as primeiras 930 fardas em modelo “floresta”, semelhante ao usado pelos fuzileiros navais dos Estados Unidos, ao custo de R\$ 283.600 – R\$ 305 por conjunto de gandola (camisa militar) e calças (Gomide, 2013).

Mesmo antes disso, o debate sobre a troca já acontecia dentro do Batalhão. Um dos atores mais relevantes para a decisão da troca foi o Major Fábio Almeida de Souza, que em 2009 realizou uma pesquisa detalhada com entrevistas, experimentos e enquetes para apurar as falhas da farda preta e qual o desempenho das alternativas. Ele contextualizou a adoção das fardas pretas pelo Bope em 1992 mencionando o uso do “Kit Preto” (fardamento totalmente preto) pela SAS como forma de arma psicológica para intimidar o inimigo (Souza, 2009, p.7). Assim, ele defende seu uso em operações de resgate a reféns e em operações noturnas, em que a cor é bem mimetizada pela escuridão, ressaltando que as operações noturnas são essenciais para o elemento surpresa (Souza, 2009, p.11). No entanto, o uso da roupa preta no clima tropical do Rio de Janeiro em operações diurnas pode causar desidratação e intermação graves (Souza, 2009, p.9). Desse modo, Souza (2009) detalha em sua pesquisa estampas camufladas digitais, ou seja, com um desenho pixelado disruptivo. Ele destaca em especial a americana multimissão ACU (*Army Combat Uniform*) e o uso de tecido composto de 50% algodão e 50% poliamida de alta tenacidade, que é atualmente utilizado nos uniformes das tropas americanas no Iraque e Afeganistão (Souza, 2009, pp.12-14). Após muita discussão sobre suas questões de identidade, Fábio Souza conseguiu que sua pesquisa fosse aplicada à corporação, justificando que a farda camuflada seria mais efetiva em operações diurnas, tanto na mata quanto no asfalto (Gomide, 2013).

A farda não foi o único ator do Bope que mudou de cor e causou polêmicas. O caveirão branco foi apresentado ao público no pátio do Comando de Polícia Pacificadora (CPP) em Ramos como o novo blindado das UPPs (Araújo, 2016). Ele passou por alguns reparos pela Marinha e foi todo pintado de branco com “UPP” em azul na lateral (Coordenadoria, 2016). Como um fantasma, existem poucos registros de sua existência, exceto por ocasionais avistamentos publicados online. Mas isso não significa que ele não esteja presente nas comunidades pacificadas. Em 2017, o portal *Voz das Comunidades* reporta o seguinte caso:

Uma intensa troca de tiros deu início na noite deste sábado(20), no Complexo do Alemão, assustando os moradores nesta madrugada. Segundo relatos de moradores pelas redes sociais, os disparos ocorreram na localidade conhecida como “Loteamento”, comunidade da Nova Brasília. Mas esse não foi o assunto do momento das diversas postagens dos moradores nas redes sociais. [...] “Qual a intenção do caveirão branco? Paz? Se for paz não tá dando certo. Entraram na comunidade causando a guerra...” relatou um morador da comunidade da Nova Brasília ao ver o carro blindado da cor branca pelas ruas (Novas, 2017).

A última notícia de avistamento do caveirão branco que encontramos foi também do portal *Voz das Comunidades* (Costa, 2024) que relata sua presença em dezembro de 2024 na

região de Manguinhos em um período de confronto. É curioso como a cor branca é escolhida como substituição à preta e acaba simbolizando a “paz”, um ator que move o projeto das UPPs, mas não sem mais conflito. Isso também é uma forma de separar os diferentes blindados da PMERJ. A Pacificação, portanto, é tratada como uma tutela violenta necessária²⁴, enquanto o Bope é a *Ultima Ratio*, como as forças especiais que só podem ser utilizadas em último caso e devem agir nas sombras. As conexões entre gênero, fantasia e etnia acabam nos dizendo algo sobre as escolhas de armamentos, principalmente da proposta do Bope de sempre “ter o elemento surpresa”, seja na mata, na escuridão ou em suas parcerias econômicas. É desse modo que diferentes atores se associam ao Bope e seus símbolos: com certa diferenciação entre preto e branco, e pouco reconhecimento das áreas cinzas que permitem a camuflagem.

4.2 De Jerusalém ao Morro da Babilônia: uma rede de retóricas bélicas

A sobreposição de retóricas de diferentes épocas e culturas bélicas foi algo que emergiu ao longo desta pesquisa de forma recorrente. Às vezes, isso surge em momentos em que denunciam a dimensão não-intencional do projeto, como no caso do *post* da Corrida Choque vs Bope (ver Figura 30), onde um guerreiro espartano representa o Batalhão de Choque, cujo brasão é um capacete de cavalaria. Ou quando algo se conforma pela junção de diferentes motivos e só posteriormente se vincula a uma narrativa de origem bem delineada, como a Faca na Caveira. Como discutimos até aqui, o urbanismo do Rio de Janeiro também é efeito de diferentes conflitos, como as Guerras Napoleônicas, que trouxeram a Corte Real Portuguesa para cá junto com sua Guarda Real, a antecessora da PMERJ. Vimos que algumas guerras são mencionadas com mais frequência pelos integrantes do Bope e apontadas como referências para sua configuração, como é o caso das forças especiais da Segunda Guerra Mundial e as guerras irregulares pós Guerra Fria. O que essas conjunções podem nos dizer sobre os conflitos atuais e a forma como os caveiras lidam com eles? Como os atores que exploramos até o momento afetam o teatro da guerra? O item a seguir é uma exploração da

²⁴ Tomo emprestado o conceito de “tutela” na pacificação da pesquisa de João Pacheco de Oliveira (2014). Tal artigo traça um interessante paralelo entre a pacificação das comunidades e a pacificação dos povos indígenas durante o processo de colonização. A ideia de levar a paz através do controle, exclusão e genocídio desses povos pode ser vista se repetindo, de certo modo, nas recentes políticas das UPPs.

circularidade da guerra em relação aos atores pesquisados e como diferentes retóricas marciais configuram-na.

No item anterior, abordamos como questões identitárias se relacionam com os armamentos do Bope. Um dos atores que se destacou foi o Caveirão, que costuma ser preto, mas teve algumas unidades pintadas de branco para serem utilizadas pelas UPPs. Esse blindado é um ator muito presente nas operações da PMERJ e do Bope, tanto em um nível operacional quanto em um nível simbólico. Sua presença é um mau agouro para os transeuntes e um terror para os moradores das comunidades. Descendentes dos Paladinos e dos Brucutus, os Caveirões foram introduzidos em 2002 com a função de levar os PMs de forma segura e rápida para dentro das comunidades, equipado também com recursos que permitem que eles atirem de dentro do veículo (Tardáguila, 2008). Mas por trás da aparência robusta, existe certa fragilidade em sua composição. Fabricado no Brasil, seu projeto é muito similar aos carros-forte que trafegam com dinheiro na cidade, que consiste de chapas resistentes a tiros de calibre 7.62 montadas sobre chassis da *Ford* (Tardáguila, 2008). Usado em média 6 horas por dia à época da reportagem, o Caveirão é forçado aos limites do que sua própria composição permite, o que resulta em reparos constantes e gambiarras para diminuir os custos (Tardáguila, 2008). Houve um episódio em que 5 Caveirões quebraram de uma vez, o que fez o Bope adotar uma equipe de 4 pessoas (um especialista em hidráulica, um eletricitista, um mecânico geral e um motorista sobressalente) para seguir todos os Caveirões sempre, e evitar esse tipo de situação (Tardáguila, 2008).

O Caveirão é um dos muitos armamentos que foram desenvolvidos para lidar especificamente com o cenário da guerra em que acreditam estar lutando: resistente a ataques de fuzil, feito para transportar soldados em vielas e morros que helicópteros têm dificuldade. Ele é um produto e um participante da guerra irregular. Mas ao elevar o nível de seus equipamentos em 2002, a polícia deveria estar ciente de que seus inimigos não ficariam para trás, tanto no tráfico de armas mais letais, quanto nas artimanhas para driblar o policiamento. É recorrente o uso de barricadas e apetrechos para furar os pneus dos blindados na entrada de comunidades. Isso desafia qualquer projeto haussiano de abrir largas avenidas e impedir esse tipo de prática como em Paris após a Revolução Francesa. Recentemente, na operação “Caixinha do CV”, que investigava esquemas de lavagem de dinheiro pela facção no Complexo do Alemão em janeiro de 2025, os traficantes não só montaram barricadas como também espalharam óleo pela ladeira em que um Caveirão subiria (Novas, Leitão, 2025). Tal ação resultou em vídeos do Caveirão derrapando e atingindo outros veículos que estavam estacionados, quase atropelando um morador (Novas, Leitão, 2025). Diante da situação

humilhante, o atual governador Cláudio Castro afirmou que o Estado bancará o conserto dos carros e que a ação dos traficantes era o “cúmulo do abuso” (Novas, Leitão, 2025).

Ações contra o Caveirão podem gerar indignação daqueles que o vêem como colega de trabalho. Em junho de 2023, um Caveirão do 18º Batalhão avaliado em R\$ 625.000,00 que havia acabado de ser adquirido pelo Estado, foi depredado e incendiado com coquetéis-molotovs na comunidade do Bateau Mouche, em Jacarepaguá (Nascimento, 2023). Cláudio Castro também se posicionou na época, afirmando que o ataque ao Caveirão não era apenas um ataque contra a PM, mas também contra toda a sociedade (Nascimento, 2023). A revolta com os incendiários foi tamanha, que no blogue *Defesanet* a Associação de Oficiais Militares Estaduais do Rio De Janeiro (AME/RJ) postou uma nota de solidariedade intitulada “Ataque ao Símbolo de Poder da Segurança Pública” (MOU, 2023). A AME/RJ tece elogios à PM diante da “agressão a toda a sociedade” e enaltece “seus feitos e valores transcendentais em sua permanente luta em defesa do estado e do Brasil, como já ocorreu na guerra do Paraguai [...]” (MOU, 2023).

O Caveirão é, então, um “símbolo de poder”, apesar de às vezes escorregar no óleo ou quebrar com frequência. E se o uniforme preto dos caveiras é em parte uma arma psicológica do grupo, o mesmo pode ser dito do Caveirão. Capaz de avisar aos moradores das comunidades da presença de força policial, no papel do “cara de lata” está subindo, ele faz mais do que transportar combatentes. De acordo com uma matéria da *Superinteressante* (Polícias [...], 2016), o Caveirão já subiu comunidades reproduzindo áudios pelos alto-falantes com as falas “Crianças, saiam da rua, vai ter tiroteio” e “Se você deve, vou pegar sua alma”, e que até mesmo há denúncias de moradores que supostamente foram surrados e urinados por policiais dentro deles. Os alto-falantes são muito utilizados como tática de operação psicológica para desmoralizar os combatentes inimigos, ao instruí-los a desertar ou minando suas vontades de lutar. Um exemplo de uso dessa tática foi na Guerra do Vietnam, em que os soldados americanos instalaram alto-falantes em barcos e helicópteros, que reproduziam a fita com a voz de uma “alma errante”, ou como é conhecida, *The Wandering Soul Tape* (Camerado, 2017). Tal gravação simulava a voz distorcida de um pai tentando falar com sua filha, mas não consegue, pois está morto. O roteiro joga com a religiosidade vietnamita e faz um apelo para que os soldados voltem para sua família antes que se tornem almas errantes. Não diferente, o Bope faz um apelo por uma suposta dívida divina, jogando com a culpa cristã, e se coloca como a morte ceifadora, que vai “pegar sua alma”.

Mesmo sendo eficiente tanto fisicamente quanto psicologicamente, o Caveirão deixa a desejar, na opinião de alguns de seus operadores. No trecho a seguir, eles relatam qual alternativa eles preferem ao modelo fabricado no Brasil:

No ano passado, uma comissão liderada por Roberto Sá foi a Israel em busca de alternativas para os Caveirões. Na sede da *Plasan Sasa*, empresa do *kibutz* de mesmo nome, a comitiva brasileira conheceu o *Sandcat*, blindado desenhado para que as Forças de Defesa de Israel, as IDFs, circulem na Faixa de Gaza. “Era um carro moderno, mais leve, para oito homens apenas”, lembrou Sá. “Ele é bem mais fácil de manobrar, e tem um equipamento opcional antichama, uma espécie de extintor para que o pneu incendiado não bote fogo no carro inteiro.” Segundo o subsecretário, o *Sandcat* seria uma boa opção para o Rio – se não custasse 400 mil dólares, quase três vezes mais do que um Caveirão novo. [...] Voltando ao *laptop*, o comandante do Bope mostrou um vídeo do veículo que considera ideal para a sua tropa: o sul-africano RG32M. O blindado é mais estreito e alto do que o Caveirão, tem proteção antiminas e atravessa galhardamente desertos, pântanos e rios. Ele custa 1 milhão de dólares (Tardáguila, 2008).

Nós já mencionamos a relação que o Bope teceu com a IDF através intercâmbios e trocas, como descrito pelo Major Novo. Agora, vemos que Israel também fabrica os *Sandcats*, possíveis substitutos aos Caveirões, não fosse pelo preço. Como já vimos no item 4.1, o fuzil israelense IWI Arad é um armamento relevante para a atuação dos caveiras dentro das comunidades. No blog *InfoDefensa* (Caiafa, 2022), a compra desses armamentos é noticiada como: “mais leve, mais compacto e com mira holográfica, o novo armamento passa a oferecer maior efetividade nas missões de patrulhamento e, sobretudo, nas operações em áreas urbanas conflagradas, típicas da cidade do Rio de Janeiro”. O termo “operações em áreas urbanas conflagradas” indica a relação entre a IDF e o Bope, e como eles enxergam suas respectivas guerras: ocorrem em áreas urbanas, diferentemente de outros conflitos, e é “conflagrada”, ou seja, intensa, aquecida e inflamada. O Bope se vê na mesma posição que a IDF na guerra da Palestina, onde os palestinos e o *Hamas* são terroristas, da mesma forma que os narcotraficantes são tratados. Como no jogo *Counter Strike*, os lados se polarizam entre policiais, forças especiais, soldados *versus* terroristas, insurgentes e rebeldes.

Figura 50 – Caveira com *keffiyeh* cobrindo o rosto



Legenda: Caveira usa o lenço palestino esverdeado como elemento do uniforme.

Fonte: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/lenco-palestino-usado-por-pms-em-operacoes-no-rio-vira-polemica-21304191.html>>

No meio dessa troca de armamentos, táticas e treinos, existem outros pontos de contato entre ambas as guerras. Uma relação inusitada que emergiu foi a adoção do *keffiyeh*, mais conhecido como lenço palestino, pelos caveiras a partir de 2015, no mesmo momento em que a tropa passava a usar o uniforme camuflado (Paula, 2017). A polêmica do uso dos lenços antecede sua adoção, pois o grupo utilizava balaclavas para disfarçar a identidade dos policiais, o que contraria uma resolução da Alerj de 2013 que proíbe o uso de máscaras em manifestações (Paula, 2017). Mas o lenço chamou ainda mais a atenção de diferentes atores para os heróis anônimos. O cônsul honorário de Israel Osias Wurman ficou espantado quando viu as fotos que pareciam vindas do oriente médio e disse ao *Extra*:

Não é só no Alemão, também vi em manifestações em São Paulo. Lamento profundamente que um símbolo como o Keffiyeh esteja sendo usado em cenas de violência como conflitos em comunidades e em ações de depredações. Isso é muito danoso para o povo palestino. Isso provoca no subconsciente das pessoas aquele indesejável sentimento de Islamofobia. As pessoas ligam os palestinos à violência. Esse mesmo lenço é visto durante protestos no mundo inteiro. Esse símbolo deveria ser respeitosamente usado em causas de interesses palestinos (Paula, 2017).

Já a Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro (SBMRJ) não vê o uso pelos policiais como ofensivo e explica que o lenço não é só utilizado pelos muçulmanos e que o *keffiyeh* é originalmente um lenço beduíno que ajuda a se proteger do sol. É curioso que ambos os especialistas que opinam através do jornal parecem associar o *keffiyeh* mais à prática religiosa ou utilitária, mas não detalham a importância desse símbolo na luta palestina. Em uma reportagem da *National Public Radio* (Mohammad, 2023), é explicado que esses lenços foram adotados como símbolo político mais ou menos por volta de 1936, quando os palestinos exigiam independência do exército britânico. Em 1960, virou símbolo nacionalista usado por líderes como Yasser Arafat, representando a resistência contra a ocupação israelense. É possível ver lenços como estes de diferentes padrões e cores, mas os mais associados aos palestinos são as tramas com fios preto e branco, com estampas que remetem a redes de pesca ou a folhas de oliveira (Mohammad, 2023).

Os utilizados pelos caveiras variam em diferentes tons esverdeados ou terrosos para se misturarem à camuflagem. Todavia, o uso de lenços tende a ser mais associado com o lado dos que são chamados de rebeldes, insurgentes e terroristas do que com o lado dos soldados e policiais. Vale ressaltar que em 2013, como apontado na reportagem do *Extra*, os lenços eram utilizados nas manifestações civis como forma de se proteger do gás lacrimogêneo. Na Figura 51, trazemos de volta a capa do livro *Bandidolatria e Democídio* (Giardi, Pece, 2017), que

retrata um bandido com o rosto coberto com um lenço sentado em um trono segurando um fuzil, e a capa do *Manual do Guerrilheiro Urbano* (Marighella, 2003). A relação entre o *keffiyeh* e o Bope, portanto, não é profana em seu sentido religioso, mas sim, destoante de seu significado como símbolo de resistência palestina, e destoante de sua troca tecnológica com a indústria bélica israelense. Após ser adotado pelos caveiras, é possível ver algumas lojas vendendo o *keffiyeh* como “lenço tático”.

Figura 51 – Capas de livros com figuras de lenço cobrindo o rosto



(a)

(b)

Legenda: (a) Capa de livro que exhibe um bandido de lenço vermelho segurando um fuzil sentado em um trono em meio a ratos; (b) e capa de livro que exhibe um guerrilheiro urbano de lenço cobrindo o rosto portando um fuzil.

Fonte: *Bandidolatria e Democídio* (Giardi, Pece, 2017); e *Manual do Guerrilheiro Urbano* (Marighella, 2003), respectivamente.

A guerra urbana no Rio de Janeiro e a guerra entre Israel e Palestina não se confundem somente nos equipamentos e armamentos. Atualmente, a área que compreende os bairros de Vigário Geral, Parada de Lucas e Cidade Alta é chamada de “Complexo de Israel”. Eles teriam sido unidos e nomeados dessa forma por uma quadrilha chefiada pelo traficante do TCP conhecido como Peixão durante a pandemia (Leitão *et al*, 2020). A partir daí, a Estrela de Davi em gás neon luminoso azul foi instalada no topo de uma caixa d’água (Figura 52), o que virou símbolo da região junto de variantes da bandeira de Israel. Viviane Costa (2023) associa o uso desses símbolos à religiosidade de Peixão e do TCP, que ganharam força em um momento em que as igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais passam a ocupar mais espaços periféricos e a competir com o catolicismo, o que ela chama de movimento narcopentecostal. Costa (2023, p.95) afirma que “a mobilização da gramática religiosa da guerra, bem como a identificação com o Deus de Davi, guerreiro da proteção e confirmação, atua como elemento estruturante do campo de poder”. E também afirma que isso não é

exclusivo da religião pentecostal, já que antes os traficantes se associavam com Ogum, Xangô e São Jorge, divindades de uma religiosidade afro-católica (Costa, 2023). Desse modo, Peixão atua como um traficante-pastor que promove orações através dos rádios-comunicadores, destrói terreiros, espalha mensagens como “Jesus é o dono do lugar” e chama o Complexo da Penha de “Terra Prometida”, demonstrando o território que deseja conquistar em seguida (Costa, 2023). Peixão utiliza o discurso religioso para se colocar como moralmente superior aos das facções rivais, barrando o comércio de crack em seu território (Costa, 2023, p.141), e até mesmo fazendo sua própria operação psicológica ao gravar um vídeo avisando aos rivais “que só quer compartilhar a paz que eles têm, mesmo que isso custe mil balas” (Costa, 2023, p.137-138).

Figura 52 – Estrela de Davi no Complexo de Israel



Legenda: Estrela de Davi em luminoso de gás neon em cima de caixa d'água.

Fonte: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/24/traficantes-usam-pandemia-para-criar-novo-complexo-de-favelas-no-rio-deixam-rastro-de-desaparecidos-e-tentam-impor-religiao.ghml>>

Apesar do cristianismo ter perseguido judeus historicamente e embasado o pensamento de grupos antissemitas, o fundamentalismo evangélico se associa ao Estado de Israel de modo político e religioso (Martins, Rocha, 2024, pp.349-350). A aproximação dos evangélicos com o sionismo tem como um dos elementos principais a crença de que “Israel é o povo de Deus” da mesma maneira que Israel do Velho Testamento (Martins, Rocha, 2024, pp.351-352). Tal pensamento é chamado de dispensacionalismo, e se trata de uma orientação em perspectiva escatológica, ou seja, um projeto de futuro alinhado a certa leitura do apocalipse na qual Deus age em favor de Israel, realizando as profecias (Martins, Rocha, 2024, pp.349-354). Tal perspectiva na religiosidade evangélica é explorada ideologicamente por políticos como Jair Bolsonaro (Martins; Rocha, 2024, pp. 355-357), que também se associa ao Bope pelo seu apoio ao policiamento ostensivo. Logo, mesmo que de forma contraditória, tanto o Bope quanto o TCP tecem relações com Israel. Por vezes, essas relações parecem diferentes: a do Bope está embasada nas trocas mercantis bélicas e no

compartilhamento de tecnologia, enquanto a do TCP está embasada no fundamentalismo que enxerga o Estado de Israel como o reino bíblico do povo de Deus. Assim como ambos também se associam às retóricas de guerra palestinas ou ao chamado “terrorismo” pelo uso do *keffiyeh*. Mas o que realmente alinha o Bope e o TCP é o uso das orações e da retórica cristã postadas nas redes sociais jurando uma “retomada da terra prometida” e a “pacificação” da população carioca.

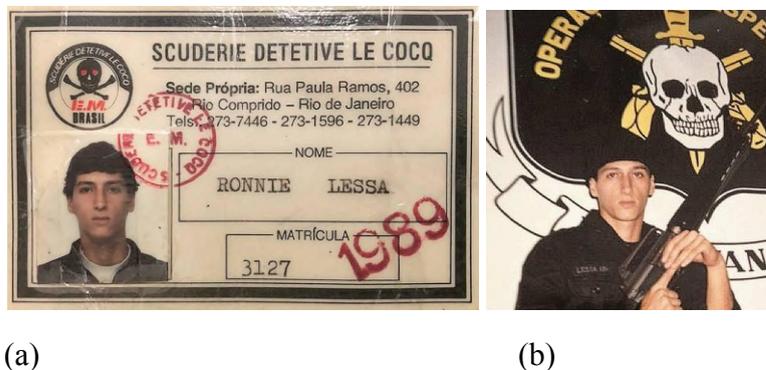
Jogando a mesma guerra santa, os lados que se definem como inimigos se misturam ainda mais quando questionamos de onde vêm as armas e o conhecimento técnico de guerra que o narcotráfico utiliza. Como já abordamos no capítulo 2, a guerra urbana no Rio de Janeiro é em parte conformada pela missão dos policiais de sobrepujar o poderio bélico dos narcotraficantes, que por sua vez, trocam informações por propina, como foi evidenciado na Operação *Black Evil*. É possível afirmar que os narcotraficantes também conseguem novas armas e treinamento através do contato com policiais e outros agentes da segurança pública. Em 2015, na mesma época da Operação *Black Evil*, um inquérito da PMERJ investigava o então Terceiro Sargento do Bope Arlen Santos da Silva, que teria sido responsável por vaziar informações e instruir traficantes do Comando Vermelho sobre como usar as armas entre agosto e dezembro de 2012 (Martins, 2015). Certa vez, os levou para o Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (Cfap), em Sulacap, onde compraram roupas e acessórios de uso exclusivo do Bope (Martins, 2015). Ele os avisava quando sabia que suas conversas estavam grampeadas e até mesmo ensinava aos traficantes a deixarem as armas para trás em caso de flagrante, que, quando apreendidas pela equipe de Arlen, eram revendidas (Martins, 2015). Em 2019, foi divulgada outra investigação que indicava que armas apreendidas em 2015 no Complexo da Serrinha pelo Bope foram leiloadas a traficantes e milicianos por um caveira não identificado (Heringer, Soares, 2019). A investigação dos diálogos entre o caveira e os traficantes também ajudou a identificar uma quadrilha de policiais que atuavam no 9º BPM, que já estava sendo observada após traficantes postarem fotos dentro do caveirão (Heringer, Soares, 2019).

Os dois exemplos acima demonstram a participação dos agentes de segurança no tráfico de armas, inclusive dos policiais de elite “inocorrupíveis”. Essas relações borram as fronteiras sobre o que é “herói anônimo” e o que é “inimigo”. O comércio ilegal de armas ocorre de diferentes maneiras, como através do transporte internacional nas fronteiras do Brasil, na compra de peças para montagem e no desvio de armas legalmente adquiridas por CACs. Aqui, o ex-presidente Jair Bolsonaro retorna como um ator diretamente importante para essa mistura, pois durante seu mandato ele flexibilizou regras para o CACs, como parte

de seu projeto de ampliação do acesso às armas para os “cidadãos de bem”. De acordo com o *Instituto Sou da Paz* (Aumenta [...], 2024), tais medidas colaboraram com o aumento no número de casos noticiados envolvendo participação de CACs no crime organizado, citando facções como as milícias e o CV. Isso significa uma mudança recente na forma de aquisição das armas pelos narcotraficantes e no tipo de armamento utilizado por eles. Dados apontam que a flexibilização de Bolsonaro pode ter contribuído para a migração do comércio de armas ilegal para o legal, com uma queda de 42% nas apreensões por tráfico internacional entre os números registrados no período de 2015-2018 e 2019-2022 (Castro, 2024, pp.88-91). Em consequência dessas políticas, armas automáticas de maior calibre estão se tornando mais comuns, como a Glock 9, segundo um armeiro do tráfico entrevistado pelo Intercept (Oliveira, Prado, 2023).

O envolvimento de policiais e militares no tráfico de armas não afeta somente o poder bélico do narcotráfico e das milícias. A flexibilização do porte de armas também afeta a forma como conflitos são resolvidos, seja o assassinato de mulheres e pessoas negras, os roubos, as ameaças e as extorsões. Essa forma de existir em meio às armas se associa a visualidades, como vimos no caso do *keffiyeh* e da bandeira de Israel. Quando Ronnie Lessa, o “anjo caído” que “inverteu sua matriz de valores” como caveira, foi preso em 2019, encontraram 117 componentes de fuzil para serem remontados e vendidos na casa de um amigo dele (Manso, 2020, p.112). Abaixo, duas imagens de Ronnie Lessa: à esquerda, sua carteira de filiação ao grupo de extermínio Scuderie Le Cocq, e à direita, um retrato seu segurando um fuzil na frente do brasão do Bope. Dois símbolos semanticamente conectados, como vimos no capítulo 3.

Figura 53 – Ronnie Lessa e suas caveiras



Legenda: (a) Ronnie Lessa e sua carteira do grupo Scuderie Le Cocq; (b) Ronnie Lessa no Bope à frente do brasão.

Fonte:

<<https://oglobo.globo.com/epoca/uma-breve-historia-de-ronnie-lessa-acusado-de-matar-marielle-23572452>>

A relação de Ronnie Lessa com as armas teria um impacto profundo na vivência da cidade. Ele foi preso preventivamente em 2019 por suspeita de matar a vereadora do PSol Marielle Franco e o motorista Anderson Gomes em 14 de março de 2018, junto de Elcio Queiroz, que teria dirigido o veículo de onde partiram os tiros (Betim, Saboya, 2019). Somente em outubro de 2024, Lessa e Queiroz foram julgados em júri popular e condenados a 78 e 59 anos de prisão, respectivamente, por duplo homicídio triplamente qualificado (Rosa, Nadir, 2024). A arma do crime nunca foi encontrada, mas existem relatos e teorias sobre sua origem e destino. Queiroz afirmou à Polícia Federal em 2023 que a arma seria originalmente do Bope:

Segundo Queiroz, a arma foi extraviada após um incêndio na sede do Bope. O objeto ficou sob a posse de uma pessoa não identificada, “possivelmente um policial”, que fez uma reforma no equipamento e o vendeu a Lessa. O depoente disse não ter informações sobre a obtenção da munição. A arma já teria sido utilizada por Lessa em serviço no Bope. O então policial, segundo Queiroz, “tinha um carinho por aquela arma” e sempre a usava quando estava em operação (Arma [...], 2023).

Segundo outro relato mais recente de Ronnie Lessa, a arma utilizada seria uma submetralhadora HK MP5 e depois do crime ela teria sido devolvida aos milicianos, de quem ele pegou emprestado entre 2017 e 2018 (Nunes, 2024), o que parece contraditório com o relato acima. No entanto, a investigação da Polícia Civil aponta que um pescador testemunhou que uma pessoa da confiança de Lessa contratou seu barco e a arma teria sido jogada ao mar junto de outras cinco armas na altura das Ilhas Tijucas (Nunes, 2024). A suposta submetralhadora do Bope, escolhida por Lessa em razão da sua familiaridade e do seu “carinho” por ela, participou em um crime que chocou o país. À época, os executores e os mandantes não imaginavam o impacto que teria a morte de Marielle e Anderson. Surgiu, assim, mais uma questão de design gráfico: o rosto de Marielle, como na Figura 54 (a), virou símbolo de resistência anti racista pelas pautas que ela defendia como vereadora, e de luta contra a milícia. Assim, ela foi elevada ao status de mártir, heroína com seu rosto pleno para ser visto e lembrado. Não apenas seu rosto, mas também seu nome, que foi eternizado em uma placa de rua instalada na frente da Câmara dos Vereadores em 2021 (Prefeitura [...], 2021).



Legenda: (a) Rosto de Marielle vetorizado; (b) placa instalada pela prefeitura na frente da Câmara dos Vereadores.

Fonte: <<https://outraspalavras.net/cidadesemtranse/marielle-vive-o-wikifavelas-celebra-sua-presenca/>> e <<https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-inaugura-placa-na-cinelandia-em-homenagem-a-marielle-franco-nos-tres-anos-de-sua-morte/>>, respectivamente.

Mas antes de ser oficialmente instalada onde está até hoje, outra versão da placa foi publicamente vandalizada por três políticos do PSL em 2018: Daniel Silveira, Rodrigo Amorim e Wilson Witzel. Todos em plena campanha eleitoral e apoiando o candidato a presidente do partido, Jair Bolsonaro. Wilson Witzel acabou sendo governador do Rio de Janeiro, mas por um curto período de tempo, pois perdeu seu mandato por envolvimento em um esquema de corrupção (Thuswohl, 2022). Já Daniel Silveira foi preso em 2021 por defender o Ato Institucional 5 (AI-5), uma ferramenta inconstitucional da Ditadura Militar que permitia ao presidente perseguir e torturar opositores, e por ameaçar os ministros do STF (Deputado [...], 2021). Ele ficou conhecido por seu apoio ao policiamento ostensivo, como quando afirmou em uma entrevista que "o correto é matar o bandido que está de fuzil. A polícia vai fazer o correto: vai mirar na cabecinha e... fogo! Para não ter erro" (Pennafort, 2018). E também, por quando comemorou entusiasticamente a execução feita por um *sniper* do Bope do responsável pelo sequestro do ônibus na Ponte Rio-Niterói (Sequestro [...], 2019). Como é possível ver na imagem abaixo, os candidatos de direita e o ex-presidente Jair Bolsonaro também teceram fortes teias estéticas de com afinidades visuais, que se relacionam com outros temas que já abordamos até agora, como a bandeira de Israel que frequentemente era avistada em meio aos movimentos bolsonaristas.

Figura 55 – Políticos bolsonaristas quebram uma placa com o nome de Marielle Franco.



Legenda: Daniel Silveira, Rodrigo Amorim e Wilson Witzel, respectivamente.

Fonte: <<https://outraspalavras.net/cidadesemtranse/marielle-vive-o-wikifavelas-celebra-sua-presenca/>> e <<https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-inaugura-placa-na-cinelandia-em-homenagem-a-marielle-franco-nos-tres-anos-de-sua-morte/>>, respectivamente.

Retornando ao Bope, recentemente vimos sua identidade corporativa se misturar com a estética-moral bolsonarista em outro crime. A transição entre o governo de Jair Bolsonaro para o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi marcada por tumultos, vandalismo e tentativa de golpe de estado. No dia 8 de janeiro de 2023, uma multidão invadiu o Palácio do Planalto, sede da presidência, em uma tentativa de golpe contra o estado democrático de direito, causando grande destruição do patrimônio público. Pela forma em que tudo ocorreu, quase remanescente da Invasão do Capitólio nos Estados Unidos em 6 de janeiro de 2021, era especulado que autoridades pudessem ter permitido que as coisas tomassem a proporção que tomaram. Em novembro de 2024 foi descoberta a “Operação Punhal Verde Amarelo”, uma mobilização de integrantes do Exército ligados ao governo de Bolsonaro que tinha como objetivo assassinar o presidente Lula, seu vice Geraldo Alckmin e o ministro do STF Alexandre de Moraes (Aguiar, 2024). Alguns desses militares faziam parte do grupo de operações especiais do Exército, conhecido como Forças Especiais ou “Kids Pretos”. Ou seja, um grupo que é equivalente ao Bope, também especializado em ações sigilosas e guerra irregular. Seus integrantes são formados pelo Curso de Ações em Comando, que originou o COEsp, e são chamados de Kids Pretos²⁵ pelo uso da balaclava preta (Bastos, Bomfim, 2024). Quatro kids pretos são investigados pelas tentativas de assassinato, que incluía planos de envenenar o atual presidente Lula e capturar e executar Alexandre de Moraes com armamentos de guerra, que foram apreendidos (Aguiar, 2024). Antes da descoberta da Operação Punhal Verde e Amarelo, os kids pretos já eram investigados por auxiliar os vândalos a invadirem o Palácio do Planalto como aparecem em vídeos usando a característica

²⁵ Nota-se a sonoridade parecida com os “kits pretos” mencionados no item 4.1

balaclava preta (Bastos, Bomfim, 2024). Eles teriam aberto as escotilhas do prédio, utilizado gradis para que eles entrassem e fugissem depois, e ainda utilizado mangueiras para dissipar o gás lacrimogêneo (Bastos, Bomfim, 2024). A tentativa de golpe, entre outras falas de Bolsonaro²⁶, ressoam com o período da Ditadura Militar, que, como já apontamos, se associa ao período ativo do grupo de extermínio Scuderie Le Cocq e à formação do Bope (ver item 2.3 e item 3.1).

Os políticos de direita que emergiram como atores ligados à uma forte estética-moral não estão aqui por acaso. Como vimos, eles se ligam de alguma forma ao Bope, seja usando suas armas, desejando ou comemorando sua ação, mesmo que isso às vezes também signifique fortalecer o lado “inimigo”, ou seja, armar narcotraficantes e milicianos. Não estamos apontando essas relações meramente para reforçar uma polarização da esquerda *versus* direita e vilanizar um dos lados. Fazemos isso com o objetivo de demonstrar o quanto o Bope é conformado por diferentes tensões políticas, na qual os partidos de direita se destacam pelo interesse na defesa da pauta armamentista e na forte repressão do Estado. A polarização, na verdade, contribui para que crimes como o assassinato de Marielle e Anderson sejam tratados como uma “partida de futebol” onde se provoca a torcida inimiga, como Daniel Silveira e Witzel fizeram, e se esquece de olhar para o quanto os jogadores se misturam e trocam de camisa em campo. A ação, a força e a imagem do Bope é em parte explorada para avançar pautas que alimentam o círculo de violência e guerra. A retórica utilizada para defender a necessidade dos conflitos muitas vezes é importada, junto com os armamentos. Isso se reflete diretamente na forma como se comunicam em suas redes, postando os heróis anônimos apreendendo armas e drogas em meio a orações, e também nas próprias escolhas dos equipamentos, seja o caveirão branco da pacificação ou os fuzis israelitas.

4.3 Policiando a polícia: a controvérsia das câmeras de segurança

Como já discutimos no capítulo 2, Jaqueline Muniz e Proença Jr. (2007) descreveram como a Segurança Pública é conformada pelo chamado “poder de polícia”, que não é regulado por outros órgãos governamentais de forma eficiente. Tal situação, bem como a precariedade

²⁶ O ex-presidente Jair Bolsonaro é conhecido por defender a ditadura militar em alguns posicionamentos ao longo de sua carreira política. Podemos citar como exemplo as manifestações e comícios em que seus eleitores seguravam placas defendendo o AI-5 (Bolsonaro [...], 2020), e também quando se referiu ao torturador Brillhante Ustra como “herói nacional” (Bolsonaro [...], 2019).

dos quartéis, são alguns fatores que ajudam a explicar por que policiais tecem relações que os beneficiam com pagamentos extra por serviços de segurança, e assim, a exercer seu poder fora do escopo de seu contrato, como é o caso da formação das milícias. Outro ponto que emergiu no capítulo 2 foi a letalidade das operações, denunciada por Rafael Soares (2020) em sua matéria sobre as mortes das crianças Rebeca Beatriz e Emily Victória. Elas ocorreram possivelmente por erro policial, assim como o caso da execução equivocada de Rodrigo Serrano por portar um guarda-chuva (Moura, 2018). Tais críticas colocam em questão o que deve ou não ser tolerado na atuação policial, e de que formas ela pode ser agenciada.

Uma medida recente para lidar com esse poder de polícia foi a implementação das câmeras corporais. Esse equipamento idealmente funciona da seguinte maneira: uma pequena câmera é acoplada às fardas dos agentes de segurança para filmar e gravar seu trabalho. A câmera deve registrar possíveis erros policiais, abordagens indevidas, má conduta, fatalidades e, desse modo, gerar provas para proteger ou incriminar o agente. Esses registros devem ser arquivados, checados em caso de denúncia e não podem ser alterados. Geralmente, também possuem *live streaming* e GPS, que possibilitam o acompanhamento e o rastreamento de longe. As câmeras corporais funcionam, então, da mesma forma que as caixas-pretas dos aviões, recuperando um registro do ocorrido capaz de embasar um relato confiável dele. Parece simples, principalmente quando é assumido que a câmera corporal pode revelar uma “verdade inquestionável” sobre um evento. Mas, apenas em descrever essa presença idealizada da câmera, alguns questionamentos surgem: Quais são os momentos do trabalho do agente que devem ser gravados? Ele deve ser gravado mesmo no banheiro, no almoço e em pausas? Onde serão armazenadas tantas gravações? Como elas serão analisadas e julgadas? O que garante que elas não serão alteradas ou editadas? E, talvez a dúvida mais controversa: De que forma a presença de tal equipamento afeta a ação policial? Poderia a câmera inibir o agente de tomar iniciativa em momentos cruciais para impedir um crime? Poderia a câmera atrapalhar operações sigilosas e de alto risco como as do Bope?

O principal marco para tal medida foi a Portaria do Ministério da Justiça e da Segurança Pública Nº 648/2024 publicada em maio de 2024 (Brasil, 2024). Essa portaria estabelece diretrizes para o uso das câmeras corporais por órgãos de segurança pública em todo o território nacional, oferecendo apoio para a aquisição e para o treinamento de profissionais. O documento determina que elas deverão ser utilizadas nas seguintes situações: atendimento a ocorrências; atuação ostensiva; checagem de bens; buscas pessoais, veiculares ou domiciliares; mandados judiciais; perícias externas; fiscalizações e vistorias técnicas; ações de busca, salvamento e resgate; todas as interações entre policiais e custodiados; rotinas

carcerárias; intervenções e resolução de crises no sistema prisional; nos sinistros de trânsito; e no patrulhamento preventivo. Dessa forma, também atribui a gestão e a implementação dos equipamentos aos órgãos de segurança pública, como é o caso da PMERJ. A portaria faz parte do Projeto Nacional de Câmeras Corporais, que tem como objetivo “proteger os profissionais de segurança pública, qualificar a prestação dos serviços e incrementar a legitimidade das instituições por meio da transparência e da documentação objetiva das operações” (Projeto [...], s.d.).

Para uma portaria ser publicada com determinações legais sobre o que deve ou não ser feito, é porque a questão já foi tão debatida que algum nível de estabilização sobre quais medidas devem ser tomadas foi atingida. A estabilização não significa que as respostas se solidificaram em uma única certeza sobre o que é correto, e sim, que as soluções atuais passaram por tantas filtragens que outras propostas foram deixadas de lado. No entanto, estas últimas sempre podem retornar e reconfigurar o que foi decidido. A portaria é apenas um ator de uma grande rede de agenciamentos sobre a implementação das câmeras corporais como forma de regulamentar a ação policial. Inúmeros debates foram necessários para tal decisão, e, ainda assim, eles continuam ocorrendo, sobretudo na esfera dos órgãos de segurança pública que agora lidam com a responsabilidade de gerir essa implementação.

Antes da portaria acima ser publicada, as câmeras corporais já estavam em teste nas polícias de alguns estados brasileiros, bem como seu uso era discutido em diferentes instâncias nacionais e internacionais. O tema da violência policial esteve aquecido nos últimos anos sobretudo pelos protestos do movimento *Black Lives Matter*, iniciado nos Estados Unidos em 2013 após a absolvição do vigilante George Zimmerman pelo assassinato do adolescente negro Trayvon Martin (Guimón, 2020). Em 2014, o presidente Barack Obama moveu a proposta para os parlamentares aprovarem o financiamento da implementação de câmeras corporais nas polícias estadunidenses, quando à época o equipamento era utilizado por poucos departamentos (Hermann, Weiner, 2014). Um momento importante para a intensificação desses protestos antiracistas em 2020 foi a morte do segurança negro George Floyd em uma abordagem policial. O caso ganhou visibilidade graças à filmagens de celular feitas por testemunhas do instante em que o policial Derek Chauvin permaneceu ajoelhado sobre o pescoço de Floyd por mais de 8 minutos (George [...], 2024). Além dos vídeos de celular que viralizaram nas redes sociais, a investigação do caso também contou com as filmagens das câmeras de segurança das ruas, gravações dos rádios policiais e, enfim, imagens das câmeras dos policiais envolvidos nos casos (Lellis, 2020; The [...], 2020). Em

meio a cânticos como: “Sem justiça, sem paz, desfinanciem as polícias”²⁷ e frases de efeito como: “Todos os policiais são bastardos”²⁸, a legitimidade da ação policial ganhou força como controvérsia. Desse modo, a eficácia das câmeras, seus custos, a logística de armazenamento de dados necessária, as estratégias de implementação e a privacidade dos policiais emergiram como pontos a serem debatidos para garantir a existência da polícia estadunidense.

Os eventos ocorridos nos Estados Unidos ressoam de alguma forma com os problemas das polícias brasileiras, que também estão envolvidas na execução de civis, principalmente de pessoas negras. De acordo com as pesquisas realizadas pela Rede de Observatórios da Segurança (Ramos, 2023), a polícia matou 1.327 pessoas no Estado do Rio de Janeiro em 2022, e em 2021 87,3% das pessoas mortas por policiais eram negras. Os protestos antiracistas que reivindicam o desfinanciamento da polícia e questionam a legitimidade de sua ação já ocorriam no Brasil antes de 2020, principalmente em decorrência de casos como o desaparecimento de Amarildo. De todo modo, os protestos estadunidenses somaram à pressão popular pela responsabilização da polícia por sua letalidade, sendo um dos muitos fatores na política de implementação das câmeras. Tal projeto, oficializado pelo governo federal somente esse ano, tem ocorrido de forma lenta, múltipla e assíncrona, em face a muitas discussões, testes e entraves. As câmeras se tornaram atores interessantes para nossa pesquisa quando o Bope anunciou que iria implementar as câmeras corporais em janeiro de 2024. Esse anúncio foi feito poucos meses antes da portaria ser publicada e no mesmo dia em que três homens morreram em uma operação do grupo. De acordo com a reportagem do G1, uma gravação de celular mostrou que os homens já estavam rendidos em uma casa quando foram executados, enquanto o perito legista afirmou que não havia indícios de disparo a curta distância (Nascimento, 2024a). O secretário da PM Luiz Henrique Marinho Pires afirmou que a implementação das câmeras já estava agendada quando as mortes foram noticiadas (Nascimento, 2024a). Este seria um caso em que as câmeras corporais poderiam ser utilizadas para compreender como a fatalidade ocorreu. A seguir, outra notícia publicada pela Veja (Silva, 2024) detalha o anúncio do Bope sobre as câmeras:

A medida foi divulgada pela Polícia Militar logo depois de a unidade de elite ter sido acusada de matar três homens, que já estavam rendidos e desarmados, em uma ação no Complexo de Israel, na zona norte do Rio, na semana passada. O laudo da necrópsia aponta que dois deles foram mortos com disparos de fuzil, segundo a Agência Brasil.

[...] O governo do Rio de Janeiro deu início à implementação dos equipamentos somente após decisão do ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), no âmbito de um processo que tramita na Corte desde 2019 – em diversas

²⁷ Originalmente: *No justice, no peace. Defund the police!*

²⁸ Originalmente: *All Cops Are Bastards* (ACAB)

ocasiões, o governador Cláudio Castro (PL) contestou a medida e criticou a tecnologia.

O uso do equipamento também nunca convenceu o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos). Durante a sua campanha eleitoral, em 2022, ele chegou a prometer que iria acabar com as câmeras corporais na PM — pouco após assumir o Palácio dos Bandeirantes, em 2023, ele moderou o tom, afirmando que iria reavaliar a necessidade da política, mas voltou a fazer declarações contra o equipamento na semana passada (Silva, 2024).

A notícia acima faz emergir como diversos atores disputam a questão das câmeras. Aqui, os protestos contra a violência policial também são apontados como importantes atores para a iniciativa do governo de João Dória em São Paulo de testar o uso do equipamento. Isso não foi aceito de forma unânime nos mandatos posteriores. Os governadores Tarcísio Freitas e Cláudio Castro questionaram as decisões dos ministros e do presidente Luís Inácio Lula da Silva sobre a ampla implementação das câmeras. Em resposta, o ministro Ricardo Cappelli defende a pauta dizendo que “ideologizar o debate sobre a segurança pública não faz bem ao Brasil”. Trata-se de um argumento para encerrar controvérsias: são os opositores que estão “ideologizando” uma pauta política, e portanto, travando uma decisão que supostamente nem deveria ser questionada (Silva, 2024). De todo modo, a notícia mostra que ela é embasada por grupos de pesquisa e outras entidades que afirmam que a letalidade policial caiu nos batalhões que implementaram as câmeras corporais (Silva, 2024).

Ao olhar em mais detalhes para o embate mencionado na matéria da *Veja* entre o ministro do STF Edson Fachin e o governador do Rio de Janeiro Cláudio Castro, é possível compreender o que é relevante nesse debate para o Bope, especificamente. Quando Fachin determinou que todos os policiais do Estado utilizassem câmeras corporais em junho de 2023, Castro entrou com recurso contra a decisão pedindo para que os policiais do Bope e da Core não utilizassem o equipamento, o qual foi negado pelo ministro (Mendes, 2023). Para Castro, as câmeras poderiam revelar suas técnicas, táticas e equipamentos para os criminosos (Mendes, 2023). Fachin explica como as câmeras devem ser utilizadas pelo Bope e pela Core:

“Atividades de inteligência, tais como o reconhecimento avançado e o recrutamento operacional, a infiltração de agentes, a coleta de informações com testemunhas que podem ter a vida ameaçada são exemplos de atuações que podem dispensar o uso das câmeras corporais, seja para proteger o agente do Estado, seja para proteger os moradores das comunidades”, disse (Mendes, 2023).

Fachin aponta que essas atividades não coincidem com todas as operações realizadas por batalhões especiais como o Bope, e que a câmera deve ser utilizada sempre que houver emprego de força (Mendes, 2023). Nota-se que o principal argumento contra a adoção das câmeras policiais pelo Bope é a possível quebra do sigilo sobre sua atuação, que deve

permanecer tática, efetiva, e “nas sombras”. No entanto, Fachin reforça que a preocupação procede para a gravação de atividades de inteligência ou para a proteção de testemunhas, mas o mesmo não vale para atividades em que há o emprego da força, como é o caso de uma parte considerável das operações do Bope em comunidades. Tarcísio e o secretário de Segurança Pública de São Paulo Guilherme Derrite muitas vezes proferiram o mesmo discurso de Cláudio Castro sobre a câmera corporal inibir a ação dos policiais, enquanto cortavam gastos com as câmeras e estagnavam o projeto de Dória (Leite, Dauer, 2024). No entanto, em maio de 2024 eles passaram a defender o uso das câmeras com a condição de que seu acionamento deveria se tornar remoto, “retroagindo em até 90 segundos”, ao contrário do uso mais convencional em que as gravações são ininterruptas (Leite, Dauer, 2024).

O governador atual de São Paulo ofereceu uma alternativa às câmeras utilizadas anteriormente por Dória, modelo que também foi adotado na maioria dos outros estados. Sua justificativa é cortar gastos com um modelo mais barato, que grava vídeos de melhor qualidade, que também não armazena muitas imagens, já que só algumas são selecionadas, e oferecer uma bateria de maior autonomia (Leite, Dauer, 2024). Tarcísio, no entanto, esconde a rede de agenciamentos necessária para manter esse novo modelo: se o *live streaming* é o recurso principal para checagem, a rede de *internet* em que a câmera está conectada transmitindo precisa estar sempre funcionando, sem o risco de cair; alguém precisa estar monitorando a câmera de muitos policiais ao mesmo tempo e decidir o que deve ser registrado; registrar em tempo hábil o que aconteceu em até 90 segundos antes do acionamento da câmera; e os critérios para registrar os vídeos (Leite, Dauer, 2024). Uma vez que Tarcísio evoca “acionamento caso haja um estampido”, parece que uma condição arbitrária para gravar os vídeos é imposta. Isso se comunica com a crítica que o pesquisador Daniel Elder aponta como sendo uma substituição de funcionalidades (Leite, Dauer, 2024). A nova câmera corporal proposta por Tarcísio tem propriedades completamente diferentes: permite solicitar apoio aos batalhões, assim como identifica foragidos e placas de carros roubados. Ou seja, se as câmeras ininterruptas se propõem a proteger tanto o policial quanto possíveis vítimas dele através de provas materiais do que ocorreu em uma situação, a câmera *livestream* de Tarcísio é um mero instrumento de comunicação e identificação de criminosos. Desse modo, a nova câmera não traz nenhuma inovação para os equipamentos já disponíveis para os policiais e não cumpre sua proposta de regular o poder de polícia.

No Estado do Rio de Janeiro, adotou-se as câmeras de gravação ininterrupta. No entanto, tal determinação não impediu policiais de as deixarem de lado em algumas ocorrências. Tal ausência é notada, e na maioria das vezes, a ausência também age como

determinante na culpabilização do policial por um ato. Sem as provas das câmeras corporais, outras câmeras, como as que vigiam ruas e prédios, preenchem o vazio e revelam o que é propositalmente escondido. A notícia a seguir relata um evento em que policiais militares da PMERJ estavam sem câmeras quando realizaram uma abordagem equivocada:

Um vídeo registrou o momento em que Sérgio e outro policial apontam suas armas para três filhos de diplomatas negros durante uma abordagem na Rua Prudente de Moraes, em Ipanema, na Zona Sul do Rio. Os três estavam acompanhados de dois garotos brancos, brasileiros. [...]

Os policiais envolvidos na abordagem em Ipanema disseram em depoimento que não utilizavam câmeras corporais no momento da ação em Ipanema. Contudo, a versão de Sérgio é diferente da informação apresentada pela PM no dia da ocorrência. Na ocasião, a PM informou em nota que “os policiais envolvidos na ação portavam câmeras corporais e as imagens serão analisadas para constatar se houve algum excesso por parte dos agentes” [...].

Os diplomatas que viram seus filhos sendo abordados consideraram a ação truculenta. O embaixador do Gabão no Brasil, Jacques Michel Moudouté-Bell, apontou racismo na abordagem. Ele, pessoalmente, reclamou ao Itamaraty (Nascimento, 2024b).

É difícil saber qual seria o motivo dos policiais escolherem não utilizar a câmera, já que era uma determinação de seus superiores utilizar o equipamento. Não havia como eles preverem que abordariam de forma equivocada filhos de diplomatas. Se as câmeras por um lado foram atores cuja ausência foi notada, o racismo aqui retorna em cena como protagonista. Nessa situação, um erro policial como o do guarda-chuva e o Brasil poderia ter sérias consequências em suas relações internacionais com o Gabão. Tal acontecimento nos revela mais sobre como o racismo surge como ator: em muitos casos, os policiais enxergam jovens negros como bandidos primeiro, agem, e só depois descobrem suas teias de relações. Não lhes interessa quem são seus familiares, o que estão fazendo, se são apenas crianças se divertindo e etc. O julgamento pela cor de pele recebe nome por participar na ação porque é um ator recorrente. O racismo, desse modo, pode direcionar como muitas relações são tecidas, alterando principalmente as condições de existência das pessoas negras. Não fossem os pais diplomatas intervindo na abordagem policial, o desenrolar poderia ser outro.

Se deixar de usar a câmera nas patrulhas rotineiras é uma decisão suspeita para os policiais, então deixar a câmera ligada como é esperado também pode se tornar uma estratégia. É o caso de 21 PMs que foram presos por exigir “arrêgo” de comerciantes em Nova Iguaçu. Como forma de evitarem que a ausência das câmeras denunciasses sua conduta, os policiais cometeram os delitos com elas gravando normalmente. Como detalha a reportagem abaixo:

“[...] Pra mim cobrar alguém eu tenho que andar certo. Pra mim falar que eu vou usar câmera, eu tenho que tá certo, ciente que não tô cometendo nenhum crime, entendeu”, diz um sargento mais experiente dentro da viatura.

Percebendo que o colega poderia falar alguma coisa irregular, o outro sargento que estava no veículo faz o alerta: “Não tem que estar falando isso”.

“Por isso que eu to usando câmera. Eu não tô cometendo nenhum crime. O dia que eu for cometer um crime eu não vou usar câmera. Que idiotice”, afirmou.

Ainda preocupado com a exposição e sabendo que estava sendo gravado, o colega volta a tentar se proteger de possíveis irregularidades. [...]

“Esse negócio aí, que ficam olhando lá no monitor, eles olham por amostragem, pô. Não tem como olhar 50 mil. Vamos botar, 20 polícia, 10 mil. Não tem como olhar 10 mil polícia”. [...] “O f* é quando alguém dá o azar, esse que é o problema. Dá o azar da câmera te ver na hora errada. Não vão botar uma tropa, botar 10 mil polícia para olhar 10 mil polícia”. (Cruz *et al*, 2024a).

O diálogo entre os dois sargentos faz emergir pontos interessantes sobre a relação dos policiais com as câmeras. Deixar de usá-las pode sinalizar o ato ilícito mais do que cometê-lo com elas filmando, como um deles indica. Um ponto que chama atenção também é um certo desconhecimento de como as câmeras ininterruptas operam. O recurso de *live streaming* é complementar ao armazenamento da gravação completa. Enquanto cria provas contra si mesmo, o “Sargento 1” defende que só dá problema se “a câmera te ver na hora errada”. Em oposição a “ser idiota”, o Sargento 1 acredita ser muito esperto em explicar o que fazer com as câmeras enquanto simula um patrulhamento rotineiro. Na ausência ou na presença, as câmeras ainda agem como caixas pretas, revelando parte da ação na própria maneira em que os policiais lidam com elas. Como seria possível burlar a vigia das câmeras? Talvez mantê-las e alterá-las?

Em 2024, a câmera de um policial deveria registrar a morte de um jovem na Favela Kelson's. Ele parecia trabalhar para o tráfico pelos objetos que carregava, como aparece na câmera corporal de Falcão, um dos policiais envolvidos (Cruz *et al*, 2024b). A câmera de Soares, outro PM que estava envolvido no momento, parou de funcionar e não registrou a morte do jovem, indicando também tentativas de apagar os registros (Cruz *et al*, 2024b). Mesmo que seja o caso de algum tipo de legítima defesa ou tiro estratégico, as tentativas de Soares de esconder a câmera e editá-la após o ato denunciam algum receio ou intenção. Ao se tornarem atores implicados na guerra urbana, as câmeras revelam parte da ação mesmo quando excluídas, subestimadas ou editadas. No entanto, como é alertado no restante da reportagem, a Defensoria Pública do Estado apurou que foram feitos 215 pedidos de acesso às imagens e somente um quarto das imagens foram fornecidas (Cruz *et al*, 2024b). Seria uma falha de segurança no armazenamento das imagens, ou algum problema técnico? Seria uma falta de interesse daqueles que estão em cargos mais altos nos batalhões de gerir essas

imagens? Seriam três quartos dos pedidos irrelevantes? Com as atuais informações sobre a implementação das câmeras, é difícil afirmar quais fatores inibem a eficácia das câmeras.

Resta-nos prosseguir questionando como será o uso das câmeras para o Bope, conhecido como grupo de elite da polícia, onde supostamente os “corruptos” não têm lugar. O que os caveiras acham da companhia das câmeras corporais? Em um vídeo que recorta sua participação em um *podcast* (Kritikê, 2024), o ex-capitão do Bope Rodrigo Pimentel comenta o que ele acha da adoção do equipamento pelo Bope. O outro lado da mesa o pergunta: “Câmera corporal no Bope? Imagina uma operação televisionada”. Rodrigo afirma que usaria, que a câmera traz transparência, mas que para times de operações especiais aquilo aumenta o tempo de decisão em momentos cruciais, o que ele sugere que pode ser resolvido com treinamento. Em seguida, ele imagina uma situação em que um policial mata um traficante de forma justificada, enquanto a gravação da câmera supostamente ajudaria uma jornalista a escrever uma narrativa caluniosa sobre tal ato:

Qual é a discussão atual da mídia que não conhece nada de segurança pública? “Ah, a polícia civil entrou em um beco no Jacarezinho e matou um bandido que estava sentado numa cadeira”. Sim, o bandido estava sentado em uma cadeira com um fuzil, e o beco era estreito. O policial entrou, avaliou e percebeu: ou eu mato esse bandido ou esse cara vai levantar o fuzil na diagonal e vai matar minha equipe toda. Esse policial, como eu te falei, tem mais ou menos um terço de segundo, para identificar, decidir e agir. Ou ele mata o bandido ou o bandido mata a equipe dele toda porque o fuzil tá na rajada. Imagina esse policial com câmera? Porque ele já foi julgado pela emissora. A emissora já disse: “Ele matou um bandido que estava em uma cadeira”! Já sentenciou, já foi julgado. A especialista em segurança pública dessa emissora já deu a sentença. Ela é tão equivocada que ela não sabe que é repelir injusta agressão atual ou iminente (Kritikê, 2024).

O outro lado da mesa brinca em tom de provocação: “E o bandido não tem câmera, né?” e os participantes da conversa riem juntos. Existe nessa narração um certo tom de que talvez o outro não entenda o trabalho dele o suficiente para poder monitorar o que ele faz. Mais uma vez, aqui vemos os jornalistas que investigam segurança pública sendo retratados como manipuladores, “oportunistas do caos” que tecem narrativas equivocadas sobre o Bope. Aparentemente, uma operação especial do Bope exige tomadas de decisão mais rápidas do que a do PM Soares que executou Alex na Kelson’s e ainda teve tempo de tentar editar a câmera antes, durante e depois do ato.

A indignação que surge quando os policiais têm seus trabalhos monitorados prolonga o debate para outros pontos ainda não explorados da controvérsia. Se os policiais devem utilizar, então porque não monitorar os bandidos ou, na impossibilidade de monitorar os inimigos, outros servidores públicos? Foi assim que, como uma pessoa vinculada a um programa de pós-graduação que convive com professores universitários, a guerra urbana me

saltou aos olhos novamente. Recebi em um grupo de mensagens entre discentes do curso de pós-graduação a seguinte matéria do jornal O Globo:

Projeto na Alerj propõe monitorar por vídeo e áudio professores e alunos de escolas e universidades estaduais do Rio

Um Projeto de Lei, em análise na Alerj, propõe que escolas e universidades públicas estaduais tenham monitoramento por câmera e áudio, e que professores usem equipamento corporal, semelhante ao de policiais no Rio. A proposta, de número 3750/2024, é de autoria do deputado estadual Carlinhos BNH (PP), e tem 15 parlamentares como coautores: sete do PL, quatro do União, e os demais são do PP, PMB, Podemos e Patriotas. [...]

— A motivação foi, principalmente, o aumento preocupante da violência, em suas mais variadas formas, nas escolas e universidades do Rio de Janeiro. Reportagens mostram um crescimento de episódios de bullying, assédio, agressões físicas e atentados, que mostram a necessidade de medidas mais eficazes para garantir a segurança e a ordem no ambiente escolar. O objetivo principal é proteger alunos, professores e a comunidade escolar como um todo — disse (Projeto [...], 2024).

Sete dos 15 parlamentares que assinaram o projeto de lei são do mesmo partido que Tarcísio, o governador de São Paulo que tentou alterar o propósito pelo qual as câmeras deveriam ser utilizadas em seu Estado. Apesar da proposta tramitar especificamente para o Estado do Rio de Janeiro, tal relação revela quais são os interesses em comum para esse grupo político. Tanto Tarcísio quanto os parlamentares que assinaram essa proposta criaram formas diferentes de desmontar o uso das câmeras corporais por policiais. No caso de Tarcísio, a empreitada é modificar a forma como a câmera opera. No caso desta proposta de lei, o prolongamento da discussão para outras esferas do serviço público visa constranger os críticos da ação policial. Como mostrado até agora, o uso das câmeras é discutido sobre de dados quantitativos, por notícias-denúncia, em protestos anti-racistas e nos diversos casos em que as câmeras fornecem provas de uma conduta caracterizada como ilegal. Ou seja, a questão mobiliza diversos atores e formas diferentes de construir uma realidade sobre a polícia que, apesar da multiplicidade, encontram algum acordo sobre a necessidade das câmeras corporais em sua atuação. Tal presença na atuação dos professores de escolas e universidades não foi apresentada, questionada e sustentada por atores tão “engajados” quanto os anteriores. Não é explicitado como as câmeras corporais irão realmente ajudar nos casos de violência citados, ou pelo menos, não de forma diferente de uma câmera de segurança no ambiente. A simetria desenhada pelo projeto de lei é justificada por “um sentimento generalizado de insegurança” nas escolas, o que não é compatível com os casos apresentados para implementar as câmeras corporais nas fardas. Isso coloca em questão quais crimes um professor pode cometer em sala de aula, ou o que vai ser monitorado de seu trabalho. Afinal, matar o aluno não é uma conduta esperada de um professor da mesma forma como policiais matam bandidos alegando que foi por “injusta agressão atual ou iminente”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa, nos questionamos “o que faz do Bope o Bope”, ou seja, qual o seu projeto de ação, considerando sua existência como relacional e processual. Seguimos atores muito diversos entre si, dando relevância a pequenas tramas que acabam somando em polêmicas complexas. Vimos desde os representantes dispostos a narrar histórias grandiosas sobre os “heróis anônimos” aos pequenos lenços que contradizem suas parcerias comerciais. Acompanhamos equipamentos, visualidades e discursos que no mínimo desvio se tornam debates extensos sobre as “questões de identidade” ou as “questões de política”. Assistimos aos atores alterarem suas dinâmicas enquanto escrevíamos sobre eles. Podemos, enfim, olhar de que forma esses elementos nos dizem muito sobre projeto, e portanto, sobre design.

Se tentarmos resumir o projeto do Bope “original”, podemos dizer que ele é uma força de polícia que surge em 1991 envolta de crises como aumento de sequestros e assaltos, e também da ascensão do narcotráfico. Esse também era um momento de recuperação do país após a Ditadura Militar, onde os órgãos de segurança pública se relacionaram com políticas punitivistas e torturadores. Quando o Bope foi instituído, ele já havia passado por um longo processo de formação e treinamento, e lhe foi atribuído o brasão da “faca na caveira”. O brasão, como vimos no item 3.1, é responsável por dar unidade a muitos atores e é, ao mesmo tempo, resultado da composição de símbolos diversos. Além disso, ele conecta o brasão ao emblema da Scuderie Le Cocq. Tal grupo da polícia se inspirava no Detetive Le Cocq, que foi um policial da época da Ditadura Militar, para assassinar aqueles que julgavam ser bandidos. Ao se tornarem conhecidos pela caça aos narcotraficantes, pela execução de criminosos, e pelo uso do símbolo da caveira, o Bope ocupa um lugar muito próximo desse grupo. O que é contraditório, pois o mesmo também se relaciona com as milícias, que é categorizado como “crime organizado” pelos próprios policiais.

No final da década de 1990 e no começo dos anos 2000, sua força foi empregada em missões que foram registradas em mídias diversas como o livro *Elite da Tropa* (2006) e o documentário *Notícias de uma guerra particular* (1999), dando publicidade a caveiras como André Batista e Rodrigo Pimentel, que se tornaram representantes do grupo. Um exemplo dessa participação do Bope é a operação feita em 1997 para pacificar o Morro do Turano antes da visita do Papa João Paulo II. À época, os conflitos da polícia com os narcotraficantes já eram reconhecidos como guerra urbana, particular, irregular, assimétrica etc. Em, 2007, foi lançado o filme *Tropa de Elite*, ator central em controvérsias ao se prestar o papel de “ser a

história verdadeira” da guerra. Supostamente denunciata, o filme conquistou mesmo assim o coração dos apoiadores da ação policial. Isso é contraditório com a recepção de outras denúncias, que são tratadas como posturas “bandidólatras”.

O filme e o grupo se projetam mutuamente. Os caveiras viram no filme a oportunidade de “conquistar corações e mentes”, seja na participação ativa deles na produção do roteiro e na manutenção da imagem do Bope, ou seja no aproveitamento das características visuais marcantes para promover eventos e produtos. Assim como as operações midiáticas também conformam a ação do Bope. Em 2010, com a ocupação do Complexo do Alemão, e com a implementação dos PACs e das UPPs, havia um grande sentimento de que o policiamento ostensivo salvaria a cidade do crime organizado. Ao hastejar a bandeira do Brasil no Complexo do Alemão, o Bope fez parte de um anúncio ao país de que aquele território havia “sido perdido” e foi “retomado”. Essa bandeira também ressoa com os políticos de direita que exigem o policiamento como estratégia de governo. Eles se relacionam com o Bope e com outras forças militares para alimentar o desejo por justiça, e também o nacionalismo e a nostalgia de seus eleitores. Desse modo, possibilitam que seu punhal, representativo de seu poderio bélico e técnico, seja pintado de verde e amarelo, dilacerando a temporalidade entre o golpe militar de 1964 e a tentativa de golpe de 2023.

A guerra urbana caiu nas mãos da polícia militar, que é vista como único ator capaz de lidar com o problema do narcotráfico. Em meio a bandeiras hasteadas, negociações bem sucedidas e sequestradores executados, também vemos atitudes “afobadas” como a invasão do policial Ivan Blatz a um prédio atrás de um suposto traficante. Poucas são as propostas de lidar com o narcotráfico que não sejam através do policiamento ostensivo, que é caracterizado por operações pontuais de contenção dos crimes, assim como não oferecem a manutenção da vida civil. O projeto de implementação das UPPs, imaginada como uma ação policial para facilitar a “presença” do governo, trouxe melhorias de infraestrutura para algumas comunidades, mas também auxiliou o controle das milícias sobre elas. Guerrear por mais de 30 anos pela paz, imposta através de caveirões pretos e mantida por caveirões brancos, não encerrou o conflito. Pelo contrário, o capilarizou ainda mais pelo país. Agora em 2025, sob o medo de ações coordenadas das facções em escala nacional e internacional, somos testemunhas de novos projetos de policiamento para lidar com o temido “crime organizado”.

O Ministério Público Federal aprovou em fevereiro de 2025 a criação do Grupo Nacional de Apoio ao Enfrentamento ao Crime Organizado do Ministério Público Federal (Gaeco Nacional), quando anteriormente só existiam unidades de Gaeco que atuavam localmente. O Gaeco Nacional terá como principal função auxiliar os procuradores de todo o

país na investigação e combate a crimes como o narcotráfico, violação de direitos humanos e atentados contra o Estado Democrático de Direito (Bernadino, Grasso, 2025). Quase ao mesmo tempo, o prefeito Eduardo Paes apresentou para Câmara de Vereadores o projeto de criação da Força de Segurança Nacional, um grupo paralelo à GM-Rio. Segundo o prefeito, o objetivo dela será aumentar a sensação de segurança da população em áreas públicas, reduzir os crimes cotidianos e auxiliar a PMERJ no patrulhamento ostensivo, mas não será seu papel enfrentar traficantes ou milicianos (Costa, Alves, 2025). Já a Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro está negociando com o governo dos Estados Unidos para que o CV seja reconhecido como facção criminosa internacional, em uma troca mútua de informações sobre a rota da cocaína e sobre a aquisição de armas americanas pela facção (Coelho, Martins, 2025). A atuação do Bope e da PMERJ na guerra projetou novas polícias, novos grupos militares e novas parcerias, mas não projetou outras formas de existir fora dela.

A permanência da guerra e os novos atores que entraram no jogo não impediram os caveiras de se orgulharem de suas fardas pretas e de seus fuzis israelenses. Pelo contrário, eles promovem cada vez mais livros, palestras, parcerias comerciais, *podcasts* e corridas. O fenômeno da *coachificação* do Bope não emerge agora como uma novidade, ou como uma “nova função”, mas como uma mudança de composição em relação à guerra. Afinal, o Bope continua realizando suas operações como parte da PMERJ, assim como o grupo já contava com uma “mística” e uma identidade corporativa marcante desde sua oficialização. No entanto, a onipresença das redes sociais passaram a conformar as possibilidades de atuação dos caveiras, oferecendo-os plataformas para promover seus interesses. Com a PMERJ dividindo o protagonismo no teatro da guerra com outras forças policiais, com a queda das políticas de pacificação, com os debates sobre racismo na atuação policial e com os diversos crimes que emergiram associados a policiais e ex-caveiras, a posição que o Bope ocupa como ator-rede se revela líquida. Sua existência agora é sustentada também pela sua capacidade de propagar visualidades e narrativas sobre a guerra. Esse é seu projeto de ação atual.

Ao importar retóricas de outras guerras, publicar frases motivacionais, apontar inimigos, evocar a religiosidade cristã, organizar experiências imersivas, vender suplementos e camisetas, lançar políticos e especialistas sobre segurança pública, o Bope age como emissário moralizante da polícia militar. E ele só é capaz de fazer isso pelo seu histórico de participação em operações, pelos heróis anônimos que celebram, pela aprovação dos “cidadãos de bem” e pela fama de polícia incorruptível, missionária, rígida, voluntariosa etc. Por mais que sua ação contrarie tais adjetivos, eles são sustentados pelo esforço coletivo dos caveiras e de seus apoiadores de suprimir as denúncias e valorizar seus feitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Victor. Plano para matar Lula, Alckmin e Moraes: o que se sabe sobre a operação da PF. *CNN Brasil*. 19 nov. 2024. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/plano-para-matar-lula-alckmin-e-moraes-o-que-se-sabe-e-sobre-a-operacao-da-pf/>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

AMENDOLA, Paulo. *Bope: A Origem da Mística*. Rio de Janeiro: Editora Griffo's, 2024.

APÓS escândalo no Bope, PM do RJ anuncia mudanças na tropa de elite. *G1*, 16 dez. 2015. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/12/apos-escandalo-no-bope-pm-do-rj-anuncia-mudancas-na-tropa-de-elite.html>>. Acesso em: 30 out. 2024.

ARAÚJO, Adriano. 'Caveirão' branco será usado em favelas com UPP. *O Dia*. 23 dez. 2016. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2016-12-22/caveirao-branco-sera-usado-em-favelas-com-upp.html>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

ARAÚJO, Adriano. Estudante é morto por bala perdida em ponto de ônibus na Tijuca. *O Dia*, 9 ago. 2019. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5670845-estudante-e-morto-por-bala-perdida-em-ponto-de-onibus-na-tijuca.html>>. Acesso em: 30 out. 2024.

ARENDT, Ronald João Jacques; MORAES, Marcia Oliveira. Contribuições das investigações de Annemarie Mol para a Psicologia Social. In: *Psicologia em Estudo*. Maringá, abr./jun. 2013, v. 18, n. 2, p. 313-321.

ARMA utilizada para matar Marielle e Anderson foi do Bope, diz ex-PM em delação. *Carta Capital*. 24 jul. 2023. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/justica/arma-utilizada-para-matar-marielle-e-anderson-foi-do-bope-diz-ex-pm-em-delacao/>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

AUMENTA o uso de CACs por facções criminosas; revela levantamento do Instituto Sou da Paz. *Instituto Sou da Paz*. 26 ago. 2024. Disponível em: <<https://soudapaz.org/noticias/aumenta-o-uso-de-cacs-por-faccoes-criminosas-revela-levantamento-doinstituto-sou-da-paz/>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

AZENHA, Luiz Carlos. Exclusivo: Marcos do Val, o senador do grampo contra Moraes, e a farsa de um brasileiro na SWAT. *Revista Fórum*. 6 fev. 2023a. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/2023/2/6/exclusivo-marcos-do-val-senador-do-grampo-contra-moraes-farsa-de-um-brasileiro-na-swat-por-luiz-carlos-azenha-131081.html>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

AZENHA, Luiz Carlos. Marcos do Val tentou registrar como sua a marca "BOPE", quando o BOPE já existia havia quase 30 anos. 7 fev. 2023b. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/2023/2/7/marcos-do-val-tentou-registrar-como-sua-marca-bope-quando-bope-ja-existia-havia-quase-30-anos-131150.html>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BARRIONUEVO, Alexei. A Violent Police Unit, on Film and in Rio's Streets. *The New York Times*: 14 out. 2007. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2007/10/14/world/americas/14tropa.html>> Acesso em: 30 out. 2024

BARROS, Matheus. Instagram completa 12 anos; relembre a história da rede social. *Olhar Digital*, 6 out. 2022. Disponível em:
<<https://olhardigital.com.br/2022/10/06/internet-e-redes-sociais/instagram-completa-12-anos-relembre-a-historia-da-rede-social/>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

BASTOS, Fernanda; BOMFIM, Camila. O que são 'kids pretos'? Integrantes das Forças Especiais são presos suspeitos de planejar matar Lula, Alckmin e Moraes em 2022. *G1*. 19 nov. 2024. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2024/11/19/o-que-sao-kids-pretos-integrantes-das-forcas-especiais-sao-presos-suspeitos-de-planejar-matar-lula-alckmin-e-moraes-em-2022.ghtml>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

BATAGHIN, Fernando Antônio; COSTA, Marcela Avelina Bataghin; NUNES, William Caetano Carlos. Instagram Marketing: Alavancando as vendas em tempos de Pandemia. In: Revista Acadêmica - Ensino de Ciências e Tecnologia. Cubatão: IFSP, 2020, n.7.

BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo; SOARES, Luiz Eduardo. *Elite da Tropa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BATISTA, André; FERRAZ, Cláudio; PIMENTEL, Rodrigo; SOARES, Luiz Eduardo. *Elite da Tropa II*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BERNARDINO, Juliana; GRASSO, Mariana. MPF cria Gaeco Nacional para combater crime organizado. *CNN Brasil*. 17 fev. 2025. Disponível em:
<<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/mpf-cria-gaeco-nacional-para-combater-crime-organizado/>>. Acesso em: 26 fev. 2025.

BETIM, Felipe; SABOYA, Érica. Acusados de matar Marielle, PM e ex-PM são presos no Rio de Janeiro. *El País*. 12 mar. 2019. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/12/politica/1552386220_696576.html>. Acesso em: 5 fev. 2025.

BOLSONARO afirma que torturador Brilhante Ustra é um “herói nacional” . *Veja*. 8 ago. 2019. Disponível em:
<<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-afirma-que-torturador-brilhante-ustra-e-um-heroi-nacional>>. Acesso em 7 fev. 2025.

BOLSONARO discursa em protesto que defende AI-5 e mais da manhã de 20 de abril. *CNN Brasil*. 20 abr. 2020. Disponível em:
<<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/bolsonaro-discursa-em-protesto-que-defende-ai-5-e-mais-da-manha-de-20-de-abril/>>. Acesso em 7 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Justiça e da Segurança Pública. Gabinete do Ministro. Portaria do Ministro Nº 648/2024, de 28 de maio de 2024. Regulamenta o uso de câmeras corporais por órgãos de segurança pública. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 28 mai. 2024, p. 1.

BRITISH Soldier singing. *Youtube*, 13 mar. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jwa3JH_NBAk&ab_channel=Dartanjang1123> Acesso em: 30 out. 2024.

CAIAFA, Roberto. Polícia Militar do Rio de Janeiro adquire 600 fuzis israelenses IWI Arad A arma oferece maior eficácia em missões de patrulha. *InfoDefensa*. 13 out. 2022. Disponível em: <<https://www.infodefensa.com/texto-diario/mostrar/3923464/policia-militar-do-rio-janeiro-adquire-600-fuzis-israelenses-ivi-reequipar-bope>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

CAMERADO. Vietnam War Ghost Audio Tape used in PSYOPS 'Wandering Soul'. *Youtube*, 3 abr. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ZjZkdkv_iss>. Acesso em: 5 fev. 2025.

CARANDIRU. Direção de Hector Babenco. Brasil: Globo Filmes, 2003. Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/carandiru/t/d95yL1vW5H/>> Acesso em: 30 out. 2024

CARVALHO, Igor. Marcos do Val: senador que acusa Bolsonaro atuou na Swat e treinou elenco de Tropa de Elite. *Brasil de Fato*. 2 de fev. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/02/02/marcos-do-val-senador-que-acusa-bolsonaro-atuou-na-swat-e-treinou-elenco-de-tropa-de-elite>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

CARDOSO, Rafael. Design, propaganda e guerra. In: *Uma Introdução à História do Design*. São Paulo: Blucher, 2008.

CASTRO, Isabelle Christine Somma de. Os impactos da flexibilização do acesso a armas no tráfico transfronteiriço entre Brasil e Paraguai. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, jan./jun. 2024, v. 11, n. 1, pp. 67–97.

CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2002. Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/cidade-de-deus/t/5vXVkJN1R/>> Acesso em: 30 out. 2024

COELHO, Henrique; MARTINS, Marco Antônio. RJ negocia com governo dos EUA para reconhecer Comando Vermelho como organização criminosa internacional. *G1*. 24 fev. 2025. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/02/24/seguranca-facao-criminosa-internacional-rj.ghtml>>. Acesso em: 26 fev. 2025.

COELHO, Henrique; NASCIMENTO, Rafael; GOMES, Marcelo. Lessa usou submetralhadora do Bope desviada após incêndio para matar Marielle, diz delator. *G1*, Rio de Janeiro, 24 jul 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/07/24/ronnie-lessa-usou-submetralhadora-do-bope-para-matar-marielle-diz-elcio-em-delacao.ghtml>> Acesso em: 4 abr. 2024.

COORDENADORIA de Polícia Pacificadora mostra 'caveirão' branco. *Extra*. 22 dez. 2016. Disponível em:

<<https://extra.globo.com/casos-de-policia/coordenadoria-de-policia-pacificadora-mosta-caveir-ao-branco-20684396.html>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

COSTA, Ana Cláudia; CÁSSIA, Cristiane; GOMES, Marcelo; BRITO, Carlos. Megaoperação no Alemão deixa 19 mortos. In: *Extra*, 27 jun. 2007. Disponível em:

<<https://extra.globo.com/noticias/rio/megaoperacao-no-alemao-deixa-19-mortos-681274.html>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

COSTA, André Coelho; ALVES, Raoni. Rio prevê gastar R\$ 462 milhões por ano a partir de 2027 com Força de Segurança Municipal. *GI*. 18 fev. 2025. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/02/18/rio-preve-gastar-r-462-milhoes-por-ano-a-partir-de-2027-com-forca-de-seguranca-municipal.ghtml>>. Acesso em: 26 fev. 2025.

COSTA, Rafael. Polícia Militar realiza operação em Manguinhos; tiroteio é intenso na região. *Voz das Comunidades*. 14 out. 2024. Disponível em:

<<https://vozascomunidades.com.br/casos-de-policia/policia-militar-realiza-operacao-em-manguinhos-tiroteio-e-intenso-na-regiao/>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

COSTA, Viviane. *Traficantes Evangélicos*. Quem são e a quem servem os novos bandidos de Deus. Rio de Janeiro: GodBooks, 2023.

CRUZ, Adriana; ALVES, Raoni; LEITÃO, Leslie; LUCCHESI, Bette. Diálogos gravados durante o 'tour da propina' indicam competição entre grupos de PMs pelo 'arrêgo'. *GI*. 7 nov. 2024a. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/11/07/dialogos-gravados-durante-o-tour-da-propina-indicam-competicao-entre-grupos-de-pms-pelo-arrego.ghtml>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CRUZ, Adriana; ALVES, Raoni; LEITÃO, Leslie; LUCCHESI, Bette. Câmera corporal de PM não registra o momento de morte na Favela Kelson's; relatório indica tentativa de apagar imagens. *GI*. 13 mai. 2024b. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/05/13/camera-corporal-de-pm-nao-registra-o-momento-de-morte-na-favela-kelsons-relatorio-indica-tentativa-de-apagar-imagens.ghtml>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

DE ELITE. De Elite, s. d. Homepage da empresa que organiza diversos eventos esportivos da polícia, especialmente o “Corrida com o Bope”. Disponível em:

<<https://www.deelite.com.br/>>. Acesso em: 31 out. 2024.

DELLER, Jeremy ; NORIS, Rufus. *We're here because we're here*. Manchester: 2016. Performance. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=JDyqax78Z_M&ab_channel=rxtheatre> Acesso em: 30 out. 2024.

DEPUTADO que fez vídeo com apologia ao AI-5 e defendeu destituição de ministros do STF passa a noite detido na PF no Rio. *GI*. 17 fev. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/02/17/deputado-que-fez-video-com-apologia-ao-a-i-5-e-defendeu-fechar-o-stf-passa-a-noite-detido-na-pf-no-rio.ghtml>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

DP CONFIRMA 19 mortos, 9 feridos e 4 presos no Alemão. In: *GI*, Rio de Janeiro, 28 jun. 2007. Disponível em: <<https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1574875-5598,00.html>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

ESCOBAR, Arturo. *Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy and the making of worlds*. Durham: Duke University Press, 2018.

ENLOE, C. 2007. *Globalization and Militarism; Feminists Make the Link*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers

ENTENDA a curta história do Instagram, comprado pelo Facebook. *GI*, São Paulo, 10 abr. 2012. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/entenda-curta-historia-do-instagram-comprado-pelo-facebook.html>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

ESCOBAR, Arturo. *Welcome to Cyberia: Notes on the Anthropology of Cyberculture*. *Current Anthropology*, 1994, vol. 35, n. 3, pp. 211–231.

EXPANSÃO de Rainbow Six tem Rio e agentes do Bope como Destaques. *Techtudo*, 25 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2016/07/expansao-de-rainbow-six-siege-tem-rio-e-agentes-do-bope-como-destaques.ghtml>> Acesso em: 30 out. 2024.

FALA Glauber Podcast. "MATIAS DA VIDA REAL" REVELA COMO ERA TRATADO NA UNIVERSIDADE. *Youtube*, 13 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IElv5q8KfW4>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

FAROCKI, Harun. *Serious Games I-IV*. 2009-2010. Instalação audiovisual de 4 vídeos. Exibido no MoMA de 2011 a 2012.

FRAIA, Emilio. Como não ser ator: no curso de Fátima Toledo, a preparadora de elenco de nove entre dez filmes nacionais, é proibido representar. *Revista Piauí*, ed. 8, 28 jan. 2009. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/como-nao-ser-ator/>>. Acesso em: 30 out. 2024.

FRANÇA, Fábio Gomes. “É FACA NA CAVEIRA”: A identidade simbólica de tropas de operações policiais especiais no Brasil. In: *Revista do Sistema único de Segurança Pública*. Brasília, v. 1, n. 2, 2022.

FREITAS, Alexandre. Alexandre Freitas: MARCA – O Potencial Milionário do BOPE. *Diário do Rio*. 16 jul 2021. Disponível em: <<https://diariodorio.com/alexandre-freitas-marca-o-potencial-milionario-do-bope/>> . Acesso em: 5 fev. 2025.

FILHO, José Rodrigues Alvarenga. A “Chacina do Pan” e a produção de vidas descartáveis. In: *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 28, n. 1, p. 111-117, jan.-abr. 2016.

FRY, Tony. *Defuturing*. Londres: Bloomsbury Visual Arts, 2020.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1989, pp.3-21.

GEORGE Floyd: o que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida. *BBC News Brasil*. 31 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>>. Acesso em: 20 nov. 2024

GIARDI, Leonardo; PECE, Diego. *Bandidolatria e democídio*. Santo André: Armada, 2017.

GOULART, Gustavo. Uso de caveira no uniforme infringe regulamento do Bope, dizem especialistas. *Extra*, Rio de Janeiro, 15 ago. 2019. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/uso-de-caveira-no-uniforme-infringe-regulamento-d-o-bope-dizem-especialistas-23880025.html>> Acesso em: 24 out. 2023.

GOMIDE, Raphael. Os “homens de verde” do Bope. *Época*. 12 out. 2013. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2013/10/os-bhomens-de-verdeb-do-bope.html>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

_____. Bope estreia farda verde camuflada em substituição à preta. *Época*. 22 jun. 2015. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/06/bope-estreia-farda-verde-camuflada-em-substituicao-preta.html>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

GRAHAM, Stephen. *Cidades Sitiadas: O Novo Urbanismo Militar*. São Paulo: Boitempo, 2016.

MALPAS, Jeff. Hans-Georg Gadamer. In: Edward N. Zalta & Uri Nodelman (Eds.). *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/gadamer/>>. Acesso em: 19 abr. 2024

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2015

HERINGER, Carolina; MARINATTO, Luã ; SOARES, Rafael. Porta-voz da PM usa nome do Bope para vender evento com aulas de resgate e arremesso de faca. *Extra*. 5 dez. 2017.

Disponível em:

<<https://extra.globo.com/casos-de-policia/porta-voz-da-pm-usa-nome-do-bope-para-vender-evento-com-aulas-de-resgate-arremesso-de-faca-22149954.html>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

HERINGER, Carolina; SOARES, Rafael. PM do Bope fez ‘leilão’ de armas e drogas apreendidas em operação para milicianos e traficantes. *O Globo*. 8 out. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/pm-do-bope-fez-leilao-de-armas-drogas-apreendidas-em-operacao-para-milicianos-trafficantes-24003011>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

HERMANN, Peter; WEINER, Rachel. Issues over police shooting in Ferguson lead push for officers and body cameras. *The Washington Post*. 2 dez. 2014. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/local/crime/issues-over-police-shooting-in-ferguson-lead-push-for-officers-and-body-cameras/2014/12/02/dedcb2d8-7a58-11e4-84d4-7c896b90abdc_story.html>. Acesso em: 20 nov. 2024.

INTERACTIVE Timeline. *The National WWI Museum and Memorial*. Kansas: s.d.

Disponível em:

<https://www.theworldwar.org/interactive-wwi-timeline?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwoq3BhB3EiwAYqYoEo4SmNVm9wdM7xMoD3OcnOJ6u7o2y4C7x7puLthYNK1mhH-9KikuMxoCYDcQAvD_BwE> Acesso em: 30 out. 2024.

JORGENSEN, Danny L. *Principles, Approaches and Issues in Participant Observation*. Londres: Routledge, 2020.

KRITIKÊ Podcast. RODRIGO PIMENTEL dá sua opinião sobre a câmera corporal no BOPE! *Youtube*. 24 abr. 2024. Disponível em:

<<https://youtu.be/MR64FNGyfQc?si=uwRH9LjeLpBkwVZJ>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LATOURE, Bruno. The Missing Masses. In: Bijker, W. E; Law, J. (Eds). *Shaping Technology/Building Society*. Cambridge: The MIT Press, 1992, pp. 225-258.

_____. The Berlin Key. In: Graves-Brown, P. (Ed.). *Matter, Materiality and Modern Culture*. London: Routledge, 2000.

_____. *Reassembling the Social*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

_____. *Cogitamus*. São Paulo: editora 34, 2016.

_____. *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos*. Tradução de Alexandre Agabiti Fernandez. Petrópolis: Vozes, 2019.

_____. Um Prometeu cauteloso?. In: Portugal, D. B. et al. (orgs.). *Quando fazer é pensar*. Rio de Janeiro: PPESDI, 2023, pp. 52-76.

LAW, John. *After method: mess in social science research*. London: Routledge, 2004.

LEANDER, Anna. Militarization Matters: Rhetorical Resonances and Market Militarism. In: *Critical Military Studies*, 2022.

LEITÃO, Leslie. Caveirão branco, a novidade das UPPs no Rio. *Veja*, Rio de Janeiro, 20 dez. 2016. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/brasil/caveirao-branco-a-novidades-das-upps-no-rio/>> Acesso em: 4 abr. 2024.

LEITÃO, Leslie; RIANELLI, Erick; FERNANDES, Filipe; SANTOS, Guilherme. Traficantes usam pandemia para criar 'Complexo de Israel' unindo cinco favelas na Zona Norte do Rio. *G1*. 24 jul. 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/24/traficantes-usam-pandemia-para-criar-novo-complexo-de-favelas-no-rio-deixam-rastro-de-desaparecidos-e-tentam-impor-religio.o.ghml>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

LEITE, Isabela; DAUER, Leticia. Câmeras: Tarcísio defende que o acionamento remoto vai garantir mais controle sobre as gravações das ocorrências policiais. *G1*. São Paulo, 23 mai. 2024. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/05/23/cameras-corporais-tarcisio-defende-qu>

e-o-acionamento-remoto-vai-garantir-mais-controle-sobre-as-gravacoes-das-ocorrencias-policias.ghml>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LELLIS, Leonardo, editor. Câmeras em uniformes de policiais registraram abordagem a George Floyd; veja. *CNN Brasil*. 4 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/cameras-em-uniformes-de-policiais-mostram-abordagem-a-george-floyd/>>. Acesso em: 20 nov. 2024

LÓPEZ-RODRÍGUEZ, Guillermo. Determinants of users' engagement with official military Instagram accounts. In: *Revista Más Poder Local*. Múrcia: out. 2023, n. 54, pp. 58-74.

LUTZ, Catherine. "Militarization". In: *International Encyclopedia of Anthropology*. London: Wiley-Blackwell, 2018

MANSO, Bruno Paes. *República das Milícias*. São Paulo: Todavia, 2020.

MARIGHELLA. Direção de Wagner Moura. Brasil: Globo Filmes, 2021. Globoplay. Disponível em:<<https://globoplay.globo.com/marighella/t/gpJRB7PKjY/>> Acesso em: 30/10/2024

MARTINS, Felipe. Ex-sargento do Bope treinou bando da Maré sobre como usar armas. *O Dia*. 7 jul. 2015. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-07-07/ex-sargento-do-bope-treinou-bando-da-mare-sobre-como-usar-armas.html>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

MARTINS, Ivan; ROCHA, Antônia Rozimar Machado e. "Haja paz sobre Israel": religiosidade evangélica e sionismo. *Tensões Mundiais*. Fortaleza, 2024, v. 20, n. 42, pp. 343-362.

MELO, Cristina. A Missão Agora é Amar: Missão Bope 1. Rio de Janeiro: The Gift Box, 2017.

_____. Resgatando o Amor: Missão Bope 3. Rio de Janeiro: The Gift Box, 2017.

_____. Mudança de Planos: Missão Bope 4 Rio de Janeiro: The Gift Box, 2020.

MEMORIAL com nomes dos 28 mortos em operação no Jacarezinho é derrubado pela polícia, que cita 'apologia ao tráfico'. *G1*, Rio de Janeiro, 11 mai. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/11/memorial-no-jacarezinho-com-nomes-dos-mortos-na-operacao-mais-letal-do-rj-e-derrubado-pela-policia.ghml>> Acesso em: 18 out. 2023.

MENDES, Lucas. Fachin mantém decisão para instalação de câmeras nas fardas de policiais do RJ. *CNN Brasil*. 6 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/fachin-mantem-decisao-para-instalacao-de-cameras-nas-fardas-de-policiais-do-rj/>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MENEZES, Clara. Atores denunciam abusos de preparadora de elenco de 'Marighella'. *O Povo*, 10 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/vidaarte/2021/11/10/atores-denunciam-abusos-de-preparadora-d-e-elenco-de-marighella.html>>. Acesso em: 30 out. 2024.

MILGRAM, Stanley. “Apêndice II: Exemplos Individuais”, In: *Obediência à autoridade*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1983.

MIRANDA, Ana Paula; MUNIZ, Jaqueline. Um campo de experiências, afetações e “achismos”: dilemas e desafios metodológicos em pesquisas empíricas sobre criminalidade, violências, (in)segurança e ativismos. In: *Runa*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2021, v.42, n.1, pp. 21-41.

MOHAMMAD, Linah. What is a keffiyeh, who wears it, and how did it become a symbol for Palestinians?. *National Public Radio*. 6 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.npr.org/2023/12/06/1216150515/keffiyeh-hamas-palestinians-israel-gazal>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

MOL, Annemarie. *The body multiple: ontology in medical practice*. Durham, NC: Duke University, 2002.

MONTENEGRO, Fernando. FACA NA CAVEIRA! A História do símbolo da tropa de Comandos do Brasil. *Blog Tecnologia e Defesa*, 2020. Disponível em: <<https://tecnodefesa.com.br/faca-na-caveira-a-historia-do-simbolo-da-tropa-de-comandos-do-brasil/>> Acesso em: 21 dez. 2023.

MOUT – Ataque ao Símbolo de Poder da Segurança Pública. *Defesanet*. 20 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.defesanet.com.br/mout/mout-ataque-ao-simbolo-de-poder-da-seguranca-publica/>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

MOURA, Carolina. PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas. *El País*. Rio de Janeiro: 19 set. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html>. Acesso em: 30 out. 2024.

MUNIZ, Jaqueline; PROENÇA JR, Domicio. Muita politicagem, pouca política os problemas da polícia são. In: *Estudos Avançados*. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2007, v. 21, n.61, pp. 159-172.

MUNOZ, Nicolás. Counter-Strike 1.6: curiosidades e referências do polêmico mapa Rio. *Techtudo*. 31 set. 2020. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2020/08/counter-strike-16-curiosidades-e-referencias-do-polemico-mapa-rio.ghtml>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

NASCIMENTO, Rafael. Veículo blindado incendiado no Bateau Mouche era novo e custou R\$ 652,5 mil, diz PM. G1. 7 jun. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/06/07/veiculo-blindado-incendiado-no-bateau-mouche-era-novo.ghtml>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

NASCIMENTO, Rafael. Após mortes de bandidos no Complexo de Israel, agentes do Bope começam a usar câmeras nos uniformes. *G1*, Rio de Janeiro, 2 jan. 2024a. Disponível em: <<https://g1.globo.com/google/amp/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/01/02/agentes-do-bope-testa-m-cameras-nos-uniformes.ghtml>> Acesso em: 4 abr. 2024.

NASCIMENTO, Rafael. Policial que abordou jovens em Ipanema disse que não usava câmera corporal e que suspeitou de grupo 'aglomerado'. *GI*. Rio de Janeiro, 11 jul. 2024b. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/07/11/policial-que-revistou-jovens-em-ipanema-disse-que-nao-usava-camera-corporal-e-que-suspeitou-de-grupo-aglomerado.ghtml>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

NASCIMENTO, Rafael. Ex-porta voz da PM é exonerado do comando de batalhão de Botafogo após ação suspeita e confusão em prédio residencial. *GI*. 17 jan 2025. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/01/17/ex-porta-voz-da-pm-e-exonerado-do-comando-de-batalhao-de-botafogo-apos-acao-suspeita-e-confusao-em-predio-residencial-do-bairro-video.ghtml>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

NETO, Galdino. O Símbolo de Polícia Militar: As Pistolas Cruzadas. In: Blog Medalhística Militar Paulista. 27 jun 2012. Disponível em:

<<https://medalhisticamilitarpaulista.blogspot.com/2012/06/o-simbolo-de-policia-militar-as.html>> Acesso em 10 jan. 2025.

NOTÍCIAS de uma Guerra Particular. Direção de João Moreira Salles e Kátia Lund. Brasil, 1999. Vimeo. Disponível em:<<https://vimeo.com/176723512>> Acesso em: 30 out. 2024

NOVAES, André Reyes. Os Balões vão a Guerra: Cultura Visual e Circulação de na Guerra da Tríplíce Aliança contra o Paraguai. In: Alexander Josef Sá Tobias da Costa e Regina Tunes (Organizadores). (Org.). *GEOGRAFIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO Estudos sobre Cultura, Globalização e Natureza*. 1ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2022, v. 1, p. 35-62.

NOVAS, Betinho Casas. “Caveirão Branco” circula pelo Alemão durante tiroteio nesta noite de sábado. *Voz das Comunidades*. 20 mai. 2017. Disponível em:

<<https://vozdascunidades.com.br/favelas/complexo-do-alemao/caveirao-brancocircula-pel-o-alemao-durante-tiroteio-nesta-noite-de-sabado/>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

NOVAS, Betinho Casas; LEITÃO, Leslie. Caveirão desliza em óleo e atinge carros no Alemão. *GI*. 15 jan. 2025. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/01/15/caveirao-desliza-em-oleo-e-atinge-carros-no-alemao-video.ghtml>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

NOVO, Leonardo. *Relatos de mais um combatente em uma guerra sem vitória*. São Paulo: Ícone, 2020.

NUNES, Marcos. Duas versões para destino da arma que matou Marielle e Anderson: em delação, Lessa diz que a entregou à milícia. *O Globo*. 25 mar. 2024. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/03/25/duas-versoes-para-destino-da-arma-que-matou-marielle-e-anderson-em-delacao-lessa-diz-que-a-entregou-a-milicia.ghtml>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

O COMPLEXO do Alemão. *O Globo*. Rio de Janeiro: s.d. Disponível em:

<<https://infograficos.oglobo.globo.com/rio/o-complexo-do-alemao.html#6>>. Acesso em: 30 out. 2024.

OLIVEIRA, José Pacheco de. Pacificação e Tutela Militar na Gestão de Populações e Territórios. *Mana*. 2014, v. 20, n. 1, pp.125-161.

OLLIVEIRA, Cecília; PRADO, Pedro. Armeiros do tráfico do RJ revelam segredos sobre seu arsenal. *Intercept Brasil*. 23 out. 2023. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2023/10/23/armeiros-do-trafico-do-rj-revelam-segredos-sobre-seu-arsenal/>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

ÔNIBUS 174. Direção de José Padilha. Brasil: Zazen Produções, 2002. Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/onibus-174/t/sxv88p96Vg/>> Acesso em: 30 out. 2024

OPPENHEIMER, J. Robert. Atomic Bombings of Hiroshima and Nagasaki, August 6 and 9, 1945. *Youtube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cY8q1ky3dLY>> Acesso em: 18 abr. 2024

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da renascença. In: *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

PAULA, Daniela de. Lenço ‘palestino’ usado por PMs em operações no Rio vira polêmica. *Extra*, Rio de Janeiro, 6 mai. 2017. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/lenco-palestino-usado-por-pms-em-operacoes-no-ri-o-vira-polemica-21304191.html>> Acesso em: 4 abr. 2024.

PENNAFORT, Roberta. 'A polícia vai mirar na cabecinha e... fogo', afirma Wilson Witzel. *Uol*. 1 nov. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2018/11/01/a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo-afirma-wilson-witzel.htm>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

PIMENTEL, Rodrigo. O que significa “Faca na caveira”? O símbolo do Bope. *Blog Palestras Pimentel*. Disponível em: <<https://www.palestraspimentel.com/blog/significado-faca-caveira-bope/>> Acesso em: 20 dez. 2023.

PIMENTEL, Rodrigo. POLÍCIA NA FAVELA: O QUE REALMENTE ACONTECE | RODRIGO PIMENTEL. *Youtube*, 2 dez. 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-u1q4xFHAdc&ab_channel=RodrigoPimentel>. Acesso em: 30 out. 2024.

PIMENTEL, Rodrigo. ARMA DE FOGO EM CASA | RODRIGO PIMENTEL. *Youtube*, 19 jun. 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SWmumJRMGcM&ab_channel=RodrigoPimentel>. Acesso em: 30 out. 2024.

PIMENTEL, Rodrigo. Segurança Pública tem saída. *Palestras Pimentel*, 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.palestraspimentel.com/blog/seguranca-publica-tem-saida-tedx/>> Acesso em: 30 out. 2024.

PIERRE, Eduardo. Médicos mortos na Barra: o que se sabe e o que falta esclarecer. *GI*, Rio de Janeiro, 5 out. 2023. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/10/05/medicos-mortos-na-barra-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-esclarecer.ghtml>> Acesso em: 7 abr. 2024.

PODPAH. WAGNER MOURA - Podpah #762. Youtube, 16 abr. 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/live/IntI0gahUSg>> Acesso em: 30 out. 2024.

POLÍCIAS de elite: a tropa revelada. *Superinteressante*. 31 out. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/policias-de-elite-a-tropa-revelada>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

PORTUGAL, Daniel B.; SOARES, Flávia M. C. DESIGN E A TEORIA ATOR-REDE: mapeando conexões e controvérsias com foco na alimentação. In: BECCARI, Marcos; PRANDO, Felipe (orgs.). *Bordas*. Rio de Janeiro: Áspide, 2020, p. 129-144.

PRABOWO, Tyan Ludiana. Effect of Instagram Post on Legitimacy and Reputation of Indonesian National Police. In: *Ultimacomm*, 2021, v.13, n.2, 13(2), pp. 318-342.

PREFEITURA inaugura placa em homenagem a Marielle Franco nos três anos de sua morte. *Prefeitura Rio*. 14 mar. 2021. Disponível em: <<https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-inaugura-placa-na-cinelandia-em-homenagem-a-marielle-franco-nos-tres-anos-de-sua-morte/>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

PRIMASIWI, Claudia; IRAWAN, M. Isa; AMBARWATI, Rita. Key Performance Indicators for Influencer Marketing on Instagram. In: *Advances in Economics, Business and Management Research*. Amsterdã: Atlantis Press, 2021, v. 175.

PROJETO Nacional de Câmeras Corporais. *Gov.br*, s.d. Página no site oficial do governo na sessão “Ministério da Justiça e Segurança Pública” que detalha o projeto nacional de implementação das câmeras corporais nos órgãos de segurança pública. Disponível em: <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-seguranca/seguranca-publica/cameras-corporais>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PROJETO na Alerj propõe monitorar por vídeo e áudio professores e alunos de escolas e universidades estaduais do Rio. *O Globo*. 30 ago. 2024. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/08/30/projeto-de-lei-em-debate-na-alerj-propoe-uso-de-cameras-por-professores-das-redes-publicas-estaduais-do-rio.ghtml>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

QUEM É o ex-deputado do Rio de Janeiro condenado por postagem racista em rede social. *Carta Capital*. 21 mai. 2024 Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/quem-e-o-ex-deputado-do-rio-de-janeiro-condenado-por-postagem-racista-em-rede-social/>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

RAMOS, Silvia. A ordem é matar: 1.327 pessoas foram mortas pela polícia do RJ em 2022. *Rede de Observatórios de Segurança*. 27 jan. 2023. Disponível em: <<http://observatorioseguranca.com.br/a-ordem-e-matar-1-327-pessoas-foram-mortas-pela-policia-do-rj-em-2022/>>. Acesso em: 20 nov. 2024

RIO TV Câmara. Entrevista - Paulo Storani - 23.12.2014. *Youtube*, 23 dez. 2014. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=_LlwAdqt-mQ&ab_channel=RioTVC%C3%A2mara>
Acesso em: 30 out. 2024.

ROSA, João; NADIR, Patrícia. Caso Marielle: Lessa é condenado a 78 anos de prisão; Élcio terá pena de 59 anos. *CNN Brasil*. 31 out. 2024. Disponível em:
<<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/caso-marielle-ronnie-lessa-e-elcio-de-queiroz-sao-condenados-a-prisao/>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

SABÓIA, Gabriel. Rio: porta-voz da PM é exonerada após atacar repórter em vídeo. Notícias UOL. Rio de Janeiro, 9 dez. 2020. Disponível em:
<<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/12/09/rio-porta-voz-da-pm-e-exonerada-apos-atacar-reporter-em-video.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>> Acesso em: 30 out. 2024.

SEPM. Resumo histórico da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. In: *Site oficial da Secretaria de Estado de Polícia Militar - Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <<https://sepm.rj.gov.br/resumo-historico-da-policia-militar-do-estado-do-rio-de-janeiro/>> Acesso em: 10 jan. 2025.

SEQUESTRO na Ponte: Witzel comemora desfecho e diz que familiar de criminoso pediu desculpas. *GI*. 20 ago. 2019. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/20/governador-do-rj-diz-que-prioridade-e-protexao-de-refens-em-sequestro-de-onibus.ghtml>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

SILVA, José Benedito, editor. ‘Tropa de elite’, Bope do Rio passa a usar câmeras em uniformes de PMs. *Veja*. 8 mai. 2024. Disponível em:
<<https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/tropa-de-elite-bope-do-rio-passa-a-usar-cameras-em-uniformes-de-pms>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SJOBORG, L.; VIA, S. 2010. “Introduction.” In: *Gender, War, and Militarism: Feminist Perspectives*. Santa Barbara, CA: Praeger Security International.

SJÖBERG, Jens; CASSINGER, Cecilia; GAMBARATO, Renira Rampazzo. Communicating a sense of safety: the public experience of Swedish Police Instagram communication. In: *Journal of Communication Management*, 2023, volume ainda não publicado.

SOARES, Flávia Menezes Cunha. *O que você sustenta quando se alimenta? Teoria ator-rede e o design das redes agroalimentares*. Tese (Doutorado em Design) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2022.

SOARES, Rafael. MP vai investigar porta-voz da PM por empresa que usa nome do Bope em eventos. *Extra*. 5 dez. 2017. Disponível em:
<<https://extra.globo.com/casos-de-policia/mp-vai-investigar-porta-voz-da-pm-por-empresa-que-usa-nome-do-bope-em-eventos-22153376.html>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

_____. Consumo de munição explodiu no batalhão de PMs investigados pelo homicídio de meninas em Duque de Caxias. *O Globo*. Rio de Janeiro, 8 dez. 2020. Disponível em:
<<https://oglobo.globo.com/rio/consumo-de-municao-explodiu-no-batalhao-de-pms-investigados-pelo-homicidio-de-meninas-em-duque-de-caxias-24786378>>. Acesso em: 30 out. 2024.

_____. Consumo de munição explodiu no batalhão de PMs investigados pelo homicídio de meninas em Duque de Caxias. *O Globo*. Rio de Janeiro, 8 dez. 2020. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/rio/consumo-de-municao-explodiu-no-batalhao-de-pms-investigados-pelo-homicidio-de-meninas-em-duque-de-caxias-24786378>>. Acesso em: 30 out. 2024.

_____. *Milicianos*: Como agentes formados para combater o crime passaram a matar a serviço dele. Rio de Janeiro: Objetiva, 2023.

_____. Sessão “Sobre” em página de perfil. *LinkedIn*. Disponível em:

<<https://www.linkedin.com/in/rafael-soares-113bb2133/?originalSubdomain=br>>. Acesso em: 30 out. 2024.

SODRÉ, Rafael. *Rafael Sodré*, 2024. Homepage da campanha para vereador do caveira Rafael Sodré, criador da marca *De Elite*. Disponível em: <<https://rafaelsodre.com.br/>>. Acesso em: 31 out. 2024.

SOUZA, Fábio Almeida. *Desempenho Operacional do Uniforme de Combate Digitalizado nas Áreas de Risco do Rio de Janeiro*. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Superior de Polícia Integrado) — Escola Superior de Polícia Militar, 2009.

STORANI, Paulo. *Vitória sobre a morte: A glória prometida*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, 2008.

STORANI, Paulo. *Vá e Vença*: Decifrando a Tropa de Elite. Rio de Janeiro: BestSeller, 2018.

_____. A construção da identidade dos Caveiras do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro / Brasil. In: *Revista Kula*. Argentina: 2014, n.2, pp.50-64.

_____. *Paulo Storani*, 2016. Homepage onde o Capitão Paulo Storani exibe seu currículo e disponibiliza seu contato para palestrar. Disponível em:

<<https://paulostorani.com.br/>>. Acesso em: 30 out. 2024.

_____. *Vitória Sobre a Morte*: O sagrado e o secular na construção social dos caveiras do BOPE. E-Book Amazon, 2021. Disponível em: <<https://a.co/d/1skjtVO>> Acesso em: 30 out. 2024.

TARDÁGUILA, Cristina. Dentro do caveirão. *Piauí*, 19 abr. 2008. Disponível em:

<<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/dentro-do-caveirao/>> Acesso em: 4 abr. 2024.

TEDX Talks. Construindo uma Tropa de Elite | Paulo Storani | TEDxMorrodoImperador. *Youtube*, 17 nov. 2015. Disponível

em: <https://www.youtube.com/watch?v=XW2Y6JsYpl4&ab_channel=TEDxTalks>. Acesso em: 31 out. 2024.

TEO, Li Xin; LENG, Ho Keat; PHUA, Yi Xian Phillip. Marketing on Instagram: Social influence and image quality on perception of quality and purchase intention. In: *International Journal of Sports Marketing and Sponsorship*. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2019, v. 20 n. 2.

THE New York Times. How George Floyd Was Killed in Police Custody | Visual Investigations. *Youtube*, 1 jun. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/vksEJR9EPQ8?si=H-GOt9WjYM2sxcsl>>. Acesso em: 20 nov. 2024

THOMPSON, Leroy. *Fairbairn-Sykes Commando Dagger*. Oxford: Osprey Publishing, 2011.

THUSWOHL, Maurício. A ‘maldição’ da placa quebrada. *Carta Capital*. 23 abr. 2022. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/a-maldicao-da-placa-quebrada/>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

TORRES, Ana Carolina. Atirador do Bope mata sequestrador de ônibus na Ponte Rio-Niterói após mais de 3h de cerco. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 ago. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/atirador-do-bope-mata-sequestrador-de-onibus-na-ponte-rio-niteroi-apos-mais-de-3h-de-cerco-23888722>> Acesso em: 18 out. 2023.

TRIGUEIRO, André; ÁVILA, Edmilson; ALVES, Raoni. Recorde de 35 ônibus queimados em 1 dia no Rio afeta passageiros e gera prejuízo de mais de R\$ 35 milhões. *G1*, Rio de Janeiro, 24 out. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/10/24/recorde-de-35-onibus-queimados-em-1-dia-afeta-passageiros-e-gera-prejuizo-de-mais-de-r-35-milhoes.ghtml>>. Acesso em: 7 abr. 2024.

TROPA de Elite. Intérprete: Tihuana. Compositores: Baia, Egypcio, Johnny, Leo, PG, Roman. *In: ILEGAL*. Intérprete: Tihuana. Rio de Janeiro: Virgin Brasil, 2000. Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/6pAerrHuZXLpejX9btqZCf?si=OyUPVWzdR-Wifs3vs78-3g>> Acesso em: 30/10/2024

TROPA de Elite. Direção de José Padilha. Brasil: Globo Filmes, 2007. Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/cidade-de-deus/t/5vXVkJN1R/>> Acesso em: 30 out. 2024

TROPA de Elite 2 - O Inimigo Agora é Outro. Direção de José Padilha. Brasil: Zazen Produções, 2010. Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/tropa-de-elite-2-o-inimigo-agora-e-outro/t/x9qXTWGxTH/>> Acesso em: 30 out. 2024

TROPA de Elite 2 é a maior bilheteria da história do Brasil. *G1*, São Paulo, 29 dez. 2010. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/12/tropa-de-elite-2-e-maior-bilheteria-da-historia-no-brasil.html>> Acesso em: 18 out. 2023.

TV BRASIL. Retrospectiva da ocupação do Complexo do Alemão. *Youtube*, 27 dez. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CKprHc4jHW8&ab_channel=TVBrasil>. Acesso em: 30 out. 2024.

UBISOFT. Operação Skull Rain. 2015. Homepage dos elementos introduzidos na temporada Skull Rain. Disponível em: <https://www.ubisoft.com/pt-br/game/rainbow-six/siege/news-updates/seasons/skullrain#patc_hnotes-operators>. Acesso em: 5 fev. 2025.

VALE o Escrito. Direção de Fellipe Awi, Ricardo Calil e Gian Carlo Bellotti. Brasil: Original Globoplay, 2023. 56 min. Episódio 5. Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/12074310/?s=0s>> Acesso em: 30 out. 2024.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: How to explore controversies with actor-network theory. In: *Public Understanding of Science*. 2010, v. 19, n. 3, pp.258-273.

VISACRO, Alessandro. *A guerra na era da informação*. São Paulo: Contexto, 2018.

WALBY, Kevin; WILKINSON, Blair. The visual politics of public police Instagram use in Canada. In: *New Media & Society*, 2023, v.25, n.5.

WILLIS, Anne-Marie. Design Ontológico. In: PORTUGAL, Daniel B., KUSSLER, Leonardo Marques, HAGGE, Wandyr (orgs.). *Quando fazer é pensar*. Rio de Janeiro: PPDESDI, 2023, p.20-51.

WINOGRAD, Terry; FLORES, Fernando. *Understanding Computers and Cognition*. Bristol: Intellect Books, 1986.

WITECK, Ana Paula Gomes. *A Vanitas em obras de arte contemporânea: Um estudo iconográfico*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

YANEVA, Albena. How technology shapes everyday life. In: *Latour for Architects*. New York: Routledge, 2022, pp. 43-62.